

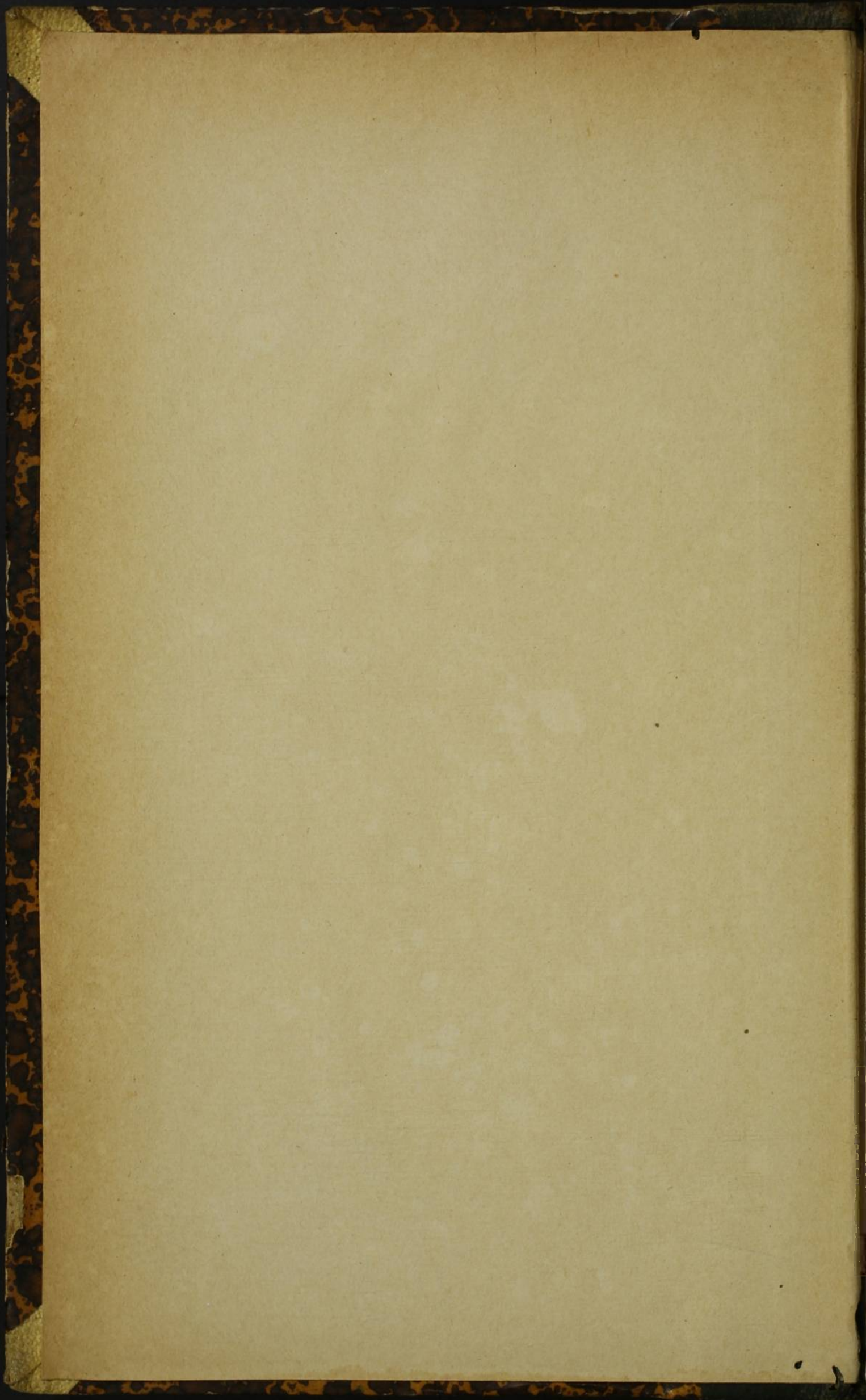


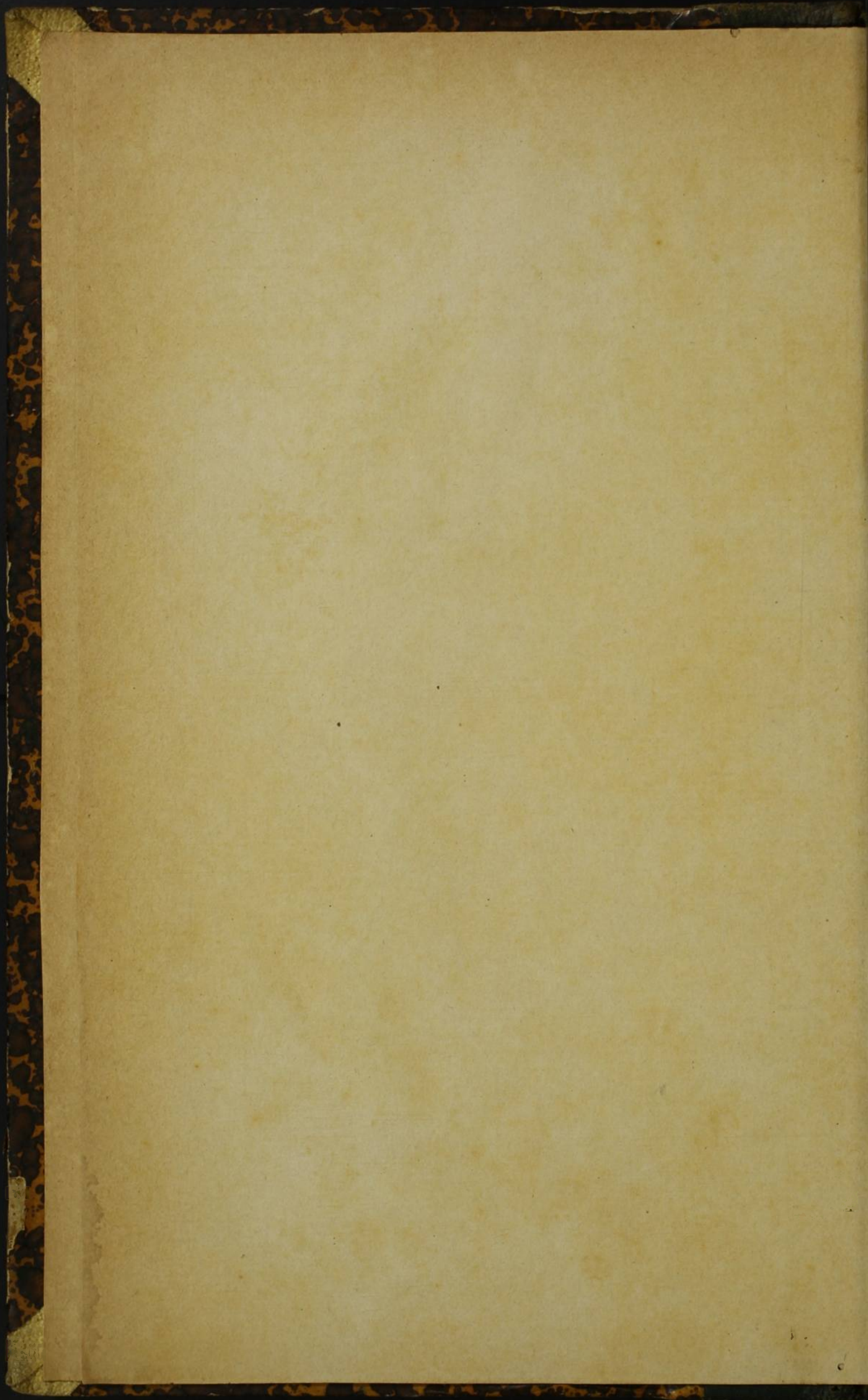
le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin





Samuráis e Mandarins

OBRAS DO AUTOR

VERSOS INTIMOS

LIVRO DA MINHA ALMA

IDYLLIOS CHINEZES

A ARANHA E A MOSCA

AVE-MARIA

UMA PAGINA DO QUO-VADIS

PEDRAS PRECIOSAS

SAMURÁIS E MANDARINS



LUIS GUIMARÃES

Samuráis

e

Mandarins



FRANCISCO ALVES & C^{ia}

RIO DE JANEIRO

106, RUA DO OUVIDOR, 106

S. PAULO

65, RUA DE S. BENTO, 65

HELLO HORIZONTE

1055, RUA DA BAHIA, 1055

AILLAUD, ALVES & C^{ie}

PARIS

96, BOULEVARD MONTFARNASSE, 96

(LIVRARIA AILLAUD)

LISBOA

73, RUA GARRETT, 75

(LIVRARIA BERTRAND)



LUIS GUIMARÃES

Filho

Samuráis

e

Mandarins



FRANCISCO ALVES & Cia

RIO DE JANEIRO

166, RUA DO OUVIDOR, 166

S. PAULO

65, RUA DE S. BENTO, 65

BELLO HORIZONTE

1055, RUA DA BAHIA, 1055



AILLAUD, ALVES & Cia

PARIS

96, BOULEVARD MONTPARNASSE, 96

(LIVRARIA AILLAUD)

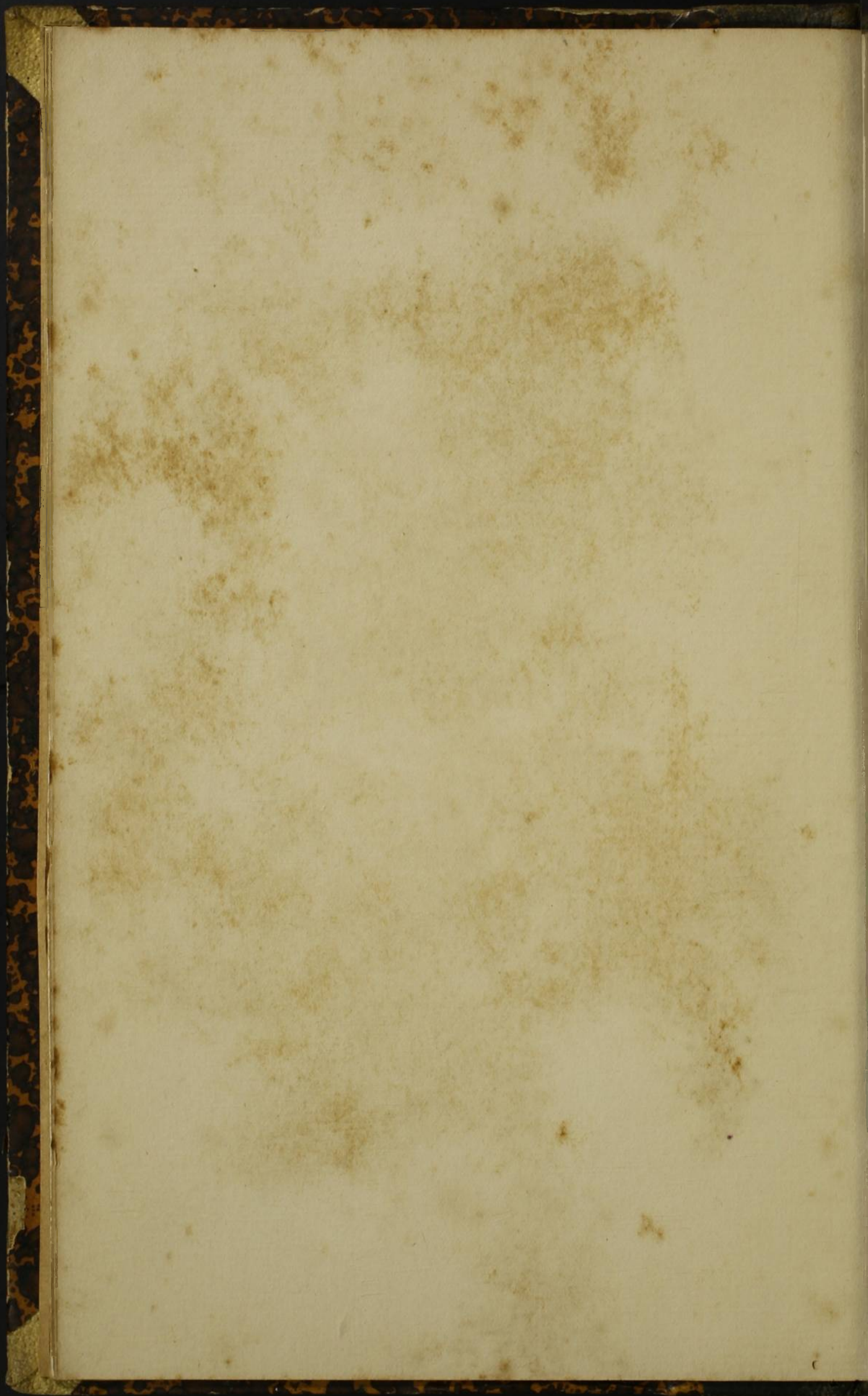
LISBOA

73, RUA GARRETT, 75

(LIVRARIA BERTRAND)

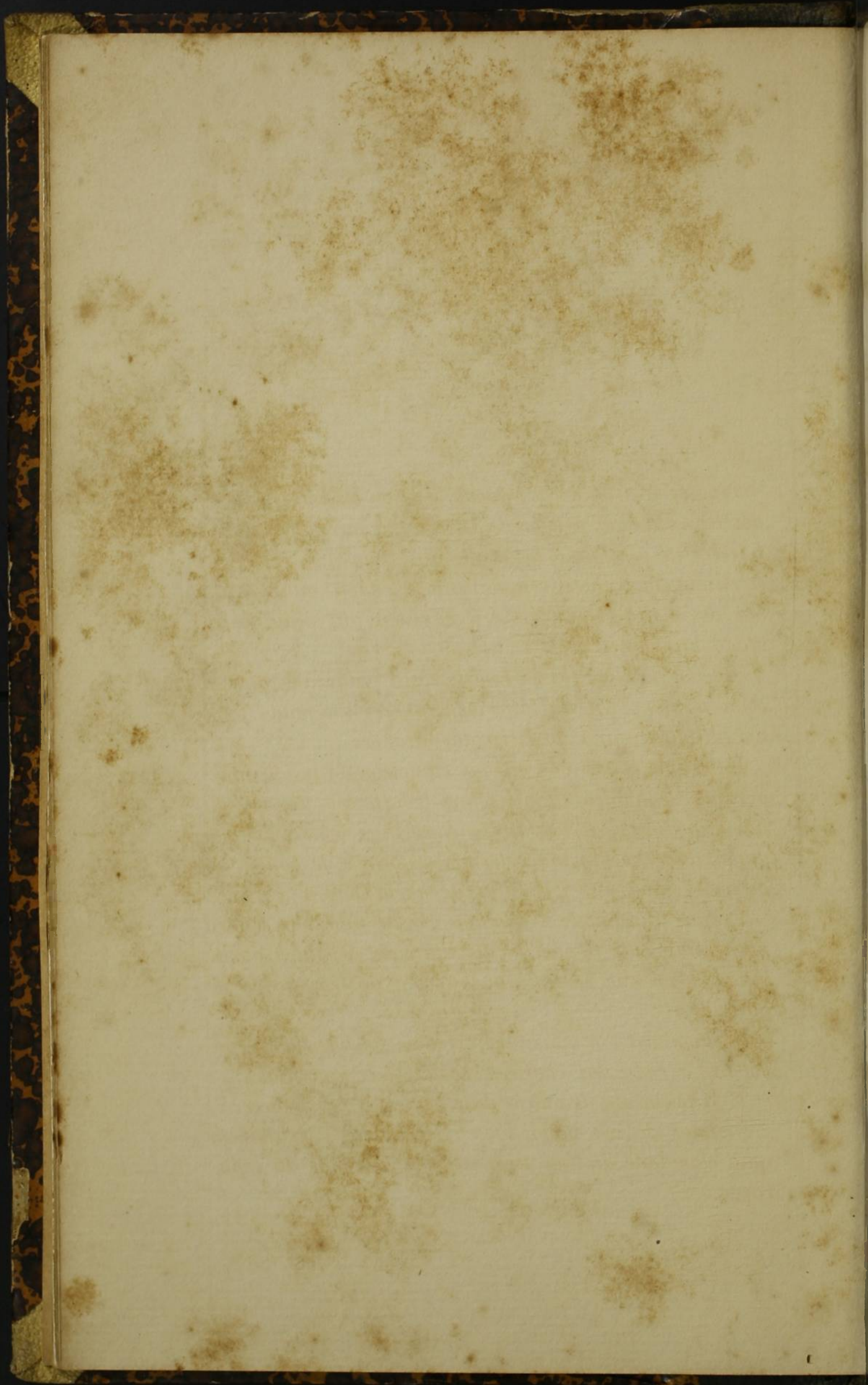

~~~~~  
*Desta edição fez-se uma tiragem de 20 exemplares em papel  
de Hollanda, numerados e rubricados pelo Autor.*  
~~~~~


PARTE I



A

OLIVEIRA LIMA



Paul Tavares

SAYONARA

Não será a palavra « adeus » a que eu farei soluçar aos teos ouvidos, ó Flôr de Lotus que me viste desaparecer no diaphano horizonte das tuas ilhas!

Ainda agasalho a esperança de tornar a ouvir a tua voz de ineffavel timbre e o sussurro da seda do leo alado kimono...

Adeus, não, ó Flôr de Lotus : esta palavra é funebre como o silencio nos cemiterios e parece um ponto final na ultima pagina do livro das illusões...

Deixa-me colher nos macios canteiros da tua Lingoa o ramo de quatro syllabas que te offereço nesta hora da despedida : o vocabulo piedoso que tem a virtude de enxugar as lagrimas de quem parte e de conter ao mesmo tempo os sobresaltos de quem fica...

Porque dizendo-te « sayonára » eu não me separo para sempre de ti nem da florida casa de papel aonde tantas vezes me serviste o chá com os teos dedos de porcelana!

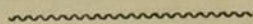
« Sayonára » é quasi jovial como as adejantes borboletas á roda dos chorosos cachos das glycinias...

E' a promessa de outros dias felizes, é o « até breve », é o rumor de um beijo dado nos ouvidos e é tambem uma claridade de luar na noite sem estrellas da separação...

Minha bella Flôr de Lotus, sayonára !

Sayonára, ô diltosas ilhas dos sorrisos !

*Sayonára, paralyticas arvores das florestas de Chu-
zenji !... e placidos Buddhas de pedra exilados nas
grutas dos morros !... e copiosas fontes de agoa pura
que sois o pranto das montanhas !... e amaveis gueishas
de olhinhos papudos, e pensativas musumés de pen-
teados architectonicos e encolhidas velhotas que ven-
deis palitos de benjoim á entrada dos templos de lacca !...*



ECHOS DA GUERRA

Eu tinha ido visitar o mui nobre philosopho Chiba, director do Gaikokugogakkai (*). Muito cortez, sinceramente polido, recebeo-me Sua Mercê á porta da rua aonde tive o cuidado de deixar os meos sapatos.

Na terra Japôa é geral esta usança. Ninguem entra no lar de um amigo, em um Templo ou em uma Casa de Chá com as botas nos pés...

Podeis conservar o chapéo na cabeça, talvez, e neste capitulo provam os Japonezes serem gentes de juizo.

O chapéo, effectivamente, é inoffensivo; as botas, pelo contrario, deitam a perder o aceio e a maciez dos *tatamis*, não obstante o capacho da porta da rua e outros objectos de limpeza de que na Europa se faz grande consumo.

Ora, quem advertir que é sobre os *tatamis* que os Japões almoçam e jantam, que sobre elles dormem e sobre elles nascem, não achará desacertado que se prohiba passear de botas calçadas por cima da meza do almoço ou da cama de dormir.

Mesmo sem botas (dirá a Leitora) esses passeios deviam de ser prohibidos, mas a isto os Japões

(*) Collegio de lingoas estrangeiras.

responderão que cada terra tem o seu uso como cada roca tem o seu fuso...

Atravessei os quartos do collegio, forrados de esteiras muito suaves ao contacto (sem esquecer de abaixar a cabeça para caber pelas portas) e achei-me no gabinete principal do professor.

Sentei-me, tomei chá, preparei o cachimbo e ouvi. O director do Gaikokugogakkai, ultimo neto de uma cavalheiresca familia de *samuráis*, entrou de discorrer sobre a guerra, manifestando-se indisposto contra as clausulas que se discutiam em Portsmouth.

Segundo elle, não era essa a paz ambicionada e necessaria ao Japão. O professor queria a paz, decerto, mas com Vladivostock para os Japonezes, a região do Amour para os Japonezes, a ilha Sakalina, a indemnisação...

— De outro modo, accrescentou sorrindo, mais vale a guerra. Pois não vê que por Valdivostock podem os Russos volver á carga? Dentro de 10 annos, quiçá?

Mas como por motivos de boa prudencia eu não estivesse com animo de replicar ás suas ponderações, o emerito sabio immediatamente variou de clave.

E falou-me então do Japão pittoresco. Nascera em Tokio, ^{em}conhecia tudo, viajara todo o Imperio, de Nagasaki a Nikko, abrindo sempre os olhos da consciencia. Inundou-me de conselhos. O que devia notar, o que devia estudar, o que necessitava, por proveito proprio, analysar e deslindar. Atacou os estrangeiros que escrevem, de um jacto, bibliothecas sobre o Japão... « Vêm a Tokio, disse, ficam dois dias. Vão

a Nikko, um dia, vêr os templos; passam como borboletas por Kioto e voltam para casa. Tres semanas no paiz e tresentas paginas de litteratura! O livro, meo rico senhor, é inevitavel! sahe um livro, por força, que em geral pinta um Japão que não existe. »

O antigo *samurái* falava verdade.

Os estrangeiros, mormente os Inglezes, têm fornecido um copioso contingente de obras sobre o Imperio.

Riem os Japões com certo ar de compassivo bom humor, desses *snapshots* litterarios, o que não obsta a que a fecundidade dos autores continue abarrotando os mercados. Resulta dahi uma litteratura descriptiva mas incolor, abundante mas falsa. Não recebereis com a sua leitura impressões que vos interessem. Não vos dareis conta de que tratam as suas paginas de assumptos japonezes, tanto essa litteratura carece de côr local no descrever, de sinceridade no discutir e de acerto no interpretar.

Ha, não obstante, obras-primas sobre a vida japôa e mais coisas relativas aos Japões. Quero falar-vos de autores como Chamberlain, o qual, sendo Inglez, ensinava japonéz na Universidade de Tokio; do erudito Oliveira Lima, que vasou em paginas de uma grande belleza de conceitos o que melhor ha para ver nestas ilhas do Oriente; de Mitford, do reverendo Griffs, de Mazelière, de Wenceslao de Moraes e de Lafcadio Hearn.

As obras de Lafcadio são hymnos entoados em louvor do Japão. O seu apego ao Imperio todos os actos da sua vida o revelam. Filho de pai irlandez e de mãe grega, Hearn nasce na ilha Leocadia. Esquadrinha o mundo, detem-se em França, mora

annos na America e vem, por fim, arribar ao Archipelago. De uma assentada se enamora do paiz : enleva-o o sorriso dos Japões e enxerga harmonias no rechinar da cigarra...

Lafcadio abdica dos fóros europeos : japoniza o nome, espósa uma Japoneza, installa-se no Japão e morre no Japão.

Se amou este paiz !

Que o digam os saborosos livros que escreveu, repletos de ineffaveis capitulos em que desde os velhos *samuráis* até ás *gueishas* que dedilham o *samisen*; desde as lindas cerejeiras das montanhas, puras como as almas dos guerreiros que hoje vão para a Mandchuria morrer pelo Imperador, até á sagrada tartaruga, serva do deus Kompira, que os pescadores não deixam de mimosear com um copo de *saké*; em que desde o passaro buddhista cujo canto é uma phrase do livro divino de Nichiren até ás pedras do Palacio Imperial e ás arvores minusculas dos jardins, descobrio motivos para paginas impregnadas de uma tal belleza, de uma graça tão reboante de aromas que antes mesmo de desembarcardes em Nagasaki entrareis de amar o Japão, alcançareis toda a poesia que paira nas serras, nos crepusculos e nas noites deste paiz !

Os livros de Lafcadio são um cantico de amores quasi sem excepção ininterrupto. Professor na Universidade de Tokio, as memorias em que estuda psicologicamente alguns discipulos predilectos, formam uma serie de paginas adestradas e clementes. As suas descripções da Natureza dirieis verdadeiros arco-iris...

Quem, na verdade, deixará de contemplar esta

natureza do Oriente? Eu sinto os olhos ainda deslumbrados com os divinos panoramas da minha terra. As palmeiras em que as estrellas parecem pousar, as grandes montanhas azues que se remiram na bahia tranquilla, as penedias e as cachoeiras fazem do Brazil um paiz verdadeiramente paradisiaco... Mas aqui sobre a minha mesa tenho uma arvore japoneza. Não alcança a dois palmos de altura. E' um espectaculo diverso daquelle. Tudo no Japão é minuscuro, tudo, menos o heroismo, o denodo e a coragem dos seus filhos.

A pequena arvore lembra-me os arbustos de chumbo que divertiam os ocios da minha infancia...

Dois palmos de altura : e porque vive, porque respira, porque não é de chumbo mas de vegetal substancia, eu todo me enterneco ao vel-a, o carinho que lhe tenho é um pouco mesclado de compaixão, como ha tres mezes, quando applaudi no Novo Circo de Pariz um casal de anõesinhos humanos...

* * *

Ora, dizia-me o Director do Gaikokugogakkai que o meio de distinguir-me de toda a gente que vem á terra Japôa será não escrevendo livros.

Prometti, sem embargo, distrahir o meo publico com coisas japonezas. Não escreverei livros para estar de accôrdo com o ultimo neto da cavalheiresca familia, mas em capitulos de singelos enredos mandarei para o teo *boudoir*, ó pia e curiosa Leitora, as melhores noticias desta terra : os charões, os leques, os *kimonos* (oh ! os flaccidos kimonos de sêda ! os pallidos, os vermelhos, os azues, os côr de cinza...) as peque-

nas casas de madeira onde se entra sem botas, os biombos em cujas paredes de papel vôam cegonhas aos pares, — todo este mundo que deleitará o teo espirito irrequieto como as borboletas que brincam sobre as folhas do lotus...

A poesia... Não é verdade que é sempre necessaria a fluida poesia da vida? que seria de nós sem esses bruxos personagens chamados os Poetas?

Sejamos-lhes agradecidos pelas vezes que nos consolam... Tu mesmo, severo amigo que me lês, não te lembras daquella noite funesta em que te morreu a Amada? Como era amargo o teo pranto! Como era a tua magoa inexoravel! Entretanto, o Consolador te segredava :

Palpiterá di amor dentro la fossa...

E a tua tristura esparecia...

* * *

Pois no Japão, senhores, ninguem se ri dos Poetas. Nem no Japão nem na China. Não foi a excelsa Judith — a do *Livro de Jade* — que escreveu : « *Noble pays ou l'on élève des temples aux Poètes?* »

Ouvireis falar ahi das espantosas hecatombes da Mandchuria... Os telegrammas referem as levas de homens, dos pequenos grandes-soldados japões que á voz dos generaes investem sobre as minas e morrem despedaçados... Ahi vos inteirae de que os regimentos escaladam os muros dos fortes, de que metade são varridos pela metralha, de que se morre aos milhares, aos milhares, aos milhares!

O que ahi não se sabe é como elles morrem, os soldados da terra Japôa...

Pois é com a poesia na alma...

Soldados poetas? direis.

Os homens que vão bater-se pela bandeira, pelo Imperador, pela honra nacional, e que têm um grande inimigo pela frente, podem lá cuidar de poesia !

Da poesia o berço é nas alcovas, ou é á sombra das florestas exuberantes ! A poesia jorra dos olhares de amor, adeja sobre os terraços perfumados, palpita perto das fontes de esmeralda onde o sol parece dançar « no bulir das ondinhas »...

Mas além, na Mandchuria, no *kimono* escuro da fumarada, ao estrugir funesto da artilharia, ao calor do sangue que ensopa a terra, pode, senhores, haver poesia?

O' grande, o' grande alma dos soldados do Japão, responde tu por mim !

* * *

Publicou-se ha dias um livro de poemas. Na primeira pagina, singelamente, brilham versos do Imperador. O directo descendente do Sol lamenta em queixosos termos não poder acompanhar os seus fieis soldados ao campo da batalha, ao « *jardim da guerra* », segundo a propria phrase imperial. Os Principes e as Princezas tambem entôam poeticos hymnos.

Nogi, o vencedor de Porto-Arthur, que perdeu os dois unicos filhos na campanha da Russia, roga consolo á lyra pela infinita desgraça.

Para o pae que perdeu os filhos a evocação da natureza servirá talvez de lenitivo.

No campo onde hoje dormem os bem-amados heróes

já os cravos desabroçam. Os guerreiros lá ficaram para sempre longe do lindo Japão, da quieta casa paterna! Mas que importa? morreram pelo Imperador cumprindo o grande dever!

Por isso o pae os chora ternamente. Não ha rancores, não ha blasphemias, não ha revoltas na sua lyra...

« Cahistes como heroes, filhos meus !... um em Porto-Arthur, outro em Nancham ! Vossas irmãs guardarão os vossos nomes nas almas melancolicas, e as flôres dos cravos já desabroçam sobre os vossos tumulos ! »

Não enxergaes, á serenidade desta queixa, que é no emtanto dolorosa e dilacerante, a expressão do sorriso japonéz tão superiormente descripto pelo amoroso Lafcadio? Não existe uma semelhança quasi gemea entre a evocação dos cravos quando o Poeta lamenta a perda dos filhos no *« jardim da guerra »* e a *maneira* do meu creadito de quarto que hontem, sorrindo, sorrindo, veio pedir-me tres horas de licença para acompanhar o enterro do pae?

Não é, no fundo, o mesmo supremo esforço de não ostentar a dôr, o mesmo heroismo contra as tragedias irremediaveis?

Quasi todos os soldados que morreram na Mandchuria tinham um verso no coração!

O scenario de sangue e cadaveres pudera atear-lhes no animo as imagens funebres da morte ou as pragas de odio contra os inimigos...

Nada disso vereis : para a morte brota sempre um

resignado sorriso : para o adversario ha poemas que a traducção mal pode representar :

« Cadaveres inimigos todos coberlos de sangue ! quando penso que tambem vós tendes pais e tendes mães, oh ! cadaveres inimigos como vos lamento ! »

« Quando elles cahirem desaparecerão os rivaes ! Não ha adversarios, ha cadaveres que inspiram pena e que a pulrefacção invade ! »

« Amigos e inimigos, nós combateamos e das nossas armas as faiscas saltam ! Mas uns e outros balemo-nos pela patria. Se morrermos iremos juntos, sem odios, companheiros de viagem, a vêr as flôres do paiz sombrio ! »

Para a morte, disse eu, um sorriso resignado. E' a bravura até ao delirio, é o enthusiasmo até ao fanatismo, é a alma japoneza que scintilla nos batalhões do Mikado como uma estrella que as nuvens não escurecem.

Elles sabem que vão cahir. Esperam apenas a voz do commandante...

Além, a mil metros, explodirá a dynamite e a artilharia rugirá...

Mas as flôres das cerejeiras são mais bellas quando tombam das arvores ! Toda a pureza da sua alvura adquire o maximo esplendor durante esse orvalho de petalas...

Os soldados vão morrer dentro de breves instantes. Suspiram, por isso, os Poetas do regimento :

« Chegou a primavera e florescem as cerejeiras ! lam-

bem é chegada a hora em que os soldados caem, como as flôres ! »

Por toda a parte, de todos os rincões da caserna, as imagens, como as flôres, vicejam : a poesia dos regimentos é um jardim que desabrocha...

Não só as mulheres que os amam terão suspiros afflictivos para os enterrados da Mandchuria : lá em cima, no Céu, a Lua lamentará os corpos abatidos.

A batalha está no auge do furor e do infernal deslumbramento...

Os heroes tombam, como as flôres da cerejeira...

« Assim como esta é a primeira entre as flôres, diz um velho proverbio, assim deve o guerreiro ser o primeiro entre os homens ! »

E agora a Lua, que antes da batalha nadava tranquillamente na Ribeira do Céu, esconde a cara empalidecida por detrás de um biombo de nuvens...

A Lua comprehende a alma dos soldados !

Em todos estes poemas nascidos no « jardim da guerra » como uma despedida ao mundo, um derradeiro adeus para a familia, a natureza é a principal fonte inspiradora.

As montanhas, as arvores, os rios, os lotus, as glycinias e as azaléas, constituem, com as cerejeiras e as pedras, as notas poeticas da lyra militar.

E como não falar das pedras, se ellas são tão eloquentes no Japão?

Ide ao Palacio Imperial admirar a grande muralha que o cerca.

E' toda de pedras, de pedras quadradas, grandes,

irregularmente dispostas, cheias de alma, cheias de velhice, cheias de vida...

Se porfiardes em entender o Japão tratai de comprehender-lhe as pedras.

Aqui as pedras falam, narram-vos as historias dos *daimios*, as grandes lutas feudaes, as legendas da deusa Inari, as cabalisticas façanhas de Kitsuné, a Raposa...

Cada uma das pedras symbolicas dos templos e das muralhas antigas é um documento com vida. A pedra no Japão adquire fóros de creatura. Essa que ahi vêdes á entrada do Hachiman, tem uma virtude milagrosa : é a Pedra das Mulheres. Em Nasou vereis a Pedra da Morte, em Enóshima a Pedra da Fortuna.

Algumas revelam sensibilidade : as pedras que se inclinaram ante o monge Daíta, e a velha pedra que fugio, em Osaka, por haver-lhe o Imperador O-Djin tocado com o bastão.

Se, pois, no teu passeio, á sombra de um templo, topares com uma pedra já coberta de annos, meio escondida no seu *kimono* de musgo, detém-te e saúda-a que ella te agradecerá a mercê.

« Os rochedos e as pedras entrarão um dia no Nirvana », affirmam os velhos textos japonezes.

A Natureza é, em grande escala, a inspiradora destes Poetas do Oriente. Já na China observareis o mesmo. Ahi tendes Li-Tai-Pé e Thu-Fu, os grandes rivaes da Harmonia, a cantar as flôres, as mulheres e o vinho.

Os bardos da Mandchuria apegam-se aos motivos singelos.

Eis a canção de um soldado, em uma estrophe á irmã :

« Guarda, irmã, esta delicada flôr de lys colhida em um paiz distante! »

Alguns cahem, mortalmente feridos. A Cruz Vermelha recolhe-os e trata-os. Mas os heroes porfiam em volver ao « jardim da guerra ».

Ainda podem lutar pela honra do Mikado; ainda, num derradeiro esforço, poderão abater o inimigo que se acerque das fortalezas imperiaes!

Pois como as cerejeiras que florem duas vezes, elles duas vezes saberão cahir!

« Esperai! Esperai! as cerejeiras do Yamato têm uma segunda florescencia! »

Um official fala aos soldados, meia hora antes da batalha :

« Flôres da cerejeira que eu plantei neste jardim e que tão bellas sois : chegou a hora de mostrardes a vossa côr immaculada! »

Outro escreve a um companheiro :

« Eis o momento em que, sob a chuva das balas, vão cahir as flôres das cerejeiras que plantaste! »

Os cantos multiplicam-se, variando poucas vezes de thema :

« Que importa que o meo corpo se transforme em pó? lá na patria o brocado ornará o meo tumulo! »

Os reflexos do brocado dos velhos *samuráis* eram dessa mesma côr das cerejeiras das montanhas!

Tudo augmenta o prestigio da repetida evocação, da suave imagem que floresce, como uma corolla, nos poemas dos soldados.

« Sim, é quando cahis que a vossa fama cresce e a vossa gloria se agiganta. E' tempo de cahirdes! flôres da cerejeira, cahi! »

A maior parte dos cantores ficou para sempre nas soledades da Mandchuria...

Heroes quasi ignorados, victimas obscuras de uma Causa, delles apenas chegaram á vencedora mas enlutada patria os tristes adeuses harmoniosos !

Dois homens de coração (*) reuniram num symbolico volume esses poemas singelos, muitos dos quaes foram encontrados á beira dos cadaveres, sem haverm alcançado o seu destino.

O livro que é triste como a Morte, apesar de florido e affectuoso, enternece a gente, deixa-nos no espirito uma grande saudade e uma grande sympathia por esses homens que até aos ultimos minutos da vida conseguiam manter intacto o estoicismo da sua raça, perdoando á adversidade e sorrindo ao anniquilamento !

Branças flôres das cerejeiras que cobris os jardins da guerra com as vossas fanadas corollas : os jardins de Buddha já vos esperam para a eterna florescencia !

(*) Os Senrs. Kunikida e Edamoto.

OS 47 RONINS

Como o dia estava melancolico metti-me a caminho do templo de Sengakuji.

Desde que arribei á terra Japôa, desde essa tarde em que, enroupado em *kimonos* de nuvens amarellas, o sol se affundia no mar, tenho lido e relido a historia dos 47 Ronins, a qual me eriça os cabellos com toda a serie das suas tragicas peripecias e me deslumbra com a impetuosa claridade do seu fulgurante symbolo.

E' ella o emblema romantico de uma coragem nunca bastante louvada; é o poema da força, da abnegação, da valentia; é o shintoismo estampado em feitos novellescos e repetidos durante dois seculos para admiração das gentes e ensinamento das crianças. Vel-a-heis nos livros de Chikamátsu, nas obras de Takéshiba, nas lendas, nos dramas, em centenas de *kakemonos*, em milhares de velhas gravuras. Não existe um só Japonez que a desconheça; não ha um unico subdito do Sol que a não tenha enxergado nos palcos de Tokio através da arte febril do defunto Danjurô, cujo desaparecimento foi uma grande perda para o theatro japonez.

Ouvil-a-heis, outrosim, das velhas bocas enrugadas dos antigos *samuráis*, que as repetem ás crianças pelas frias noites de inverno, em torno da bandeja

do chá, com os olhos em extase evocador e a tremula voz ungida de emoção.

Ninguém se refere á coragem dos Japões sem desde logo citar os 47 Ronins do Principe Assanô.

As tardes de sol, cheias de um ar puro e harmonioso, as douradas tardes que se espreguiçam pelas montanhas, arrastam-me para os campos aonde as cabras retouçam de chocalho ao pescoço e rumorejam os arroyos entre meandros tortuosos; mas os dias que as nuvens vestem de mantos pardacentos, esses levam-me, ai! de mim! para os jardins melancolicos da morte!

Foi por isso que passei a tarde de hontem no cemiterio de Sengakuji.

A certa distancia da cidade central eleva-se um singelo edificio do feitio architectonico de todos os templos japões, rodeado de grandes lanternas de pedra e profanado pela vizinhança immediata de mercadores de feitiços. Entrei pelo portão principal tendo tido o cuidado de comprar alguns palitos de benjoim a um velho porteiro encarregado dessa missão, o qual, acurvado debaixo do peso dos annos, agradeceu-me com um sorriso de ineffavel doçura, inclinando-se respeitosamente até ao chão.

Confesso que sempre imaginei topar com jazigos de rara magnificencia, mausoléos dignos de perpetuar *per omnia sæcula* os nomes dos 47 que alli tranquillamente repousam, ornamentos de harmonia com as tão apregoadas façanhas dos fieis servidores desse principe infeliz.

Entretanto, era tudo modesto : era tudo de uma pobreza quasi rustica.

Um quadrado de terra, 47 pedras com inscripções significativas e um vaso em frente de cada uma. Essas pedras representam as sepulturas e duas dellas estão dentro de casas de madeira a cujas portas enxerguei um monte de bilhetes de visita !

O ar estava tepido, apesar da sombra e da estação.

Pelo ambiente do cemiterio os fios espiralados do fumo do benjoim espalhavam um aroma somnolento.

Os peregrinos, ao entrar, fazem uma breve cortezia aos tumulos, queimando alguns palitos da essencia com grande respeito.

Tudo isto se passa rapidamente e silenciosamente.

Em certas épocas do anno forma-se uma verdadeira romaria ao sitio de Sengakuji e as sepulturas dos Ronins desaparecem por completo sob as flores que de todas as provincias da terra Japôa acodem a esse piedosissimo acto.

Era pelo anno de 1698.

O principe Asanô-Takumino-Kami tinha por esposa uma creatura de exquisita belleza. As graças desta, por sua desdita, não passaram despercebidas aos cubiçosos olhos do velho Ministro Kirá-Kotsukéno-Suké, homem rico e de inesgotavel poderio. Mas surda foi a bella aos rogos do ancião, sem por esse facto (seja dicta a verdade) grandes elogios merecer : porque a carcassa do Ministro não era para se comparar com a esbeltez varonil do seu legitimo senhor.

Cupido, todavia, acertára fundo no velho coração de Kirá : o qual, debil para vergar o animo daquella

que o desprezara, tornou-se implacavelmente inimigo do venturoso dono de tão inaccessível thesouro.

O amor apaga as luzes da prudência e empana a claridade do espirito : Kirá que amava com surda raiva, pois grande era a repulsa da deusa dos seus affectos, planejou uma vingança feroz.

De uma feita, quando os *daimios* e os enviados do Mikado se achavam reunidos no palacio, eis que acenando ao principe lhe dá esta ordem petulante :

— Vinde, Senhor de Takumi, que estão desatcados os cordões do meu botim. Se me fizesseis a mercê...

Era demasiada a offensa para um principe japonês. Cégo de indignação saca da espada e atira-se contra o insolente; mas este, escudado pelo seu manto de palaciano consegue escapar ao golpe do fidalgo.

Jamais se vira tão grave damno em sala por tantos titulos austera. O ministro é rodeado, protegido, defendido, e Assanô preso e guardado á vista por sentinellas leaes.

O palacio do Xogun era quasi sagrado, pois o Xogun governava o Japão ao mesmo tempo que o Mikado, e se este era nominalmente superior áquelle, era aquelle quem realmente « dava as cartas » no paiz.

O crime do Principe não lograva ter attenuantes. Offendêra um Ministro poderoso e maculara o solar do Xogunato.

Deram os juizes a sentença capital : foi a familia reduzida á miseria, despojada de todas as honrarias, os bens inteiramente confiscados, e o réo condemnado a fazer *hara-kiri*.

Fazer *hara-kiri* é abrir o ventre com uma espada

ou com um punhal, rasgando-o transversalmente da esquerda para a direita.

Esta forma de suicidio data da 3ª dynastia dos Xoguns, por volta de 1336, e era uma honra de que só gosavam os réos pertencentes ás classes militares.

Antigamente a cerimonia do *hara-kiri* realizava-se nos templos. Em épocas mais modernas o lugar da sentença passou a ser no palacio ou no jardim do *daimio* a cujos cuidados era confiado o réo dias antes do suicidio.

A' cerimonia estavam presentes os amigos e as pessoas das suas relações que o réo convidava como para uma festa (a festa da morte...), os representantes do Governo e os padrinhos. Um destes era incumbido de degolar o suicida logo após o estripamento afim de lhe abreviar a agonia.

Não é facil tarefa degolar ao primeiro golpe. Refiro-me aos casos de *hara-kiri* sentenciados pelo tribunal, porque um filho da terra Japôa pode suicidar-se por sua propria conta, sem que seja obrigado a isso por juiz algum. Neste caso, não se faz acompanhar de padrinhos nem de testemunhas, ainda que ás vezes convide alguns amigos para mostrar-lhes como sabe morrer.

Regorgitava de clausulas e minuciosidades o ceremonial do *hara-kiri* : havia artigos referentes á escolha do lugar da execução; aos deveres e ás obrigações que tinham de estar sempre bem vivos na memoria; aos deveres e ás obrigações dos padrinhos, etc. Era uma tragedia de funebre apparato que ainda hoje erica os cabellos de quem lê as suas descripções e provoca uma admiração mesclada de respeito pelos actores que a representavam.

E'-me impossivel citar todos os numerosos casos extraordinarios de *hara-kiri* que a historia japoneza registra para aterrorizar os *barbaros* (*); cuidarei todavia de resumir um dos mais interessantes, que dará idéa de como os antigos *samuráis* se burlavam dos sombrios reflexos das adagas.

Em 1855, quando o Ministro da Inglaterra obteve a abertura do porto de Kobe ao commercio internacional, os *samuráis*, crendo-se humilhados pelos estrangeiros, levantaram um energico protesto. Estes, garantidos pelos tratados, foram, apesar da gritaria, estabelecer-se na cidade, e as casas commerciaes em breve tempo crearam azas e prosperaram a olhos vistos.

Por essa época estalou uma rebelião em Osaka, perto de Kobe, e as guerrilhas revoltosas invadiram frequentemente a segunda cidade.

Eis o que relata Mesnier, o qual assegura a veracidade do caso :

« Revoltaram-se os *daimios* do sul que proclamavam a independencia do Mikado, e a proximidade das cidades de Osaka e de Maeko expoz varias vezes o estabelecimento de Kobe ás visitas inopportunas das guerrilhas de ambos os partidos, que andavam em luta nessas cercanias. Um official das tropas do *daimio* de Tossa, ao serviço do Mikado, de passagem por Kobe, tomou á sua conta o exterminio dos *barbaros* e deu ordem aos seus bravos *samuráis* que atacassem as feitorias inglezas. Os descuidados negociantes viram um dia a cohorte dos ferozes Japões

(*) Os Europeos.

marchando em direcção ás suas propriedades, com ademanes que logo revelavam o seu pouco amavel designio.

Os Inglezes, armados á pressa, esperaram os acontecimentos.

Os Japonezes descarregaram as armas sobre um desgraçado Europeu que encontraram, e iam lançar fogo ás primeiras casas quando os Inglezes acudiram activamente em defesa das suas vidas e fazendas. Uma descarga judiciosa pôz em fuga os impetuosos *samuráis* que despiam couraças e saias de malha para correrem mais á vontade.

Esta aggressão injustificavel indignou de tal maneira os differentes ministros estrangeiros, que elles fizeram uma energica reclamação junto ao Governo do Mikado exigindo o castigo exemplar dos culpados. O Mikado ordenou que os *samuráis* implicados no ataque, juntamente com o seu capitão, iriam a Kobe commetter o *hara-kiri* em presença dos commissarios europeus.

Um pequeno templo foi escolhido para o local onde o capitão havia de matar-se. Antes da hora marcada, já tinham chegado os commissarios europeus e japonezes; cumprimentaram-se com toda a cerimonia e tomaram os seus lugares em silencio.

A uma extremidade da sala estava uma esteira, e ao lado uma celha de madeira. Como o condemnado tardasse algum tempo, um dos commissarios japonezes explicou aos Europeus que se estava despedindo dos parentes.

Poucos minutos depois entrava o capitão vestido com suas ricas roupas de cerimonia; cumprimentou gravemente os assistentes, e, voltando-se para os

extrangeiros, pedio-lhes desculpa de se ter feito esperar tanto, accrescentando estar convencido de que agira contra a justiça e a razão quando atacára o estabelecimento de Kobe, e que sentia muito haver commetido semelhante erro.

O capitão era um homem na força da idade, de physionomia intelligente e viril, robusto e de aspecto nobre e altivo. Vinha acompanhado de grave e numeroso sequito de parentes e amigos, que se dispuzeram em semi-circulo de cada lado da funebre esteira.

Finda a sua laconica allocução, caminhou a passos firmes mas lentos para a esteira, sobre a qual se ajoelhou.

Abaixou as vestes que lhe cobriam a cintura, prendendo-as nos joelhos.

Um dos assistentes offereceu-lhe um punhal sobre uma bandeja; no momento em que o *samurái* o recebia o padrinho (que estava atrás d'elle) desembainhou silenciosamente a espada, segurou-a com as duas mãos, avançou o pé direito e curvou a perna esquerda, assim se conservando na expectativa, sem mudar de posição.

O *samurái* lançou um ultimo olhar em derredor como se buscasse alguém na turba dos espectadores; depois enrolou em um pedaço de seda a folha do punhal junto ao cabo e enterrou o ferro na parte esquerda do ventre, rasgando-o com pulso firme e dando por fim uma volta para cima á arma, quando esta attingio a extremidade direita do abdomen.

Tudo isto foi feito no mais profundo silencio e os Europeus assistiam horrorizados ao terrivel sacrificio.

Consummado o acto soltou um suspiro rouco e cahio

para diante, sobre a celha, dentro da qual se derramaram as suas ensanguentadas entranhas.

Nesse momento, o padrinho levantou a espada, ouviu-se o choque secco do ferro na carne, e a cabeça do capitão rolou sobre a esteira, separada do corpo. »

Mas voltemos á historia dos Ronins :

Os leaes servidores do Principe, 47 *samuráis* transformados em Ronins, isto é, em gente sem eira nem beira (pois o morto havia sido deshonrado pelos tribunaes e a familia apeada do alto pedestal que occupava) juraram vingar a sua nobre memoria.

E então começou um trabalho prodigioso de abnegação, de constancia, de fidelidade nunca vistas.

Oishi Kuranosuké, chefe principal dos Ronins, partio para Kioto e entregou-se a uma vida de perdicção; os compaheiros dispersaram-se diversamente, empregando-se aqui e ali como marceneiros ou como criados — tudo no proposito de afastar as suspeitas do Ministro e da sua gente, que tinham o palacio constantemente vigiado, já quicá receiosos da vingança dos servidores do Principe.

Corriam os mezes e Oishi Kuranosuké perdia as noites nas tabernas de Kioto, embebedando-se e jogando, enquanto a idéa de vingar o seu Lord continuava de resplender como uma estrella na sombra da sua alma triste.

Não posso levar os Leitores a todos os rincões da velha casa de Yamashina, construida pelo servidor de Assanô, e onde o plano do ataque ao palacio do Ministro era estudado e elaborado. Chegára já aos ouvidos de Kirá a noticia da vida que levava em Kioto o chefe dos 47; pelo que, entrou de afrouxar a

vigilancia do palacio, crente de que os Ronins (de que ninguem tinha noticia) e Oishi Kuranosuké, diariamente bebedo nas tabernas da velha cidade, pensariam em tudo menos em vingar a memoria do Principe.

Oishi Kuranosuké divorciou-se pelas contas que uma vez a mulher lhe pedio da sua vida.

A desconsolada guardou os filhos, deixando-lhe apenas o morgado, Oishi Chikara, valente guerreiro de 16 annos, — cujo tumulo eu vi no cemiterio de Sengakuji.

Um dos Ronins esposou a filha de um guarda do palacio e assim obteve o plano interior da casa. Ao cabo de um anno, Kuranosuké e a sua brava gente eram senhores da topographia interna da residencia do Ministro, de quasi todos os seus cantos e esconderijos, do valor dos seus criados e da resistencia com que teriam de se haver.

Chegou finalmente a noite da vingança, uma dessas gelidas noites da terra Japôa, batida pelas ventanias, açoutada pelos tufões e pela neve, em que nos caminhos ladeados de arvores se escuta o gemido triste das folhas que tiritam, e entre os barrancos a toada queixosa das fontes crystallinas.

O céu era de um negror de metter medo; nem uma nesga de luz logravam olhos humanos descortinar através do grosso amontoado dos nimbos.

Os vingadores de Assanô, chegados na vespera á capital, reuniram-se em conferencia e resolveram os ultimos detalhes do assalto. Oishi Kuranosuké disse :

— O nosso unico inimigo, companheiros, é Kira-Kotsukéno-Suké. Lembrai-vos de que devemos poupar a vida aos velhos, ás mulheres e ás crianças. E

agora juremos que se fôrmos vencidos não sobreviveremos á deshonra ! Juremos !

Depois do que, segundo as usanças dos *samuráis*, se despediram para a morte.

* * *

A hora soou.

Os 47 Ronins deram um formidavel assalto ás duas portas oppostas do palacio, levando logo de vencida os primeiros guardas que as guarneciam. Os outros, subitamente despertados, correram a defender o seu amo. A luta começou, e foi uma verdadeira batalha, sanguinaria e feroz, o que se passou naquelle palacio que a ventania fustigava com força e a neve inundava lentamente.

Logo aos primeiros encontros a gente do Ministro cedeu terreno aos Ronins : a valentia daquelles topava pela frente com a coragem dos 47, a violencia das suas adagas e a mal contida colera que lhes fazia os musculos invenciveis.

Dominados os guardiões, apenas restavam tres defensores — os mais perigosos de todos — postados á porta do aposento ministerial. Era preciso correl-os.

Mas os Ronins hesitaram. Os outros, num ultimo arranco de heroismo, conseguiram mantel-os a distancia. Prevendo o perigo, Oishi Kuranosuké, o chefe, gritou : — Chikara, vence-os tu !... e se os não venceres, ó meo filho, morre !

O menino, animado pela voz estridente do pai, arremessou-se contra o mais forte dos tres guardas. Mas no assalto cahio e rolou pelos degraos até ao jardim. Por sua ventura, a agua de um lago que havia

no jardim recebeu-o, como para o salvar, pois no momento em que o guarda perseguindo-o, se inclinava á margem para saber da sorte do seu atrevido inimigo, este, com a adaga despedaçou-lhe a perna e estendeo-o no chão. Assim Oishi Chikara venceu Kobayashi Hébachí.

A esse tempo já os outros Ronins haviam desbaratado os dois restantes, de sorte que, suprimido o obstaculo, puderam penetrar na alcova do Ministro.

Mas Kirá tinha desaparecido.

A decepção dos 47 é difficil de descrever. Houve um momento em que decidiram todos suicidar-se alli mesmo, tão amargo era o desengano após trinta e seis mezes de trabalhos.

Todavia, um dos homens descobrio uma porta falsa na parede da alcova e a esperança volveu a illuminar o triste coração daquelles grandes vingadores.

Entraram e descobriram um vulto que negrejava no meio de um vasto aposento, a tremer de pavor.

Era Kirá-Kotsukéno-Suké. O chefe dos 47 cahindo respeitosamente aos pés do velho personagem entouu :

— Meu Senhor : perdoai que um obscuro como eu tenha a ousadia de alevantar a voz até Vossa Mercê : mas o senhor de Assanô, meu principe que Vossa Mercê fez morrer, acena-me do outro lado do tumulto e eu sou o seu fiel servidor. Vão trinta e seis mezes depois da desgraça do meu principe : entretanto, ainda não esfriou a adaga com que o obrigastes a matar-se. Eis porque, eu vos rogo muito humildemente que façais *hara-kiri* com esta mesma adaga.

Não tenteis esquivar-vos, meu Senhor, porque isso

me obrigaria muito a contra gosto a cortar-vos a nobre cabeça !

E Oishi Kuranosuké, proferidas estas palavras, offereceu a adaga de Assanô (que a trazia presa á cintura) ao Ministro Kirá.

Mas o Ministro, o som da voz covo e debil, respondeo com evasivas medrosas.

Carecia de coragem para o suicidio que lhe pediam.

Então, Kuranosuké, afim de não perder tempo (a manhã já vinha lentamente nascendo) resolveu, de um gesto certo, decepar a nobilissima cabeça do grande personagem. Esta foi cuidadosamente levada em procissão até ao lugar onde jazia o principe e sobre o seu tumulo collocada. Vieram os padres da vizinhança rezar, enquanto os 47 vingadores queimavam palitos de incenso.

Pelo caminho, do palacio ao cemiterio, os 47 eram acclamados pelo povo. Mesmo um *daimio* dos arredores — o Principe de Sendai — mandou um mensageiro convidar os Ronins a descansar no seu castello, ao que elles accederam por cortezia.

A cabeça do Ministro, antes de collocada sobre o tumulo do Principe, foi lavada em um pequeno poço de purissima agua, que ainda hoje existe ao lado de uma capella nas cercanias do cemiterio e que eu vi durante a minha piedosa visita.

« *Ninguém pode lavar as mãos nem os pés neste poço, onde foi lavada a cabeça de No-Suké* » manda uma inscripção alli existente.

Imagine quem puder o sinistro aspecto desses 47 homens, de vestes e sabres ensanguentados, atravessando os caminhos de Yeddo, ás primeiras horas da manhã,

com a decepada cabeça do velho Ministro em procissão e tepida ainda dos ultimos reflexos da vida.

Conhecida a façanha dos Ronins, foram todos elles distribuidos por varios palacios de *daimios* e condemnados pela justiça a praticar *hara-kiri*.

A' mesma hora do mesmo dia os 47 companheiros, que tinham por vontade propria buscado os horrores do suicidio, rasgaram o ventre com as suas adagas e foram enterrados no cemiteiro de Sengakuji, uns ao lado dos outros e agora para toda a eternidade juntos.

Eis como acaba esta veridica historia que é a epopéa do valor japonéz.

Para fechar o capitulo, devo confessar, num aparte opportuno, que o *hara-kiri* já é muito raro no Japão, sem embargo do meu amigo Chiba ha dias, volvendo á época dos seus avoengos, haver-me gritado aos ouvidos :

— Pois o que todos nós os 52 milhões de Japonezes existentes no Imperio deviamos fazer, meu rico senhor, era... sabe o que era?... *hara-kiri*!

— Todos os 52 milhões, Mestre? atalhei com os cabellos em pé.

— Todos! arrematou o philosopho, sinistramente.

E' que haviamos discutido o tratado de paz com a Russia.

Nota. — Receberam os Japonezes muito mal as decisões do Tratado de Portsmouth. Depois das victorias alcançadas em terra e mar contra os Russos, o Tratado de Portsmouth pareceo-lhes uma burla. Ainda estão na memoria de todos as desordens, os *meetings*, os protestos, os apedrejamentos e os ataques aos Ministerios que por essa occasião alvoroçaram os habitantes de Tokio.

UMA VISITA DO PHILOSOPHO CHIBA

O templo onde eu moro fica no interior de um frondoso jardim, povoado de lanternas de pedra e de estatuas de Buddha.

Observo com certa surpresa que a maioria dos meos Buddhas não têm nariz.

Assegurou-me a senhora Cegonha, comadre do meo cozinheiro, que desde epochas immemoriaes costumam os fieis dar palmadinhas nos órgãos do olfacto de todos os deuses, como prova de muita devoção. Ora deve ser por esse motivo que se apresentam desnarigados os silenciosos Buddhas do meo jardim.

Eu tive de alugar um templo a um padre buddhista por não haver conseguido uma casa confortavel para morar. As casas europêas, isto é, as que têm tectos altos, escadas e paredes, são rarissimas em Tokio. Restam as japonezas, verdadeiras caixas de papel muito graciosas, mas construidas para serem habitadas por creaturas microscopicas.

Os Japões, dignos netos dos seus avós, ainda amam essas portas de cinco palmos de altura, esses tectos em cima da cabeça, essas janellas de papel, essas esteiras que não admittem sapatos, esses peixes metamorphoseados em lanternas que se balouçam á porta da rua ao sopro das brizas nocturnas... Eu quiz tentar a vida

dentro de uma de taes caixas e metti-me por isso á sua descoberta.

Mas todos os senhorios com quem falei sujeitaram-me ao mesmo implacavel interrogatorio :

— Se tenciona usar sapatos não lhe alugo a casa...

— Se tenciona usar cadeiras, mesas, bancos ou sofás, não lhe alugo a casa...

— Se tenciona ter uma cama para dormir é impossivel alugar-lhe a casa...

Desanimado com tão duras condições, procurei o philosopho Chiba, ultimo rebento de uma familia de *samuráis*, a quem roguei um conselho salvador. O philosopho é Japonez mas como tem a vantagem de ser professor de linguas estrangeiras usa mobilia nos seos penates.

Apenas entrei, essa particularidade saltou-me aos olhos.

— Que é isto, Mestre? cadeiras em casa de Vossa Mercê? e sofás? e mesas? terá V. Mercê, porventura tambem cama?

— Sim senhor, sim senhor !

— Oh ! é extraordinario !

Narrei-lhe o que me succedia e o sabio explicou-me a excepção de que era alvo. Como professor de linguas estrangeiras entendeu dever usar objectos tambem estrangeiros.

Dahi as mesas, os bancos e os sofás. Mas por via disto dava todos os mezes uma indemnisação ao proprietario. O philosopho gasta mensalmente quasi outro tanto da renda em presentes e lembranças. Para se fazer perdoar do luxo da sua mobilia, enche o professor as algibeiras do seu senhorio com pacotes de assucar, latas

de manteiga, garrafas de cerveja, frutas e queijos flammengos.

Pensei immediatamente em imital-o, mas elle illuminado por um raio de sol buddhista, ergueu-se de um salto quasi mortal e disse-me paternalmente :

— Meu filho ! achei a solução da sua difficuldade : alugue um templo !

O alvitre agradou-me. No centro do parque de Uyêno, á boca de um tunnel de bambús, inclinados como os vassalos da côrte, ergue-se o templo onde passo as minhas horas contemplando alguns Buddhas sem nariz, doces victimas resignadas de tantas mãos affectuosas.

Hontem o professor veio visitar-me : trazia um *kimono* de seda cinzenta e um *obi* á cintura em varias voltas, todo de crepe azul-claro. A' guiza de saia um *hakama* de seda igual á do *kimono*, e sobre tudo isto, elegantemente e singelamente disposto, o severo *haori*, especie de manto de seda preta com cinco luas pintadas a branco, duas em cada manga e uma no alto das costas. As cinco luas, emblema da familia Chiba, são substituidas por glycinias na familia Fujiwara, por bambús na familia Minamoto, e assim até á eternidade. O chrysanthêmo de 16 petalas é o emblema da familia imperial.

Accomodou-se o philosopho na cadeira de bambú que respeitosamente lhe offereci e mirou-me com solemnidade.

— Mestre, balbuciei a medo, aqui estou num templo de Buddha, por favor do alvitre de Vossa Mercê. E' Vossa Mercê buddhista?

— Eu adoro Confucio, respondeu o professor subitamente inspirado, a voz tremula, os olhos fulgentes

de emoção. Ha um largo folego de bondade em toda a sua philosophia de Confucio : respira-se ao lê-la, uma brisa de consoladores conselhos, regidos por genios bemfazejos : as phrases da sua doutrina esculpiram-se no marmore dos seculos para a bemaventurança das almas magnificas. Na philosophia de Confucio não ha illusões metaphisicas, nem a voz do Mestre se perde pelas regiões da outra vida : aponta fins relativos e practicos, na ancia desesperadora de os ver executados. Elle não se dirige ao homem-individuo; préga ao homem-collectividade, discutindo-o dentro da familia, dentro das aldeias, no fundo da sociedade, nas entranhas da patria. Não se occupa do destino mysterioso do espirito nem dos enygmas do tumulto; a sua doutrina alastra-se em solidas maximas pela amargura terrestre e refere-se ás eventualidades relativas da existencia material.

A civilização chinesa é a mais velha do universo. Dois mil e seiscentos annos antes da vossa era, o Imperio do Meio já tinha um organismo integral governado por um supremo poder. O estudo dos documentos que se encontram no Chu-King demonstra á evidencia a remota antiguidade da civilização oriental. A analyse dos seus poemas dá-nos a maravilhosa surpresa da cultura dos philosophos antigos : a civilização dessa época transbordava de gentileza moral e a natureza dos doutrinarios possuia clarões espontaneos de genio.

Pela leitura do Chu-King pode-se apreciar a maneira como os moralistas encaram as relações entre governantes e governados, os principes e o povo : ha sempre a intervenção suprema em prol dos mais fracos, e os deveres e direitos do rei e da massa, do que manda e do que obedece, são tratados com uma philosophia

singela, que explica a alma do Oriente. O moralista não acata a opressão, rejeita a tyrannia : se reconhece poderes extra-humanos no chefe supremo, elles devem reflectir-se na pacifica existencia das populações, infiltrando-lhes no organismo toda a bondade de que o céo reveste os principes e os reis. Este constante ideal paira em todos os *Quatro Livros Classicos* de Confucio, base do direito publico e fonte onde as intelligencias anciosas de perfeição matam a sede da sciencia. A doutrina de Confucio é honesta, generosa e apossada, por assim dizer, de um delirio de bem alheio. Este trabalho custou ao philosopho muitas horas de amargura. Não lhe parece que o caminho da Gloria é cheio de urzes e de pedras toscas?

— Deve ser assim, respondi, ainda enlevado nas suas judiciosas observações. Dir-se-hia que a Desgraça, desde o começo do mundo, abre as suas amplas azas sobre a existencia dos homens superiores. A garra do infortunio martyrisa o sorriso dos privilegiados e transforma em agonia a formosura da intelligencia. A deusa que vem, alta noite, postar-se á cabeceira desses grandes infelizes é uma pallida visão vestida de luto com os olhos rôxos de fundos martyrios : a immortalidade foi sempre alcançada entre lagrimas, Mestre, e todos os monumentos humanos são fustigados pelas tempestades da amargura !

— Confucio, todavia, — proseguio o philosopho mirando-me por cima dos oculos — achou prazer na desgraça da sua existencia. Ha decididamente, uma certa voluptuosidade na dôr...

A dôr arrasta e seduz. Confucio soffreu e por isso legou á humanidade uma obra preciosa. E' um doutrinario sempre grave, quasi austero : exalta os bons e

zurze os maos com indignação. Os seus discipulos louvavam-lhe o genio com inexgotavel enthusiasmo.

Lembraí-vos de Mencio, o seu predilecto, grande como o Mestre, e como elle escrevendo para a felicidade dos homens. A sua *maneira* philosophica recorda Socrates e Platão, e quando esgrime, quando cruza a penna com qualquer adversario, leva-o de consequencia em consequencia, de deducção em deducção, arremessando-o no absurdo com a logica da sua palavra. E' Diogenes com mais dignidade e mais decencia !

— Mestre, atalhei, admirado da erudição do personagem que tinha diante de mim sentado na cadeira de bambú, vejo que a China tem occupado o espirito de Vossa Mercê com copioso proveito. Conhece Vossa Mercê os seus pintores, os seus poetas, os seus dramaturgos?

— Sim, sim, todos elles me interessam, — fez o sabio austeramente. Duzentos e cincoenta annos antes de Christo pintava-se em finas sedas e Lie-y offerecia ao Imperador Che-Hoang dragões fantasticos e phoenix maravilhosas em télas dessa natureza.

Poucos annos depois, Mao-yen-chou introduzia a pintura de retratos, e outros pintores começavam a imitar essa arte com grande enthusiasmo.

A invenção do papel, um anno antes da era christã, deu um forte impulso á pintura do Oriente : os apaixonados das artes coloridas eram os sabios, os politicos, os musicos, os poetas...

Estava neste pé a pintura chineza quando a introdução do buddhismo determinou uma nova orientação nos processos artisticos imprimindo-lhes certa sinceridade até ahi ignorada. Pelo que, o pintor sentio-se mais inspirado, creou azas, adquirio outras forças e

assim surgiram os céos e os infernos de Buddha, os paraizos de Brahma, o maravilhoso reino de Amitabha, onde a natureza é feita de ouro, prata e coral, os jardins de Lombini, as lutas contra os brahmanes, a vida lendaria do divino Çakia, e outras passagens da doce religião...

— Foi a influencia da India, talvez...

— Sim, uma influencia completa. A India metamorphoseou a esthetica chinesa. Os pintores começaram a comprehender que não era apenas a materia que podia fornecer motivos de inspiração, mas que as dôres, as alegrias e os mysterios seriam igualmente fontes fecundas para as suas paletas. A consciencia deslumbrou-se com a fé religiosa que invadio as télas e illuminou os quadros. Foi uma época exaltada seguida por uma época de luta. Nasceram as guerras civis e todas as desgraças em que a dynastia dos Tang afundou a China. Depois, com a ascensão dos Soung, um tempo de fertilidade e paz voltou a fortalecer o paiz esfalfado de miserias internas. Sobresahia por esse tempo a pintura de paysagens.

Os pintores representavam a Natureza com carinhoso amor, com uma viveza de sensações, uma commovente ternura e uma doce e delicada poesia que os mais sinceros artistas do mesmo momento não conseguiram igualar...

— E qual era o tom dessas obras, Mestre?

— Em todas preponderava uma sorte de crepusculo, uma transparente melancolia pintada, — affirmou sentimentalmente o Philosopho. Ao grito agudo do escarlate preferiam o véo das brumas do outomno e aos ardores do sol primaveril as intimas tristezas das paysagens de inverno. A decadencia da pintura chi-

neza começara, porém, desde o século xv, sob a dynastia dos Ming, e a tal ponto que em poucos annos deixou de ser a expressão de um sentimento sincero para constituir apenas uma sciencia exacta de formulas, sem vida, sem emoção esthetica, sem ideal e sem alma !

— E essa influencia do buddhimo sobre a pintura não influio sobre as outras artes?

— Na poesia, com a mesma intensidade. Os versos imitaram as paysagens : ellas tinham côres tristes, elles eram cheios de desenganos. A mesma nota definia as duas artes. A poesia foi a linguagem dos deuses : espalhou maximas e leis. Foi ella, antes de tudo, a imagem da sabedoria e da inspiração.

— E qual o seu processo evolutivo?

— Nos primeiros tempos não exprimia idéas psychicas nem analysava sentimentos : era religiosa e moral e cantava as façanhas da historia. Era, por assim dizer, uma sciencia harmoniosa.

O seu processo evolutivo até certo ponto é parallelo ao da pintura : ambas, só muito tarde é que, de frias e doutrinarias que eram, passaram a ser ardentes e impetuosas. Por isso os trovadores mais modernos vasam nas suas odes todos os sentimentos da vida terrestre : — o amor, as traições, os martyrios e as esperanças. São themas que inspiram os poetas chinezes como todos os poetas da humanidade. Outros cantam a natureza, pondo em tudo um tom melancolico e suave que nos deixa contemplar a verdade por um oculo sombrio...

O que caracteriza a sua feição poetica é a allegoria que ha em todos os seus poemas : basta ler esse febril e

apaixonado *Li-Sao*, (*) que é o sonho fantastico de um esquecido, a embriaguez de um desesperado.

Elle fôra feliz quando adolescente, correrá as montanhas colhendo flôres, sorvendo perfumes, fortalecendo a sua mocidade ao rubro sol que nutre a Natureza. Todavia, o leitor descobre logo que todos esses detalhes são simples allegorias do poeta : as plantas e as flôres representam livros de sciencia ou de arte; a escarpada montanha é o rude tributo da educação; os saborosos e delicados perfumes são as virtudes da sabedoria... Como todos os paizes do mundo, tambem a China teve as suas hegemonias litterarias. O antigo *Livro dos Versos* é, supponha, a raiz de uma arvore; os botões nasceram no reinado de Hau-ti; no tempo de Klen-Agan houve uma grande abundancia de folhas; finalmente, sob a dynastia dos Tang a arvore deu uma sombra espessa e forneceu colheitas magnificas de flôres e frutas.

— E', pois, sob os Tang, Mestre, que a poesia attingio o maior brilho?

— Sim, numa época correspondente ao 8º seculo da era christã.

— E quaes são os maiores artistas desse tempo?

— Thu-fú e Li-Taï-Pé. Ambos suaves e ternos, mas o segundo mais philosophico. De resto, todos os poetas chinezes têm um traço caracteristico : amam a mulher e a Natureza, cantam o vinho e as flôres, embalam-se em tristes sonhos levemente amargurados, e as suas dôres não lançam gritos nem as suas amarguras pro-

(*) 299 A. de C. V. *Li-Sao*, traduzido pela primeira vez em francez pelo Marquez Hervey-Saint-Denys. Maisonneuve, editor. O autor do *Li-Sao* foi o poeta Kin-ping-youen que se suicidou afogando-se no rio Mi-lo.

vocam blasphemias. E' uma queixa tranquilla, quasi diaphana...

A mulher para elles tem sempre alguma semelhança com a Natureza : tem a juventude das palmeiras de folhas eternas e os seus beijos trescalam os perfumes dos parques que rodeiam os templos.

A's vezes, todavia, ha notas dramaticas nos poemas chinezes. Os mosaicos das jarras, as illuminuras de xarão, os relevos de marfim desaparecem da poesia para dar lugar ás angustias e ás magoas... Oh ! mas eu prefiro as pequeninas obras primas sem profundidade philosophica, — observou o sabio arranjando os olhos que lhe haviam saltado do nariz, — prefiro ao amargo Pé-Ki-Hu, as balladas de Tan-Yo-Su, os canticos de Sao-Nan, as estrophes de Li-Su-Tchon, que deixam no espirito do leitor a mesma sensação que deixa no paladar um bom figo maduro...

Fez-se um momento de silencio.

O philosopho quedou-se á espera do que eu tivesse para dizer-lhe.

Mas eu ainda estava deslumbrado com aquella erudita digressão através da China em companhia de tão solemne personagem...

Além disso, a *musumé*, toda mesuras, entrou na saleta que o sabio dignificára com tamanha eloquencia, trazendo na bandeja de laca duas minusculas taças de chá.

As taças eram de porcellana transparente com ramos de crysanthêmos pintados á mão...

Estavamos de novo em Tokio.

E como a noite ia baixando, as cigarras do meu jardim puzeram-se tranquillamente a rechinar...

A GUEISHA

Para uns é um sonho do Japão, é a alma artistica do Japão, é o symbolo do Montmartre japonéz.

E' para outros uma creatura inaccessible : a vestal de *kimono* e pentes de tartaruga que todos podem ver mas em que ninguem pode tocar...

Todavia, vinde ás Casas-de-Chá de Tokio e tereis a verdadeira explicação da *gueisha*.

Eu vo-lo direi, entretanto, neste capitulo em que « os obsequios não fazem divorcio com as verdades »; eu vos direi dos seus *kimonos*, dos seus penteados e dos seus bailes !

A *gueisha* é uma dançarina que enfeitiça. Tem muito do gato (virtude inherente a quasi todas as mulheres) e tem muito do amor...

Arranha e seduz. E' perigosa e é encantadora. Fazem-se os homens dobradiços ao fulgente poder das suas pupillas, onde amorosas faiscas reluzem, e apontam-lhe os Poetas as mais douradas aljavas da sua alma feliz. Desde menina e moça a Japoneza destinada á profissão de *gueisha* recebe uma educação aprimorada.

Ensinam-lhe as mais suaves palavras do vocabu-

lario do encanto : phrases mellifluas, estremecidos arrulhos.

Ella aprende a abraçar-vos os sentidos, aprende a dar-vos o *saké* em translucidas taças de cysanthêmos de ouro, aprende a bailar coisas deliciosas, — aprende simplesmente a fazer-se querer.

Só ella sabe conversar e ser gentil, ser capitosa e ser coquette. E' um objecto de arte e uma nascente de alaridos : serve para os festins como as jarras de porcellana, ou apparece no remate dos banquetes, em tropel de vozes, como cigarras multicôres rechinando e saltando.

Desde infanta o homem que a educa lhe insufla no animo toda a sabedoria da sedução.

O donaire no abrir o leque, a elegancia no servir o chá, o garbo no atar o *obi*, a gentileza no travesso riso, o chiste no falar, a flexibilidade nas medidas, — todo um conjunto de graças femininas que dão á totalidade destas mulheres uma originalidade imprevista — é armazenado no espirito das *gueishas* desde os mais verdes annos da sua meninice.

São uma sorte de flores que um poderoso jardineiro cultiva para commercios futuros. Em verdade a *gueisha* pertence ao seu educador. Ao accumulo dos annos desabrocha a corolla mais plena de belleza e mais reboante de perfumes. Aos 15 annos está, em geral, viçosissima.

Pode então viver por si, alegrando as festas e embriagando os convivas. E então paga-se á hora a presença de uma *gueisha*.

Algumas conseguem captivar enamorados corações e chegam a ser grandes senhoras ou grandes personagens : a maioria, porém, atravessa os annos conhe-

cendo da vida apenas as illusorias alegrias dos festins e as loucuras illusorias dos vapores do *saké*.
Pobres bonecas sem liberdade!

* * *

Eu penetrei na Casa-dos-Momiji. Soavam as 8 da noite : eram as horas do Porco.

— As horas do Porco? — perguntou o Leitor.

Este é o paiz das superstições. O Japonez crê em coisas extraordinarias e enfronha-se nessas crendices até á ponta dos cabellos.

Certas épocas do anno tinham outr'ora significações expressivas.

Ninguem, por exemplo, se casava no dia 30 de Dezembro.

As horas formavam um kalendario... zoologico. Havia a hora do Rato, a hora do Boi, a hora do Tigre, a hora da Lebre, a hora do Dragão, a hora da Serpente, a hora do Cavallo, a hora do Macaco, a hora do Gallo, a hora do Porco e a hora do Javali. A estas horas prendiam-se crendices, que, não obstante hajam desaparecido do animo da gente occidentalizada, prevalecem no das classes populares ainda virgens do contagio civilizador. Ninguem mudava de roupa depois das 5 horas da tarde. Ninguem tomava banho entre as 7 e as 9 da noite do decimo dia do primeiro mez, se tinha empenho em conservar os dentes. Mulher nenhuma queria ter filhos no dia do quadragésimo terceiro anniversario natalicio do marido, porque esses filhos nasciam com o diabo no corpo.

A superstição ostentava todas as côres. Em dia

de eclipse as paredes das casas eram tapadas cuidadosamente para o veneno do céu não cair sobre o placido lar.

Certos dias do mez de Julho eram bons para se comer biscoitos.

Quem consultasse o medico no primeiro dia do anno arriscava-se a passar todo esse anno nos braços da doença. E em noite de luar ninguem cortava bambús, porque decerto lhe saltaria ao nariz a perigosa serpente escondida no tronco pelos deuses vingativos!

A's horas do Porco, dizia eu (eram 8 da noite) penetrei na Casa-dos-Momiji, no *Koyokan* do frondoso parque de Shiba.

Deixei os sapatos á porta da rua (que uma risinha Japoneza guardou com certo interesse affectuoso) e atravessando duas alas de creaturas multicores metti-me por uma ampla escadaria de madeira polida.

Era tudo limpo, tudo asseiado até á perfeição!

Ao cabo da escadaria conduziram-me para uma grande sala forrada de esteiras... (oh! as suaves esteiras, os fofos *tatamis* japonezes! que pés de princeza se recusariam a pisar essas almofadas ineffaveis?).

A sala, como todas as outras, carecia totalmente de moveis.

As quatro paredes eram de papel encaixilhado em madeira polida, por onde a luz electrica penetrava com a delicadeza de uma luz de madrugada...

Uma sala japoneza não tem moveis. O Japonez não precisa de cadeiras porque se senta nos calcanhares; não precisa de leito porque dorme no chão, sobre um macio *futôn* que se guarda durante o dia

nos armarios cavados na parede; não precisa de sofás, nem de *canapés*, nem de mesa para jantar, nem de mesa para escrever...

A vida de um Japonez tem por scenario o *tatami*. Ahi nasce, cresce, ama, envelhece e morre! O *tatami* é uma almofada de palha de seis pés de comprimento por tres de largura. Dá-vos idéa da superficie de um quarto.

Assim, ouvireis :

— Esta sala tem cinco *talamís*, dez *talamís*, dois *talamís*.

E' o tapete dos Japonezes, e comprehende-se que, sendo ao mesmo tempo a arena de toda a sua existencia, se deva deixar os sapatos na rua quando se visita um Japonez.

Pois se o *tatami* é a cama! se o *tatami* é a toalha! se é o berço, o thalamo e o tumulto dos Japões, como querieis vós maltratal-o com a profanação dos vossos pés calçados?

* * *

Sentei-me na esteira ao convite de uma *musumé* de doze annos.

Puzeram-me defronte uma bandeja de lacca, no fundo da qual um terno casal de pombas desapparecia entre flocos de nuvens. Serviram-me chá sem assucar, suave e tépido, alguns biscoitos indigenas e uma garrafa de *saké*.

Outras *musumés* acocoráram-se em torno á ceia.

Pedi *gueishas*. Queria ver, afinal, as famosas e decantadas bailarinas das ilhas Japôas!

Deram-me cigarros e collocaram perto de mim um

hibashi de carvões accesos com que me reparasse do frio.

De repente ouvi um ruido de sedas, passos miudinhos de criaturas felinas, risadas alegres como choques de frageis porcellanas, e uma revoada de mulheres (ó meu Buddha! eram exactamente mulheres?) entrou pela sala adentro, esparzindo côres, arrastando os *kimonos*, abrindo e fechando os leques tal nos sonhos e nas lendas!

Poetas da minha grande Patria! pintores! musicos! artistas enamorados! Vinde á Casa dos *Momiji* — as arvores que no outomno se vestem de escarlate — contemplar as Japonezas que bailam!

Ellas são bonecas, são *marionnettes* ou são creaturas vivas?

Que representam? de onde vêm? que idéas se agitam dentro das suas penteadissimas cabeças?

São finas, são frageis, são fugazes como os gatos e os amôres!

A's vezes tão nervosas e flexiveis que mais parecem caules de lyrios que mulheres de carne e osso! Não são as *cocottes* de Pariz, nem as loiras sentimentaes de Munich, nem as fogosas {ciumentas da velha Castella : são as *gueishas*.

Nasceram para apimentar uma festa, para dar-vos um vinho cheio de perfume e de calor, para murmurar-vos doidices na sua voz delgada como um fio de agua das serras, para perturbar-vos o espirito, as pupillas, a alma sensitiva!

Que pensareis vós das bailarinas japonezas? que idéa fareis vós da voluvel *mise-en-scène* que é a terra

desses *daimios* que usavam *inrós* de laca e ouro á guiza de joias e berloques?...

Eu estava bloqueado. A' porfia derramavam-me o *saké* na taça, serviam-me o chá, arranhavam-me com as lustrosas unhas polidas, dardejavam-me zombarias por entre os iris fulgurantes!

O *saké* é um vinho que dá fragrancias ao paladar e veste o espirito de voluptuosidade. O ambiente rejubila ao calor do *saké*. Eu sentia em mim uma alma nova a ruflar as azas com a impaciencia dos patos bravos dos canaes de Shina-hama! Eu amava a vida naquelles instantes de sonho! eu julgava-me um *samurái* resuscitado, vindo quiçá de algum castello de Kyôto, entre cujas muralhas ainda retiniam os duros golpes das adagas!

As *gueishas* não cessavam o alarido estridente com que haviam surgido á minha vista...

A's horas do chá os proprios peccados fogem esparvoridos do coração da gente.

O *saké* reina, a *gueisha* governa. Aquella fragil caixa de papel, onde a minha existencia deslizava, adquiria illusoriamente a inexpugnabilidade de um palacio de *daimio*...

Ali commandava tambem O'Ama-Terasu-Omi-Kami, deusa poderosa do Imperio, e a suave Bentên, discreta padroeira do amor! Cada uma daquellas *gueishas* era um sorriso feito mulher, uma alegria corporificada por milagre, uma viva boneca vestida de *kimono*!

A rica variedade das suas roupas, a multiplicada belleza dos seus *obis*, os crysanthêmos amarellos, as

cegonhas brancas, as luas pallidas, os entrelaçados bambús, compunham uma tal harmonia de côres que não sabiam os meus olhos onde melhor empregar a vista.

Em dado instante tres dellas, de cara para mim, inclinaram-se até ao chão.

Durante alguns segundos só enxerguei mirabolantes penteados, onde, como uma isolada estrellá de ouro, scintillava um crysanthêmo solitario...

As *gueishas* faziam as medidas do estylo. Depois ergueram os bustos e por fim quedaram-se em pé.

Então nasceu um côro plangente, uma melancolia sonorisada, um revoltar suave de notas que se derramou pela alcova de papel. Era o *samisen*.

Uma velha Japôa, acoráda na esteira e com os somnolentos olhos pregados no céu de Buddha, tangia o choroso instrumento das noites de Tokio...

Ao mesmo tempo a voz da cantora subia no espaço como uma espiral de benjoim queimado. Era debil, era fina, dirieis mesmo que se ia quebrar pelo meio...

As *gueishas* dançavam o *Amor á sombra das cerejeiras*: e cada movimento e cada gesto pareciam-me uma phrase lyrica, ou um capitulo apaixonado, ou um versiculo qualquer da inexgotavel Biblia do coração...

Deusa Kwanon! omnipotente divindade que tens um milhar de braços com duas vezes cinco mil dedos e que és chamada da Misericordia! tem misericordia de mim e empresta engenho á minha penna! concede-lhe os favores da tua sabedoria, por um breve instante de vida, e dá-lhe que logre estampar, neste

papyro moderno, o que é um baile, sobre esteiras macias, de *gueishas* do Japão! Desce o teu olhar generoso, o mel do teu sorriso de bruxa complacente, a piedade toda da tua vulcanica alma ineffável, sobre o succumbido escriptor das surpresas da tua terra!

Com que estylo, Buddha piedoso, com que vocabulos, ó memoria do poeta Hitomáro, com que marfins, ó alma de Sokwa-Heishosô, com que preciosa laca, ó immortal artista Kajikawa, conseguirei eu cinzelar o *kakemôno* da Casa dos Momiji?

Ainda guardo nos ouvidos a flébil harmonia do *samisên*; ainda enxergo os olhos da cantora derretendo-se de voluptuoso deleite á vibração das tres cordas invisiveis; ainda oiço toda a velha e dolorosa lenda dos « amores perdidos » nas mãos e nos braços, nas cabeças e nos *kimonos*, nos leques e nos penteados, nos movimentos ondeantes, musicaes e felinos da Senhora Bambú, da Senhora Borboleta e da Senhora Manhã-de-Sol...

O *kimono* da Senhora Bambú é da côr dos grasnadores corvos do parque de Shiba : nos hombros, nas mangas e á cintura, descortino casaes de cegonhas brancas bordadas de seda. E quando a senhora Bambú agita os finos braços nervosos e as mangas da sua roupa ondulam no ar, dirieis que são as cegonhas, subitamente cheias de vida, que levantam o vôo ebrias de liberdade...

O *kimono* da Senhora Borboleta tem a côr da florescencia das ameixeiras. Nas mangas fluctuantes descubro uma grande corola de lotus inchada talvez do orvalho que bebo... A corola derrama um per-

fume ineffavel e o momento não tarda em que se abra o calix ao peso do crystallino liquido...

O *kimono* da Senhora Manhã-de-Sol ostenta as sete côres do arco-iris. Quando ella baila, nos instantes em que o baile é nervoso e apaixonado, as côres a enrolam nos seos profusos reflexos como se as luzes do paraizo baixassem por uma noite ao banquete do chá...

As musumés que me cercam, as risonhas espectadoras daquela festa, usam tambem como as bailarinas uns *kimonos* de garridos tons.

O da Senhora Ameixa é amarello-torrado com borboletas de prata a voar...

O da senhora Assucar é verde-azeitona com esguios bambús enfileirados, fazendo cortezias...

O da senhora Passaro é azul de saphyra salpicado de estrellas de ouro, qual um firmamento dos tropicos...

O da senhora Arvore é côr de castanha com cerejeiras brancas....

O da senhora Outomno é encarnado de fogo : a meio das costas uma revoada de patos bravos foge da rede dos caçadores (*).

O baile não cessa, mercê dos effluvios capitosos do *saké*; esfuziam os olhares, gorgeliam as gargantas, e como as frageis creaturas me observam por entre as varetas dos seos leques, eu colho os sorrisos que lhes riem nos labios carminados, os sorrisos, apenas, o' desilludido Lector, porque do beijo, do rico e perfumado beijo que sabe a cerejas e a morangos, a uvas frescas e a favos de mel, do beijo perturbador, do beijo quasi intangivel, do beijo mortal, do beijo dolo-

(*) Os patos bravos caçam-se com redes, como as borboletas.

roso, do beijo absorvente, do beijo divino, do beijo polymorpho e polypetalo do Amor universal estão virgens, desde a criação do mundo, as boccas das Japonezas...

.
O *samisen* plange, o chá fumege na bandeja, todo o ambiente está impregnado de jubilos inexprimíveis, e ao encantamento da musica e ao tristonho gargantear da chupada cantora as tres creaturas de *kimono* executam o seo bailado symbolico.

Eis que se encolhe a primeira sobre a cabeça da qual as outras desdobram os leques de xarão... Ergue-se agora, de um salto, e é a segunda que se arquêa como uma haste... Dirieis um tronco de bambú, vestido de seda e fixo ao chão pelos dois extremos... Mas pouco depois todas as tres retezam os bustos e permanecem immoveis quaes os *bibelots* de marfim que o esculptor Kaneda expõe nas vitrinas aos habitantes de Nakadóri...

O *samisen* plange...

Lá fóra, na rua, passam os *kurumás* melancolicamente...

Mas agora as tres amigas ajoelham-se e cravam os olhos no tecto... Subito, corporificam uma phrase.

A phrase tem nestas danças uma expressão material : adquire altura, largura, espessura, como os objectos. E' um quadro vivo. E' um grupo de marfim. E' uma esculptura que respira.

Este trio de bailarinas, variando de attitude ao commando da guitarra, dá existencia real aos poemas dos trovadores. A vida revela uma nova feição imprevista, surpreendente, abundante de curiosidade...

Eu sahi da casa de papel meio estremunhado e abstracto.

Era um sonho? Era uma sessão de lanterna magica? Que era aquillo tudo que os meus olhos acabavam de contemplar?

A voz da cantora, ainda chilreando aos meos ouvidos, debil como a espiral de fumo do benjoim dos templos, desentranhava-me da duvida...

Porque a voz suspirava :

« Ha tantos homens na terra como estrellas no firmamento ! Mas igual á Lua não existe senão um ! e esse é o meo amado ! esse é o meo amado !

OS MOMIJI

A's oito horas da manhã, quando a *musumé*, em *kimono* azul, entrou no meu quarto para servir-me o chá e abriu de par em par as janellas de papel do templo onde moro, eu soltei um grito de susto.

O meu jardim estava litteralmente encarnado !
Era incendio?

Eram labaredas o que eu observava do meu leito?
Mesmo a estatua de Buddha, uma velha estatua de pedra que mal se enxerga no seu tunnel de folhagem, estava da côr do fogo !

Haveria eu involuntariamente provocado as iras do grande deus?

A' primeira vista não acertava com o motivo daquella paisagem singular.

Era um fulgôr vermelho que atravessava os vidros... por Buddha !... o papel das minhas janellas; era um bruxolear de tochas rubras que ameaçava crescer, crescer, para reduzir a cinzas todos os templos das cercanias !

A *musumé*, que me observava curiosamente, comprehendeu talvez o meu assombro.

Assim, murmurou :

— São os *momiji* !

E abriu de par em par todas as outras janellas.

O espectáculo era surprehendente ! Da noite para o dia, como presumidas donzellas, as lindas arvores do meu jardim tinham mudado de vestido. Verdes na vespera, de um verde escuro e abundante como o das montanhas de Therezopolis, appareciam-me logo pela manhã encarnadas como o fogo.

Eu ali as tinha, esbeltas e flexiveis, irradiando das folhas-estrellas (porque cada folha imita uma estrelinha de Deus) a affectuosa e animadora côr das chammas ! Ellas ali estavam, mirando-se no lago onde peixes de todos os reflexos bailavam entre as claras imagens dos seus troncos gentis !

E o jardim era vermelho !

O templo mergulhava nas ficticias labaredas !

A propria sombra era vermelha !

Dirieis que um fogo frio (porque as manhãs são de fazer tiritar) surgira de uma nova natureza por um milagre de Buddha !

E o deus, que a principio me parecêra colerico, affigurava-se-me agora um verdadeiro Senhor absoluto, resistindo ao fogo, grave e grande naquella rosea penumbra que dava ao seu altar de folhas uma dignidade sobrenatural...

Oh ! os encantados *momiji* ! Imaginai os parques do imperador, as enormes serras de Chuzenji, as montanhas de Nikko vestidas destas arvores vermelhas !

Os olhos quasi se queimam ao encontro do espectáculo !

Ora é uma floresta de coral, ora é uma arvore *bébé* que collocais sobre a vossa mesa de trabalho, — como uma lampada !

A pequena arvore illumina-vos a alcova.

De dentro das suas folhas brota uma luz ineffavel, nasce uma claridade que vos aquece... Igual ao fogo, que é o vosso bom amigo das geladas noites de Tokio, a arvore *momiji* torna-se quasi indispensavel.

Ninguem a expulsa das suas casas : vê-la-heis á entrada, como um pharol; na alcova como um calorifero, no gabinete de trabalho como um candieiro acceso.

Os pintores immortalizaram-n-a nos seus *kake-monos*, os poetas nos seus poemas, os artistas nas porcellanas de Nabéshima, nas louças de Satsuma e nas laccas de Kiôto...

Mas a ardencia dos *momiji* é ephemera como as paixões...

Se dellas têm a côr!

Ao cabo de quinze dias eis que as folhas se apagam : tristes e lentas, qual uma chuva de estrellas, tombam uma a uma sobre a terra dos jardins...

Ahi estão as encostas de Nikko semelhantes a so-
turnos cemiterios : as arvores, viúvas do seu brilho, erguem os esguios ramos como esqueletos que as lufadas da ventania fazem estalejar nas montanhas...

OS CRYSANTHÊMOS

Era o dia da festa dos crysanthêmos...

Como por mercê dos deuses a chuva deixára de cahir, eu sentei-me japonezmente no meo *kuruma* de velludo e fiz-me transportar ao jardim do Imperador.

O céu, diaphano como um jade oriental, derramava sobre a terra a sua abundante claridade; as *musumés* passavam perto de mim agitando as azas dos kimonos num alegre alarido de passaros assustados; as velhas avós sem cabello, essas chupadinhas creaturas que são as reliquias das ilhas Japôas, caminhavam silenciosamente no meio dos netos buliçosos; a lucidez da atmospheria alegrava as flôres e os semblantes, reflectia-se no espelho dos lagos, penetrava na alma das coisas como um sorriso da Natureza...

Só o meo coração entristecido era insensivel áquella vaga felicidade do dia...

Eu caminhava ao acaso topando aqui e ali com arvores *bébés* de dois palmos de altura e um affecto quasi piedoso, uma sorte de compassiva amizade como a que me inspiram os anões humanos, apoderava-se do meo espirito.

E' que a arvore *bébé* não cresce : a pobre arvore *bébé* permanece minuscula atravez dos seculos olhando

melancolicamente para a grandeza das cryptomé-
rias...

Mas sem embargo dos seus dois palmos de altura o equilibrio anatomico dos seus órgãos resiste aos tormentos que lhe infligio o cirurgião : é o tronco mais pequeno, são mais delgados os ramos, ficam os ramusculos a perder de vista... O monstro, todavia, continúa a ser uma arvore, uma miniatura de arvore, esbelta e deliciosa. Assim é o phenomeno que Master Johnson exhibe no Circo de Paris... Pois não vos faz pena essa creatura de saias compridas, falando, rindo, vestindo-se *chez Paquin*, e que qualquer pessoa pode metter no canto de uma gaveta?

Contempla essa senhora de cinco palmos eizei-me se não é uma perfeita mulhersinha sendo embora uma miniatura de mulher...

Nos jardins do Imperador lobriguei muitas destas arvores que são cuidadas por mãos de jardineiros paternaes.

Outras, ao revez, são gigantescas. Outras são exquisitas, nervosas.

Destas se torcem os ramos no ar como agitados pela colera.

Daquellas os troncos parecem velhos inválidos chorando a elegancia da juventude perdida... Alguns pinheiros, de uma immobildade esculptural, deitam uma sombra que se assemelha a um luto...

Dirieis um florido jardim de supplicios este imperial jardim povoado de troncos que padecem silenciosamente... Dirieis uma enfermaria de paralyticos este parque cheio de plantas martyrisadas pelo capricho dos homens... Ha mesmo uma semelhança physio-

nomica entre certas arvores do Japão e certos deuses que dos altares dos templos olham para a humanidade com caretas de palhaço...

Foi em presença desta Natureza enfermiga que eu comprehendí com verdadeiro amor a saudavel Natureza dos jardins da minha terra !...

Foi á sombra desta ramagem quasi lugubre que eu pensei na diaphana e consoladora sombra das arvores do meo paiz !...

Foi olhando para estas despidas montanhas que eu evoquei as serras tropicaes eternamente cobertas de brocados de flôres !...

E o meo exilio pareceo-me mais doloroso...

E uma indizível nostalgia apoderou-se da minha alma...

E as saudades dos morros amados puzeram-se a voltear em torno do meo coração como as phalenas nocturnas á roda de uma luz bruxoleante...

Para illudir o desencanto enfronhei-me por um atalho da alameda principal em busca dos crysanthêmos.

Não sei que invisível mão me guiou por aquelle caminho deserto...

Não sei quem me conduzio para as visinhanças de uma gruta cavada no flanco de uma das collinas do parque...

Uma vontade mysteriosa, superior á minha vontade, dirigia a bussola dos meos actos...

A gruta, cheia de sombra, olhava para mim como uma pupilla fascinadora...

Aproximei-me timidamente e estaquei perplexo ante o espectáculo que me esperava...

Um cysanthêmo vivia ali, solitario como um eremita, no seio da treva e do silencio...

Senti não sei quê de sobrenatural pairando sobre a planta...

Senti um enigma na vida dessa flôr...

E puz-me a tremer diante della como uma creança que a ideia dos phantasmas apavora...

Talvez que as suas petalas me recordassem os dedos de alguma princeza de legenda...

Talvez que a nervosa elegancia do seo caule me lembrasse a silhueta de alguma amante esquecida...

Tentei fugir ao quebranto que me penetrava...

Mas não pude dar um passo...

.

De repente a corolla fez um gesto, a flôr toda estremeceu numa vibração de vida, e uma nuvem pallida e luminosa, pallida e luminosa como as perolas do Oriente, começou a formar-se e a condensar-se em torno do cysanthêmo...

O mundo que me rodeava desapareceu por um instante da minha consciencia !

Os mais confusos pensamentos desencadearam-se no meo cerebro !

Deixei de lutar, deixei de querer, deixei de sentir...

Perdi a noção da realidade e entreguei a minha alma aos tentaculos da vertigem...

Entretanto a flôr envolta na nuvem metamorphoseava-se como por milagre...

O caule adquiria formas humanas, as petalas criavam corpo, as folhas cosiam-se umas ás outras...

Um hombro nú, destacando-se da nevoa, surgiu, como um marmore vivo, á minha vista dolorosa...

E agitaram-se dois braços cobertos de sanguineos rubis...

E brilhou um cabello ruivo qual um nascer-de-sol atravez das brumas da madrugada...

Olhei para a visão que me apparecia e cahi de joelhos sobre a terra humida...

Era uma mulher a visão que me apparecia...

O violento esplendor da sua belleza provocava em todo o meo ser uma especie de idolatria sexual...

Os seos braços pareciam talhados para os enlaces da paixão, como as lianas selvagens que no silencio da floresta se enroscam aos troncos languidos de felicidade.

A sua bocca exhalava um perfume calido de fructo dos tropicos...

E o seo cabello tumultuoso queimava-me como uma labareda...

Só os seos olhos eram graves, tragicos e tenebrosos...

Os seos olhos deixavam cahir sobre a minha alma uma sombra de cypreste...

Os seos olhos eram frios como um crepusculo polar...

Os seos olhos pareciam pensar em coisas do outro mundo...

Contemplei-a em extase...

A divina creatura sahio da gruta encantada envolta num manto que tinha a côr das folhas do cysanthêmo, e falou-me com uma voz que era um « murmurio liquido » tal a voz da Musa de Shelley :

— Eu sei que tu és filho do paiz das maravilhas ! Nos teus jardins gorgeiam as aves mais ditosas da terra e crescem as arvores mais elegantes do mundo ! os teos olhos já decerto contemplaram todos os sorrisos da Natureza ! tens palmeiras que sobem até ao céu e adormecem sobre travesseiros de nuvens ! tens córvos vestidos de luto e tens mariposas multicolores ! és do paiz dos supremos contrastes : as fontes são a alegria dos teos jardins e as cascatas são o pranto das tuas montanhas ! nos rincões dos teos bosques dorme o velho jaguar e rasteja a cobra traíçoeira enquanto os fugazes colibris, feitos de faiscas de sol, adejam em torno das madresilvas amorosas ! és feliz, o' poeta ! nasceste no Paraizo e desconheces a desolação dos desertos !...

E estas palavras que cahiam como uma chuva de petalas traziam-me á memoria o poema do escriptor (*):

— « Do novo mundo, tantos seculos escondido e de tantos sabios calumniado, onde não chegaram Hannon com as suas navegações, Hercules lybico com as suas columnas, nem Hercules thebano com as suas empresas, é a melhor porção o Brazil : vastissima região, felicissimo terreno onde tudo são fructos, em cujo seio tudo são thesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas; tributando os seos campos o mais util alimento, as suas minas o mais fino ouro, os seos troncos o mais suave balsamo, os seos mares o ambar mais selecto; admiravel paiz a todas as luzes rico, onde prodigamente profusa a natureza se desentranha nas ferteis producções que em beneficio do mundo apura a arte, brotando as suas canas espre-

(*) S. da Rocha Pitta. *Historia da America Portugueza*.

mido nectar e dando as suas fructas sazoadas ambrosia, de que foram mentida sombra o licor e vianda que aos falsos deuses attribuiu a culta gentilidade.

Em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno nem madrugada mais bella a aurora; o sol em nenhum outro hemispherio tem os raios mais dourados nem os reflexos nocturnos tão brilhantes; as estrellas são as mais benignas e se mostram sempre alegres; os horizontes, ou nasça o sol ou se sepulte, estão sempre claros; as aguas, ou se tomem nas fontes pelos campos ou dentro de povoações nos aqueductos, são as mais puras; é, emfim, onde têm nascimento os maiores rios, influem benignos astros e respiram auras suavissimas que o fazem fertil e povoado de innumerados habitantes. »

A dama dos olhos tenebrosos continuou :

— Já deves estar saciado das riquezas da terra ! que panoramas ha para a tua retina desconhecidos ? que flôres ha que não tenhas acariciado com os teos beijos ? que rios existem onde não haja navegado a galera dos teos sonhos ? que buscas, pois, aqui ?

— Venho vêr os cysanthêmos, respondi num murmurio.

— Ah ! os bellos cysanthêmos deste paiz ?

— Vêr os cysanthêmos... repeti machinalmente, sem me explicar a subita apparição daquella mulher.

— Vem comigo, accedeo ella. Eu te mostrarei as symbolicas flôres das ilhas dos quinhentos outomnos !

Puzêmo-nos a caminho...

Aproximâmo-nos de uma enorme barraca de tecto

de papel por onde a luz do meio-dia penetrava modestamente...

A barraca trasbordava de crysanthêmos...

Havia-os de todas as côres, de todos os tons, dos mais variados matizes...

Eram uns completamente vermelhos, outros claros como uma neve perfumada, estes amarellos como o oiro das minas, aquelles dourados como as estrellas do céu, alguns de um rubro sanguineo como sangue coalhado...

Havia-os côr de cereja, havia-os de petalas brancas e rôxas, havia-os escuros, prateados, lacteos...

Era um ineffavel conjunto que dava aos olhos encantos voluptuosos...

A minha dama dizia-me :

— Olha ! aquelle pé carrega 935 flôres !

Perguntei o nome do fertil vegetal : chamava-se *Hibarino-loko*...

Os crysanthêmos formavam uma sorte de umbella, uma especie de pallio redondo tão gigantesco e frondoso, que os eixos da planta desapareciam sob a irradiação das petalas.

Era uma superficie convexa de corolas de todas as côres, á guiza de guarda-sol, sustentadas por um pé unico, por um fecundo pé de *Hibarino*.

A minha dama dizia-me :

— Eis a flôr imperial, ó meo poeta ! O crysanthêmo de dezeseis petalas é o escudo do Mikado... Tem quasi a idade do amor ! Cinco seculos antes do teo Christo

já Chins e Japões lhe entoavam canticos sagrados... Vês como todas estas corolas se espreguiçam aos beijos do sol? E não sabes que umas alimentam, que outras curam a embriaguez, que outras matam os insectos, que outras absorvem as doenças?... Ah! dize! dize! conheces sobre a terra alguma flôr mais tentadora?

— A tua bocca, rosa de duas petalas, respondi fitando-a apaixonadamente.

— Olha o *Chiraga*, todo feito de sangue empastado, proseguio ella sem responder ao meo grito de amor... Olha aquelle que parece uma fructa madura... Não te dá vontade de o comer? E' o *Kamijiyama*, o orgulhoso *Kamijiyama* dos jardins imperiaes...

— Mas como é possível obter tão grandes flores? inquiri estacando defronte de um ramo de crysanthêmos que pareciam cabelleiras de Carnaval.

— Com paciencia e cuidado, respondeo a minha bella companheira. Colloca as plantas em estufas muito illuminadas, num solo fertil e sempre vizinhas dos vidros para que não morram... Mas separa-as umas das outras de sorte que a luz e o ar circulem á vontade... Porque não ensaias? Não tens o culto dos jardins?

.

O passeio continuava...

Ladeámos uma multidão de flôres de todos os tamanhos.

Os crysanthêmos appareciam nas suas infinitas combinações, nas suas indescriveis elegancias, provocando-me o appetite como carne feminina.

A minha dama falára certo : a flôr pedia os dentes. Era uma carne aromatica a seduzir labios refinados.

1. Descêmos uma ampla alameda que desemboccava num portão de ferro...

Entre duas arvores verdes lobriguei de longe uma trindade de poetas Chinezes que se inspiravam na paisagem do crepusculo...

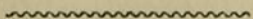
Chegámos ao portão : o sol ia descambando por trás das escuras muralhas do palacio e na abobada do Céu o crescente pallido da Lua fazia-me pensar numa adaga de *samurái*...

— Mas afinal quem és tu? perguntei de repente á mysteriosa dama, cravando o meo olhar cheio de angustia na fulgurante sombra das suas pupillas... Porque vieste interromper o destino dos meos pensamentos? porque vieste perturbar o repouso do meo coração? que pensas fazer da minha vida e da minha alma com o mortal quebranto da tua belleza? quem és tu? quem és tu?

— Quem sou? respondeu ella desfazendo-se pouco a pouco em fumo como nas historias dos milagres... Olha-me bem ! sou eu que te ensino a vêr as occultas virtudes dos objetos ! sou eu que faço voar o teo espirito emprestando-lhe as minhas azas invisiveis ! sou eu que te revelo a elegancia dos arbustos, os amôres das corolas e os enlaces voluptuosos dos troncos ! E' á sombra da minha voz que dedilhas a lyra em louvor da tua Musa de olhos fatidicos ! é ao luar da minha vista que se accendem as estrellas da tua inspiração ! é comigo que descobres o relevo dos symbolos e a magia das imagens !...

Olha-me bem, poeta dos meos peccados ! eu não sou a mulher fascinadora para cuja bocca vôam os beijos dos homens como um enxame de abelhas ! eu não sou a Amante que apunhala nem a Amante que

perdôa !... sou impalpavel, fugitiva, insexual !... sou feita de essencia divina, como a luz e como o radium, e desde tempos immemoriaes trago o pollen que dá vida ás artes entre as petalas dos meos sorrisos !... eu sou a Fantasia !... adeus !



O CHÁ

O mui sabedor e avisado philosopho elucidava-me, limpando os olhos :

— Pois foi no reinado do Imperador Shomu, pelo anno de 724, que o chá entrou na terra Japôa.

— Falai, mestre Chiba, suppliquei pondo na minha voz a toada de quem pede uma esmola. Cumpre ter vivido, como Vossa Mercê, entre grandes philosophos e pensadores, para enxergar tão longe nos horizontes da erudição humana. E' Vossa Mercê possuidor de um animo rico de altas meditações e eu sou apenas um curioso impertinente... Demorai-vos comigo, Mestre, que vos escutarei sem pestanejar...

Meio tingido de orgulho e não de vaidade (que a vaidade, disse não sei quem, é a espuma do orgulho) accommodou-se o philosopho na poltrona que lhe offereci, recostou-se na almofada azul matizada de ouro, e proseguio tranquillamente :

— Corria o anno de 724 quando o bonzo Dengyo-Daishi, de volta da China onde havia estado como addido a uma embaixada japoneza, trouxe consigo sementes de chá que plantou na provincia de Omi. Dois annos depois outro bonzo buddhista, Kobo-Daishi, inventor do alphabeto Hiragana, tambem de volta da China, trouxe consigo sementes de chá.

Sem embargo, só em 816 foi que no Japão se teve realmente noticia do que era o chá. Durante uma cerimonia litteraria a que assistia o mikado Saga-Tenno, em Marasaki, no templo de Sofukuji, o bonzo Iyetsugu offereceu ao soberano uma taça de chá que de tal sorte deliciou os labios do filho do sol que para logo foram dadas ordens de ser plantado o respectivo arbusto nos arredores da capital...

— Noto, disse eu, atalhando o impeto erudito do philosopho, noto que existe uma verdadeira cohesão espiritual entre o chá e o buddhismo... Haverei acertado?

— Acertou completamente, conveyio o sabio. E dahi o aspecto religioso que adquiriram as ceremonias do chá.

— O *chá-no-yu*?

— O *chá-no-yu*. Em 1911 appareceo o bonzo de nome Eisai, fundador do templo de Kenninji, em Yamashiro, a espalhar sementes de chá por Uji e por Kyoto...

— Uji, observei (fazendo galas de algum saber mas receioso de profanar a historia do Imperio) assim o tenho entendido, é de onde vem o melhor chá dos nossos dias...

— Exactamente. Lá está, mesmo, o templo levantado em honra do abbade Myo-e, plantador de chá nesses lugares e cuja amostra lhe foi regalada por Eisai... Nessa epoca, em boa verdade, é que o *chá-no-yu* penetrou no organismo social do Japão...

A minha curiosidade florescia á medida que o director do Gaikokugogakkai discursava, e a ancia de descortinar o berço da preciosa bebida dos Japões a

tal ponto me arrebatava que eu tremia de todos os membros.

Ao meo lado quedava o grande erudito, cuja gloria jámais cessarei de espalhar por toda a parte e cujas lições escuto sempre com a devoção de quem recebe os pingos de agua-benta de um hyssope de lacca...

De merencorio humor estava eu por enxergar o illimitado caminho entre a minha relativa ignorancia e a sua extraordinaria sabedoria : mas como bom christão calquei o desgosto ao fundo d'alma e desabrochei os tympanos para não perder uma unica syllaba daquela boca omnisciente...

— A melhor via de comprehender o *chá-no-yu* — (sentenciava o philosopho revirando-se na minha almofada azul matizada de lavôres dourados) consiste em observar a evolução do uso do chá e os seus laços espirituaes com o buddhismo. Como já lhe assegurei, foi na palma da mão de dois bonzos buddhistas que as perfumosas sementes entraram pela primeira vez no archipelago.

Os bonzos serviam-se do chá para supportar as longas vigílias que os sagrados deveres lhes impunham.

O chá teve tambem certa fama sobrenatural. O shogun Sanetomo, que uma pertinaz enfermidade acabrunhava desde longos annos, recuperou a saude a doses de chá. Em Kyoto grassava uma voraz epidemia por volta do reinado do Imperador Mikamo, quando Kuya-Shonin, filho do Imperador Daigo, esculpio uma imagem de Kwannon, deusa da Misericordia, fazendo-a passear pelas ruas da cidade e em homenagem da qual os doentes tomavam chá...

Pois a epidemia desapareceu...

Como lhe digo, brilha sempre em torno da cerimonia do chá uma certa aureola de religiosidade... As primeiras festas realizavam-se nos templos ou em jardins envoltos na sombra e no repouso, e os convivas traziam a alma aclarada por uma fé inexgotável.

Ainda hoje, talvez como reminiscencia do passado, as ceremonias têm por scenario casas perfeitamente isoladas, longe do bulicio da vida e do formigueiro dos objectos materiaes...

São, além disso, festas sujeitas a regras estabelecidas...

— E desde quando existem as regras de que fala Vossa Mercê?

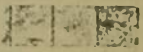
— E' difficil esclarecer em absoluto a sua curiosidade, volveu o sabio olhando-me paternalmente, mas até onde a minha memoria logra alcançar dir-lhe-lhei que datam do tempo do Shogun Yoshimasa, cerca de 1443. O bonzo Shuko havia sido feito *shashô* (mestre de ceremonias) pelo Shogun, que residia a esse tempo no seu castello de Kyoto. Introduzio o bonzo nos muitos habitos do Shogun o habito de tomar chá, ao que tanto se affeioou o castellão que logo entrou de colleccionar *curios* e outros objectos apropriados á bebida. Dahi nasceu o gosto do *chá-no-yu* e foi então que se confeccionou uma sorte de codigo tocante ás festas e que ainda hoje se observa sagradamente.

O chá havia sido recommendado a Shuko, por um medico do tempo, qual fortificante do coração. « Tome chá e tenha por escusado dormir » — aventurára mesmo o doutor.

Datam, como vê, dessa época as regras de que lhe falo.

O shogun tornou-se grande adepto do *chá-no-yu*, que também frequentavam com afan o *samurái* general Ota-Nobunaga e o seu mestre de cerimoniaes Sen-no-Rikyu...

Organisava Ota-Nobunaga festas gigantescas debaixo dos pinheiros saudaveis, ás quaes todos os *chá-jin* (*) convidados deviam de comparecer munidos dos necessarios utensilios.

Certas cerimoniaes do *samurái* eram tão numerosamente frequentadas que se percebia a mais de meia-legua de distancia o som da agua a ferver! 

Rikyu reformou o cerimonial estabelecendo como base a simplicidade e a modestia. O proprio quarto onde se servia o chá era de uma singeleza absoluta: para o reformador, primavam no *chá-no-yu* a polidez, a boa educação immaculada, a gentileza sem limites. Como accessorios exigia também reverencia, pureza, bondade e abstracção.

Vieram outros após elle e com cada um variou mais ou menos o protocollo.

Queriam estes a modestia, impunham aquelles a riqueza e o luxo. Era sobre pelles de tigre e de leopardo, e não sobre esteiras macias, que se sentavam os adeptos da extravagancia.

Não se via pelas paredes dos aposentos onde se realizavam as cerimoniaes os singelos *kakemonos* buddhistas mas os brocados e as sedas, os vasos de prata e ouro, as espadas de scintillantes bainhas. Eram queimados perfumes preciosos, eram servidos,

(*) Peritos das cerimoniaes do chá.

com os doces e os vinhos, aves estranhas e peixes raríssimos, e o nó da reunião consistia em acertar com a exacta procedencia dos objectos do chá (*).

Lamento deveras que não me sobre tempo para desenrolar aos seus ouvidos a historia minuciosa de todas as cerimoniaes. Todavia, as regras estabelecidas pelo bonzo Rikyu e hoje observadas por todos os habitantes, poderei quiçá repetir-lh'as...

— Falai por quantas horas quizerdes, mestre Chiba, affirmei com convicção.

— Fazem-se os convidados annunciar « batendo » no tambor suspenso á porta.

Convém que tenham as mãos, a cara e a alma, — sobretudo a alma — perfeitamente limpas. (Se não lhes agradar o aspecto do aposento, os objectos ou as flôres, resta-lhes o facil recurso de se retirarem...)

Apenas a agoa começa a ferver dirigem-se todos para o jardim do qual só voltam alguns instantes depois a um signal do amphytrião. E durante a cerimonia é expressamente prohibido falar sobre politica...

Aqui o philosopho fez uma pausa para acender o seo cachimbo coreano.

— Herança paterna? indaguei á vista do extraordinario objecto.

— Foi meu setimo avô, *daimio* de Yeddo, que a recebeu das mãos de um principe de Seoul, explicou solemnemente o illustre personagem.

E, retomando o novello do seu discurso, explicou-me a lenda da origem do chá.

(*) Chamberlain.

Certo santo das Indias, de nome Daruma, uma noite em que rezava as suas costumadas orações não poudo resistir ao somno e adormeceo profundamante.

Apenas desperto advertio na culpa, e afim de se fazer perdoar dos deuses resolveo cortar as pestanas e dispersá-las no jardim do seo convento.

Souberam os deuses apreciar o sacrificio do santo; e foi por isso que as pestanas germinaram dando origem ao perfumadissimo arbusto que é o *thea chinensis*, cuja principal virtude consiste em enxotar para longe os enviados de Morphee.

Falou-me depois das Casas de Chá do Japão, que as ha por toda a parte, nas cidades, nas aldeias, nas montanhas, nas estradas, nos mais occultos caminhos, nas viellas mais tortuosas : dessas casas onde se fuma e se joga ás palmadinhas com as *gueishas* de luzidos *kimonos* e se discute a marcha dos intrincados problemas do Imperio...

Falou-me dos terraços e das collinas em que se planta o chá, das épocas da colheita, do seu processo de infusão : inundou-me de datas, citações, conselhos, alvitres...

Falou como um dos sete sabios da antiguidade!

Por vezes, de tal maneira coriscavam os seus olhos, que eu tinha, para mirá-lo, de fazer uma especie de sobre-céo com a mão.

Assim deslisaram as horas até que o philosopho resolveu deixar-me.

Ergueu-se a custo, sorrio, inclinou-se até ao chão tres vezes seguidas, — sempre sorrindo. Sorrindo encaminhou-se para a porta, sorrindo calçou os sapatos que tinha deixado á entrada (apezar da minha insistencia em que os conservasse nos respeitaveis

pés) sorrindo subio para o *kuruma*, a que um magro Japão de sessenta annos estava atrellado — e foi entre sorrisos que desapareceu por entre as floridas ameixeiras, de cujas alvas corollas se escapa um perfume tão immaterial que não ha penna para descrevê-lo nem palavras para celebrá-lo.



UM PASSEIO EM COMPANHIA DA SENHORA NEVE

Quem dobrar o canto da rua Maitabashidori, em Yokohama, ha-de ver uma loja de singular apparencia, a cuja porta estacam uns lindos homens vestidos pittorescamente. Esses homens vêm de Ceylão... A' guisa da gente do seo paiz usam no cabello, luzidio como a lacca e liso como a seda da China, uns exquisitos pentes de tartaruga de fórmãs mirabolantes.

Prohibem os deuses a matança das tartarugas por serem ellas sagradas na terra de Ceylão. Mas isto não impede que os Singalezes, para o fabrico dos seos pentes, esfolem vivos os santos chelonios, ainda que os deixem padecendo a mais feroz das agonias.

Estou a crêr que as pacificas tartarugas devem mandar ao diabo o Papa que as canonisou, e invejar a sorte das nossas peccadoras gallinhas, as quaes são depennadas, cosidas e recheiadas, mas só depois de haverem entregado a alma ao cosinheiro...

Se por um lado os deuses prohibem aos Singalezes a matança das tartarugas, por outro lado a moda manda os Singalezes usar pentes de tartaruga.

Qual a maneira de ageitar o mandamento divino

com os interesses terrestres? Os Singalezes acharam apenas esta : esfolar as canonisadas e deixá-las depois fallecer tranquillamente...

O mais velho dos homens a que me refiro é o pae de todos os outros. Em vez de botões vulgares ostenta o seo casaco esplendidas pedras preciosas nascidas nas minas da sua ilha paradisiaca.

O mais moço tem uma physionomia brilhante e voluvel, como um idolo de Benarés.

Essa loja é um bazar de pedras preciosas. Como os donos ainda não se occidentalizaram, conservando as garridas roupagens do seo paiz e fazendo o officio de verdadeiras vitrinas ambulantes com os adornos de que se enfeitam, eu senti uma certa curiosidade de conhecê-los de perto.

Assim, por uma tarde de sol, na casta companhia da Senhora Neve, penetrei no maravilhoso bazar...

Todos os homens esboçaram um sorriso de cobiça ao faro dos freguezes... A Senhora Neve que é gentil e que levava um delicioso *kimono* de sêda azul, bordado de lyrios brancos, pareceo decerto aos amaveis mercadores de joias raras, uma fregueza mais preciosa do que qualquer das suas pedras...

Entrámos : a Senhora Neve descrevendo cortezias e eu curioso de esquadrinhar o armazem.

Um dos Singalezes aproximou-se de nós.

— Aqui tenho uma joia soberba, disse com um timbre saudavel... Vem de Kandy...

E mostrou-nos um grande topazio de ouro.

A Senhora Neve fê-lo bailar entre os dedinhos esguios e aromaticos, taes quaes as petalas de certas

flôres do seo paiz, e dedicou-lhe um sorriso fulgurante.

Eu sempre tive pelas pedras preciosas uma profunda veneração. Cada uma dessas joias, em cujos frios corpos palpitam almas ardentes, é para mim um ser psicologicamente perfeito.

Não faça a Leitora burla da minha credulidade.

O velho Plinio, — o mesmo que morreo engulido pelo Vesuvio, — consagra-lhes na sua *Historia Natural* um capitulo commovedor.

O sabio Theophrasto, discipulo de Aristoteles, dava-lhes sexo. Em todos os tempos, desde as brumosas manhãs da antiguidade até aos nevoentos dias contemporaneos, as pedras preciosas occuparam o pensamento dos povos.

Penetre a Leitora na mythologia da India, oiça-lhe as balladas e os poemas, e enxergará através da musica dos versos a corôa multicolor dos crystaes...

Visite os tumulos do Egypto e lá achará pedras preciosas.

Caminhe pela historia dos Aztécas e topará com pedras preciosas...

Solfeje a Biblia, considere o que prega Moysés, releia os versiculos de Job, salte setecentos annos e contemple a fachada do templo de Salomão, na piedosa Jerusalem...

Quantas, quantas pedras preciosas! Se ainda não está satisfeita consulte o velho Platão, — aquelle Platão que sabia ouvir a musica interplanetaria : elle lhe desvendará a origem das pedras preciosas : « Os

espíritos baixam das estrellas para a terra e logo nascem as gemmas. »

Para todos elles ellas tinham virtudes secretas, feitiços sobrenaturaes.

Não havia cavalleiro que não engastasse no punho do seo rebenque uma turqueza protectora; e cada tribu de Israel, usava, á guisa de farol, uma pedra preciosa.

O proprio Moysés, obediente aos conselhos de Deus, esboçou a vestimenta de Aarão (*) :

« ... Que será tecida de ouro, de jacintho, de purpura, de escarlata tinta duas vezes, de linho fino retorcido. »

« ... que será quadrada e dobrada; que terá um palmo de comprimento e outro palmo de largura. »

« ... que terá quatro ordens de pedras : na primeira fileira estarão a pedra sardio, o topazio e a esmeralda;

« ... na segunda o carbunculo, a saphyra e o jaspe;

« ... na terceira a turqueza, a agatha e a amethysta;

« ... na quarta o crysólito, a cornalina e o berylo.

« ... E todas terão os nomes dos filhos de Israel : doze nomes estarão nellas gravados, cada um em sua pedra, conforme a ordem das doze tribus. »

Na idade media o beatifico S. Thomaz d'Aquino escreve sobre pedras. Com a Renascença apparece Cardan que discorre sobre pedras : « *e não sômente vivem como soffrem, envelhecem e morrem.* »

Para mim ellas revelam sentimentos humanos.

Em cada uma enxergo uma alma de mulher, —

(*) Exodo, XXVII.

como em cada mulher descubro o espirito de uma joia.

A resignada creatura que tem o valor de esconder as desditas entre as petalas dos sorrisos tristes, ó benignos philosophos, respondei-me! — não é como a enferma turqueza de celeste côr, a turqueza que perde a vivacidade e a saude porque o destino a faz padecer?

A mulher trahida que soffre e não perdôa, aquella que prefere a perda do amante á vileza da mentira, e que, mortalmente enamorada lhe afunda no peito o punhal libertador, pois não tem no coração tumultuoso a alma purpurea de um rubi? A blonda Desdemonia moribunda nos braços ciumentos do africano Othello, — não irradia das pupillas, ao expirar, uma claridade de topazio?

As joias são vivazes e peccadoras! Ellas dão-me as delicadezas dos reflexos e as variaveis energias dos sentimentos. Esta fala-me de amor, aquella de perdão, est' outra de ciume. Todas evocam as emoções da vida. A opala, com a sua cambiancia de fogos, é a alma humana em toda a belleza da sua volubilidade... E' o Cantico dos Canticos resumido em um sorriso de luz! E' uma lagrima destacada do Arco-Iris! E' uma gôta de leite onde naufragaram as sete côres do Sol! E' toda a copiosa paixão dos homens revelada numa onda fluida de deslumbrantes matizes! Devia ter sido de opalas, e não de perolas, o collar de Venus-Aphrodita. A opala varia, oscilla, hesita em fixar um clarão, porque ambiciona ao mesmo tempo irradiar todos elles.

Na fugaz angustia da existencia o Amor, gêmeo da

opala, muda tambem para poder viver. E' na fonte da Inconstancia que o loiro Cupido mata a sêde : as sensações multiplicam-se á doudejante viveza do irrequieto deus !

Os beijos de hontem perdem-se na noite mas no berço da madrugada já cantam novos beijos, nupcialmente... Os amôres variam, como os reflexos da joia, — mas o Amor, como a propria joia, permanece inextinguivel... Que seria della se os seos raios interiores não oscillassem a cada instante ? E que seria delle se os desejos não morressem hoje para renascere[m] mais espertos amanhã?

A opala é a joia divina, a que encerra em si mesma toda a riqueza universal do sentimento, a que tem fé, esperanza e caridade : a que se aproxima de Deus !

Que vos importa que ella se desfaça em matizes differentes? O raio de sol, o imponderavel raio de sol que acalenta e nutre o mundo, não reflecte elle tambem todas as côres perceptíveis?

Deixai-me falar-vos da catholica amethysta que sanctifica o dedo episcopal e recebe os osculos dos devotos. Notai como ella reparte o seo sangue por tantas coisas da terra... Aqui a tendes na luz violacea dos altares. Vede-a agora nas veias rôxas dos lyrios... Agora eil-a, tenaz como o destino, na saudosa alma das viuvinhas... Agora brota nos canteiros das violetas, e nos cachos das glycinias, e nas vides de Salomão e nas umbellas dos agapanthos...

Observai este purpureo crystal. Lembra o rubi pelo seo sangue, mas recorda o inferno pela sua fosforescencia. E' incandescente como uma gota de vinho grego. Não acreditaes que os temperamentos ciumentos encerram a sanguinea selvageria deste carbun-

culo? Olhai para aquella pallida mulher que esteve á beira do cemiterio. Dirieis um phantasma que mal pode caminhar sem muletas. Achai'-la comparavel a um rubi? a uma esmeralda sadia? a uma opala de fogo? Por certo que não. Mas se eu vos disser que essa diaphana creatura tem qualquer coisa da perola, vós desta vez não vos rireis de mim...

E tu, bella Amante desamparada! tu que definhas na solidão da tua grande miseria! tu que tiveste um romper d'alva de jubilos e agonisas num crepusculo de desenganos! tu que nasceste rodeada de amôres e que tudo perdeste como uma rainha no exilio! tu que sonhaste entrever o Paraizo e que só pudeste alcançar o Purgatorio! pois não foi de uma triste saphyra que herdaste a tua alma taciturna?

Observai a joia e observai a desditosa : ambas perderam a intima alegria da existencia...

O mouro Abolays, ao descrever a mineralogia astronomica dos Chaldêos, assevera que este povo consagrava uma pedra preciosa a cada mez do anno. Diz-me o seo traductor Jehûda Mosca, escriptor do seculo XIII, que era a granada para Janeiro, a amethysta para Fevereiro, o jaspe para Março, a saphyra para Abril, a ágata para Maio, a esmeralda para Junho, o onix para Julho, a cornalina para Agosto, o crisolito para Setembro, a agua-marinha para Outubro, o topazio para Novembro e o rubi para Dezembro.

As pedras preciosas não pertencem, pois, unicamente á dactyliothecca (*) das mulheres elegantes.

(*) Certo critico nacional perguntou-me onde tinha eu desenterrado aquelle termo de ourivesaria. D'ahi a presente explicação.

Os dictionarios da nossa lingua accusam a existencia da palavra

Tampouco formam (como muita gente imagina) um assumpto futil e infantil. Ha dezenas de obras litterarias, tratados scientificos, livros de bruxaria, — uma copiosa bibliotheca — sobre estas estrellas da terra. E porque são mysteriosas, eu amo-as e venero-as. O mysterio tem sempre alguma coisa que arre-bata.

Não vos extasiam a vida e o movimento no seio fosforescente de cada uma dellas? Não parece que pensam e que soffrem as nossas joias queridas? Não vos diz a saphyra de amôres mortos e de amantes esquecidas? Não vos fala o rubi do fogo, da flamma, do sangue, e da paixão indomavel?

* * *

Burlai-vos, muito embora, vós os que não crêdes em milagres. Eu fico-me com Plinio, com Santo Epiphania e com o meo Singalez de pente de tartaruga. Porque tambem elle trouxe da patria a superstição

dactyliotheca, mas por amor da verdade confesso que foi o poeta latino Marcus Valerius Martialis (40-100. A. D.) quem primeiro m'a revelou.

Afim de acalmar a curiosidade do critico aqui lhe deixo o epigramma onde desencantei o precioso vocabulo :

Senos Charinus omnibus digitis gerit
Nec nocte ponit, annulos,
Nec quum lavatur; causa quæ sit, quaeritis?
Dactyliothecam non habet.

(Charinus usa seis anneis em cada dedo. Nunca os tira, nem de noite nem quando se lava. Perguntas o motivo disto? E' porque não tem uma *dactyliotheca*.)

Dactyliotheca : estojo para guardar joias. *Dactylus*, pedra preciosa (*Plinio*); *Theca*, estojo, cofre, caixa (*Cicero*). Dictionario de Quicherat e Daveluy, Livraria Hachette, Paris 1876.

dos mineraes. Para elle, tambem, as joias sentem, vivem, envelhecem e morrem.

A Senhora Neve, mirando o topazio, escutava embevecida :

— E' uma gota de mel, dizia o mercador. Os topazios nascem nas colmeias. As abelhas fabricam a substancia, produzem o arcabouço : mas o sol communica-lhe a vida, fornece-lhe esse ardor ineffavel com que a Miss regala os olhos...

Um Singalez de doze annos, muito risonho, apresentou-nos uma joia sobre uma almofadinha de veludo roxo.

A Senhora Neve, largando o topazio, cravou a pupilla na recémchegada.

— E' uma saphyra, apressou-se o outro a elucidar. Do seo enlace com o sol nascem estrellinhas de ouro. E' a saphyra-estrella. Quer ver?

Isto dizendo, collocou o crystal de modo a que a luz cahisse sobre uma das suas facetas; e do lado opposto, subitamente, accendeo-se uma estrella de seis raios.

A Senhora Neve abria a boquinha de cereja, sem acreditar...

— Aqui está outra saphyra, continuou o Singalez. Mas esta é muito mais escura : parece que tem os olhos fechados...

As joias esgueiravam-se, sem conta, por entre os dedos da minha companheira.

Vieram os diamantes, incolores e transparentes como as lagrimas...

Vieram outros roseos, outros amarellos, outros quasi negros...

Vieram os rubis do Oriente, como sangue jorrado de uma arteria; os rubis de Ceylão, mais escuros e menos preciosos; os da Sudermania, de um cinzento mesclado de tons azues; os espinéla, de um vermelho de papoula...

Vieram os *olhos-de-gato* que fazem lembrar as langorosas pupillas dos trovadores dos telhados...

Vieram os topazios cheios de sol, os topazios incolores, os topazios côr de vinho do Porto, os topazios azues da Siberia...

Vieram os crysólitos com a sua alma amarellada e alegre...

Vieram as catholicas amethistas, pedras que parecem morrer de saudade; os verdes berylos, que reflectem relampagos azues ao mesmo tempo; as limpidas esmeraldas, que livram dos pesadelos e dissipam as magoas do coração; as unctuosas turquezas, cahidas do céu; os coraes todos torcidos, como troncos de arbustos dentro de fogueiras; as perfidas aguas-marinhas que enganam, embalam e mentem como as ondas...

Dos tremulos dedos do Singalez choviam joias de todos os valores...

Eram agora as cymóphanas, em cujas entranhas azues parece ferver uma gota de leite...

As opacas hydróphanas que se tornam transparentes dentro d'agoa, como os olhos da mulher que nos ama quando as lagrimas os inundam...

Os amaveis jacinthos, que salvam da peste e chamam a riqueza; as turmalinas electricas; os verdes heliotropos, que possuem a virtude de mudar a direcção dos raios do sol; as olivinas, que dirieis azeitonas a tentar-vos o paladar; os iris, que se inflammam

quando expostos á luz; as aventurinas da Escossia, os peridotos amarelllos e o translucido jade, maravilhosamente verde, symbolo da pureza na China, que dignifica os Mandarins e começa a empallidecer a fama das esmeraldas...

Os dedos da Senhora Neve pousavam, sem se queimarem, sobre os lindos crystaes do Singalez...

Como todas as mulheres do Japão, a Senhora Neve não usa pedras preciosas... O luxo da Japoneza está no *kimono* e no *obi*. Uma Japoneza rica tem pelo menos vinte *kimonos* para cada estação. Mas o seu cuidado vai todo para o *obi*, para essa ampla faixa de seda que lhe abraça a cintura em tres voltas amorosas e que ella remata posteriormente num fôfo laço gigantesco.

A Japoneza veste sedas, vive em cima de sedas, refresca a pelle ao sussurro voluptuoso da seda...

Resume-se a sua existencia nos atavios da *toilette*.

E' para o hospede das amoreiras, para o maravilhoso bombyx que lhe fabrica a substancia dos *kimonos*, que ella deixa voar os seus sorrisos num enxame palpitante!

Entraí na alcova da Senhora Neve e abrireis a boca diante de um verdadeiro bazar de bagatellas. Aqui está o espelhinho na sua moldura de bambú; aqui estão os pentes de tartaruga que se espetam no cabello de azeviche; aqui está o oleo de camelia para afugentar as cans compromettedoras; aqui está o cachimbo onde apenas cabe uma pitada de tabaco; e a bolsa do dinheiro, e os imponderaveis pingentes, e os leques matizados, e a caixa das tintas, e a tijella do pó de arroz e osapparelhos de polir as unhas...

Ao fundo da alcova, no vão da parede, vereis um

kakemono de papel desenhado pelo famoso Hokusái... Quanto a pedras preciosas nem com a lanterna de Diogenes as descobrireis nessa alcova. A Japoneza não usa joias. Desconhece o regio luxo dos nossos paizes, talvez porque está longe de se parecer com as pedras preciosas a mulhersinha destas ilhas... E' que, na verdade, eu não enxergo nella a menor faísca de energia sentimental : a Japoneza é uma boneca em todos os actos da sua vida. Falta-lhe a alma afogueada do rubi e a romantica melancolia da saphyra, que é a joia dos amores perdidos. A Japoneza não sabe o que é o amor — o amor da nossa raça — verdadeiro céu e verdadeiro inferno, com os seus prantos e os seus prazeres, os seus tormentos e as suas volupias...

As frageis *musumés*, de cujas entranhas, todavia, nascem esses fortes guerreiros que são os soldados do Japão, atravessam com philosophica indifferença os umbrosos meandros do Sentimento. Ainda nenhuma Japoneza, desde os tempos de Amaterásu, teve aos pés a sombra sequer de um *samurái* enamorado ! A idéa de beijar a orla de um *kimono* faria rir até ás lagrimas toda a população masculina do Archipelago... E, sem embargo, o invencivel Hercules choramigou aos pés da debil Omphale...

— Mas ella casa-se, suspira a Leitora...

— Ella não se casa, protestam as *musumés* revolucionarias, ella é casada pelos parentes ou pelos amigos

Apenas nasce (e muitas vezes antes de nascer : mas neste caso o contracto assigna-se *ad referendum*, visto como o sexo da futura pessoa é ainda problematico apesar das receitas de certo frade do seculo xvii, o qual aconselha salada de *arthogonon* ou de *thebygonon*

conforme se prefira um rapazete ou uma donzella...) apenas nasce, dizia eu, destinam-na a um noivo conveniente : o sobrinho de alguma velha tia ou o neto de qualquer amigo da familia... E porque ha fartura de annos até á data marcada para o hymeneo, ella esperará com resignação divertindo-se a ensaiar *kimonos* e a dispôr os alicerces do seo toucado architectonico. A respeito do noivo é provavel que lh'o mostrem no dia ou na noite do casamento...

○ Ah ! senhora Neve ! porque não nasceram as Ophelias, as Desdemonas e as Julietas com um coração-sinho de porcelana igual ao teo?

Raul Tavares
Julho 1911

O REINADO DAS FLORES

Ha dois seculos passados certo padre jesuita que viajava nas Philippinas, declarou haver conhecido uma creatura muito formosa que era muda de nas-
cença.

Essa creatura chegou um dia á terra Japôa, — não posso asseverar se trazida por alguma sereia ou rap-
tada por algum pirata — e tamanha amizade creou
ao paiz que nelle definitivamente se installou.

O padre-jesuita chamava-se Camellus : a muda
recebeu por isso na pia baptismal de Linnêo o nome
de camelia.

Hoje, como todas as flôres destas « ilhas fugidas dos
tropicos » ella reina durante uma certa epoca do anno.

Pertence-lhe o thrôno desde Fevereiro até Abril.

E' então que os Japões acodem em rancho a admirar
as guapas corollas de onde emergem, finos e frageis,
os estames dourados.

Admiram-nas sem nada lhes dizer. Para quê? se a
linda camelia nasceo sem voz, se as petalas não exha-
lam o mais apagado perfume...

Ha camelias alvas como carne feminina... São
florescencias voluptuosas...

Ha camelias escarlates que dirieis talhadas em vivo

coral pelo impecavel cinzel de um bruxo mysterioso...

Ha camélias salpicadas de vermelho alegre, como se houvessem recebido uma pulverisação de sangue!

E todas ellas são amadas das multidões...

Todavia, os supersticiosos *samuráis* não lhes tinham muito apêgo : é que, sem soprar a mais debil aragem nem se agitar a mais timida folha, as camélias cahem para o chão, numa queda unica, de chôfre, como cabeças decepadas!

Mas as presumidas *musumés* ficam-lhes gratas até á morte! Pois não é das camélias que lhes chega o oleo com que retezam os mirabolantes arcos dos seus penteados? e não será talvez por via delle que os cabellos não se arreceiam das cans?

Que Sakuyahime, padroeira das flôres, bafeje a tua muda florescia, ó camelia japónica de petalas duplas, ó calada moradora dos jardins de Kyoto!

As glycinias desabrocham no mez de Maio.

Agrupam-se em cachos, trepando pelos troncos, enroscando-se pelos telhados, — ora rôxas como os vestidos das viúvas, ora claras como os veus do casamento...

As mais lindas glycinias do Japão florescem nas vizinhanças de Kameido.

Para contemplá-las no copioso florejar das suas corollas, vai gente de longes terras até áquelle sitio, a alma a transbordar de uncção religiosa, — mercê do culto extraordinario que existe neste paiz pela fecunda Natureza.

As *musumés* enfeitam o cabello com os densos racimos perfumados. Colhem os que podem (são tão pequenas, coitadinhas, e as flôres sobem tão alto!)

sobraçam a colheita com alegria, e num alarido de cigarras, abrolhando em sorrisos, sapateando os caminhos com as suas *guêtas* de madeira, ellas lá voltam para o conforto dos *tatamis*, aonde as jarras de porcelana e os cestos de bambú e as caixinhas de lacca e os incontaveis objectos dos seus microscopicos *boudoirs* ficarão em pouco tempo atulhados de *glycinias* !

Das suas petalas desprende-se uma fragrancia muito debil (um echo, por assim dizer, do perfume das violetas) quiçá para pedir-vos que as contempleis nos seos arbustos, como se já não sobrara aos vossos olhos o rôxo *kimono* com que a Natureza as vestio !

E quando o sol bate de chapa nos ramos pendurados, atravessando-os com a ardencia dos seos raios ou alumando-os com a pompa das suas flammaz, dirieis, tal a belleza do espectaculo, que pendem sobre as vossas cabeças abundantes cachos de amethystas...

Vereis em toda a parte as *glycinias* do Japão : é nas cigarreiras de Kyoto, é nas chaleiras de cobre, é nas bandejas de lacca, é nas mil bagatellas do luxo com que os artistas enebriam a retina deste paiz...

E até os *kimonos* das *musumés* — os amplos roupões fluctuantes que deixam entrevêr nesgas de pernas bem modeladas e redondos braços rechonchudos — até os *kimonos*, leves e arrulhadores no *frou-frou* da sua seda suave, ostentam *glycinias* pintadas, tecidas, bordadas e matizadas...

Só eu não quero olhar para as *glycinias* : aquella côr dá-me tristezas, aquella florejar tem qualquer coisa que me afflige...

Assim foram sempre as taciturnas amethystas :

porque a amethysta é a joia da saudade e é a funebre estrella que contemplam as viuvinhas !

Os lyrios desabrocham no mez de Junho...

Procuro a soledade dos campos, os jardins vestidos de sombra, a beira tranquilla dos canaes para vêr os lyrios da terra Japôa !

Longe da cidade sinto-me quasi feliz !

A transparencia do firmamento encerra algo de sobrenatural; as aranhas das relvas fabricam teias diaphanas como os imponderaveis véus que as damas de Kyoto usavam antes da Restauração para as visitas da Côrte. O céu é azul, igual ao *kimono* da Senhora Manhã-de-Sol...

Os verdes campos que o orvalho baptisa adquirem um esplendor humido, como as esmeraldas que a rainha de Sabá cobria de lagrimas de amor; e a dois passos de mim, sob um tunnel de bambús que se inclinam cerimoniosamente para mostrar que são japonezes, divaga um arroio, liso como um espelho e transparente como os olhos da Senhora Crysanthêmo quando me murmura um *sayonára* !

O riacho desliza aos ziguezagues, caracóla, torce-se em meandros, mette-se pelas sarças, despenha-se pelas encostas, esconde-se aqui, avoluma-se além, adensa-se mais adiante, adelgaça-se depois á feição de um repuxo. — e afinal some-se entalado entre duas velhas pedras onde vive conjugalmente um casal de tartarugas...

Olho para as pedras como para creaturas humanas. E' que no Japão prevalece o culto das pedras. O

parque do philosopho Chiba, antigo solar de uma aristocracia opulenta, revela á vontade esta sorte de idolatria primitiva.

A cada passo descortinareis uma pedra...

Esta é gigantesca, tatuada de sentenças, cheia de hieroglyphos que algum poeta extraordinario cinzelou : e como mostra no seo corpo as injurias do tempo, o philosopho, quando a enxerga, « tira » respeitosa e o chapéo.

Adiante vereis outra, occulta entre dois troncos engelhados. Assemelha-se á primeira e ostenta no seo perfil alguma coisa de humano : é impassivel como um antigo *daimio* e tranquilla como um senhor feudal.

Vereis outras pedras, e outras e outras, — todas velhas de duzentos annos, todas filialmente aconchegadas entre as arvores resequidas, ou no resalto dos muros, ou na penumbra dos canaes...

Notareis perfeitamente o carinho que presidio ao conforto das santas creaturas. E' que ellas trazem comsigo muita coisa do velho Japão. Ellas conservam nos silencios da sua immortalidade o *bushido* tumultuoso deste paiz. Ellas viram passar á sua sombra os paes, os avós, os bisavós, — toda a tropa genealogica do philosopho — com o mesmo sorriso ineffavel, o mesmo *sayonára* nos olhos, o mesmo culto polytheista !

O riacho serpentêa entre os abundantes arrozaes até desaparecer na distancia... Ao longo das margens, em filas esbeltas, os lyrios contemplam na agoa a nervosa elegancia dos seus caules : e parecem ditosas as presumidas flôres, dirieis mesmo que se divertem ao espectaculo das proprias imagens bailando na corrente com o bulir da superficie...

Eu entrego o meo coração á Natureza...

As flôres, como as enfermeiras, alegram o espirito dos moribundos : na penetrante soledade dos campos a minha dôr, tal uma leôa fatigada, consegue ás vezes pegar no somno...

Enxergo um velho corvo sobre um galho torcido; mas, ao mesmo tempo, uma abelha fulgurante pouisa numa corolla, que estremece, como um seio de amante, ao chupão do insecto...

E' a epoca dos lyrios !

E' o reinado do *Lilium longiflorum*!

Não vos falarei das *honoki* (*) japonezas que têm folhas verdes como as ondas ao crepusculo e petalas alvissimas como a nata do leite...

Nem da *magnolia stellata* cujas corollas imitam as estrellas de Deus, e que exalam uma fragrancia mais propria de captivar a alma que de inebriar os sentidos...

Nada vos direi das copadas hortensias, com as suas umbellas de todas as côres, que fazem lembrar os pintalgados guardasoes das *gueishas* de Shimbáshi...

Nem do lotus que emerge dos pantanos, orgulhoso e sagrado, para receber o sorriso dos deuses ! E' a flôr dos Espiritos de Budha. E' o emblema da virtude e viceja no Paraizo. Bemaventurados os que forem para o Céu, porque esses repousarão sobre flôres de lotus !

Vinde vê-los no lago de Shinobázu quando raia a madrugada...

Vinde vêr com que feminino donaire se inclinam as

(*) *A magnolia hypoleuca.*

corollas para a agoa, e deixam cahir do seio o amoroso orvalho que lhes pedio o asylo de uma noite !

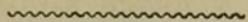
Até falam os lotus ! ouve-se um ruidosinho breve, um *sayonára*, talvez, quando as visitas se vão : e as flôres, ainda embriagadas de felicidade nupcial, tornam a quedar-se direitas, arriba das agoas, sobranceando o lago, sorrindo ás mariposas, esperando amorosamente a beatitude da noite !

Não vos falarei dos bambús, dos nervosos bambús do Japão !

Vê-los-heis nos jardins, nos templos, nas montanhas, nos parques de todo o Imperio, vivos como *samuráis*...

Vê-los-heis cinzelados nas obras de arte, ou nos espelhos das *musumés*, ou nas escovinhas do cabelo, ou no polido pente de tartaruga...

Vê-los-heis pintados por Okiô nos colgados *kake-monos* dos castellos ; e até na tigela de lacca, á hora do vosso jantar japonéz, vereis os tenros caules dos bambús, partidos em rodela, ensopados em salsa e desafiando a vossa fina gulodice...



OUTRA VISITA

DO PHILOSOPHO CHIBA

— Não é possível ! não é possível ! exclamei com certa energia puxando o fumo do meo cigarro.

— Pois eu lhe mostro as estatísticas, volveu o philosopho Chiba, sorrindo philosophicamente. Vossa Mercê declarou as Japonezas incapazes de amar? Veja, veja as estatísticas ! As Japonezas são capazes de todos os sacrificios e de todas as loucuras da paixão, meo rico senhor !

Sómente, ao passo que as mulheres do seo paiz exibem o coração corroído de amorosos damnos, as do meo padecem caladinhas, amam cheias de temor e morrem sem soltar um vagido... Aqui lhe trago as estatísticas !

Mas eu porfiava na duvida. O exordio do sabio não tinha vivacidade bastante para me convencer...

As Japonezas morrendo de amor !

As Japonezas picadas ao vivo pelas flechas de Bentên, padroeira dos corações !

— Mestre ! Mestre ! era possível?

* * *

Ha dias, a proposito da Senhora Chiba (esposa legitima do philosopho) affirmei que a mulher Japoneza difficilmente concebe os enthusiasmos dos amores

latinos. Sabedor do facto (ai ! de mim ! eu não julgava incorrer nas iras do meo eminente Mestre !) apressou-se o philosopho a vir a minha casa, no decidido intuito de reclamar para as *musumés* da terra Japôa a parte que, segundo elle, lhes cabe no concerto da vida universal !

Pelo que, hontem de manhã, sem embargo do sufocante calor que torna a vida em Tokio uma caldeirada a 44 graos, — o Templo onde resido teve outra vez a honra de receber a virtuosa pessoa do philosopho Chiba.

Como a temperatura derreava os membros, o sabio não se deo ao trabalho de vestir-se.

Lembro-me, a proposito, da campanha iniciada pela Academia de Medicina do Rio de Janeiro contra os nossos vestuarios.

A cartola, no Brazil, parece aos doutos membros da Academia um objecto anti-hygienico. A sobrecasaca não tem razão de ser no nosso torrido clima e os sapatos de verniz queimam sem misericordia as phalanges dos pés ! Tudo o que não fôr leve e delicado, como o linho, a seda, ou o brim, convém que seja supprimido do elegante guarda-roupa dos alfayates fluminenses.

Ora os medicos japões não tiveram necessidade de iniciar campanha alguma neste sentido. O Japonez, mais logico do que o Brasileiro, comprehendeo desde os tempos de Amaterásu que a quantidade de roupa deve estar na razão inversa da quantidade de calor. E seguiram com tal afinco este parecer, que em 1867 o Soberano teve de decretar uma ordenança determinando aos seos imperiaes subditos que não passeassem nas ruas de Yeddo completamente despidos, ainda que o thermometro subisse.

Sem embargo da referida ordenança, hoje mesmo quando o verão abre as portas os Japões despem o kimono. A ordenança proíbe o passeio nas ruas da capital em trajes de nascença, mas não impede que os subditos do Sol se postem nessa confortavel vestimenta ás portas das suas casas e tomem banho á vista de toda a gente! Os conhecidos passam, cumprimentam para dentro das tinas cheias de agoa a ferver, e de cada tina vóa um sorriso, vibra um *sayonára*, gorgéia uma voz familiar. Hontem, numa rua de Tokio, encontrei honestas senhoras de avançada idade paradisiacamente despidas. Uma dellas era mesmo das minhas castas relações. Cumprimentei-a com affecto e a Senhora Tangerina respondeo á minha cortezia com um cerimonioso gesto de cabeça. No Japão, assevera-me um escriptor, « *on voit le nu mais on ne le regarde pas.* »

A Senhora Tangerina estava núa porque o calor era asphyxiante : e, com certeza, ao vêr-me servo da moda, escravo de Piccadilly na torre do meo collarinho de 6 centímetros, a virtuosa senhora havia de ter ruminado que eu perdi completamente o siso.

Na rua, nos passeios, nas festas publicas, durante o verão, é a semi-nudez que prevalece. Aqui, da minha janella, enxergo neste momento cruzando a calçada o Senhor Tartaruga, que é um respeitavel e considerado professor de *samisen*. O Sr. Tartaruga leva em cima do seo illustre (*) corpo um fluido casaco de

(*) A minha convivencia com os Japonezes obriga-me a empregar o mais polido vocabulario quando a elles me refiro. No Japão diz-se, mais ou menos : os honrados olhos, as illustres mãos, as excellentissimas pestanas. Dahi o respeito com que falo do corpo do Sr. Tartaruga.

seda que não lhe alcança os joelhos. Na cabeça um *panamá*. E nada mais. O resto é nú, — nú como a Natureza o entregou ao exuberante sol do Japão!

As mulheres nunca se decotam, mas arregaçam os *kimonos* até aos joelhos, e vê-se a cada momento das mãos que amamentam os filhos os seios nutridores e sadios. Se o Leitor se hospeda em qualquer hotel de provincia logo a *musumé* lhe pergunta para que horas quer o banho. A's 8 da manhã, por exemplo?... Pois ás 8 da manhã lá vai a *musumé* mais o Leitor, e é com sorrisinhos e risadinhas que o esfrega todo, dos pés á cabeça, não pondo na operação a menor malicia occidental...

O philosopho Chiba, que é pessoa de virtude, entrou na minha casa quasi nú.

Não deixou de me impressionar a sua figura pittoresca.

Afigurai-vos um homem de 50 annos, redondo e glabro, com um par de olhos escuros fazendo prodigios de equilibrio sobre um nariz quasi ausente, sem sapatos, sem meias, sem calças... Imaginai, além de tudo isto, um livro debaixo do braço e um cachimbo coreano fumegando ás espiraes...

Foi este personagem que hontem, pela bocca da noite, penetrou no meo gabinete de trabalho para protestar contra as minhas affirmações psychologicas sobre o amor das Japonezas.

Eu escutava-o embevecido. E' que o sabio dispõe de um grande cabedal de erudição, falando com muita elegancia e primor, e a palavra nos seos labios sempre sazoadada de chistes, adquire um certo sabor-sinho picante que me diverte até ás entranhas.

Travou-se entre nós um dialogo tempestuoso, uma sorte de bombardeio de opiniões.

— Mas que entende Vossa Mercê por amor? — inquiri galhardamente. Crê Vossa Mercê que o amor é uma troca de sorrisinhos petulantes ou um passeio até ao thalamo? Por Deus, Mercê! não offenda de tal modo a memoria dos que morreram de amor!

— Aqui lhe trago as estatisticas, volveo elle, abandonando-se com a ventarola de papel que lhe offereci. Eu não quero saber de definições! O amor será o que o senhor quizer: uma loucura, uma arte, uma mania, uma enfermidade... Por Buddha! os tratados andam cheios de ensinanças a respeito, mas só os deuses conhecem os segredos das nossas almas! O que eu quero plantar no seo espirito é esta simples convicção: a mulher japôa e o homem japonês amam como todo o resto do mundo!...

Ah! mestre Chiba! isso nunca! os Japonezes amam exactamente ás avessas de todo o resto do mundo! Declara Vossa Mercê que traz as estatisticas? Mas as estatisticas não logram modificar o *bushido* do Archipelago! A Japoneza soffre, diz Vossa Mercê; e se os olhos lhe quedam seccos sem embargo da magoa interior, é que as lagrimas não lhe sobem ás palpebras por ficarem presas ao coração. Os tormentos, os ciumes e os sacrificios, — toda essa monotona crueldade que arrasta comsigo o amor, a Japoneza a padece sem que a gente advirta no supplicio... E Vossa Mercê acredita nisso? E occorre-lhe, a Vossa Mercê, que eu dê fé a coisas semelhantes? Não, Mestre Chiba, a mulher japôa ama a seo geito, placidamente,

pachorrentamente, socegadissimamente; a dolorosa magia do romance nupcial não a enxerga em epoca alguma da sua embonecada existencia! A constante docilidade do seo character, a pueril alegria do seo animo, a ternura tranquillã do seo coração, formam broquéis salvadores que a protegem das aljavas do Amor...

Ella ficará horas inteiras a olhar para um campo de lyrios roxos; perderá semanas seguidas ante a belleza sobrenatural das suas cerejeiras; é incapaz de arrancar uma aza á libéllula imponderavel ou á adejante *chôchô* que volteia no seo quintalejo selvagem; ella acceita o seo destino temperado ao sabôr dos papás; ella sorri aos parentes, sorri aos amigos, sorri ao marido : e quando a velhice curvar em meia circumferencia o seo corpo abambúado, será ainda um sorriso a ultima scentelha da sua bocca sem dentes...

Mas não me declare Vossa Mercê que ella morre de amor! Não queira Vossa Mercê forjar Carmens em Tokio nem Roxanes em Nagasaki! Não me fale Vossa Mercê de um Don José de *kimono* nem de um Cyrano de Bergerac de sapatos de páo!

— Aqui lhe trago as estatisticas, atalhou o philosopho com afinco.

— Pela montanha sagrada! interrompi eu; não é preciso muita agudeza de espirito, quando se conhecem as vossas *musumés*, para logo se comprehender que não foi creado para ellas o vertiginoso mysterio da paixão!

Mas o sabio, sem advertir na minha porfia, collocou-me debaixo da vista um livro azul de grande formato. Era a estatistica do Imperio!

Pia e benigna Leitora : durante o anno de 1903 houve 487 suicídios por amor neste paiz em que as mulheres são bonecas... Mataram-se 2 homens e 4 mulheres, menores de 16 annos; 15 homens e 71 mulheres, de 16 a 20 annos; 143 homens e 161 mulheres, de 20 a 30 annos; 21 homens e 32 mulheres de 30 a 40 annos; 10 homens e 12 mulheres de 40 a 50 annos; e 8 homens e 8 mulheres maiores de 50 annos ! (*)

(*) *Resumo estatístico do Imperio do Japão*. 20º anno. Tokio 39º de Meidji, 1906.

O Sr. Kure Bunso, estatístico de grande nomeada, organisou os seguintes quadros que o Leitor com certeza apreciará.

Numero de suicídios por milhão de habitantes :

Dinamarca.....	253
França.....	218
Suissa.....	216
Japão.....	200
Prussia.....	197
Austria.....	159
Belgica.....	122
Suecia.....	119
Bulgaria.....	118
Inglaterra.....	80
Noruega.....	66
Holanda.....	58
Italia.....	52

Numero de suicidas no Japão desde 1890 a 1904 :

	Homens	Mulheres
1890.....	4600	2700
1891.....	4700	2700
1892.....	4400	2800
1893.....	4500	2800
1894.....	4600	2900
1895.....	4400	2800
1896.....	4400	2900
1897.....	4600	3000
1898.....	5300	3300
1899.....	5000	3300
1900.....	5100	3200
1901.....	5200	3300
1902.....	5600	3300
1903.....	6100	3700
1904.....	6200	3900

— Que significa isto?! exclamará a Leitora... Affirma V. que amores não ha no Japão e os irrefutaveis algarismos...

— Por Deus! as estatisticas não destroem a minha affirmação... Dirieis, ao primeiro relance de olhos, que esses suicidas estavam mortalmente apaixonados para escolherem tão corajoso desfecho! Se a estatistica fôsse de latinos a conclusão não pudera ser outra. Mas tratando-se de Japonezes, ainda que fôra dobrado o numero dos mortos, o meo alvitre de que elles são insensíveis aos tormentos amorosos que canonizam homens e endeusam mulheres nos nossos lyricos paizes, continúa de pé como o mais grave Pagode das sagradas montanhas de Kyoto...

E' que o Japonez tem pela vida um desprezo absoluto. Suicidou-se por amor, declaram as estatisticas: mas o que levou a senhora Primavera a engulir uma mortifera dose de morfina, levaria *la señorita Concha Perez* a simplesmente romper o pandeiro nas costellas do namorado! A senhora Primavera suicidou-se por orgulho: não foi por amor, apesar das estatisticas o affirmarem.

Basta attentar nas rixas e pequenas contrariedades que levam os Japonezes, em magotes, ao suicidio, para que a Leitora comprehenda porque me finco na minha opinião a despeito de incorrer no desagrado do Philosopho.

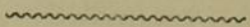
No mesmo anno de 1903, por « dá cá aquella palha », mataram-se 115 homens e 179 mulheres, sem incluir neste numero os suicidios por falta de dinheiro ou por perda de fortuna e que forneceram aos cemiterios uma boa copia de Japões, isto é, 1081 homens e 916 mulheres!

Os remorsos e a vergonha, a preocupação do futuro e as dividas, ceifaram igualmente muitas vidas no Japão. Em 1903, mataram-se respectivamente por estes motivos 266, 78 e 150 desencantados !

Mas para que falar de todas as causas, conhecidas ou presumíveis, que neste paiz de flôres sem aroma e de sorrisos sem beijos apagam a alma de tanta gente? Não bastará advertir que no espaço de um anno desapareceram voluntariamente do mundo, por varias razões, 6341 homens e 3888 mulheres?

— Mestre Chiba ! sublime propheta da metaphysica buddhista ! astro incomparavel dos firmamentos de Çakya-Muni ! doutor em todas as sciencias humanas e sobrehumanas ! relevai a pretrificada porfia do vosso desobediente discipulo !... E vós, ó *musumés* da terra Japôa, ó risonhas bonecas de carne e osso, ó impassiveis creaturinhas que só conheceis o voluptuoso abraço da faixa de seda, — guardae-vos que o amor vos empolgue e vos penetre ! Tapai os ouvidos á sua voz que tem do arrulho da rôla e do dobrar da campã, e escondei-vos atraz dos biombos para que elle vos não enxergue...

O amor, felinas *musumés*, é um cherubim de dedos côr de rosa, mas nesses dedos crescem unhas que martyrisam corações !



AS CEREJEIRAS

Aos mortos do « Aquidaban »

A' memoria de Horacio Guimarães

Oh ! as lindas cerejeiras do Japão !

Que estylo seria capaz de vos falar desta florescencia embriagadora?

Que palavras alcançariam reproduzir a rosea claridade destas arvores?

Não vo'-lo posso eu explicar numa lingoa que foi apenas tecida para os homens ! dai-me uma paleta e mais o genio do pintor : ou então, se de tão longe quizerdes entender este poema da Natureza, dae-me uma lingoagem de deuses que tenha na trama dos seus vocabulos uma sonoridade abundante; que desabroche em flôres como as arvores e seja diaphana como as petalas; uma lingoagem evocadora de montanhas e balseiros, de cercados e quintaes; uma lingoagem que vos deixe nos olhos, quando contemplada, um arco-iris de alegrias e nos labios, quando pronunciada, um perfume silvestre de corollas...

Os floridos tunneis de Mukojima já vos encantam as pupillas satisfeitas : mas o parque de Uyêno, com o frondoso agrupamento das suas arvores, jorra-vos no coração uma voluptuosidade côr de rosa...

As arvores são grandes e varonis : arriba do tronco central desatam-se os ramos, que se inteiriçam para o céu... E de cada ramo vôam ramusculos, e cada ramusculo irradia, adelgaçando-se, uma rêde tumultuosa de galhos...

Ahi tendes o arcabouço da cerejeira...

Agora a ramagem começa a frondear com abundancia; depois entra a atulhar-se de corollas.

Não fica a descoberto nem uma pollegada de tronco. A florescencia é cerrada, espessa, compacta...

São flôres e parece uma neve rosada... São petalas e parecem floccos de lã... São montões de corollas e dirieis tufos esgarçados de nuvens... O sol não penetra na fronde, tal a densidade da vegetação, e a penumbra que desce, a fluctuante penumbra das cerejeiras, é como uma seiva immaterial que vos bafeja um grande alento de vida...

Porque as cerejeiras são o emblema da valentia...

E são ao mesmo tempo o symbolo da pureza...

A coragem do guerreiro tem o seo esplendor afogueado e as virtudes do *bushido* recebem dellas o incomparavel reflexo...

Nos combates são as flôres evocadas !

A' hora da guerra, entre o bombardeio e os estertores, é para ellas que a poesia dos soldados rufia as azas moribundas !

A Mandchuria foi um pomar de cerejeiras !

Notae todavia a differença : nasce a roseira presumida e louçã, mas todas as rosas murcham para morrer. Padecem os achaques da velhice...

A cerejeira, não ! mor recomo veio ao mundo : toda

fresca, toda entufada, toda exuberante de juventude...

E' certo que se desprendem as petalas, que as corollas se esgarçam lentamente : mas então que divino espectáculo !

E' uma chuva côm de rosa que tomba sobre os penteados das *musumés* !

E' um diluvio de *confetti* que abarrotam os atalhos e se embrenham pelas mangas dos *kimonos*...

E' uma palpação de borboletas mortas, cahindo sem tino, as azas arrancadas, dispersando-se no azul...

Os Japonezes fizeram della a predilecta filha do seo coração...

Um proverbio diz :

« A cerejeira é a mais formosa entre as flôres ; assim deve o guerreiro ser o mais bravo entre os homens. »

Um soldado canta :

« Chegou a primavera e reventam as cerejeiras ! E' tambem chegada a hora em que os soldados vão cair como as flôres ! »

Nas casernas e nos jardins a flôr da cerejeira brota incessantemente...

Aqui são petalas; ali são versos... E' a imagem que perfuma a sombra das agonias... E' a planta dos cemiterios da Mandchuria ! E' a oração do soldado !

As ardilezas do perigo seduziram sempre o arrojo cavalheiresco do Japão... Uns, por desgraça, trespassados de balas, cahem ao primeiro assalto ! Outros,

estropeados, ensanguentados, quasi disformes pelas mordeduras da metralha, — porfiam na guerra, emborracham-se na lucta, baquêam, satisfeitos, entre as trincheiras do inimigo...

Mas ainda lhes sobra um alento formidavel...

Aprumam-se, os membros a sangrar...

Voltam á carga, numa arrancada cega...

O bombardeio mortifero dizima-os, ás porções ! As balas despedaçam-lhes os corpos... Estrebucham. Morrem.

Não acceitaram o repouso dos hospitaes quando feridos a primeira vez... A Cruz Vermelha acenava-lhes, caridosa... Mas as lyras respondiam :

« Esperai ! esperai ! as cerejeiras do Yamato têm uma segunda florescencia ! »

* * *

Metti-me pelos campos para contemplar de perto as cerejeiras em flôr...

Havia gente aos magotes, de todas as idades e de todos os tamanhos : vi familias de mãos dadas, *bébés* a cavalleiro nos hombros dos paes, velhotas chupadinhas como as ameixas de Tokio, bonzos, poetas, *musumés*, toda a terra Japôa, qual um tumultuoso agrupamento de cigarras, a cantarolar de alegria sob os tunneis dos arvoredos...

O' immaculadas arvores que sois o emblema de uma infinita valentia !

O' flores que cahis sobre os jardins como os soldados da Mandchuria abatidos pela metralha !

O' cerejeiras commovedôras !... a minha triste alma brasileira refugia-se na vossa ramagem florejante !

Porque foi como vós que elles cahiram, os marinheiros da minha terra !

Eram bellos e viçosos como vós ! Mas quando raia a primavera da morte os soldados tombam como as flôres...

« Chegou a primavera e rebentam as cerejeiras ! Tambem a hora chegou em que os soldados cahem como as flôres. »

« Mas esperai ! esperai ! as cerejeiras do Yamato têm uma nova florescencia ! » ()*

Tambem elles têm uma nova florescencia... Já os jardins da saudade se matizam de corollas... A fonte das lagrimas banha a terra... Atulham-se os canteiros... São os mortos que voltam á vida como as cerejeiras do Yamato !...

Eu colhi um ramo que era decerto o mais formoso que se pode imaginar... Apertei-o ao peito e enchi-o de beijos...

O crepusculo começava a entristecer o semblante das cousas... Puz-me a caminho de casa...

.

Já tinha nascido a noite quando cheguei á minha alcova taciturna; e foi ali, de joelhos, na piedosa ternura de toda a minha alma torturada, que desatei o ramo sobre a moldura do teo retrato, — ó marinheiro que cahiste como uma flôr de cerejeira no jardim do teo navio, — ó irmão meo ! ó querido meo ! ó amado meo !

(*) Versos dos soldados durante a guerra com a Russia. Vide cap. I.

NAS MONTANHAS DE CHUZENJI

O meo cavallo subia resignadamente os escarpados caminhos da montanha á qual as pedras, as cascatas e as florestas de pinheiros davam uma grande solemnidade selvagem.

A dois passos de mim, philosophicamente montado numa tropega mula de carga, ia o mui veneravel philosopho Chiba : e eram os gorgeios dos passaros, o tumulto das fontes e a fecunda harmonia das quedas de agua que me impediam de escutar o seo discurso e de receber, como um jorro de luzes, o grande cabedal de observações que Sua Mercê fazia a respeito da politica japôa.

Durante o trajecto topámos com bandos de homens, vindos de longes terras, que pelos geitos e trajos conheci logo serem os peregrinos de Chuzenji, os quaes todos os annos sobem á montanha Nantai no intuito de lhe levarem a fervorosa oblação do seo Voto. Atulham-se as Casas-de-Chá do logarejo com todos esses personagens vestidos de branco, abordoados em nodosos cajados e levando aos hombros uma esteira, á guiza de « impermeavel », para as chuvas. Emquanto a noite não nasce vê-los-heis refrescando os corpos nas bentas agoas do lago; e esses corpos amarellos assemelham-se, na luz do crepusculo, ás estatuas de bronze dos idolos buddhistas. Mas por volta

da meia-noite, ao signal dos Templos, a um toque de *gong*, melancolico e profundo, eil-os a caminho, pausadamente, pela encosta acima, no meio de uma piedosa cantilena que accorda os echos das cercanias. Quemquer que contemple essa mó de fanaticos terá a visão de uma longa massa luzidia, copiosa e faiscante, como se os deuses houvessem arremessado para as serras uma serpente gigantesca em louvor do sol inacessivel !

Não se pasmee a Leitora com a comparação. Quando o padre Shodo, seculos atraz, veio a Nikko (reza a lenda) topou a certa altura com um rio caudaloso, cujas agoas, rolando e cantando, disfarçavam abysmos perigosos. Não se atreveu o padre a cruzar a corrente : fez o que faria qualquer ecclesiastico nas mesmas circunstancias : cahio de joelhos e invocou os Céos. Mais afortunado do que outros, todavia, teve Shodo a grande ventura de vêr surgir na margem opposta um personagem divino, levando no pescoço um collar de caveiras e na dextra um casal de serpentes. Arquearam-se estas por cima das agoas e assim permaneceram, formando uma ponte. Deo-se o padre por advertido e cruzou sobre ellas o abysmo : mas ao alcançar a outra margem, o anjo salvador havia desaparecido e apenas deixado um rastro luminoso da sua fuga para as estrellas !

Os peregrinos de Chuzenji começam a subir a montanha á meia-noite do dia 19 de agosto. Por volta das 4 da manhã chegam os primeiros ao cume de Nantai-san, e ahi bebem *saké* até que o Sol, patrono destas ilhas, se digne sacudir a juba e despertar as serras e as aves com a sua trombeta de ouro. Os pere-

grinos rezam piamente, prostram-se com o devoto respeito que a embriaguez do vinho não consegue completamente desvanecer, e dispersam-se, no lado opposto da serra, pelos atalhos que os conduzem ás choças de papel aonde esperam o anno seguinte, — e os annos seguintes...

Eu não pretendo chamar os Leitores ao amôr destes panoramas, porque os Leitores têm a fortuna de ser filhos do mais bello paiz que existe sobre a face do mundo. O que pretendo é fazê-los rir dessa mó de gente que desperdiça 40 dias de mar em demanda de praias japonezas, quando a duas semanas da velha Europa se levanta com toda a majestade uma terra que se chama Brazil e que entre todas as outras leva a palma de ser a mais formosa ! uma região abençoada pelos sorrisos da Natureza, em cujas entranhas fulguram os mais vivos diamantes e as joias dos mais incalculaveis preços ! em cujos parques esvoaçam plumosos cantores e zumbem floriphagos insectos de todos os matizes ! alegre paraíso dos tropicos onde um Cruzeiro dourado deixa cahir bençãos de estrellas sobre a paz das fazendas ! copioso manancial de rios, fertil labyrintho de veios de oiro, Terra Promettida onde se agglomeram os bosques e se espreguiçam as arvores e se accumulam as minas e se entrelaçam as montanhas semeadas de precipicios !

E porque sou desse paiz que com outro não corre parelhas, eu não abri a bocca de espanto ao galgar os duzentos metros do Monte Pali (*), na cidade de Honolulu, por uma leda tarde de outomno...

(*) Quando estive nas ilhas Hawai foi organisada uma excursão ao Monte Pali, infallivel *pic ntc* que se offerece a todos os viajantes.

A diaphana alegria da paysagem, que arrancava aos Yankees do meo grupo repetidos uivos admirativos (os mais eloquentes do calão americano...) deixava-me, pelo contrario, numa impassibilidade absoluta; assim, para todos aquelles boquiabertos o meo silencio era o flagrante delicto de uma alma feita de pedra, de uma retina impenetravel ás louçanias da Natureza...

Ah! senhores Americanos! se alguma vez houvesseis subido pelas quebradas do Garrafão, aonde o meo amigo Mandúca vende goles de café e faz presentes de orchidéas; se houvesseis estado nas verdes montanhas do meo paiz, do alto das quaes se enxerga, reduzido a lagôa, o crespo e convexo dorso do Atlantico; se houvesseis cavalgado pelos umbrosos caminhos da Serra dos Orgãos, coberta de lyrios e de buliçosas nascentes, e visto o reconcavo dos valles, á bocca da noite, encher-se de pyrilampos como se um troço da abobada nocturna tivesse desabado das alturas; se sentisseis, como eu sentia, o coração ainda a palpitar por tantas imagens floridas, olharieis, como eu olhei, para esse panorama de Honolulu com um desdenhoso encolhimento de hombros!

* * *

A' roda de nós, sobre o tufado lençol dos valles, des-

E' o « prato do dia » da viagem áquellas ilhas.

Lembro-me ainda das exclamações que todos os meos companheiros dedicavam á paysagem, sendo eu o unico a não participar do espanto geral, o que muito revoltou aquella gente.

O Monte Pali fica a duzentos metros acima do nivel do mar : digam os habitantes do Brazil se era crível que eu me embasbacasse com uma caricatura do Corcovado ou do Dedo-de-Deus !...

abrochavam lyrios de todos os matizes. Agosto é o seo mez. E' então que essas lindas plantas abrem as petalas ao sol para alegrar a vista dos viajantes e servir de guarda aos templos que surgem no meio dos massigos da folhagem. Porque nestes logares as estatuas e os templos não se fazem rogar. A todo o momento vereis um Buddha que vos sorri com um olhar sorrateiro e notareis um templo que jaz abandonado entre os troncos seculares. Os lyrios têm perfume, — apesar de nippões de nascença. E' uma excepção em beneficio dos deuses, porque neste paiz as flôres não têm aroma como os sorrisos não têm beijos. Vereis rosas soberbas, violetas gentis, cerejeiras, azaléas, toda a Côrte da Rainha Flora, mas todas ellas mudas como a camelia dos nossos jardins...

Os deuses apenas deram essencia aos andrógynos lyrios e ás alvas ameixieiras... Os lyrios que engri-naldam as encostas representam a eterna scena do amor : ali estão elles, na espontanea liberdade dos seos instinctos, a mostrar aos habitantes da serra os dictames da Natureza; olhai para cada uma dessas corollas nupciaes, para cada uma dessas brancas alcovas, e vereis os masculinos estames inclinados em torno do pistillo, galantes e cortezãos como os conquistadores das salas em torno da dama predilecta...

A montanha touca-se de lyrios : e é uma delicia para os olhos esse brocado de flôres, como é um deleite para os ouvidos a symphonia das cascatas que de todos os lados rebentam...

Soror Aqua! Soror Aqua! exclamava S. Francisco de Assis em presença das fontes... Ah ! se alguma vez o

bom do Santo houvesse andado por estas serras de Chuzenji que palavras não teria proferido para applaudir a orchestra das cachoeiras?

Sobre os lyrios que enxergo voltêa toda a sorte de seres alados : mas são sobretudo os imponderaveis nevropteros de ouro e as borboletas de *kimonos* escuros que mais a miudo nos apparecem...

Os contrastes enfeitigam-me : á epopéa das cascatas oppõem-se os madrigaes das cigarras. Aos templos de lacca vermelha as Casas-de-Chá que dirieis brinquedos de creança. A' estatura gigantesca das cryptomerias os esbeltos arbustos dos lyrios. E ao longo da serra, nas pedras, nos *lorii*, no basalto das fontes, nos troncos das arvores, falam-vos as lendas de feitos immortaes, de rixas valerosas, de façanhas nunca assaz celebradas...

Tudo no Japão é lendario e symbolico. O habitante da aldêa vos dirá quem plantou aquella arvore que se encolhe á bocca do caminho. O vendedor da cidade vos explicará a historia de cada objecto; se comprais uma espada sabereis o nome do *samurái* que a brandio, e se quereis um cachimbo tereis noticia de todos os *daimíos* que por elle fumaram qualquer tabaco precioso.

A lenda envolve a alma do Japão como a faixa de seda envolve a cintura dos Japonezes...

* * *

De espaço a espaço, para distrahir a vista da solemnidade da paysagem, eu contemplava o meo companheiro de jornada. O Philosopho ia veneravel e solemne. Um appetite exquisito de conhecer-lhe as

ideias assaltou de subito a minha curiosidade. Que se passaria no cerebêllo daquelle Asiatico incorrigivel, — daquelle inimigo da Europa e dos Europêos, daquelle guerreador de todas as ideias que têm invadido tão vertiginosamente o seo grande paiz imperial?

Descavalgámos a meio da serra, á sombra de uma Casa-de-chá, e tomando por cadeiras duas toscas pedras tismadas pelos annos, démos aos nossos ginetes alguns momentos de repouso...

Possuindo o Philosopho uma legitima cara-metade julguei conveniente indagar da saude da gloriosa matrona. Agradeceo-me o sabio a delicadeza, mas accrescentou sem alegria que a senhora Chiba andava viajando nas provincias do Hokkaido a vomitar peçonhentos discursos sobre a emancipação feminina.

Ora aqui tendes a mulher contrariando o marido. Elle quer um Japão antigo, com *daimíos* e procissões; ella quer a mulher independente, livre, com direito a raciocinar e a discutir. O Philosopho ainda não se divorciou, apesar desta discordia conjugal de opiniões, o que muito me espanta attendendo a que o marido japonéz pode tão facilmente aviar a sua cara-metade como deitar fóra uma toalha velha; e attendendo, mórmente, a que a Senhora Chiba, orando em publico, incorre num dos artigos previstos pela lei, — ou seja que o marido pode requerer o divorcio quando a sua querida mulher fôr atacada de tagarellice!

Não é só no Japão que encontrareis esta porfia dos homens em embargarem a eloquencia das mulheres. Escutai Democrito : *Sermo parvus mulierem ornat...* Escutai agora Plutarco : *Debet uxor, aut cum marito, aut per maritum loqui.*

A mulher casada ha-de falar somente com seo marido ou por bocca delle com todos os outros. « Pintavam os antigos a Deusa Venus com os pés em cima de hum kágado, e a razão era, porque como este animal por não ter voz nenhuma nem sahir nunca ou poucas vezes do logar em que está posto, era symbolo do silencio e recolhimento, queriam que as mulheres, significadas pela imagem de Venus, se lembrassem que tinham obrigação de andar pouco e falar menos. E foy sempre tão estranhada e mal recebida, particularmente nas casadas, qualquer pequena soltura de lingua, que Numa Pompilio, o segundo e melhor Rey de quantos reynarão em toda a Italia, lhes mandou com ley muy rigorosa que universalmente guardassem silencio e quando estivessem em presença de seos maridos não pudessem arguir practica alguma, nem ainda de cousas muy necessarias. » Sem embargo destas severas verdades que me ensina o clarissimo Diogo (*), e não obstante as leis do divorcio estabelecidas no Japão, a Senhora Chiba percorre o Archipelago de norte a sul, instigando as massas, fomentando novas ideias, communicando todo o seo ardor intellectual ás embonecadas creaturas que a escutam entre sorrisos e perguntam talvez ás mangas dos seos *kimonos* se é possivel o que préga a esposa do Philosopho, se é possivel que a *musumé* algum dia raciocine, queira, decida e mande ! Não ! a senhora Chiba, com certeza, enlouqueceo !

A *musumé* ha-de ser boneca toda a vida ! nunca a *musumé* dará ordens ao marido neste paiz de crysanthêmos... Que digo ? dar ordens ? mas até no tra-

(*) Diogo de Paiva de Andrade. *Casamento Perfeito*.

tamento familiar se observa a inaccessível distancia dos dois sexos. O marido quando fala á mulher empregará sempre a palavra *omái*. Mas ella, a coitadinha, ha-de ter o cuidado de dizer *anatá* quando se dirigir ao seo amo e senhor.

Anatá é talvez como o nosso *vós*, — respeitoso e polido; *omái* é menos que *tu*, é degradante e humilde, é usado para os varredores, os limpa-chaminés e as mulheres. E é num paiz cuja mesma lingoagem estabelece hierarchias tão definidas que a deliciosa Senhora Chiba se põe a pregar a emancipação feminina ! Decididamente a Senhora Chiba perdeu o juizo !

— Se Vossa Mercê não resolve o contrario, continuaremos a nossa viagem — murmurei ao director do Gaikokugogakkai, após alguns minutos de repouso.

O sabio montou o seo ginete e eu alcancei a sella do meo.

As montanhas accendiam-se ao fogo do occaso fulgurante.

Os corvos, arribas das arvores, trinchavam o espaço com os seos gritos dolorosamente humanos. As cigarras continuavam a rechinar, escondidas nos biombos da galhada copiosa. Pairava no azul, crescia tumultuosamente nas grutas, palpitava no resalto das pedras uma incomparavel festa nupcial... Era a hora magica da montanha...

Só o meo cavallo parecia alheio a toda aquella pujança da Natureza...

Ao seo tropego andar eu bailava na albarda como um S. Jorge de procissões... E, sem embargo, não lhe metti as esporas... E' que do abysmo da minha pie-

dade ascendia uma pena sincera pelo meo vehiculo de quatro patas...

Ah ! tu não tinhas a alma de Rossinante nem a benigna philosophia do burro de Sancho Pança, ó minha bôa cavalgadura japônica ! Possuiste musculos, tendões, ferraduras e sabugo, mas nos idos tempos do Japão-feudal, quando o teo lombo ainda rijo carregava os pimpões *samuráis* de espada á cinta, com bainha de lacca e punho de marfim, por estes mesmos atalhos tortuosos, ó magra, pensativa e moribunda piléca das montanhas !

O DAIBUTSU DE KAMAKÚRA

— Venha vêr o Daibutsu de Kamakúra — dizia-me o philosopho Chiba, emborcando a decima segunda taça de *saké*. E' a estatua mais admiravel de todo o Imperio! E' uma obra de arte que immortalisou a nossa velha esculptura nacional! Vossa Mercê faz lá ideia! Os livros falam de sobra no grande monumento : calculo quantas vezes terá Vossa Mercê lido os elogios e os louvôres... Cumpre-me, todavia, dizer-lhe que as descripções ficam longe da realidade! palavra de *samurái*! é preciso vê-la! Vossa Mercê ha-de vir comigo hoje mesmo... Queira ter a bondade de não se enfadar com a minha porfia; mas eu sou Japonez e é um prazer para mim poder deleitar os olhos estrangeiros com deslumbramentos estheticos... Queira Vossa Mercê levantar-se...

Proferidas estas palavras, — sorte de introito para futuros discursos eruditos — sacou o sabio das mangas do *kimono* azul o seo esmaltado relógio de Kyoto (deliciosa miniatura de paysagem : dois renques de bambús, um arroyo tranquillo, algumas rãs dormindo a sésta) e certificou-se do tempo.

* * *

Kamakúra, beijada pelo oceano e rodeada de sombras beatificas, não passa de uma pequena villa a duas horas apenas de Tokio.

E' lá que os estrangeiros vão buscar allivio para as fadigas dos negocios, refrescando os membros á brisa do mar e a alma contemplativa á mysteriosa serenidade do Daibutsu.

O trem das duas horas da tarde levou-nos atravez dos copiosos arrozaes para as sagradas paragens do logarejo.

Sentado no meo compartimento entrei de considerar os meos companheiros de viagem. Eram todos Japonezes.

Ha quarenta annos atraz ninguem lograria admittir um trem de ferro na terra Japôa, silvando como os nossos, com tres classes para passageiros, como os nossos, e com revisores de *bonnet* de pala e roupas europeas. Hoje, todavia, a coisa é corrente. O Japão está-se occidentalizando... (Ninguem ouse dizer que elle se está civilizando. Os Japonezes são demasiado ciosos das suas tradicções para admittirem semelhante palavra. Ainda os nossos paizes jaziam na poeira da ignorancia e já os Japonezes sentavam no thrôno um descendente do sol em linha recta. A dynastia actual tem dois mil e quinhentos annos de existencia ! O Imperador Mutsuhito é neto da deusa Amaterásu que era filha legitima do admiravel astro. Respeitemos, pois, a tradicção...)

O Japão está-se occidentalizando, escrevi eu. E' dolorosamente certo. Os meos companheiros de viagem, todavia, ainda são Japonezes.

Aqui tenho ao meo lado, uma deliciosa velhota de oitenta e cinco annos, que vai para Tonosawa, aonde se dorme ao som das cachoeiras harmoniosas. A velhota não está sentada como eu : cruzou as pernas, encolheo-se toda, embrulhou-se no seo *haóri* de seda pallida, e acocorou-se em cima do banco estofado. Para maior brevidade : a velhota está sentada á japoneza. O seo tamanho quedou assim reduzido á metade. Ao vê-la, penso nos *bibelots* de marfim que os lojistas expõem nas vitrinas : e tenho quasi vontade de metter a velha na algibeira e de levá-la para casa, para cima da minha meza de bambú...

Como ficaria a proposito a meiga creatura, encolhidinha e minuscula, entre duas jarras de Satsumá abarrotadas de lyrios rôxos...

Aqui tenho outro companheiro tambem japonez : a sua cara de lua-cheia não pára de sorrir e eu, misero *barbaro* do Occidente, ai ! de mim ! eu bem sei o motivo por que o meo visinho ri !

As civilisações que pelo acaso das viagens nós dois representamos neste *wagon* não andam de accordo em relação a modas masculinas; d'ahi, ao passo que eu estou vestido e calçado o meo risonho visinho está descalço e despido... Despido, é na verdade o termo, porque não sei como classificar uma pessoa que usa um *kimono* por cima da pelle, um simples *kimono* que arregaça muito além dos joelhos deixando á mostra um par de pernas amarellas e nuas, de maneira que... (ó casta Leitora fecha os olhos á evocação desta pintura !...)

.
e fuma tranquillamente um cigarro do paiz...

A meio da viagem o conductor colloca sobre um dos bancos a bandeja do chá. Os passageiros servem-se, estalando patrioticamente a lingoa...

O trem, não ha duvida, é obra do Occidente; mas tambem não ha duvida que estamos na terra dos subditos do sol...

Durante o trajecto entreteve-me o Mestre narrando-me, em coloridos termos, a historia do deus de Kamakúra.

Não sei se a Leitora sabe que já no seculo oitavo da nossa era de Christo havia em Kamakúra um templo ao qual os fieis acudiam devotamente.

O Shogun Yoritomo, espicaçado de ciumes porque a terra da Nara ostentava um Daibutsu monumental, resolveu enriquecer a sua com uma dadiva semelhante. Dahi a ideia de uma estatua que embasbacasse o universo. Mas o cubigoso Xogun finou-se antes de tempo, — conforme me assegurou o philosopho Chiba — e foi uma das suas numerosas damas... de companhia, Itano-no-Tsubone, quem se pôz a colher dinheiro por todos os rincões do paiz, apoiada com o favor espiritual da viuva de Yoritomo e de muitos outros xoguns amabilissimos. Com tal amor operou a dama que por volta de 1224 o bonzo Joko deu inicio á esculptura, sobre madeira, do Daibutsu, a qual ficou acabada 14 annos mais tarde. No mesmo logar construiu-se uma capella sumptuosa, que breve tempo teve de vida, por via de um furioso tufão que a arrebatou para o mar, sem o minimo respeito pelo deus que a habitava. A estatua soffreu avarias no sagrado nariz, que era de páo como o resto do corpo, — e foi a por-

fiada Itano-no-Tsubone que, irada com o desastre, volveo á colheita financeira, mas desta vez no louvavel intuito de refazer a imagem em puro bronze e de reconstruir, com riqueza, a capella. A obra foi confiada a Ono-Go-ro-ye-mon, um artista provinciano de Kadzusa. O philosopho Chiba poudé até dizer-me precisamente em que data o artista deu a primeira martellada no metal : no 17º dia do 8º mez do 4º anno do Kencho (*).

Como ao chegar ao terreno sagrado eu não enxergasse a capella, perguntei ao sabio o motivo de semelhante ausencia.

Explicou-me o professor que a maldita tempestade a derruira duas vezes. A' primeira ainda os padres lograram obter fundos para a reconstrucção, mas parece que á segunda entraram todos de reflectir que seria mais acertado não desafiar as coleras de Kasenokami (**). De sorte que se a Leitora alguma vez a estes sitios vier, apenas terá o gosto de contemplar a estatua do Buddha, — que foi exactamente o que me succedeo a mim.

O Daibutsu é na verdade extraordinario.

O seo grande corpo de bronze, feito de capas sobrepostas, mede de alto a baixo a respeitavel distancia de dezesete metros. Seis metros separam a orelha esquerda da sua gêmea irmã. Um metro vos dirá do tamanho do sagrado nariz.

Os olhos são de oiro massiço.

A expressão da physionomia é ineffavelmente calma.

(*) 17 de Agosto de 1306.

(**) O deus dos ventos.

Dirieis que a terra nem de leve o preocupa (como convém a um deus) que todo elle paira muito arriba das misérias humanas, purissimo e abençoado — tal a corolla do lotus arriba das aguas do pantano. E' o symbolo perfeito do Buddhismo : o seo semblante ostenta a serenidade intellectual de um espirito omnisciente e os seos labios sorriem, mas com um sorriso que parece luz, que é ethereo, da outra vida, immaterial, inaccessible...

As curvas do seo corpo estão patenteando a divina harmonia do cinzel do artista. Foi com a alma embriagada de amor que Ono-Go-ro-ye-mon concebeo esta obra maravilhosa. Foi com o espirito imbuido de sonhos que elle martellou no bronze pacifico, no bronze rijo mas obediente, sempre vibratil ao fogo do genio e escravo sempre dos caprichos da Inspiração !

Dos olhos deste Buddha baixa para a terra uma claridade sobrenatural : ha qualquer coisa nessa luz que vos levanta e vos enleia...

Eu esqueci o mundo prostrado em frente do idolo de Kamakúra ! A grande estatua hypnotisava-me definitivamente...

Tenho conhecido deuses de todos os tamanhos e de todos os feitios durante a minha residencia no Japão... Alguns fazem-me sorrir, outros fazem-me tremer, mas nenhum me impressiona, com a sua majestade e o seo silencio, como este filho immortal do cinzel de Ono-Go-ro-ye-mon.

Em certo templo de Nikko móra um deos ao qual uma bicha de fieis costuma fazer a ladainha das suas desgraças : confesso, todavia, que nunca as fibras do meo devoto coração vibraram defronte dessa ima-

gem cujo cabello ostenta a humida alvura das pennas das cegonhas.

Sentado pachorrentamente á beira de um vaso onde viceja um caule de lotus, o idolo (que se chama Tei-Shaku-ten) não me inspira a menor veneração; e quer-me parecer que o seo ouvido, distrahindo-se á sorrelfa das ninharias do mundo, permancee impassivel ás plangentes vozes dos fieis. Amontôam-se os doces e as offrendas ao seo lado : uma procissão de Japões acode, pia e benigna, ao seo altar e ao seo culto; mas Tei-Shaku-ten furta-se ás preces e queda ás supplicas indifferente.

Um devoto brada :

— Ha fome em todo o norte do paiz ! Doei-vos dos famintos, senhor Todo-Poderoso !

Outro devoto suspira :

— Grassa a peste nas choupanas de Osaka, immortal soberano ! Salvai os desventurados que soffrem !

Um terceiro geme :

— Falta arroz aos nossos irmãos ! não ha arroz para os nossos irmãos ! um milagre !

Mas a divindade parece responder do alto do seo bronzeo desdem :

— Ha peste?... ha fome?... falta arroz?... pois, meninos, ide todos bugiar ! Quando acabarão os homens da terra de moer os ouvidos divinos com as suas supplicas e os seos queixumes ? Todas as coisas seguem uma orbita pre-estabelecida, meninos ! O que acontece tem de acontecer !... Deixai-me pensar no Nirvana !... Irra !...

.

O' Daibutsu de Kamakúra ! só tu não regatêas a

bondade consoladora que os desilludidos vão pedir á tua sombra!...

Só tu és celeste, paradisiaco, abençoado!

Por isso eu venho adorar-te occulto na mó fanática dos teos fieis! Aqui estou, humilde e reverente! Todo eu me absorvo em ti, na tua força mysteriosa, no teo fulgente prestigio! Os meos olhos dissolvem-se nos teos... O meo coração bate com avidez em face da tua immovel magnificencia! Todos os meos sorrisos vôam para o teo regaço paternal! Sou mais um crente que penetra na orbita da tua nevoenta religião!... Esqueço o meo Deus, desgrudo-me da minha Igreja catholica, dispo a batina christã para enfiar um *kimono* buddhista... Sou quasi teo, sinto-me fugir para a atmospheria da tua doutrina... O' grande Daibutsu! recebe a minha alma convertida!...

.

— Em que está Vossa Mercê a pensar? sussurra o Philosopho Chiba. Venha por aqui. Vamos lá dentro!

— ?!

— Entra-se pelo estomago. Não tenha medo!

O' Dez-Mil-Dedos misericordiosos da santa Deusa Kwanon, amparai a minha pobre alma que tomba das estrellas como uma pomba mal ferida! recebei-a com carinho e retemperai-a do assombro em que a mergulharam as palavras do eminente Mestre!...

Entra-se pelo estomago!

Era crível, ó deusa Benten, ó santa padroeira da Felicidade! era crível que duas humildes creaturas como nós fossem capazes de semelhante profanação?

Entra-se pelo estomago, affirmára o philosopho, e

estas quatro palavras valiam outras tantas pedras arremessadas contra o crystal do meo enlevo! Eu começara a converter-me... Tal um passaro recém-nascido a minha nova fé já batia impacientemente as azas doudejantes... Mas o sabio trinchou o encantamento com o metallico timbre da sua voz, e áquelle convite maravilhoso quedei-me pallido de terror...

Deixei-me então levar como um somnambulo infeliz...

Ai! de mim! o philosopho, todo afanado com a sua lida, não enxergava as angustias do meo espirito e para o estomago do deus avançou resolutamente.

Imitei-o, sem folego...

Agachou-se elle e entrou na sombra de um corredor.

Agachei-me tambem e fui-lhe no encalço.

Atravessámos o corredor e aboccámos num vasto salão de paredes de bronze. Respirei melhor. O meo terror dissolvía-se gradualmente. Um casal de alle-mães, muito loiros, quasi invisiveis, alliviou-me o espirito dos escrupulos devotos.

Puz-me a contemplar o *interior* do divino Ser...

Aqui e ali, altares, rosarios, estatuetas. Pequenos Buddhas rodeados de lanternas, pequenas imagens de variadissimos deuses. A' direita, uma tosca escada de páo. Subimos. No primeiro andar, á guisa de janella, uma grande abertura por onde se descortinavam as searas a luzir... Mais acima, no concavo do craneo, outro altar com um Buddha de mãos cruzadas sobre os joelhos cruzados...

Este espectáculo embargava-me o alento! Era a maior irreverencia que até ali os meos olhos haviam enxergado na terra! Outras pessoas affluíam de continuo. Os homens conservavam mesmo os chapéos...

Entretanto, lá fóra, grupos de Japões, *musumés* num parenthesis de seriedade (porque as *musumés* levam a vida inteira a rir) Chins de tranças fio-electricas, Siamezes, Coreanos, toda uma multidão reverente, estacava perplexa, num enlevo mudo, piedosa e contemplativa defronte da estatua soberana...

Quando sahi do divino estomago a nova fé que meia hora antes se accendera em mim como uma estrella de primeira grandeza, extinguia-se agora bruxoleando qual a luz de uma lanterna de papel!

E tornei, mais credulo e mais amante, para a branda metaphysica do meo Christo soffredor...

.

— Agradecido, Mestre Chiba! o Daibutsu é uma estatua digna de Pigmaleão! o que eu lamento é que os senhores lhe tenham aberto galerias dentro do estomago! nós, os *barbaros*, evitaríamos isso...

— ?

— Nós abrimos tunneis nas montanhas, illustrissimo doutor!

A CERIMONIA DO CHA

Soavam duas horas da tarde na Cathedral Russa de Tokio quando o meo *kurumayá* chegou ao palacio do velho Conde de M.

Recebeo-me o fidalgo todo mesuras, a irradiar sorrisos, os olhos muito sumidinhos nas palpebras papudas, — um certo ar de galanteria antiga a escapar-se de toda a sua amarella pessoa.

Cruzámos um jardim liliputiano, — florido traço de união entre a rua e o parque do castello — e arribámos, sem delonga, a uma casita de madeira polida.

— Queira Vossa Mercê descansar! murmurou o amphytrião.

Afeito aos habitos japões não adverti na ausencia da costumada formula de cortezia com que nos nossos amados paizes « se offerece » uma cadeira.

E' que na sala do nobre Conde não existia o mais pequeno movel. Eram quatro paredes de páo deslizando facilmente sobre suaves ranhuras — e eram duas janellas de papel.

Pelo que, sentei-me respeitosamente no chão...

* * *

O fidalgo era de *complexiõn recia*, *seco de carnes*, *enjuto de rosto*, e apesar de não apostar primazias

com o ineffavel Apollo, descortinava-se nos seus traços a pura linhagem de uma raça escolhida. Como a sua existencia resvala entre as solemnes pedras do parque, as pernilongas cegonhas de pescoço preto e o verde lago onde os patos galhofam (uma serie de coisas essencialmente japonicas) a minha pessoa, toda differente da sua, atigou-lhe seriamente a curiosidade. Mirou-me de bocca aberta, surprehendido, pittoresco, — tal como a Leitora contemplaria um habitante do planeta Saturno que surgisse de repente ao seu lado. Todavia, nem por isso deixou o Conde de ser amavel até ao prodigio. Poz-se a falar muito discretamente sobre os habitos do seu paiz; disse-me do duplo Japão que existe nesta parte da Asia, — o modernizado, progressivo, europeu, e o antigo, symbolico, samuraesco.

Enxerguei no exordio do velho fidalgo o seu amor pelo segundo, o seu culto illimitado pelas antigas formulas japôas, o seu affecto inextinguivel por toda essa tradicção que a influencia da Europa tem empanado e tem profanado. Porque, em boa verdade, o velho Imperio dos Tokugawa, com todas as suas legendas, todos os seus castellos, todos os seus *daimios*, toda a sua arte peculiar e preciosa, vai desapparecendo, a passos largos, da face da Terra. E quem vem aqui, avido de contemplar as coisas que nos descrevem os livros : os *samuráis* a passear pelas ruas com duas espadas á cintura; os *daimios* a cujos pés se prostravam fidelissimos servidores ao minimo signal do commando; a arte esculpida por artistas quasi inimitaveis nos *inrós* de laca e nas jarras de Satsuma; as sedas cujos bordados davam a impressão de verdadeiras pinturas, tal o acabado do trabalho; os aureos biombos em cujos céos voava um casal de corvos

ou se enlaçavam dois ramos de bambú numa vibratibilidade nupcial; quem atravessa o Pacifico para impregnar-se deste scenario japonéz que desde a amassecca nos vem enchendo de musica os ouvidos, — receberá no mesmo dia da chegada a mais dolorosa e pungente decepção. A terra dos *daimíos* desaparece do Imperio! Os senhores feudaes sumiram-se dos castellos! os *inrós* repousam, aváramente escondidos, nos cofres das antigas familias. Parece ter-se extinguido o genio artistico e inventivo que os inspirava. Os biombos são fabricados hoje adrede para os *touristes* de máo gosto. As sedas que faziam a delicia dos velhos Japões, onde estão ellas essas sedas? onde habitam os herdeiros do genio creador dos brocados de outr'ora?

Ha actualmente uma arte no Japão que só visa produzir para exportar. Já o artista difficilmente concebe por amor á sua obra. Já não perde dez annos sobre um objecto de tres pollegadas até que lhe saia das mãos animado, vivo e palpitante como uma creatura!

A maioria das lojas de Yokohama estão abarrotadas de objectos de pessimo gosto que os Americanos dos Estados-Unidos adquirem por preços extraordinarios, levando para o Occidente uma visão falsa e mentirosa da Arte japoneza.

A pintura, representada no seculo v por Inshiraga, no seculo ix por Kosé Kaneska, no seculo xv pelas duas escolas de Kano e Tosa, e que ainda é notavel no seculo xviii, attinge o apogeo com Hokusai e Outamaro (os dois deuses da paleta, mortos sem discipulos) para cair definitivamente com a chegada dos Europêos.

A porcelana abastardou-se parallelamente.

Para que esta industria tenha sahida nos mercados europêos fabricam os Japonezes de hoje jogos de lavatorios, terrinas, assucareiros, cafeteiras e quejandos objectos exclusivamente feitos para ser vendidos aos *barbaros*, porque elles não se dignam utilizar semelhantes bugigangas!

Onde estão os artistas do seculo xvii que imaginavam esses *nelsukés* complicados, esses caranguejos de marfim, esses sapos de metal e essas cigarras de madeira polida ?

E' bem de vêr que ainda se topa na terra Japôa com deliciosas obras primas que o mais carrancudo colleccionador não desdenharia de possuir. Mas para isso cumpre visitar, com uma paciencia de fuinha (mammihero curioso que mette o nariz em todos os cantos) as lojas dos velhos bairros escondidos, essas de apagada apparencia que nada revelam mas que ainda conservam, na penumbra da sua modestia, delicadezas de encantar a vista.

A verdadeira arte japoneza não é, pois, a que se exhibe nas vitrinas dos estabelecimentos de Pariz.

As chicharas douradas ou multicôres que fazem a felicidade de tantos inocentes; os biombos com passaros de madreperola collados ás folhas de laca ordinaria; os encaracolados dragões que têm invadido os mercados estrangeiros com os seus tentaculos immoveis, — deixae que vos diga a verdade — são falsas amostras da dignidade artistica do Japão. Acceitam-se como objectos de arte porque viajam de longes terras, porque levam na epiderme o brando cheiro das coisas do Oriente, e, afinal, porque os exportadores

as impingem como reliquias authenticas. O curioso, todavia, ao cabo de alguns mezes de residencia no paiz, apartará a verdadeira arte da arte mentirosa : e se com desprezo desvia os olhos dos formidaveis dragões e dos biombos de madreperola, sentirá o espirito vibrar de intellectual encanto sempre que logre fazer-se encontradiço com algum velho *kakemono* do bohemio Outamaro, ou alguma exquisita collecção de laccas do seculo XVIII, as lavradas por Zeishin ou as matizadas por Daikan. E' que elles e ellas ainda conservam na sua substancia essa copiosa alma nipponica tão fecunda e tão chimerica; — essa alma que outr'ora scintillava e que hoje apenas bruxolêa; essa alma toda reflexos, toda faiscas, toda malicia, que hoje plagia para viver e arremeda para sentir; essa alma que despio o suave *kimono*, desatou o *obi*, afrouxou o sorrisinho petulante, para se enfronhar numa sobrecasaca e acurvar-se ao peso de uma cartola; esse Japão que já não quer ser o Japão mas que ainda não consegue ser a Europa; essa estrella, ai! de mim! que vai descendo á mendicidade dos planetas!

* * *

O philosopho Chiba, com quem discorro muitas vezes ácerca da evolução modernisadora do seo paiz, não perdôa ao velho continente a responsabilidade que lhe toca no desmoronamento das tradições japonezas.

— Veja, dizia-me elle hontem, os gestos e as faces afogueados pela indignação, veja como tudo se transformou! D'antes os Japonezes iam ver as cerejeiras a pé, dispostos a compôr versos debaixo das suas

cupulas floridas, todos entregues á idolatria das flôres, ao culto, ao amor desinteressado !

Olhe hoje, meu rico Sr. ! é de carruagem que se vai ver as cerejeiras ! Concebe maior falta de respeito por essas corollas rosadas, o legitimo orgulho da nossa natureza e o symbolo da nossa raça cavalheiresca ? D'antes ninguem pensava em dinheiro ! hoje a Ordem da Libra Esterlina é a mais poderosa das confrarias ! Eu detesto a Europa, meo rico Sr. ! ella desmantelou-me a patria, polluo o nosso espirito original, fez do Japão, psychologicamente falando, um mestiço do Occidente ! Ha momentos em que o suicidio me attrae como um supremo desinfectante ! Este espectaculo diario do desmoronamento do meo paiz enche-me de vergonha ! Quer saber o que é o Japão, na actualidade, pupillo da Europa, discipulo da Europa, alliado da Europa?... Olhe para ali : aquelle caso resume a desgraça nacional !

Olhei na direcção indicada pelo sabio.

Era um Japonez « elegante » que passava : e o seo *kimono* escuro, o seo *haori* de seda, as suas luvas de pellica, as suas botas de montar e o seo chapéo vindo de Picadilly confirmavam definitivamente as ponderações philosophaes !

Emquanto o Conde de M. se dispunha a relatar-me ainda muitas coisas interessantes, alguns passos no jardim accusaram a chegada dos outros convidados.

Um astronomo da China vestido de seda azul, com a trança de uma delgadez fiotelegraphica, encaracolada e lustrosa ; um Russo da ilha Sakhalina, sabedor de todas as linguas mortas e por morrer, e um bonzo

budhista pairando pelos noventa e cinco invernos da existencia terrestre.

Entrámos todos no quarto de espera, no symbolico *matchi-ai*, e ali permanecemos sem tugar, esquecidos do mundo e dedicados exclusivamente ás ineffaveis doçuras da meditação...

Como, em geral, toda a gente carrega uma dose maior ou menor de peccados mortaes, o Ritual ordena que os convidados se purifiquem antes de tomar chá. D'ahi a pequena paragem pelo *matchi-ai*. Um dos mandamentos da cerimonia observa mesmo que « *as pessoas tenham a cara, as mãos e a alma — sobretudo a alma — perfeitamente limpas.* » No *matchi-ai* lava-se a alma. No tosco tanque, á entrada da sala sagrada, lavam-se as mãos e a cara, e assim o hygienico mandamento é rigorosamente observado.

Logo que o velho Conde julgou que já estávamos em cheiro de santidade para merecermos pisar a saleta da cerimonia, fez-nos uma risonha medida pedindo-nos que o acompanhassemos.

* * *

Em um riacho quasi secco, entre petalas cahidas de cerejeira, um verde par de japonezas rãs coaxava ao sol numa felicidade nupcial...

Cruzámos o jardimzinho (um jardim para bonecas) e descobrimos a porta da entrada, a qual era tão extraordinariamente pequena que só á custa de uma habilidade felina nos foi possivel atravessá-la.

Mas, antes, lavámos a cara e as mãos no tanquezinho a transbordar de agoa fresca.

Descalçámos os sapatos, e depois de grandes corte-

zias, de infindaveis curvaturas de busto, achámo-nos acorados sobre o fôfo *tatami* do *cha-shitsu* (o quarto onde se verifica a cerimonia) dispostos de corpo e alma para o doce sacrificio que demanda uma clara devoção espiritual e um absoluto desapêgo das velhas miserias da vida.

O *cha-shitsu* é uma pequena sala forrada de esteiras muito limpas. Um vão numa das paredes, o *tokonoma*, representa a parte principal do aposento, no qual se suspende um *kakemono* que o convidado é obrigado a achar maravilhoso, e na esteira, perto d'elle, jaz sempre um *bibelot* qualquer : ou uma porcelana antiga, ou um jarro de flôres ou uma cegonha de bronze, — symbolo de longa vida.

Os convidados collocam-se a certa distancia uns dos outros, sentando-se perto do *tokonoma* o hospede de honra.

Minutos depois, de uma porta fronteira, surge de rastros uma dama japôa enroupada em um *kimono* cinzento. Curva-se até tocar com o narizinho na esteira e murmura mellifluamente varias palavras polidissimas. Dá-nos as boas vindas. O Conde de M. declara :

— E' a Condessa !

Todos nós lhe retribuimos as medidas com a mesma delicadeza nacional.

Começa então a cerimonia do chá.

Ouve-se a agoa ferver dentro de uma panella millionaria de annos, — excessivamente rara, oriunda dos thesouros da Corêa e herança dos 4^{os} avós dos fidalgos, a qual está encravada no soalho da sala a alguns palmos de profundidade.

Com os seos dedinhos frageis e diaphanos, — que mais parecem tenues petalas de cysanthêmos que cadeias de phalanges e phalanginas, — levanta a Condessa a tampa da panella e deixa fugir, em uma nuvem de espiraes, alguns floccos imponderaveis de vapor d'agoa. Entretanto o Conde offerece doces côr de rosa e cigarros do paiz... A Condessa vira e revira, entre os voltijantes dedos, uma chavena japoneza (qualquer coisa como as nossas arrancando-se-lhes a aza) que é o *chá-wan* dos Japões. Os *chá-van* podem ser de porcelana ou de laca, e sempre se consideram como objectos de arte que os convidados elogiam suspirando de admiração e a proposito dos quaes accumulam o dono da casa de perguntas lisonjeiras...

Após o exame que da referida chicara cada um faz com louvavel interesse, a Condessa lava-a, pondo na operação a mais perfeita delicadeza : escova-a repetidas vezes com uma minuscula vassoura especial, — o *chá-sen*, e enxuga-a por fim a um lenço de seda rôxa que se chama o *fukusa*. Tudo isto, já se vê, sem falar, quasi sem respirar, e por meio de gestos tão transparentes e tão leves que parece mais uma scena de cinematographo do que uma paysagem da realidade. Com a colher de bambú deposita o verde pó do chá na chicara de casca de ovo. Depois derrama agoa a ferver por cima. Depois revolve tudo. Depois, com um sorrisinho nos labios pintados, offerece-me a aromatica beberagem. Eu tomo a chicara, — á europêa — e sem a minima consideração pelo ritual da festa, sorvo de um trago o excellentissimo chá ! Mas advirto um movimento contrafeito no rosto da Condessa : é

que não fui assaz respeitoso. Não alcancei a expressão philosophica do acto (*).

O segundo convidado a quem a fluida senhora offerece a diaphana bebida, depois de haver lavado a chicara como ficou descripto, é o velho bonzo do templo de Akasaka, antigo camarada do Conde e que usa o cabello philosophicamente curto afim de tornar mais confortavel o laboratorio da meditação.

Observando-o enxerguei completamente o abysmo da minha ignorancia! Tomou o bonzo a chicara com as duas mãos; ergueu-a até ao nivel da bocca, abaixou-a até á cintura; ergueu-a de novo até á bocca; bebeo o chá, baixou-a pela segunda vez e collocou-a, por fim, na primitiva posição. Emquanto bebia era tal o ruido da sua respeitavel lingua, que as cigarras das arvores proximas teriam fugido estarecidas se acaso houvesse cigarras nestas epocas de neve. Bebida a essencia entrou de mirar a chicara com muito interesse, articulou vocabulos muito elogiativos, desfiou um rosario de lisonjas e fez uma duzia de medidas que me deixaram no mais humilhante abatimento!

Certo os Japões têm razão quando nos chamam *barbaros*: eu ignorava vergonhosamente o protocollo da sagrada cerimonia, e saibam quantos diplomatas lerem estas declarações que é mais simples jantar no palacio do Sultão da Turquia do que tomar uma chicara de chá sobre os *tatamis* do Conde de M.!

(*) Quando confessei o meo constrangimento ao philosopho Chiba, por não haver acompanhado os preceitos inherentes á cerimonia do chá, ponderou-me o eminente Mestre que ainda que eu tentasse arcar com essa difficuldade durante tres semanas seguidas nada conseguiria. Porque elle, director do Gaikokugogakkai, deputado, poeta, romancista e dramaturgo, estudava o geito de tomar chá ia já em 35 annos, e, todavia, não ousava ainda considerar-se um perito na materia.

A scena foi executada quatro vezes até que a Condessa lavou o *chá-ire*, o *chá-wan* e o *chá-saku* enxugando-os ao guardanapo de seda rôxa.

Eis outro traço pittoresco dos Japonezes este geito de serem limpos. Não padece duvida que a Condessa lavava a chicara antes de a passar aos labios de cada um dos seos convidados, mas eu bem vi que a fidalga senhora a lavava sempre com a mesma agoa e a enxugava sempre ao mesmo guardanapo !

Assim os Japonezes tomam banho nas suas casas : toda a familia se lava na mesma tina desde tempos immemoriaes.

Um criado japonéz nunca despachará uma visita com motivo da hora do banho... Pelo contrario : a visita é immediatamente convidada a entrar na banheira. Depois toca a vez ao chefe da familia e a todos os filhos varões. Lavados os homens será o turno da dona da casa á qual se seguem as filhas raparigas. Por ultimo vêm os famulos, na mesma ordem, já se vê, os homens antes das mulheres, ordem systematica, immutavel, decidida *post hominum memoriam* em todas as coisas da vida japôa, nos lares como na rua, no theatro como no Codigo !

Mas para se comprehender esta limpeza niponica importa advertir que os Japões ensabôam os corpos fóra da banheira, e só depois de com a toalha molhada quedarem limpos e escorreitos é que mergulham no liquido.

De sorte que a mesma agoa recebe os mergulhos de uma familia inteira, das visitas e dos creados todos !...

Finda a cerimonia a Condessa poz de novo o narizinho rente á esteira e quasi num murmurio pronunciou algumas palavras delicadissimas.

Isto feito, sumio-se na meia-luz de um corredor, por meio da porta de papel que deslisou sobre a ranhura do soalho.

Dirieis uma coisa do outro mundo, irreal e extravagante...

Nós contemplámos o Conde, agradecemos cinco vezes com a mais extraordinaria cerimonia, esgueirámos'-nos um a um atravez da estreitissima porta, calcámos em silencio os nossos sapatos, e, ainda ungidos de tanta philosophia, desapparecêmos philosophicamente na penumbra do jardim...

A SENHORA BAMBÚ

O suicidio ainda hoje é uma coisa corrente nestes apartados paizes, sem embargo dos autores declararem que com a queda do feudalismo cahio tambem dos dedos japonezes o punhal libertador. Sim, é certo. Já quasi ninguem pratica *hara-kiri*, isto é, rasga a barriga com uma faca para dizer adeus ao mundo; mas muita gente busca ainda no frio lençol de espuma das cascatas o repouso que extingue para sempre as magoas incuraveis. Quantos corpos de *musumés* e de namorados não receberam durante este verão as agoas do Kirifurí?

A bella cachoeira rumorosa que atira o som dos seos torvelinhos a varias milhas de distancia foi durante o mez de Agosto o tumulto predilecto de muitos desilludidos.

Um delles, a senhora Bambú, era uma fragil creaturinha que eu conheci e que parecia ter nos labios um eterno sorriso de felicidade. Encontrei-a uma tarde caçando mariposas pretas sobre as concavas petalas dos lyrios, ao redor dos templos; e ao vê-la nesse ingenuo idyllio eu nunca pude suppôr que dias depois as espumas do Kirifurí haviam de amortalar o seo cadaver!

Pobre senhora Bambú! que desditas te queimavam

a alma de boneca para te arrojares á sepultura da cachoeira?

Pedi a um vendedor de leques a historia triste da senhora Bambú e o vendedor contou-me o seguinte :

Embeicára-se Bambú pelo senhor Pedra de Ponte e á luz argentina do luar jurara unir o seu destino ao delle durante a vida terrestre e durante tres vidas futuras. Mas o velho pae de Bambú, sabedor do desvario da filha, chamou-a á alcova aonde estava presente toda a familia e communicou-lhe o seo proximo casamento com outro candidato, um tal senhor Tartaruga picado de bexigas e proprietario de alguns alqueires de arroz.

¶ Ouvio a filha a sentença paterna e aventurou uma supplica... Pois se era o outro que ella amava que a deixassem desposá-lo, com todos os... Buddhas!

Pulou o velho á inteireza da filha!... Amor? ousava ella falar-lhe de amor?

Amor não é palavra para uma filha do Japão! A unica que existe para ella é obediencia. Obediencia aos paes, obediencia ao marido, obediencia aos irmãos do marido, obediencia ás mulheres legitimas dos cunhados mais velhos, e obediencia á sogra, á sogra japoneza que é a mais feroz de todas as sogras do mundo, porque é o unico estado em que a mulher japoneza pode mandar e castigar. Escrava toda a existencia, é quando attinge a posição de sogra que ella desabafa os seos annos de humildade escolhendo para bode expiatorio das suas iras a mulher de seo filho.

Bambú que sabia destas coisas melhor do que eu, calculou o futuro que a aguardava, a aspereza do lar,

a insupportavel severidade do marido imposto, a colera impetuosa da familia Tartaruga...

E entretanto o outro, aquelle a quem jurara amor até á 3ª vida futura, havia de submetter-se á injustiça do destino e retirar-se, miseravel e nostalgico, para um becco da provincia? E o scenario jamais mudaria para os seos pobres olhos de amendoa? Seria a mesma humildade dos tempos de solteira, a mesma calada resignação a todos os dictames do senhor?... Para que viver neste Japão que ainda não concedeo ás suas mulheres o prazer de serem cortejadas?

Como é possivel que um paiz que imita as machinas de guerra da Europa e as modas da Europa, não tenha tido a louvavel delicadeza de imitar a galanteria com que são tratadas as mulheres dessa mesma Europa?

Ahi está para mim o ponto debil do Japão. E' certo que os Japonezes asseguram o contrario. Pois não é um proverbio japoniez que reza assim : « o homem está mais alto do que o céu e a mulher mais abaixo do que a terra »?

A situação da mulher deixa ainda muito a desejar neste paiz de ventarolas. Talvez porque no Japão tudo se faz ás avessas, é o homem quem recebe aqui todas as homenagens, todos os respeitos e todas as considerações. Os antigos legisladores japonezes quando organisaram as leis do divorcio não cogitaram senão dos casos em que o marido podia requerer a separação; mas que a mulher japoneza quizesse abandonar o domicilio conjugal, pensasse desistir da incomparavel honra de viver com o nariz rente ás esteiras em perpetua idolatria, foi coisa que nem por sombras roçou a inspiração dos legisladores !

E assim se decretaram as sete razões (os sete

peccados mortaes?) que o marido podia invocar para mandar a sua legitima *musumé* plantar bambús noutra freguezia : — 1º desobediencia á sogra; 2º desobediencia ao sogro; 3º esterilidade; 4º ciumes; 5º roubo; 6º desmancha-prazeres; 7º tagarellice.

Mas o mais curioso é que no Japão a mulher divorciada torna a casar-se com grande facilidade ao passo que as viúvas difficilmente encontram segundo marido. A razão disto nem mesmo o eminente philosopho Chiba conseguiu pôr-me ás claras. O facto, todavia, existe e por esse motivo quasi todos os officiaes e soldados que partiam para a guerra da Russia divorciavam-se na vespera no intuito de protegerem o futuro das suas mulheres, as quaes, mercê do seo novo titulo de divorciadas não quedariam sujeitas ao desamparo que a viuvez implacavelmente estabelece.

O casamento, de resto, é uma cerimonia pouco complicada. Um amigo commum, em geral pessoa de reconhecidas virtudes, encarrega-se de desencantar a outra « metade » do seo protegido (*).

(*) Um dia em Tokio recebi a seguinte participação de casamento :
« O Sr. e a Sra. Takashima participam o casamento de sua filha Tsurú com o Visconde Mikimoto, o qual, tendo sido adoptado pela familia de sua esposa, conforme o costume japonéz, passará de ora em diante a chamar-se Visconde Takashima. »

Quando numa familia japoneza não existem varões os maridos das moças da casa são sempre adoptados pelos paes dellas a fim de que se não extinga o nome da familia.

E', pois, assás difficil estabelecer a linhagem de uma familia japoneza, ao cabo de duas ou tres gerações, visto como o Sr. Ito nem sempre é filho do Sr. Ito e o Sr. Ishibashi pode muito bem ser filho do Sr. Momijiya.

No nosso paiz um Mascarenhas, por exemplo, descende de outro Mascarenhas, mas o pae de um Mascarenhas japonéz será um Silva, um Macieira ou um Coelho !

Este systema não empana, talvez, a pureza dos pergaminhos, como a muitos se affigura, porque os filhos adoptivos são sempre de familias

O encontro numa Casa-de-Chá decide da sorte do futuro matrimonio. Ella não levanta os olhos da esteira e não suspira uma unica palavra : a timidez, o pudor e a discrição impõem á fragil *musumé* esta attitudo pittoresca. Elle olha furtivamente para o *kimono* da escolhida do seo padrinho e bebe um gole do chá que a dona da hospedaria lhe offerece. Os parentes assistem philosophicamente a este timido preludio nupcial, que se chama o *miai*.

Dias depois o noivo manda ao pae da noiva uma certa somma de dinheiro acompanhada de uma carta na qual lhe recommenda que adquira os presentes do noivado, a saber : um *obi*, um *kimono*, um *kombu*, um *surume*, um *lansu* e um *yanagidaru*. A noiva imme-

igualmente nobres : o que produz é uma confusão de ninguem se entender, capaz de levar ao Hospicio o mais paciente dos genealogistas.

Ás vezes a adopção faz-se no começo da vida. Um pae offerece um dos filhos a uma familia amiga onde só ha meninas e todos crescem e se criam juntos como irmãos. Mas lá vem o dia em que o irmão se casa com uma das irmãs.

A proposito de filhos adoptivos occorre-me recordar o que se passou com um Inglez que teve necessidade de um pae japonéz para poder entrar numa sociedade commercial do paiz.

Chamou elle o seo cozinheiro e :

— Queres ser meo pae? perguntou ao velho Vatel.

— Se Vossa Mercê necessita, respondeo este.

— Dou-te 10 yen...

— Como Vossa Mercê diz...

E nesse mesmo dia o cozinheiro declarou-se pae do referido Inglez, o qual poudo immediatamente entrar na sociedade.

Convém, comtudo, advertir que mesmo as familias que têm filhos varões adoptam os filhos dos outros no intuito de augmentarem o nome da casa.

Conheço um Sr. Yamaguchi, pae de tres meninas e de cinco rapazes, que adoptou sete filhos em menos de um anno !

Assim, em vez de cinco Yamaguchis ha actualmente doze que se encarregarão de crescer e multiplicar-se, conforme ordena a Biblia de todas as nações e é o mui legitimo desejo desse chefe de prole...

diatamente devolve ao seo futuro senhor metade da referida somma embrulhada numa folha de papel de seda...

No dia do casamento dirigem-se os dois para um templo, sentam-se no chão e bebem *saké* tres vezes cada um; os convidados bebem *saké*, os padres bebem *saké*, os padrinhos bebem *saké*, as dançarinas religiosas bebem *saké*, toda a gente bebe *saké* e... *enfin seuls!*

Antes de 1868 as mulheres casadas pintavam os dentes de preto. Hoje esta moda tende a cahir em desuso e é quiçá o unico passo para a liberdade que até agora conseguiram as pobres *musumés*. A Leitora adivinhará decerto que as mulheres casadas ennegreciam os dentes afim de se tornarem feias e sinistras e não provocarem a cobiça dos amigos intimos dos seus maridos. Algumas raspavam as sobrancelhas e todas mudavam a fórma do penteado.

Ora Bambú não podia desobedecer á vontade dos paes porque a isso se oppunha o seo *bushido*; tampouco podia cahir nos braços do marido repugnante porque a isso se oppunha a sua virtude...

Segredaram-lhe os deuses a solução do conflicto e uma noite de luar (o' ironia da Natureza!) enquanto nos biombos dos arbustos rechinavam as cigarras e os lyrios se abriam ao voluptuoso mysterio da penumbra, ella, caladinha e resignada, acercou-se da margem da cascata, recolheu como uma ultima fantasia a musica das ondas, e, sorrindo pela derradeira vez á imagem do bem-amado, arrojou-se ao tumulto

movediço amortalhada no seo *kimono* domingueiro...

Pobre senhora Bambú! recebe na morte as homenagens de um *barbaro* tu que durante a vida jamais soubeste o que valia uma homenagem!

A queda do feudalismo arrastou nesse desmoronamento de *daimíos* e *samuráis* o suicidio nacional do *hara-kiri*. Já as coisas não se passam como no tempo dos Xoguns que mandavam a casa do condemnado — *daimío* ou outro senhor de espada á cinta — um par de commissarios portadores da sentença.

Entravam elles no castello do réo, acocoravam-se em frente do dono da casa e entregando-lhe uma folha de papel pronunciavam lentamente :

— Temos ordem do Xogun de annunciar a Vossa Senhoria a decisão do Conselho dos Antigos. Convidamos Vossa Senhoria a lêr a mesma decisão e a executá-la immediatamente...

O nobre recebia o papel com a maior tranquillidade e depois de o lêr :

— Isto annuncia a minha morte, a confiscação dos meos bens e a extincção do nome da minha familia... A tudo me submetto respeitosamente.

E ditas estas palavras mergulhava o punhal nas entranhas e cahia de bruços sobre a esteira, em presença dos enviados do Xogun. Hoje não ha Xoguns reinantes e o Mikado tende a aproximar-se da Europa : não se pode, por conseguinte, pedir amavelmente a um *daimío* ou a um *samurái* (*) que tenham a bondade de se suicidar... Mas nem por isso o suicidio desapareceo do Extremo-Oriente... Na China,

(*) A revolução de 1868 extinguiu estes titulos.

por exemplo, é quasi epidemico : todos os dias a chronica dos jornaes registra meia duzia delles.

O primeiro Imperador da actual dynastia, Cheum-tchi, deo cabo da existencia e o ultimo da dynastia dos Ming fez exactamente a mesma coisa. Mas este deixou declarado o motivo da sua morte em uma folha de papel escripta com o proprio sangue :

« Perdi o reino que herdei dos meos antepassados e por isso vou morrer afim de não vêr o meo Imperio destruido ou dominado por um tyranno. Vou privar-me da vida porque não posso apresentar-me perante aquelles que, tendo sido meos filhos e meos subditos, são agora meos inimigos e meos traidores. Uma vez que o Estado desaparece o Principe deve desaparecer. »

São innumeraveis na China as causas de suicidio.

Eis o que relata um missionario do Houpé a proposito da morte de uma viuva. « E' costume no Celeste Imperio offerecer-se de tempos a tempos uma grande festa aos amigos e aos parentes. Estes regalam ao dono da caza 300, 500 ou 1000 sapekas que lhes serão restituídas quando mais tarde chegar a cada um delles a vez de dar a festa. A viuva tinha comprado um porco para a ceia que lhe tocava offerecer aos amigos, mas como não lhe sobrasse dinheiro só poudé pagar a metade do seo valor até á epoca do festim. Sabedor do facto, um inimigo da viuva propoz ao vendedor que lhe cedesse o animal ainda que por um preço mais elevado, no que concordou o vendedor, de sorte que o porco foi parar ás mãos do seo novo dono e a pobre viuva rompeo num pranto desesperado quando na vespera da festa vio que nada tinha para offerecer aos seos convidados. »

Uma dona-de-casa européa sahiria facilmente do apuro : era questão de pedir ao primeiro restaurante da esquina que lhe aviasse duas pernas de carneiro ou cinco duzias de perús... Mas a viuva, chinesa de corpo e alma, tomou como uma deshonra para ella e sobretudo para os seos antepassados a falta de porco no banquete desse dia e decidiu salvar a honra da familia enforcando-se á porta do seo quarto de cama !

Mas é quasi sempre a vingança que leva ao suicidio a gente do povo. Quando um homem quer vingar-se de outro homem... suicida-se ! O causador do suicidio é depois de tal maneira perseguido pela policia que o morto pode regosijar-se na outra vida de haver tirado vingança do vivo. Assim, se um commerciante vê com maos olhos a prosperidade de outro commerciante o que faz é enforcar-se á sua porta. O suicida morre mas o outro, tenha-se entendido, fará fallencia ao cabo de poucos dias...

O sentimento da honra japoneza, apesar das mortes que a sua observancia provocava, não deixa de ainda hoje despertar a admiração dos que ouvem essas historias de sangue.

Referio-me ha dias o philosopho Chiba o tragico fim de um mestre de armas de Wakayama, o qual matara por zêlos profissionaes o esgrimista Naô-Saburô quando este sahia de um banquete que o Governador dera em honra da Lua.

Cinco annos mais tarde o filho de Naô, *samurái* da mesma provincia, abalou para Yeddo á cata de Tsu-ruga (que assim se chamava o mestre de armas) disposto como bom Japonez a vingar a morte paterna. Após enormes esforços, e com o amoroso auxilio de

uma *gueisha* do Yoshiwara, conseguiu fazer-se encontradiço com o assassino e desafiou-o para um duello.

O encontro foi marcado para a madrugada seguinte e Naô-Saburô já de ante-mão sabia que seria vencido pelo seo rival, dada a grande presteza deste no jogo do sabre e a sua estatura de atleta.

Ora antes do duello, emquanto o *samurái* recomendava a um bonzo a sua alma moribunda, Tsuruga Denai resolvia deixar-se matar.

Era certo que podia de um só golpe acabar com o filho como havia acabado com o pai : mas este acto não entrava no molde do seo *bushido*. Um delles tinha de desapparecer porque eram inimigos implacaveis e o douto Confucio dissera « *não viverás debaixo do mesmo Céu que o teu inimigo* », mas era elle, Tsuruga, quem devia retirar-se da vida. E foi assim que o filho de Naô Saburô matou o mestre de armas Tsuruga Denai.

Está cheia de lendas guerreiras a historia antiga do Japão.

E' sabido que os 47 servidores do Principe Assanô assaltaram a casa do ministro que havia causado a morte do Principe e depois de lhe cortarem a cabeça se suicidaram todos ao mesmo tempo; e foi um bonzo meo vizinho que me affirmou ter visto quatro *samuráis* condemnados pelo Governo a fazer *hara-kiri* em presença de um diplomata estrangeiro, arrancarem os intestinos com a mão direita e atirá-los ao nariz do diplomata ! (*)

(*) Eram *samuráis* de Kumamoto. Esta scena passou-se em Kamakura, em 1863.

Quando em Tokio se tentou contra a vida do actual Czar, então em viagem pelo archipelago, uma jovem *musumé* retalhou o estomago com um punhal e deixou escriptas estas palavras :

« Mato-me para lavar com o meo sangue a mancha que enxovalhou o Japão ! o czarvitch é nosso hospede e a sua vida deve ser-nos sagrada ! »

Ah ! mas toda esta luctuosa chronica não tem o pittoresco horror da morte da minha amiga Bambú, que, desencantada dos sorrisos do mundo, foi rolando de seixo em seixo pedir consolo ás ondas do Kirifuri...

Uma vez que se escreve sobre matrimonio vem a pello declarar-se que o falado casamento a prazo fixo é uma fantasia que não existe no Japão. Está claro que no Japão como em todos os paizes do mundo um homem e uma mulher podem viver juntinhos enquanto Venus não dispuzer o contrario : mas isto não é casamento no sentido que nós damos a esta palavra e vê-se no Japão como se vê em Paris. O casamento japonéz é reconhecido pelas autoridades competentes e um homem só poderá casar-se de novo depois que provar que é divorciado ou que é viuvo. O decantado casamento a prazo fixo que se reforma ou desconta como uma Lettra de cambio, é uma invenção européa que incommoda os Japonezes apesar da pouca importancia que elles ligam ás mulheres.

O destino da mulher, segundo se lê no *Ouna Daigaku* de Kaibara (1720), é mostrar-se submissa á vontade do seo marido e senhor. Mais vale um coração virtuoso do que uma cara bonita. As unicas qualidades que convêm a uma mulher são a obediencia, a castidade, a tranquillidade e a bondade. Desde a sua meninice deve a mulher afastar-se dos homens. Uma mulher não tem outro soberano além de seo marido. A mulher deve sempre falar de seo marido com o maior respeito. A obediencia é o grande dever de uma mulher durante toda a sua vida. A mulher deve considerar o marido como o proprio Céu e tratar de obedecer-lhe em tudo para assim evitar as punições celestes. A mulher não deve ter ciumes : ainda que seo marido tenha culpas ella não precisa mostrar-se colerica nem resentida.

Compare-se o que fica exposto com estas palavras do *Alkorão* : (Cap. IV, 38).

— Os homens são superiores ás mulheres porque Deus lhes deo vantagens sobre ellas e porque elles as dotam com seos bens. As mulheres devem ser obedientes e não revelar os segredos de seos maridos visto que o Céu as poz sob a sua guarda. As mulheres desobedientes podem ser castigadas por seos maridos, os quaes ou as deixarão sós nas suas camas ou lhes darão bordoadas. A submissão das mulheres deve pô-las ao abrigo dos máos tratos dos homens, Deus é grande e sublime.

O ALMIRANTE TOGO

— Que lhe dizia eu? já assistio a espectáculo mais imponente e mais admiravel? perguntava-me o philosopho Chiba mirando-me por cima dos oculos com essa expressão curiosa e risonha do Japonez intelligente.

Em boa verdade o Mestre tinha razão.

A festa a que eu assistira na vespera, por uma tarde alegre e cheia de sol, na grande bahia de Tokio, fôra de uma incomparavel solemnidade.

Desde muito tempo, com o duplo proposito da alliança anglo-japoneza e da celebração da paz, a ideia de uma revista naval preoccupava seriamente o Governo do Mikado.

Tratava-se de uma festa, de um *pic-nic* interessante, e era outrosim a oportunidade de ostentar aos olhos dos patricios os bellos navios da esquadra vencedora.

O almirante Togo é um homem de cincoenta annos, pequeno, modesto, de uma timidez quasi humilde, sempre escondido nos rincões das salas onde ha muita gente para não chamar a attenção sobre si. Encontrei-o diversas vezes na Côrte Imperial e declaro que não era facil descobri-lo.

Emquanto todos os outros, os dignitarios e os

homens illustres do paiz se postavam nos logares mais em evidencia, o almirante Togo deixava-se ficar a distancia como se tivesse receio de ferir o orgulho dos palacianos penetrando no seo grupo.

Ninguem, ao vêr essa figura modesta e calada, supporá que está ali o almirante mais celebre dos tempos modernos. Ninguem, ao apertar a mão desse homem que se inclina respeitosamente defronte de todos, imaginará que foi elle quem metteo a pique, em menos de cinco minutos, vinte e tantos couraçados de uma marinha poderosa !

Assim é, todavia, o almirante Togo. Nada mais precisa para illuminar-lhe o nome além das duas singellas syllabas que o compõem. Não é conde, nem visconde, nem marquez (*) : continúa sendo o almirante Togo com a sua barbinha grisalha, o seo olhar sempre cravado no chão, a sua esquivança a todos os espalhafatos da celebridade.

Um dia depois da revista naval realizou-se uma *garden-party* em homenagem ao glorioso marinheiro, que teve de acceitar a festa sem embargo da grande contrariedade com que o fez.

Toda a gente olhava para esse homem com uma certa admiração mesclada de surpresa...

E' que quando se ouve falar de Togo imagina-se um typo espigado, contente dos seos triumphos, ostentando em todos os seos gestos e palavras a vaidade dos heroes humanos.

(*) Um anno depois de escriptas estas linhas o Imperador do Japão elevava o almirante á dignidade de Conde por serviços prestados ao paiz.

Por isso, em presença daquella sombra de homem (que nem sequer comprehendia por que razão o festejavam) a surpresa tinha de ser extraordinaria.

E sussurrava-se em todos os cantos :

— Olha o Togo...

— Togo, este homemsinho que parece ter medo de olhar para a gente?

— Em carne e osso...

— Será possível?

Um diplomata asiatico vestido de seda azul-celeste estacava pensativo ao lado de um grande jarro de crysanthêmos.

Acerquei-me delle e muito discretamente, quasi doce, inquiri :

— Em que pensa, *cher collègue*? nas balladas de Li-Tai-Pé ou na transparencia das cigarras mortas?...

O diplomata, sem' attender á segunda parte da pergunta, respondeo-me simplesmente :

— Penso na modestia daquelle homem ! quem dirá, ao vê-lo tão esquivo e apagado, que é elle o almirante Togo?

Estávamos em volta de uma meza armada á militar sob uma especie de barraca de campanha. As vermelhas côres nacionaes queimavam os olhos da gente : o grande jardim era um incendio de estandartes japonezes balouçando-se á brisa como labaredas...

Sobre a meza, entre os crysanthêmos e as camélias, havia ancoras de assucar, cruzadores de *chantilly*, bandeiras microscopicas e um arsenal de *bonbons*...

A enorme sala do *lunch* era cheia de officiaes : resumbrava em todos os semblantes um orgulho, um contentamento, um enthusiasmo sem limites...

Cada militar ali presente invejava sem odio (ai das invejas rancorosas!) as glorias do marinheiro que tivera nas mãos o destino da patria!

Porque este homem aparentemente insignificante, esta figura que se apaga, se dissolve, se escapa modestamente na turba, este desdenhoso da morte, este aphonico original, este mudo que não ri, este taciturno que permanece incolor e opaco nos torneios festivos do espirito, esta sombra cujos gestos nada representam, este timido que renega dos louvôres e busca as penumbras da soledade, todos vós o conheceis, todos lhe decorastes o nome, todos lhe seguistes a orbita nas sangrentas noites das hecatombes, todos o respeitastes quando da torre do seo navio elle esperava tranquillo o choque da Armada inimiga, todos o amastes com ternura quando o vistes na meia-luz de uma enfermaria curvado sobre o leito do adversario ferido...

O coração deste homem é silencioso como o coração do Fujiyama e a sua coragem tem reflexos que lembram os relampagos das tempestades e o oiro intangivel dos raios!

Bom marinheiro e bom camarada, este illustre vassallo de um throno que descende do Sol reparte com camaradas e marinheiros os loiros de uma corôa que lhe pertence.

Desapparecem nomes, somem-se personalidades, não existem individuos nas batalhas da Russia : é a patria que se destaca nos triumphos, é a Esquadra, é o Exercito, é o Japão!

Oyama, Kuroki, Yamagata, Kamimura e outros nomes que aos olhos dos estrangeiros adquiriram o brilho das estrellas, deixam quasi de existir para este povo de combates : o que se contempla e prevalece é a constellação formada de taes nomes : a Patria, unicamente, constantemente, immutavelmente a Patria !

Assim nos nocturnos céos onde fulguram os Cruzeiros, as Ursas, os Saggittarios e os Capricornios, quem sabe dos astros que compõem essas cruces e esses trapezios luminosos?

Os olhos humanos deixam-se levar na religiosa contemplação do conjuncto e o effeito do espectáculo não perde, senão adquire, um tranquillo e poderoso encanto.

Dest'arte julga o almirante japonéz. Escutemos-lhe a voz durante uma audiencia imperial :

« Desde Fevereiro do anno passado em que, obediétes ás ordens do Imperador, os esquadrões reunidos marcharam para a guerra, nunca os exercitos de terra e mar sahiram vencidos na peleja. A paz está feita, e nós, humildes subditos de Vossa Magestade, temos a honra de regressar ao solo amado sob a imperial bandeira vencedora. Estamos todos profundamente crentes de que taes resultados foram devidos ás grandes virtudes de Vossa Magestade. »

E após um historico muito resumido da guerra — sem uma unica vez falar da sua pessoa — o Almirante Togo continúa :

« Pode, em summa, dizer-se que no primeiro periodo da guerra a esquadra unida determinou a relativa força dos combatentes; no segundo alcançou as victorias e no terceiro colheu os resultados... Os navios

surtos na bahia de Tokio para celebrar o triumpho são em numero de 170. Perdêmos alguns, é verdade, mas, levando em conta os que capturámos ao inimigo, a nossa força não é hoje inferior á do começo da campanha.

Facto este que nós, humildes servos de Vossa Majestade, consideramos uma grande honra. »

Eis a resposta imperial :

« E' universalmente sabido, aqui e no estrangeiro, que a esquadra sob o vosso commando venceu todos os obstaculos e executou feitos sem precedentes. Depois de ouvir directamente de vós a descripção dos successos da guerra a Nossa admiração pelo valor e energia dos Nossos officiaes e marinheiros é profundissima. Tomai cuidado com o vosso bem-estar, vós e os vossos. »

A resposta do imperador será para os nossos ouvidos quiçá pouco matizada de louvores.

Um soberano europeu, em circumstancias identicas, teria para o seu almirante mais relampagos no estylo e mais viveza nos vocabulos...

Mas o Mikado não é prodigo em lisonjas : confessando-se satisfeito com a bravura dos seus marinheiros e desejando-lhes saude e bem-estar, revela uma affectuosa solicitude que aos ouvidos japonezes adquire certa graça e gentileza, é palaciana e familiar, é paternal e galante...

* * *

— Mas então, perguntei ao philosopho, depois de lhe offerecer uma taça de perfumadissimo *saké*, é exacto que o Parlamento votará um milhão de *yen* para o Almirante, como recompensa dos seus serviços?

— Impossível ! bradou o sabio, encarando-me com orgulho. Nunca Togo aceitaria semelhante dadia ! O Almirante é neto de *samuráis*, tanto monta dizer que tem horror ao dinheiro. Se aceitasse o milhão ficaria deshonrado aos olhos da mesma patria que hoje o acclama ! Por Buddha ! não creia nem de leve em semelhante desgraça ! Togo a receber dinheiro do povo !... Mas não acha que...

— Perdão, Mestre, — atalhei com o proposito de atormentar o meu amigo — Lord Roberts da Inglaterra...

— Oh ! não compare ! não compare ! Ha uma differença enorme entre a Inglaterra e o Japão ! Nós só queremos da Europa o que ella tiver de util e formoso... Mas quanto ás coisas moraes, aos traços de raça, á expressão do temperamento, á alma... deixen-nos ficar com o velho Japão ! O nosso *bushido* é incomparavel !

— Mestre ! Vossa Mercê fala francez, senta-se em sofás e dorme em camas muito macias... Parece-me que para ser coherente devera de prescindir dessas coisas...

— Coisas da vida material, meu rico Sr., e eu refiro-me ás outras. Aliás tudo isto é culpa da civilização (*) ! Outr'ora, no tempo dos meus avós, ninguem

(*) Convém advertir que sempre que o philosopho emprega a palavra *civilização* refere-se á nova civilização do seo paiz, isto é, á europeização do Imperio. Nem outro pudera ser o pensamento do eminente Mestre quando toda a gente sabe que nos tempos em que a Europa era sem unidade e sem cohesão, este Imperio da Asia já tinha um soberano, já estava constituido com todas as regras e capitulos, etc. A dynastia presente conta 2,500 annos de existencia.

A palavra *civilização* que o Leitor encontrará em muitas paginas deste livro tem, por consequente, o significado que fica exposto.

cogitava de dinheiro. Vivia-se sem esse perfido objecto... Mas veio a civilização e já se chega a pensar em presentes monetarios ao nosso grande almirante! Veja no que deu o progresso! Felizmente elle não aceitará... não aceitará! não aceitará!...

As tres exclamações do philosopho tinham algo de formidavel.

O neto de *samuráis* estava tempestuoso. Os proprios olhos, suaves e curiosos em occasiões normaes, haviam adquirido ao incendio daquelles protestos um tal fulgor sinistro, que senti arrepiarem-se-me os cabellos.

O amor-proprio, o orgulho, o patriotismo, — esta trindade de sentimentos que constitue o seu *bushido* profundamente pessoal, — protestavam contra a idéa, a simples idéa de que o grande Almirante — arbitro dos destinos do Imperio — pudera aceitar um regalo de dinheiro...

O seu orgulho! eu bem o senti, eu bem o vi estampado naquella physionomia de padre buddhista durante as tres horas da revista naval!

O philosopho não me abandonou um instante. Porfiava em mostrar-me tudo, em explicar-me todos os detalhes, em esclarecer a minha curiosidade com a sua patriotica sabedoria.

— Vê aquelle navio? Olhe bem... O que tem a chaminé amarella... Era o *Peresviet*... foi tomado aos Russos pelo Almirante e hoje chama-se *Sagami*... Que bello barco, hein? 12,600 toneladas!

E como eu enxergasse no bojo da chaminé uns arabescos a giz, indaguei:

— E os desenhos?

O philosopho elucidou-me com um malvado sorriso de prazer:

— São os signaes das balas ! E' para o Imperador distinguir melhor !

O nosso navio passou ao lado de tres cruzadores de chaminé amarella.

— Todos eram russos, continuou o sabio. Aquelle é o *Tango*. Desloca 11 mil ! Era o *Poltava* ! Vê o outro mais pequeno ? E' o *Iki*, era o *Nicolao I*. Mas repare no que está á direita... Foi o que se rendeu com Nebo-gatoff a bordo ! Depois disto diga-me se ha dinheiro que pague as façanhas de Togo ?

Deixámos, sumindo-se no crepusculo que nascia, os sete barcos de chaminé amarella. Diante de nós, sobre um espaço de cinco milhas de mar, estendia-se, a perder de vista, uma multidão de vasos de guerra todos pintados de escuro.

— E' a esquadra ! exclamou o philosopho.

— Deve Vossa Mercê rejubilar ! disse eu com um sorriso amavel.

— Não ! não ! isto não é uma festa de jubilo, mas um espectaculo de dôr ! Por Buddha ! todos temos uma saudade para os mortos, para os que dormem nos campos da Mandchuria e os que sonham no regaço das ondas ! A patria lamenta os desaparecidos com indescriptivel pena... A nossa magua cresce como um oceano !

— E Togo ? perguntei.

— Está a bordo do *Shikishima*... Não o enxergo apesar do meu esplendido oculo...

Como o philosopho dizia isto, um elegante navio precedido de um aviso de guerra passou a alguns metros de nós.

— E' o Imperador !

O Mikado chegava do caes e encetava a revista dos

seus bons couraçados. Todos os navios a um tempo, descarregaram as peças em homenagem ao Filho do Sol!

Dirieis uma batalha naval: a clara fumaça, os relâmpagos dos canhões, o ensurdecido ribombar dos tiros, naquella tarde e naquella bahia, solemnisando o feliz senhor das ilhas vencedoras, deixavam na alma da gente uma indescritivel sensação de respeito, de magnificencia e de terror!

* * *

Não ha penna capaz de descrever o que foi a revista naval na bahia de Tokio.

Nenhuma conseguiria representar, atravez do estylo com que se contam estas coisas, os perfis serenos e graves — de uma grande elegancia maritima — das escuras fortalezas fluctuantes; nenhuma lograria traduzir o que se passava no espirito de todos aquelles Japonezes, inchados de entusiasmo pelo seu Almirante e cheios de idolatria pelo seu Imperador.

O Almirante, horas depois, correo ao Palacio para agradecer ao Soberano a sua augusta presença na festa da paz.

(— Tinha Sua Majestade visto distinctamente os signaes das balas japonezas nos antigos navios inimigos? perguntou-lhe no dia seguinte o philosopho Chiba...)

* * *

Entretanto baixára a noite sobre a formosa esquadra do Japão...

Por alguns minutos ella desapareceu da vista dos

patriotas que pullulavam nas collinas de Yokohama, avidos do espectáculo.

Mas foi um eclipse, rapido e illusorio.

De repente, como nos cinematographos ou nas magicas, da negra téla do horizonte surgiram, esboçadas a luzes, as esbeltas figuras dos navios...

O espectáculo, desta feita, era maravilhoso! Ali estava, num relevo lucido, a esquadra que decidira da sorte do Imperio! Os Japonezes contemplavam-na de todos os pontos da cidade, e os velhos pais não se esqueciam de levantar nos braços os gordos *bébés* de *kimonos* de arco-iris para que jamais olvidassem os invenciveis navios do Almirante Togo!

Na ampla bahia da capital brilhavam os 170 barcos da esquadra como 170 constellações!

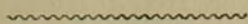
O povo sabia que o destino da patria estivera na popa daquelles couraçados... Por isso o povo os amava!

O patriotismo adejava no ambiente. Sentia-se o entusiasmo vibrar entre toda aquella multidão de *kimonos*!

Os mortos da Mandchuria e os engulidos das ondas desapareceram por um momento da memoria dos vivos...

A patria continuava a existir e esta realidade, como um deslumbramento, offuscava todas as outras...

— Ah! Mestre Chiba! Vossa Mercê foi ungido pelos deuses! O *bushido* deste povo é decididamente incomparavel!... Vae outra taça de *saké*?



A HISTORIA DO SENHOR TAI-KONG

A meio da montanha sagrada, onde a grande cachoeira do Kirifuri faz ouvir a plangente e humana harmonia das suas ondas, os meos companheiros (*) e eu fômos surprehendidos por uma chuva impertinente.

Era impossivel continuar a viagem.

Talvez na Europa tivéssemos de voltar para casa devidamente ensopados : mas na terra Japôa o doce Buddha prevenio as coisas edificando Casas de Chá, de sorte que pela serra acima, ou á beira das cascatas ou á margem dos abysmos ou no cume dos rochedos, ficai certos de topardes com uma hospedaria de papel, cheia de *musumés* que vos offerecem chá e biscoitos e vos fazem uma duzia de medidas cada vez que lhes falais. A uma dellas pedimos nós gasalhado, e deixando os infelizes cavallos sobre a relva humida, acocorámo-nos com muita resignação em volta de uma bandeja sobre a qual a Senhora Biscoito, velha e revelha proprietaria da mesma hospedaria, collocou meia duzia de chicharas trasbordantes de chá nacional.

Assim, ao abrigo do tempo, olhavamoos risonhos uns para os outros, sem projectos nem preocupa-

(*) O Sr. Tai-Kong, Miss Rubi e um secretario de Embaixada.

ções de importancia. Estava tacitamente decidido que ali esperaríamos a resurreição do sol...

* * *

Em torno da bandeja do chá os assumptos saltitavam como faiscas...

O senhor Tai-Kong era o unico que não falava.

Notei no fundo dos seus olhos brilhantes uma melancolia sem remedio. E para o sacudir falei da China.

— A China, declarei, os senhores verão a China dentro de 25 annos !

— *Quelle plaisanterie !* exclamou o secretario de Embaixada que era do nosso grupo. Como ha-de progredir um paiz cujas mulheres são todas escravas?

— Escravas? observou Miss Rubi, fingindo-se surprehendida.

— Pois que nome merecem essas creaturas que não têm o direito do raciocinio? insistio o diplomata. Que nem mesmo pés têm?

Os olhos do senhor Tai-Kong dardejaram como duas brazas.

— Se me permittem, murmurou, eu posso contar-lhes a historia de uma que nada tinha de escrava.

— Vamos á historia ! vamos á historia ! pediram todos com interesse.

O senhor Tai-Kong, velho e succumbido, começou numa voz dolorosa :

— Quem pela 9ª lua do 7º anno do Dowchy (*)

(*) Novembro de 1867, segundo o calendario chinez.

se acercasse do Pavilhão de Porcelana que o millionario Lou havia erigido no centro de um dos lagos artificiaes do seo parque, ouviria o seguinte dialogo entre duas mulheres de condições differentes.

Era uma a filha do millionario e tinha por nome Yo-Men-Li. Os bambús invejavam a esbeltez do seo corpo e a sombra da noite não era tão nocturna como os seos olhos. Era a outra uma creatura idosa, curvada ao peso dos annos, e dedicada de corpo e alma á sua jovem senhora. Tinha por nome Mong-Kiang.

Nessa noite conversavam as duas mulheres na alcova perfumada do Pavilhão, enquanto as estrellas nadavam no Rio de Prata e as nuvens do benjoim descreviam anneis na atmosphaera do kiosque.

— Já passaram dez luas depois que meo Pai declarou que eu seria de Lo-Wang-Li, ó Mong-Kiang!

— E faltam poucos dias para o casamento, suspirava a aia, ao mesmo tempo que com o seo plumoso leque refrescava os olhos da donzella. O Khi-Lin não appareceo no caminho da minha ama e por isso a infelicidade penetrou no seo coração!...

— Mas nunca, nunca serei de Lo-Wang-Li!

— Yo-Men-Li não será traidora! Os labios da minha ama têm o perfume das petalas do Lan-Hoa e sabem ao licôr do Meí... A minha ama nunca trahirá o seo amado!

Dos olhos da donzella saltaram duas grossas lagrimas semelhantes a dois diamantes imperiaes.

— Escuta! antes que o meo falso esposo me aperte nos seos braços, que são duas cobras repellentes, eu estarei longe daqui, unida para sempre ao amado

Liou-Chang ! O' Mong-Kiang ! é por esse que o meo coração bate dia e noite como um relógio fiel... E' esse o meo esposo verdadeiro, o que tem nos olhos o reflexo do Filho do Céu e na bocca as palavras do Chi-King... Elle me levará nas azas da ventura ! Elle é descendente de Kouan-Té, deus das guerras gloriosas, e é elle quem eu quero para mim !... As suas mãos apertam lanças formidaveis, mas a sua voz de guerreiro tem, quando me fala, a melodia da harpa de Tse-Tsi... Eu hei-de acompanhar o meo amado como a sombra acompanha o sol...

— Que os Pu-Sahs do amor protejam os desejos da minha ama !... Mas o Senhor Lou confia na omnipotencia do genro que escolheo. Lo-Wang-Li é o primeiro Mandarim do Imperio !

— Que importa ! eu não troco as perolas dos seos cofres pelo transparente amor do meo amado ! O meo corpo não precisa dos thesouros do mandarim : quando o meo amado me diz que me ama os seos olhos scintillam como as joias do Palacio do Verão...

— Se a minha ama colhesse a planta Ho-houan, que faz esquecer as dôres, com certeza não soffreria deste modo !

— Vamo'-nos, Mong-Kiang ! A Lua já atravessou o Rio de Prata (*) e o gallo não tardará a cantar ! Eu vou invocar a fada Ouan-Mou que habita o lago do Céu e protege as mulheres infelizes... Vamo'-nos, Mong-Kiang !

* * *

O Pavilhão de Porcelana era o logar predilecto da

(*) A Via-Lactea.

filha do millionario. Recostada sobre coxins de pennas de avestruz, a um canto da alcova cujas paredes se viam colgadas de finas sedas e de brocados do mais raro valor, a donzella, acompanhada de Mong-Kiang, ali passava tristemente as melhores horas da sua vida. Ao lado da porta um biombo de papel dourado ostentava, em grossos caracteres chinezes, uma sentença de Lao-Tsé. Os olhos de Yo-Men-Li liam e reliam as palavras do philosopho as quaes realçavam com dolorosa exactidão os seos proprios sentimentos.

« Os corações livres de amores sabem admirar a Natureza, mas os corações apaixonados só enxergam as illusões que os embalam... »

Assim era naquelle momento o coração de Yo-Men-Li.

Debalde se agglomeravam os collares de jade verde nas urnas de lacca... Debalde scintillavam as esmeraldas nos cofres de marfim... Debalde passeavam os faisões sobre o crystal do lago e pelas alamedas do parque... Podiam florir as ameixieiras, crescer os salgueiros, sussurrar as fontes, voar as cegonhas amarellas... Os labios de Yo-Men-Li não sorriam... Os olhos de Yo-Men-Li nada viam... O fulgor desses olhos perdêra a antiga vivacidade, como se para de frente do sol que brilha no céu a garra de Liou-Kon, deus do trovão, houvesse arremessado uma nuvem negra !

E' que a filha do millionario amava perdidamente um jovem guerreiro tartaro...

* * *

Descamba o sol por detraz das altas montanhas.
Em uma enorme praça da cidade chinesa aglome-

ram-se homens, mulheres e creanças numa algazarra ensurdecadora.

As lanternas, as bandeirolas de papel e a gritaria do povo deixam logo comprehender que se trata de uma festa popular.

As casas pintadas a côres vivas e a iluminação copiosa attrahem magotes de gente de todas as provincias, que se postam á entrada dos theatros ou á beira dos pulpitos onde os artistas chinezes explicam em voz esganiçada as lendas do paiz.

Pelas portas abertas de algumas casas enxergam-se os fumadores de opio estatelados sobre immundos colchões, os olhos em extase e os labios crispados num sorriso lugubre... As charangas atravessam a praça ferindo os ouvidos dos estrangeiros com os seus tambores impetuosos. As procissões succedem-se umas ás outras. O delirio, em certo momento, apodera-se da multidão. Um grupo de ebrios irrompe no meio da praça agitando os gongos de bronze, e entre elles uma mulher que os homens fazem caminhar brutalmente. A infeliz mal consegue acompanhar o bando por via dos seus pés mutilados pelos borzeguins. Mas os ebrios não dão ouvidos ás suas supplicas humildes.

Eis que um estrangeiro, que observava a scena, abre caminho por entre os Chins e aproxima-se da mulher.

Os do grupo estacam, surprehendidos. A população franze os olhos curiosamente. O estrangeiro, sem attentar nelles, dirige-se tranquillamente á victima :

— E's livre !

Depois, encarando os fanaticos emquanto a mulher desaparece na turba multa, murmura com desdem :

— Covarde gente !

Mas, passado o primeiro momento de assombro, os do grupo revoltam-se. A população apoia os ebrios, e todos, farejando um inimigo, se preparam aggressivos. O homem, sem perder a calma, saca o punhal e fita os olhos na multidão. A ira cresce, o tumulto augmenta, e no phantastico scenario da noite desenham-se, em poucos momentos, as laminas de mil punhaes. De repente, o estrangeiro sente-se agarrado por dois gendarmes chinezes.

— Como te chamas? pergunta um delles.

— Liou-Chang.

Ao som deste nome a gritaria não tem limites.

— Um tartaro, um tartaro! á morte! ullula o povo.

— E porque vieste perturbar esta gente de bem? inquire o segundo gendarme.

— A' morte! insiste a população.

— Ah! pensas que estás aqui na tua provincia? Aqui manda o Dragão, meo camarada, e a tua audacia terá o castigo merecido! Acompanha-nos!

Liou-Chang, na impossibilidade de lutar, é conduzido pelos gendarmes enquanto a multidão segue os tres homens uivando sem descanso o nome odioso e a sentença desejada:

— Um tartaro! é um tartaro! á morte!

.

As autoridades chinezas condemnaram Liou-Chang nessa mesma noite a oito mezes de prisão por crime de lesa-magestade...

* * *

Raiára a vespera do dia nupcial...

Yo-Men-Li ia ser esposa do Primeiro Mandarim,

máo grado o seo amor pelo cavalleiro tartaro que não viera arrancá-la do Pavilhão de Porcelana...

As aves da China são mais felizes do que os amantes separados : o pombo Ki-ê-ô despede-se da companhia quando a madrugada desponta, mas regressa á noite alegremente com o insecto que apanhou sobre a folha do bambú...

Liou-Chang, porém, ao contrario das aves, não dava signal de si ! Liou-Chang não tornaria, pois, a ver neste mundo aquella que era todo o seo amor e que por amor soffria e por amor definhava...

— Ai de mim ! quando o meo amado voltar não me encontrará viva ! (a donzella suspirava). Nunca serei a sua doce esposa ! Os Pu-Sahs da infelicidade devoram-me o coração ! Por isso os corvos vieram hontem á noite pousar na varanda do terraço... Os corvos e as raposas infestam os arredores do parque !

— São animaes que trazem desgraça...

— Sim, são animaes que trazem desgraça ! Pobre de mim que irei em breve para o Outro-Paiz ! O meo amor era limpido como as agoas do Ouei e agora é turvo como as correntes do King ! E' amanhã que me casam com o Primeiro Mandarim se Liou-Chang não chegar esta noite a tempo de me salvar ! Oh ! Mong-Kiang ! consola a tua senhora !

Das urnas de bronze ascendiam flocos de preciosos aromas ; no parque um silencio de morte pairava sobre os cedros de troncos brancos ; e a aia de Yo-Men-Li, succumbida de tristeza, movia inconscientemente o grande leque de sandalo...

Nesta altura, o senhor Tai-Kong suspendeo a narração.

— E depois? insistio Miss Rubi com toda a sua feminina curiosidade.

O velho accendeo o cachimbo e após duas longas baforadas, continuou :

— No dia seguinte ao do casamento a policia chinesa encontrou na alcova nupcial o cadaver do Primeiro Mandarim com uma adaga cravada no coração.

Quanto a Yo-Men-Li, foi depressa descoberta numa hospedaria da cidade tartara, e, sem preliminares de justiça, condemnada á morte lenta !

O rosto do Senhor Tai-Kong empallideceo ao pronunciar as ultimas palavras.

— Mas perdoaram-lhe? inquirio Miss Rubi illuminada por um raio de esperança.

— O Dragão tinha de vingar a memoria do seo favorito : não lhe perdoaram, explicou o velho. Os señhores querem ouvir o resto?

— Sim, sim, affirmámos todos.

— Foram escolhidos tres supplicios para a donzella (continuou o extranho narrador) o do bambú, o da navalha e o da thesoura...

Nós tremiamos de espanto á medida que as palavras cahiam lentamente dos labios do Senhor Tai-Kong...

— O primeiro supplicio, explicou elle, consiste em

fincar espetos de bambú nas unhas do condemnado e fazê-los penetrar no sabugo, ás martelladas, como prégos...

— Que horror! exclamou a diaphana Ingleza, encolhendo, num gesto instinctivo, os seos bellos dedos em fórma de fuso...

— O da navalha, proseguio o Senhor Tai-Kong com uma voz secca e angustiosa, é decepar as orelhas da victima de um golpe certo... A's vezes o carrasco tem de repetir a operação porque a arte do supplicio manda que as orelhas caiam no soalho, inteiriças...

O terror apoderava-se de nós...

— O supplicio da thesoura, continuou o nosso lugubre companheiro, contrahindo os musculos da face num esforço doloroso, só um carrasco muito habil se encarrega de o executar... E' preciso ter a mão firme porque as leis chinezas castigam o executor que não seja perfeito na operação... No centro de um jardim sem arvores (afim de evitar a sombra) collocase um poste ao qual é amarrada a victima... O carrasco aproxima-se desta, murmurando algumas sentenças de Confucio para lhe dar coragem, e com uma pequena thesoura de aço, muito afiada, lhe retalha as palpebras... E' preciso ter a mão firme!... Em seguida deixa-a de cara para o sol até que a morte se amerceie della...

— Meo Deos! Meo Deos! interrompeo a Ingleza escondendo a face entre as mãos rutilantes de anneis... E são creaturas humanas que inventam semelhantes martyrios?

— A donzella Yo-Men-Li, declarou o Senhor Tai-Kong sem advertir no effeito que as suas palavras produziam, padeceo os horrores da morte lenta para não pertencer a um homem que não amava...

.

— E que foi feito de Liou-Chang, o cavalleiro tartaro? perguntou por fim Miss Rubi que tinha no rosto a pallidez das perolas dos seus braceletes...

O velho tremeo como um tronco agoitado pela tormenta e arrematou numa especie de rugido :

— Liou-Chang... era eu...

Fez-se um silencio mortal...

Fóra da estalagem, em cima da relva, a chuva continuava a cahir... Nesse momento uma grande borboleta branca entrou a revoletear á roda do nosso grupo : e como era branca todos pensámos na alma de Yo-Men-Li !



O THEATRO JAPONEZ

E A S^{ra}. SADDA YACCO

Tendo accordado de bom humor observei á minha *musumé* que puzesse no cesto de bambú dois ovos cozidos, meia duzia de *sandwiches* e algumas fatias de queijo flammengo para o meo jantar dessa tarde.

E' que eu ia ao theatro de Tokiozá. Nos outros paizes quando a gente vae ao theatro janta em casa muito naturalmente e por volta das 8 e meia prepara-se para sahir : mas na terra Japôa o espectáculo começa ás 9 horas da manhã e prolonga-se até ás 10 horas da noite, de modo que o espectador almoça, janta, fuma e dorme no theatro...

Como explicar aos meos Leitores do Brazil o que é uma platea japoneza?

Imagine-se a de qualquer dos nossos theatros depois de retirados os *fauteuils* : divida-se agora o plano resultante em uma serie de quadrados iguaes, como no jogo das damas ou do xadrez, e transforme-se cada um desses quadrados em uma caixa onde caibam 7 pessoas, um brazeiro, uma bandeja de chá e um pote de cinzas. Todas as caixas apresentam a mesma profundidade, de sorte que dentro dellas os especta-

dores quedam com a cabeça ao nível do soalho. Quem estiver nos camarotes e observar a platea de um theatro japonéz enxergará, pois, uma multidão de cabeças rapadas ecclesiasticamente, e outras tantas ornadas de penteados extraordinarios, que indicam respectivamente os antigos *samuráis* e as modernas *musumés*.

O Japonéz, por via de regra, usa o cabello curto. Quanto á Japoneza... ah! eu não posso fazer-vos a descripção technica dos quatorze penteados das mulheres japonezas! Tem a solteira a sua moda, tem a sua a casada, e têm a sua a viuva, a dama da sociedade, a *gueisha*, a creada de servir... No que, todavia, estão todas ellas de accordo é no uso que fazem do oleo de camelia, com o qual adquirem os toucados um tão perfeito lustre que fica a gente a pensar se são de cabello ou de lacca esses castellos de azeviche, compostos de arcos, torres e columnas, que as *musumés* ornamentam com diversas baterias de ganchos... Ao oleo de tal flôr devem ellas a fortuna de nunca terem cans, e é este o motivo por que todas as Japonezas amam, desde que nascem, a remoçante corolla dos seos jardins...

* * *

O theatro japonéz desdobra-se em theatro classico e theatro moderno.

Consta o primeiro de peças á antiga e o espectador que ama o velho Japão, esse Japão quasi completamente desaparecido com a influencia da Europa, terá a delicia de o imaginar no palco, nos seos ardores bellicosos, nos seos costumes nacionaes, nas longas e

scintillantes procissões de *daimíos* que atravessam a scena tilintando os alfanges e ostentando com pompa o luzimento dos seus trajos.

O theatro moderno differe do antigo pelo seu guarda-roupa e pelo seu enredo: é desgracioso, falso e melancolico. Vestem-se os artistas á moda européa e o espectador, ao cabo dos 14 actos que teve a resignação de supportar, sae do edificio mandando ao diabo o Movimento de 1868 que demolio com tamanha perversidade as antigas, peculiares e pittorescas feições dos Japonezes.

Todos os dias os cartazes de mil côres e as lanternas de papel annunciam peças europeas que um escriptor nacional traduzio para o idioma patrio e entregou aos caprichos do destino.

Os *barbaros*, porém, não podem deixar de rir quando assistem a essas phantasticas representações. Os actores, ataviados com sobrecasacas e roupas de cerimonia, continuam a falar em voz de falsête (o que é considerado extremamente artistico no theatro japonéz) e não movem os braços, não têm a menor expressão mimica, attributo importante na arte de representar, deixando por consequencia no espirito do espectador a impressão de uma sarrafusca profundamente ridicula!

O vestuario concorre em grande escala para o desastre do theatro moderno: os Japonezes, que levam com elegancia as sedas do seu paiz, os *kimonos* e os *hakamas*, perdem toda a linha de compostura quando envergam trajos europêos. O espartilho, as caudas de tres metros, as *robes collantes* não têm cabimento nos abambúados corpos das *musumés*. A Japoneza vestida á feição nacional é algumas vezes encanta-

dora : o *kimono* fica-lhe bem, os sapatos de pao, elevando-a a um palmo da terra, dão-lhe uma graça pittoresca, e o *obi*, enroscando-se-lhe á cintura, faz a gente pensar em certas arvores dos tropicos que atravessam a vida abraçadas pelas lianas... Mas vesti á europêa a mais bonita Japoneza que conhecerdes, e em vez de uma boneca multicôr e risonha tereis uma caricatura de mulher ou um plagio mal acabado da senhora das nossas terras.

A Japoneza vestida á europêa é comtudo menos ridicula do que a Europêa vestida á Japoneza... Que as Europêas amem as sedas tecidas de ouro e prata sobre as quaes vôm mariposas, cantam cigarras, desabrocham lotus e germina o arroz, perfeitamente de accordo... Mas essas sedas de todos os tons, desde o pallido lilaz até ao capitoso escarlata, devem ser aproveitadas para os *peignoirs* europeos, indolentes e amplos, para os *sauls-de-lit* impalpaveis como os nevoeiros, para esses preguiçosos vestidos que possuem o condão de tornar tentadoras até ao sonho as nossas mulheres que têm curvas, que têm fórmãs, que têm braços e que têm seios !

Mas, por favor ! que nenhuma dama de bom gosto ponha sobre os hombros um *kimono* japonéz ! que nenhuma enrole á cintura um *obi* japonéz ! que nenhuma martyrise os pés

.....pequeninos, delicados
como um duplo lilaz.....

nas *guelas* de madeira que produzem sobre os calhãos das ruas um ruidosinho impertinente : pois, dest'arte, a mais divina creatura dos nossos sonhos de amor

ficará transformada em um ser convexo e quasi disforme que nem os infindaveis matizes da seda nem os ricos lavôres do *obi* lograrão de leve aformosear. E' que a Japoneza de *kimono* senta-se á japoneza, anda á japoneza, vive á japoneza, e o *kimono* está de accordo com a maneira desta vida original; ao passo que a Europea, sem embargo do *kimono*, continuará a sentar-se á europêa, a caminhar á europêa, a viver á europêa... E cada vez que isto se dá o *kimono* perde a cadencia e a harmonia do conjunto resvala para uma balburdia de arripiar os cabellos!

A falta de concordia entre a expressão e a fôrma contribue decididamente para o fracasso do theatro japonéz moderno...

Pois a Leitora será capaz de olhar, sem conter uuu ar de mofa, para qualquer desses poemas que são os chapeos das Parisienses (— uma porção de plumas que choram, de plumas que parecem curvadas ao peso de uma saudade, que sobem e descem no ar á maneira de um repuxo...) sobre as arcadas de azeviche de uma dama de Kyoto? A Leitora fará ideia do que seja uma « elegante » do Japão saracoteando-se nas ruas marginadas de casinholas de papel em vestido *trotteur*, *pain brûlé*, ou em *robe forme Empire en cachemire rouge*, *jupe unie ornée dans le bas de petits boutons*, *petites épaulettes ornées de grelots*, *manches de dentelles ornées de petites boules de satin blanc*, etc., etc., etc.?

Pela graça de Buddha! a Japoneza senta-se sobre os calcanhares, tem os pés obliquos, nunca usou espartilho, arranja o cabelo em complicações architectonicas, é dona de uma serie de curiosos detalhes que

*Já não é a primeira vez que
infelizmente encontro esse gros
leiro gallicismo. É triste que o
escriptor tão elegante o use e o em
presque!...*

deram origem, com o rolar dos seculos, a esta creatura embonecada e esquiva que constitue a mulher da actualidade... E como no theatro, para que o espectador receba a emoção artistica, é de necessidade que haja uma juxtaposição do que lhe mostram e do que lhe dizem, facilmente se concebem os desastrosos effeitos do guarda-roupa europeu em cima de corpos completamente japonezes.

* * *

Sadda Yacco, por exemplo, deixa a platéa impassivel na terra das pequenas *musumés* e dos grandes soldados.

E' o Japão, quer-me parecer, o unico paiz do mundo onde a referida tragica não faz colheita de applausos.

Agatanham-se os criticos estrangeiros a vêr qual delles precederá o nome da artista de mais plumosos adjectivos : os cartazes estampam-lhe o nome em lettras maiores do que ella, os espectadores julgam-se obrigados, pelos decretos do *snobismo*, a achar admiraveis as suas extraordinarias caretas; e de terra em terra, de paiz em paiz, a antiga dançarina de Tokio vai colhendo flôres e palmas como um idolo buddhista numa viagem triumphal...

Sómente, apenas arriba ao Archipelago, o sonho tomba das estrellas e a actriz dissolve-se na penumbra. E' que os Japões conhecem a sua tragica melhor do que os Europeos e é a bandeiras despregadas (...bandeiras de riso, convém advertir) que leem as noticias dos triumphos da sua compatriota pelos paizes dos *barbaros*. Toda a gente sabe que para os Japonezes não ha no mundo paiz como o Japão : são as suas

flôres as mais viçosas ainda que não tenham perfume e são as suas mulheres as mais lindas ainda que lhes falte o coração. E' preciso viver no Oriente para se aquilatar do intenso amor da patria que luz na alma dos Japonezes. Se, pois, elles chegam a desistir de uma celebridade nacional fabricada no estrangeiro é que essa celebridade não tem direito algum ás honras apregoadas.

Eu nem sempre concordo com os Japonezes, mas desta feita desquito-me dos Occidentaes e tomo uma cadeira na platéa japoneza para pensar como todos elles a respeito de Sadda Yacco.

Sadda Yacco nunca foi e nunca será uma emula de Sarah Bernhardt como affirmáram todos os Criticos que não tiveram a fortuna de a ouvir.

Cotejar Sadda com Sarah é uma irreverencia para com a segunda. Em que se parecem ellas? que pontos de contacto lobrigaram os Criticos entre a artista japoneza e a divina Parisiense que tem, quando representa,

Les lèvres de Shakespeare aux bagues de ses doigts ()*

Como se pode evocar a tragica de Paris,

Reine de l'Attilude et Princesse du Geste ()*

quando se fala do fragil manequim de Tokio, incapaz de estremecer de odio, incapaz de sentir o que interpreta, incapaz de dar á sua voz de falsete a intensidade dramatica que exige o personagem?

(*) Ed. Rostand.

* * *

Madame Sadda Yacco, depois de algumas aventuras pittorescas, recebeu por marido o Sr. Kawakami, politico de certa importancia. Como o theatro da Politica o não interessasse sobremaneira, o Sr. Kawakami voltou as vistas para o outro theatro e um bello dia fez-se á vela para a California com uma *troupe* de artistas genuinamente japonsicos. Certa noite, adoecendo um dos actores, vio-se o empresario na alternativa de substitui-lo ás pressas ou de devolver ao publico a importancia dos logares vendidos. Financeiro ajuizado, decidio-se o Sr. Kawakami pela primeira solução... Mas quem salvaria as apparencias? Sadda Yacco offereceo logo os seos serviços. Hesitou o marido, conhecedor como era das leis japonezas que a esse tempo cerravam ás mulheres as portas dos bastidores; mas como S. Francisco está longe de Tokio, a concurrencia promettia mundos e fundos e o rigor policial tinha o Pacifico pelo meio-as vantagens absorveram os inconvenientes e o empresario desabotoou os labios num sorriso aos impulsos artisticos da esposa. Os Americanos dos Estados-Unidos perderam a cabeça com a novidade! Uma Japoneza de *kimono* a sibilar cantilenas no palco! Uma Japoneza (então, como hoje, toda a gente considerava as damas deste paiz simples bonecas de cocoras aos pés dos seos amos e senhores) a fazer de Duse, de Réjane e de Bartet!... Mas essa mulher era com certeza um genio, uma flôr de lotus milagrosamente transformada em creatura humana, um idolo vivo emigrado do paiz dos biombos! Accendeu-se o ras-

tilho da fama e esta cresceo como um incendio de palha. Dos Estados-Unidos foi Sadda para a Europa : Londres, Pariz, Madrid, Petersburgo — todas as grandes cidades depuzeram nas mãos da Japonezinha as deslumbradas pennas dos seos criticos. Só em Lisboa o Sr. Joaquim Madureira teve a honestidade de falar nos « esgares e mystificações » e nos « guinchos agudos » de Madame Sadda Yacco. Mas em Madrid um fanatico escreveo :

« Nunca Sarah Bernhardt, Réjane ou a Duse me deram uma impressão tão intensa como esta pallida boneca de olhos marotos que balbucia uma lingua hermetica para mim. »

* * *

Eu vi Sadda Yacco em peças europeas e os meos cabellos eriçaram-se de assombro ! Já não detalho a deselegancia no vestir, nem a *gaucherie* com que calça sapatinhos abertos ou mette o fragil corpo abambúado num espartilho de seda côr de rosa... Já não falo da improbidade artistica com que monta peças espalhafatosamente annunciadas por todo o paiz, dando-nos salões em castellos reaes com duas cadeiras de restaurante por mobilia e duas velas de sebo por illuminação... Estou a vêr que scenarios japonezes não apresentou ella aos embasbacados publicos da Europa quando olho melancolicamente para os scenarios europeus que impinge ao publico da sua terra !

Deixo tudo isto de lado para referir-me unicamente á impassibilidade com que fala, á monotona guincharia com que nos atropella os ouvidos e, sobretudo,

á falta completa de mimica com que nos desembrulha uma duzia de actos traduzidos !

Mas o Japão está na moda : cumpre, por conseguinte, engulir como *bonbons* todas as pilulas que os Japonezes exportam !

E' que pouca gente adverte que os Japonezes exportam precisamente o peor : — chicaras com dragões dourados, laccas feitas em tres semanas, Saddas Yaccos e imitações de marfim — ao passo que conservam piedosamente e religiosamente as obras-primas dos seus thesouros de arte, — os *kakemonos* de Outamaro, os *netsukés* de Minchô, os biombos de duzentos annos de idade, os segredos das suas fortificações militares e os seus jardins de dois palmos de terra...

* * *

A Leitora pensará com certeza que eu perdi completamente o siso. Quando Pariz declara uma cousa não ha geito de contradizer Pariz... Ora a verdade é que os criticos parizienses são creaturas de carne e osso como todos os criticos do mundo, e por consequencia tão susceptiveis de cantar balladas como os seos collegas da Nova Zelandia ! E a prova é que ha dias noticiava o *Figaro* a estreia, em um theatrinho do *boulevard*, da grande actriz Madame Hanako, do Theatro Imperial de Tokio e emula de Sadda Yacco. Para pôr o negocio em pratos limpos e saber do valor da nova estrella dramatica, telegraphiei ao Philosopho Chiba pedindo-lhe o obsequio de vir almoçar comigo. Apressou-se o eminente mestre a acudir ao meo chamado e por uma manhã de primavera tive-o sentado á minha meza, os olhos luzindo vivos como os de

um gato de Malta e disposto a elucidar a minha enorme curiosidade.

— Reconheço que sou o mais atrevido de todos os habitantes do mundo por haver incommodado Vossa Mercê (comecei na mais polida lingoagem que pude alinhar), mas é que não lobrigo em todo o Imperio outra intelligencia tão penetrante e tão...

— Mil vezes agradecido!

— Ouso, pois, pretender ouvir da bocca de Vossa Mercê, da qual desde já me declaro respeitosamente suspenso, algumas informações ácerca de uma actriz japoneza...

(O sabio arregalou os olhos.)

— Aqui está o *Figaro*, continuei sem tomar folego; digne-se Vossa Mercê de baixar a sua vista sobre este humilde papel que nunca sonhou com tamanha honra...

(O philosopho recebeo das minhas mãos um numero do jornal pariziense e leo rapidamente a noticia que lhe indiquei.)

— Ora eu queria saber quem é esta notavel *Madame Hanako*, do Theatro Imperial de Tokio, acrescentei anciosamente.

O Mestre sorrio... Eu sustive a respiração.

— E' assim que se escreve a historia! murmurou pouco depois com um suspiro dramatico... Hanako! Hanako! na verdade nunca ouvi falar em semelhante actriz desde que tive a honra de nascer!... Emula de Sadda Yacco?... O *Figaro* está a divertir-se com os seus assignantes...

— Mas o Theatro Imperial de Tokio, Mestre?

— Só existe na imaginação do reporter que mandou imprimir estas pilherias, affirmou o philosopho muito grave...

— De maneira que tudo isto...

— Tudo isto é uma intrujice, arrematou o director do Gaikokugogakkai... Uma refinada intrujice ! (*)

Cur Sadde Tacco por duas vezes,
no Theatro Paganini de Genova, pelo anno
de 1902 - Luto mudo em tr^{to} discor-
lar ~~do~~ - elegante Luiz Guimarães
a impressão que ella me deixou
não foi a dos - egares e mystifi-
cações - mas sim a de uma
grande artista. Num arranjo já
pouco da Sarna das Camélias, que
conhecia por Rose, Sarah, Tina e
outras, senti reviver em Sadde
Tacco a protagonista da peça, com
o mesmo vigor, a mesma arte,
e mesma paixão. Na scena da
morte Sadde Tacco se me afigu-
rou signal senão superior a
artistas famosas. Impressionei-

(*) O actor, por excellencia, de quem os Japonezes falam com verdadeiro respeito é o velho Danjurô que a morte levou já para outros planetas e que tinha uma justa presumpção no seu merito artistico, como se podia verificar nos seus proprios cartões de visita : *Danjurô, o maior actor do Japão.*

O seo nome no cartaz era o mais seguro chamariz dos freguezes deste genero de divertimentos.

Como no Japão ninguém entra no theatro com os sapatos nos pés e advertindo que o theatro de Tokiozá, por exemplo, comporta 2,500 pessoas, pôde a Leitora fazer ideia do respeitavel monumento de 5,000 sapatos que se eleva no pateo da entrada em noites de grande concorrência !

Por tudo isso e' por discordo
profundissimamente do ma-
rioso poeta das Pedras Preciosas
e do firmissimo e elegante pro-
feta da lingua da Mandarina.

O HANASHIKÁ

Sem embargo da neve que neste momento amortalha a terra dos Japões eu não pude esquivar-me aos sorrisos e ás cortezias com que o notavel philosopho Chiba me pedio que o acompanhasse ao *yosé* de um celebre *hanashiká* de Shimbashi.

A conferencia annunciada em complicadas lettras chinezas sobre as lanternas da sua barraca promettia ser uma das mais extraordinarias do inverno.

De braço dado com o philosopho emboccámos por um dos meandros de Shimbashi, o bairro onde se fazem ouvir os mais notaveis *hanashikás* da capital.

O *hanashiká* ou contador de historias é uma sorte de actor ambulante e barato que vae de villa em villa, perante um auditorio curiosissimo, espalhar as lendas do Japão, os velhos e guerreiros contos de conquistas, as faceis narrativas de gatos encantados e as lacrimosas tragedias das rãs infelizes.

O imaginoso *hanashiká* tem mostarda para todos os paladares : distrahirá na mesma noite o espirito doudejante das creanças e o cerebro ponderado e reflectido dos senhores chefes de familia. As conferencias realisam-se no *yosé*, que assim se chama a enorme sala onde se aglomeram mais de mil pessoas nas epocas de enchente. O *hanashiká* é infallivelmente nocturno, no que se aparta dos outros actores japo-

nezes que representam desde as 10 horas da manhã até ás 9 ou 10 horas da noite!

A' entrada do *yosé* notei sobre o soalho uns pequenos Fujiyamas de sal que o eminente philosopho Chiba teve o cuidado de não pisar, advertindo-me com paternal benevolencia que tratasse de fazer o mesmo. Porque o empresario, supersticioso como todos os Japões deste Archipelago, está convencido de que o sal attrae a fortuna mais os freguezes.

Deixei os sapatos entre as magras mãos de um carcomido porteiro e penetrei, com o philosopho, no amplo salão das conferencias. Ah! quanta gente conhecida! de todos os lados eram cumprimentos, sorrisos, cortezias... Lá estava a senhora Ida-e-Volta com a sua prole ataviada de *kimonos* furta-côres... Lá estava o doutor Bosque Pequeno que eu visitei o anno passado e que me fez um substancioso discurso a proposito das virtudes das ameixieiras... Lá estava a transparente Sra. Bola, acompanhada de uma tia de oitenta e sete invernos que mercadeja em palitos de incenso para os devotos queimarem em louvôr dos deuses... Lá estava a Sra. Crysanthêmo, rechonchuda e folgazã, no seo maravilhoso *obi* de seda pallida com racimos de *glycinias* matizadas... E ao fundo da sala, em um dos rincões mais obscuros, encolhido na sua roupeta ecclesiastica, lá estava tambem o bonzo do templo de Kodji-in, homem de boas contas, limpo de mãos, que é meo senhorio e meo confessor, e que nem falta aos contractos escriptos nem se mostra rigoroso com os peccados alheios.

Dilatou-se-me o coração de contentamento com a vista do padre santo e tive vontade de lhe falar no geito daquelles filhos dos Senhores do Reyno quando

se dirigiam ao bemaventurado S. Francisco Xavier (*): « Tua boa vinda, Padre Bonzo Santo, seja tão agradável á minha vista como o rosto do menino mimoso para a mãe que o recreia no seo peito; porque te juro pelos cabellos da minha cabeça que até as paredes que vês com teos olhos me mandam que eu festeje a tua entrada... » na barraca do *hanashiká*.

Mas de repente um murmúrio confuso ondeou pela extraordinaria assembléa.

Era o *hanashiká* que apparecia, gordo, roliço, glabro como a maioria dos Japões, numa gravidade de professor honorario, galgando philosophicamente os polidos degraus da tribuna de papelão. Eu tambem senti o effeito daquella solemnidade : e como atraz da tribuna se elevava um biombo mosqueado de estrellas de oiro, pareceo-me que era a Lua que vinha rompendo serena no horizonte da barraca... Mas não era a Lua; era simplesmente o senhor *hanashiká*...

Dois mil e quatrocentos olhos fitaram-se nelle com profundissimo respeito... Ouvio-se o sussurro admirativo dos espectadores... As *musumés* deixaram de sorrir... O philosopho Chiba suspendeo a respiração...

O *hanashiká* bebeo um gole de chá e tomou pausadamente a palavra... Eu nunca ouvi uma voz tão cambiante, tão malleavel, tão fluida, tão elastica, — ora comica, ora tragica, ora borrascosa, como a voz que o extraordinario actor derramava aos borbotões sobre as nossas admiradas cabeças ! E' que elle contava ao seo publico a historia da bella Sol-da-Manhã, e na abundancia da sua eloquencia deviam de resuscitar todas as tramas dessa lenda tão cheia de mortes

(*) Mendes Pinto-Peregrinações, Cap. CCX.

e de amor que tremem as carnes de as ouvir e se empanam os olhos de as percorrer.

* * *

Havia entre as *oirans* do celebre Yoshiwara de Yeddo uma certa Sol-da-Manhã, afamada pela sua grande belleza e ainda mais pela magnificencia dos seus vestuarios. Sahindo uma noite, como de costume, guardada por um luzido sequito de creados, dirigio-se para uma das melhores Casas de Chá da vizinhança da qual era proprietaria a muito respeitavel Senhora Uva.

Recebeo a Senhora Uva com grande contentamento a visita de Sol-da-Manhã e pondo por tres vezes a cabeça no chão declarou-se prompta a satisfazer todas as ordens que lhe dessem.

Ainda a *oiran* não havia trocado sete palavras com a sua amavel hoteleira, eis senão quando um jovem *samurái* que trazia á cintura um par de espadas em bainhas de lacca se apresenta na mesma hospedaria e reclama um quarto para passar a noite.

Aviou-se a hoteleira a attender o novo hospede, e acostumada como era a distinguir a nobreza do povo, em um relance se lhe arrojou aos pés pronunciando com todo o respeito :

— Seja Vossa Senhoria bemvindo a esta humilde cabana, meo senhor ! ser-me-ha dada a suprema honra de ouvir o nome de Vossa Senhoria?

— Nada se oppõe, volveo o guerreiro com certa doçura na voz. Chamo-me Coragem-das-Tres-Aldeias e sou um *samurái* de Wakayama. Amanhã mesmo abalo para Kioto, aonde me esperam negocios impor-

tantes, e preciso de um quarto para esta noite...

— O melhor de toda a habitação, meo nobre senhor! mas, com o devido respeito de Vossa Senhoria, que distracções lhe convêm?

— Quaesquer, senhora... senhora...

— Uva, para limpar os pés de Vossa Senhoria...

— Pois qualquer coisa me serve, senhora Uva. Mande vir algumas cantoras de *samisên*...

— Senhor *samurái*, com perdão de Vossa Senhoria, está naquella sala a *oiran* mais desejada de Yeddo...

— Ah! deve ser a linda mulher que encontrei na alameda das cerejeiras...

— Sol-da-Manhã, sim, meo senhor! e não lhe fallecem nem dadivas de peças ricas nem ajuntamento de admiradores...

— Queira ter a bondade de a chamar, senhora Uva. Tanto monta que seja esta como que seja outra...

Dez minutos não eram passados quando a *oiran* do Yoshiwára penetrou na alcova onde estava o jovem *samurái* de Wakayama. Feitas as cortezias do estylo, Coragem-das-Tres-Aldeias dignou-se consentir que a *oiran* tomasse logar ao seo lado e lhe servisse o *saké*.

De muita industria amorosa devia dispôr a bella Sol-da-Manhã, porque não decorreo muito tempo sem que o enfado da cerimonia desaparecesse do ambiente, e a distancia entre o nobre guerreiro da provincia e a *oiran* do Yoshiwára se encolhesse a olhos vistos. A verdade é que o *saké* depressa derreteo a neve dos primeiros encontros e o *samurái* principiou a acreditar que nas pupillas alegres de uma bonita mulher

tambem se queimam os corações dos guerreiros. E porque os idyllios japonezes têm azas de borboleta, ao cabo de poucas horas a *oiran* de Yeddo e o fidalgo da provincia haviam já concertado uma lua-de-mel sob os bons officios da deusa Bentên, que é a mensageira da felicidade, e segundo o philosopho Chiba, a padroeira do amor...

Passavam os dias, as semanas e os mezes, e o *samurái* Coragem-das-Tres-Aldeias, preso de real affeição pela *oiran* do Yoshiwára, não se decidia a partir para Kioto aonde o chamavam os importantes negocios que annunciara á senhora Uva.

A *oiran*, por seo lado, agradecia aos deuses cada hora a mais que o seo jovem senhor lhe concedia : cançada de fazer burla dos homens, farta das intrigas de soalheiro, nervosa e enferma de perder as noites sobre os *talamis* das innumeras Casas-de-Chá de Yeddo, sentia-se agora favorecida de abundante felicidade, entregue ao seo unico amor, como achando nelle todas as graças dos idolos e dos principes. « Mas o mal dos negocios desta qualidade está mais no que depois se segue nelles que no que nelles se começa », adverte o peregrino Fernão, e por consequencia ao cabo do setimo mez o coração de Sol-da-Manhã entrou de sentir-se apertado num *obi* de vaga tristeza.

Deixou de vêr as amigas, cerrou a porta aos admiradores, despreoccupou-se das finuras do vestuario e prohibio a todos os seos creados que cantassem ao *samisên*.

Ninguem acertava por que occultos motivos a alegre dançarina do Yoshiwára cahira em tamanha melan-

colia. Houve mesmo quem assegurasse ter a raposa entrado no corpo da *oiran*...

Ora uma tarde, enquanto o *samurái* andava de visita pelos templos, um feiticeiro do bairro, chamado pela enferma, penetrou numa das alcovas da Casa de Chá.

— Eu vivo triste, começou Sol-da-Manhã, porque o meo amante vive triste. Ha mais de quinze dias que noto nos seos olhos a sombra da desgraça... Será acaso que já me não ame e lhe custe declarar-m'o?

— O motivo da tristeza do senhor *samurái*, elucidou o feiticeiro, não é o amor nem a falta delle, nobre senhora *oiran*. O senhor *samurái* ainda não perdeu o afferrado sentimento que desde a primeira hora o picou...

— Mas então? insistio ella.

— Coisa mais séria, coisa mais séria, balbuciou o bruxo. O senhor *samurái* veio a Yeddo para vingar a morte do seo irmão mais velho. Mas desse intuito se tem afastado pelo conhecimento que travou com a senhora *oiran*. Todos os dias a ideia da vingança acode ao espirito do senhor *samurái* e por isso devem de ser as suas noites agitadas e os seos sonhos perturbados por...

— E' verdade, interrompeo a *oiran*. Já tres vezes despertou no meio da noite gritando por um nome desconhecido. Parece que sonha com batalhas de sangue!

— Sonha com o assassino de seo irmão, explicou o velho. O morto estará excluido do repouso celeste enquanto o senhor *samurái* não der cabo do vivo.

Rogo á senhora *oiran* que o não retenha com suas graças, antes o incite a cumprir o seo dever. Porque as palavras de Buddha são limpidas como a neve de Mukojima : é falta de nobreza fazer padecer os seos semelhantes...

— Obrigada, atalhou a *oiran*. Que a fortuna te favoreça até á segunda vida futura se não erras no que me dizes...

— O grande Buddha vos proteja, nobre senhora !

— ... mas que te caiam todos os dentes se te enganas numa só palavra !

— O grande Buddha vos escute, concluiu o feiticeiro inclinando-se até ás esteiras e desaparecendo como uma sombra pelos *shoji* da habitação...

Apenas Coragem-das-Tres-Aldeias regressou a casa a amorosa Sol-da-Manhã pô-lo ao corrente de tudo quanto ouvira.

Ah ! era verdade ! dez annos antes um certo Tsuruga, mestre d'armas da provincia, matára por zelos profissionaes o morgado da sua familia.

Moço ainda para vestir uma armadura de *samurái*, teve Coragem-das-Tres-Aldeias de esperar dois lustros de tempo antes que o deus da guerra lhe puzesse forças nos musculos, porque de valor não carecia o infante.

Afinal, um dia, sentindo-se capaz de levar a effeito a justa vingança, metteo-se a caminho de Yeddo, resolvido a esquadrinhar todos os rincões da grande cidade, até se fazer contradicho com a sombra do seo inimigo.

Porque Confucio dissera : « Não viverás debaixo do mesmo Céu que o teu inimigo. »

Se ella o ajudasse?

Sol-da-Manhã saltou de contentamento...

Sim! ella o ajudaria a descobrir a cova do reptil : e, apenas descoberta, afiaria o gume da adaga que o amante recebera dos seos antepassados para que a cabeça de Tsuruga provasse, como merecia, a temperatura da lamina!

E ditas estas palavras, o guerreiro de Wakayama e a *oiran* do Yoshiwára juraram pela deusa Amaterásu uma lucta sem misericordia ao assassino do morgado...

Retirou-se o *samurái* para o seo quarto e ao mesmo tempo que o somno lhe cerrava os olhos as ideias lhe dançavam na cabeça... Sentia agora um grande allivio como se lhe houvessem desencravado um punhal do coração : aquelle segredo de sete mezes tivera-o quasi á beira da sepultura. Hoje Sol-da-Manhã era senhora do seo destino : ella só, além da sua veneranda mãe e das suas dezesete irmãs ainda cobertas de luto pelo crime de Wakayama, conhecia em Yeddo o nome do inimigo perigoso...

Mas a quem, melhor do que á mulher amada, pode um guerreiro confiar os segredos que se enlaçam com a honra?

* * *

Na sua alcova Sol-da-Manhã meditava...

O nome do assassino já decerto o ouvira nas alegres Casas-de-Chá do Yoshiwára... Uma *oiran* conhece tantos homens, tem tantos amigos, anda sempre seguida de tantos admiradores!

— Tsuruga! Tsuruga! dizia para si, enquanto a

musumé lhe soltava do toucado os finos pingentes de ouro...

Onde ouvira ella este nome?

Presa de impaciencia vai ao cofre das cartas, ao acaso, para indagar...

Relê uma duzia, duas duzias. E' a senhora Iris que lhe pede um *obi* para a festa dos cysanthêmos... E' a senhora Relogio que lhe participa o seo proximo casamento com um Ronin de Yeddo... E' o poeta Cabeça-de-Touro que a compara á celebre favorita do Imperador Ming-Hwang, a qual tinha os labios como a corola das azaléas, a pelle como a flôr do lotus, as sobranceiras como o salgueiro e o corpo como o bambú flexivel... E' o amoroso Mudo-Invincivel-das-Tres-Arvores que lhe diz adeus por partir para o paiz da sombra... E' o desilludido Porteiro-da-Porta-Abandonada que se queixa da sua indifferença de pedra... E' o senhor Tres, pintor e philosopho, que morre de amores pela sua belleza só comparavel á do passaro de Miako...

Onde ouvira ella o nome de Tsuruga?

As cartas tombam-lhe dos dedos, ás porções...

As horas desaparecem no silencio da noite...

Mas o maldito nome continúa a rechinar-lhe aos ouvidos como uma cigarra de Nikko!

De repente a memoria bate as azas!

O amante da sua amiga Oito-Delicias chamava-se Tsuruga...

Aqui está a carta da sua amiga! aqui estão as datas, o nome, a rua onde se occulta o scelerado! aqui está, mercê dos deuses, o covil cheio da negra peçonha!

Vale a pena interromper o somno do guerreiro... Sol-da-Manhã não hesita : corre o *shoji*, entra no

quarto de Coragem-das-Tres-Aldeias, chama-o, sa-code-o com impaciencia...

O guerreiro abre os olhos e põe-se em guarda, de um salto, pensando talvez que tem o inimigo na frente... Não!... não!... é a adejante figura de Solda-Manhã, pallida como um lyrio, que lhe sorri ao bruxoleio da lanterna...

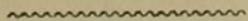
Mas Coragem-das-Tres-Aldeias quer saber... A *oiran*, sem esquivanças, lhe revela o segredo precioso... São duas horas da madrugada e o gallo branco já começou a cantar... Que importa? a honra de um *samurái* não conhece o tempo, nem o cansaço, nem o frio!

— As espadas! grita, já envergada a armadura, enfiado o capacete de ferro, fixas as polainas de couro e calçados os guantes dos combates. Dá-me o sabre, o arco das flechas e o punhal! antes que os lotus se abram eu hei-de saber quanto pesa a cabeça de Tsuruga!

— Que a sombra de Oishi Kuranosuké vos acompanhe, murmura respeitosamente a *oiran* pondo por tres vezes a cabeça no chão e vendo desapparecer o *samurái*...

Nesta altura o orador suspendeo a narrativa, tomou um gole de chá e arrematou com solemnidade :

— Depois de amanhã se contará o resto!



O KURUMA-YÁ

O *kuruma-yá* é o homem-cavallo dos carrinhos de duas rodas. Elle puxa o passageiro por estradas e collinas, sabe os fantasticos nomes de todas as ruas, conhece toda a gente, e permite-se, mesmo, de ter ideias politicas sobre o Imperio.

O viajante que desembarca em qualquer porto da terra Japôa a primeira surpresa que enxerga é essa mó de *kuruma-yás*, humildes e uteis, a offerecerem-lhe os seos serviços por uma quantia miseravel.

O *kurumá* é um pequeno tilbury que se abre e se fecha á vontade do passageiro e variavelmente luxuoso conforme os respectivos proprietarios. E' a carruagem nacional. Hoje, todavia, vereis as ruas de Tokio percorridas tambem por algumas carruagens com cavallos!

Tratam os Japões de imitar a Europa, pelo que eu sinceramente os lastimo. Vereis carruagens...!!!! Vereis cavallos!!!!... e vereis cocheiros enfronhados em sobre-casacas que estão como a pedir ao Buddha dos alfayates que se amerceie dellas! E' certo que muita gente, — a maioria, quiçá, — veste os seos cocheiros á japoneza; e na cabeça, em vez da mirabolante cartola, copiada não sei sobre que modelo, põe-lhes um chapéo com a fôrma de cogumelo, que os

abriga do sol e da chuva e que ostenta as sete côres do arco-iris.

Passear de carruagem, no Japão, equivale — no seu affeito artistico — a passear... de caminhão no Rio de Janeiro. Os cavallos arrancam lagrimas aos cultivadores dos puro-sangue. Não são cavallos, são phantasmas, são esqueletos de cavallos!

E' curioso observar uma carruagem de Tokio. De dois em dois minutos vereis o agil Japonez que serve de lacaio saltar com uma desenvoltura clownesca da boléa para a rua, e disparar adiante dos rossinantes gritando ao povo que se afaste e arredando os incontaveis *bébés* que pullulam nas estradas, misturados ás senhoras gallinhas e aos excellentissimos gatos! Eil-o agora que volta para a boléa... Mas dahi a pouco a rua sobe, é alguma cousa ingreme, e o bom do Japonez, para alliviar os desventurados quadrupedes, torna de novo para a estrada, adiante delles, a passo de dança e aos gritos, afim de que ninguem seja atropellado. Durante todo o passeio o cocheiro grita tambem, e quando chegaes a casa já encontrareis a *musumé* á porta da rua, a porta aberta, a lanterna accesa, tudo a postos. Porque o lacaio, vinte metros antes, deixou a carruagem a perder de vista, e num galope maravilhoso apressou-se a ser o primeiro a alcançar os vossos penates afim de advertir os famulos.

O *kurumá*, todavia, é o vehiculo nacional.

Em todas as esquinas, em todas as ruas, em todas as aldeias da populosa terra Japôa ficai certos de topardes com centenas de *kurumás*; e se quizerdes

cahir na graça dos pobres diabos que deviam adoptar como patrono o magrete Rossinante de saudosa memoria, admirai-lhes o relevo dos musculos porque elles têm orgulho nessas rigidas fibras com que ostentam a sua força de tracção. Quasi todos usam calças curtas que deixam núas as pernas desde muito arribado do joelho : de sorte que os musculos da pantorrilha quedam á vista cheios de exuberante saude, não tanto para captivarem os inclinados olhos das pensativas *musumés* como para attrahirem o maior numero possivel de freguezes. Na cabeça levam o classico chapéo-cogumello e por casaco uma sorte de *kimono* de mangas fluctuantes que lhes dão aos braços, quando vão na carreira, o aspecto de grandes azas movediças...

Não ides suppôr que o *kuruma-yá*, porque brota da ralé da população, seja um typo grosseiro e malcreado. Pelo contrario : é o ente mais amavel que se pode imaginar : tem quasi ademanes cortezãos...

Um *kuruma-yá* nunca faz uma pergunta a outro *kuruma-yá* sem delicadamente se « descobrir ». E' com o chapéo fóra da cabeça que lhe pergunta onde mora, por exemplo, a Sra. Crysanthêmo. E' de chapéo na mão que vos deixa á porta da casa que lhe haviéis indicado, e é inclinando-se tres vezes até ás pedras, — sorrindo e sussurrando agradecimentos — que recebe dos vossos dedos os magros *sen* da corrida.

A infima quantia com que se paga um *kuruma-yá* não impedio que alguns delles chegassem a colher enormes fortunas. De dois tenho eu noticia que ha 30 annos puxavam o carro, transportando bonzos, *gueishas*, estrangeiros e toda a especie de freguezia errante. Um destes é hoje banqueiro e dono de um titulo e o outro um respeitavel personagem abarroado

de milhões, viajando pela Europa e tendo sobretudo o alto prazer de sentar á sua mesa os maiores politicos e estadistas do Imperio, — talvez os mesmos que em tempos menos afortunados se sentavam na almofadinha roxa do seu carrinho de duas rodas. Destes dois homens cabe dizer que tinham talento... nas pernas !

Nem todos os Japões podem ser *kuruma-yás*. E' preciso uma tempera especial e são indispensaveis uns musculos especialissimos.

Cumpre além disso ter carta limpa da policia e pagar um pequeno imposto á municipalidade. Ha poucos annos uma lei caritativa mandou observar que só se admittam *kuruma-yás* entre os 20 e os 50 annos.

Os velhos *kuruma-yás* que hoje se notam nas ruas japonezas iniciaram, pois, a *carreira* pelos tempos idos do feudalismo.

Se quizerdes chegar com vida ao ponto do vosso destino, pregae os olhos no céu e rogae a Buddha que não deixe surgir na mesma direcção a sombra sequer de outro *kurumá*; porque se outro apparecer, o homem do vosso carro empregará todos os modos e geitos para lhe passar adiante (o contrario seria uma nodoa sobre os seos pergaminhos de carroceiro) e já que o carroceiro rival raciocina exactamente da mesma sorte, o resultado é improvisar-se uma corrida de vehiculos cujo epilogo as mais das vezes consiste em um formidavel abalroamento acompanhado de diversos ossos partidos...

Mas eu gosto dos *kuruma-yás* quando a noite desce

sobre a cidade de Tokio ! E' que então, para aclarar o caminho, leva cada um a sua lanterna de papel em cujo bojo está impresso o nome do proprietario ou o signal da associação a que pertencem.

E não se pode descrever, em prosa chã e mal alinhavada como esta, o luminoso effeito de centenas e centenas de pharoes de papel riscando a sombra das estradas entre as altas arvores dos parques publicos, ou atravessando as velhas pontes que se curvam sobre os canaes silenciosos...

Quando me toca a vez de sahir de *kurumá*, ás 9 horas da noite, atravez dos frondosos caminhos marginados de templos e de Casas-de-Chá, — eu sinto com amor o verdadeiro Japão, enxergo-o, estudo-o, alcanço-o, penetro na sua primitiva belleza e comprehendo este odio de morte, este irrefreavel rancor de todos os Japonezes por todos os Europeós que vieram transformar os seos castellos e os seos *samuráis* em barracas de madeira e cidadãos de chapéo alto !

Durante o inverno, nas esquinas das ruas, os *kuruma-yás* chamam as vistas do observador. Em volta do *hibashi* — que é uma caixa repleta de brazas — as pernas núas, sentados sobre os calcanhares, — ahi os vereis discutindo politica, lendo os jornaes, chupando o cigarro philosophicamente. E, assim, os musculos da pantorrilha destacam-se, vigorosos e sadios, a espicaçar de inveja as vestidas pernas dos Japonezes civilisados !

E cada pessoa que passa recebe do grupo a infallivel offerta : « *Deseja um kurumá ?* »

Se a resposta é affirmativa logo todos se levantam á porfia para colher o passageiro.

Este dá um nome (um nome sem principio nem

fim, como a eternidade) e o *kuruma-yá* atrela-se ao carro, embrulha os joelhos do passageiro no seu chale protector, e rompe, entre sorrisos, num galope de corcel.

As casas no Japão não têm numero. Em geral o passageiro diz ao *kuruma-yá* o nome da pessoa que vai visitar. Se o passageiro vai visitar o philosopho Chiba, por exemplo, dirá ao *kuruma-yá* : Chiba-San. Yakuojimachiushigometsunamachimina Kodjimachikú — n.º 1.

A Leitora comprehende... Na ordem está o nome do philosopho e o districto que tem a honra de o agasalhar.

Eu disse que as casas não têm numero. Melhor, — em cada districto têm todas o mesmo numero. As casas de todos os habitantes desse districto, de todos os vizinhos, proximos e afastados do Philosopho, têm por conseguinte o numero 1.

E' que no Japão as coisas fazem-se ás avessas.

Quando se escreve uma carta principia-se pelo fim; quando se entra em casa de alguém descalçam-se os sapatos; quando se quer ser amavel dá-se a esquerda como lugar de honra; quando se sahe do banho enxuga-se o corpo com uma toalha molhada; começa-se a jantar pela sobremeza, fazem-se visitas ás 7 horas da manhã, as flôres brotam antes das folhas e quando uma creança nasce tem no mesmo dia um anno de idade!

POETAS JAPONEZES

Dizia-me hontem o Philosopho Chiba, piscando muito os olhinhos papudos :

— A classica *uta* (*) de 31 syllabas nasceo á luz dos doirados biombos do Palacio. Depois, o ardente entusiasmo dos Imperadores deo-lhe um forte relevo de marfim... O Palacio era, por assim dizer, um Olympo. Nara, a velha cidade do seculo 8.^o, com as suas amplas avenidas, as suas arvores vetustas, os seos Buddhas de pedra, os seos altares e os seos sinos, chegou a ser um verdadeiro templo de arte, sob as vistas da Imperatriz Koken... Filha e esposa de Imperadores tomou a regia dama a direcção do paiz logo depois da morte do seo marido. Foi por sua iniciativa que se compilou e publicou o *Kojiki* (*Livro das velhas tradições*) e se escreveu o *Nihongi* (*chronicas do Japão*), a primeira scentelha de uma litteratura nacional. Foi tambem durante o seo reinado que desabrochou o *Manyoshu* (*as mil folhas*) considerado a mais antiga anthologia japoneza. O reinado desta Imperatriz representa a epoca lyrica do Japão : basta dizer-lhe que Hitomáro nasceo por esse tempo...

— O grande Hitomáro? perguntei com interesse.

— Sim, confirmou o philosopho. O maior poeta

(*) Segundo a tradição foi Susa-no-o quem escreveu a primeira *uta*.

que tem havido no Japão. Leia o *Manyoshu* (*), meo rico Senhor; lá saberá do nascimento de Hito-máro... Passeava o guerreiro Ayabe nas nevadas alamedas do seo jardim quando de repente uma certa claridade lhe offusca a retina... Aos pés de uma florida ameixeira jazia uma creança mais linda do que as estrellas. — Como te chamas? pergunta o guerreiro á creança. — Eu não tenho pai nem mãe, responde o divino *bébé*, mas a Lua e os ventos obedecem-me! Sou o Poeta!

O philosopho Chiba fez uma pausa e continuou, erudito :

— Sob o reinado do Imperador Kwammu mudou-se a Côrte para Kyoto que passou a ser o centro das bellas Artes e das Lettras... Kyoto era a cidade da Paz com os seos alados cantores das margens do Kamo e a doirada galeria de brocados das cerejeiras de Omuro. Os palacianos usavam esplendidos vestidos de varias côres e bebiam no deslumbramento da Natureza a inspiração para as suas *ulas*... A poetisa Murasaki-no-Shikibu escreveo um livro de prosa, o *Genji-Monogatari* e a sua collega Sei-Sho-Nagon, dama da Côrte, publicou o *Makura Zoshi*. Durante muitos annos foi o Palacio do Mikado um jardim de rosas e lyrios poeticos, e quando em 1867 a Côrte veio para Tokio, vieram tambem com ella a graça, a poesia e a elegancia... Os rudes espiritos dos guerreiros que riam á sombra dos castellos dos Tokugawa eram acalmados pelos suspiros dos poetas, e os dias feudaes, por mudarem de *kimono*, não deixaram, todavia, de nutrir a inspiração do novo Imperio...

(*) Esta obra consta de 20 volumes contendo 4,515 poemas.

Abriram-se de par em par as portas do *Oula-Tokoro* (Repartição da Poesia com o Sr. de Takasaki por chefe) e a Côrte imperial encheo-se de poetas...

Actualmente o chefe é o Imperador...

— Conheço e admiro os poemas de Sua Majestade, arrisquei num murmúrio respeitoso...

— Um grande poeta, Sua Majestade, assegurou o philosopho, ainda que á primeira vista o não pareça.

— Porquê? exclamei.

— Porque o nosso Imperador é silencioso como a montanha, explicou o Mestre, e os poetas devem gorgear como os passaros nas selvas... Mas todos se lembram das « 31 syllabas » dedicadas por Sua Majestade aos heroes que cahiram no jardim da Mandchuria iguaes ás flôres das cerejeiras do Yamáto! Essas « *utas* » foram a nossa fonte de Juvencio...

E o Philosopho Chiba, ditas estas palavras, levantou-se, cumprimentou e sahio.

* * *

Como todos os annos, pela mesma data, realisou-se hontem no Palacio Imperial de Tokio um grande Congresso de poesia.

Sua Majestade o Imperador houve por bem dignificar o acto com a sua divina presença. A Imperatriz Primavera, o Principe Herdeiro e a Princeza sua Esposa, todos os Principes do sangue, o Ministerio, os altos dignitarios e alguns poetas favoritos do Throno estiveram tambem presentes á cerimonia.

Poeta e soberano de um paiz em que os proprios soldados são poetas, — como se vio nas batalhas da Mandchuria onde todos morriam com um verso

no coração — Sua Majestade acode todos os annos á festa das Musas japonezas.

No dia 3 de Novembro, anniversario natalicio do Imperador, a gazeta official publica o thema que Sua Majestade offerece á inspiração dos trovadores do seo amado Imperio, e é sobre a seda desse thema que elles terão de bordar os crysanthêmos da sua fantasia...

A commissão julgadora receberá até 5 de Janeiro as *utas* que de todos os rincões do paiz lhe forem remettidas : lê-las-ha, estudá-las-ha, avaliá-las-ha, e, apartando o trigo do joio, decidirá quaes as que serão lidas na presença de Sua Majestade e quaes as que apenas alcançarão a honra de serem incluídas num album que será silenciosamente offerecido ao Imperador.

Graças a Deus, eu não fiz parte desse jury laborioso. Os versos deleitam-me, desannuviam o céu da minha existencia, insuflam-me no espirito um certo alento e uma certa claridade : mas dahi a ter de decifrar 22225 poesias, que tantas foram as que este anno deram entrada nos sagrados *torii* do Olympo japonéz, vai uma distancia que a minha pia Leitora facilmente calculará...

A cerimonia realisa-se no salão Phoenix aonde estão collocadas duas mezas, para o Imperador e a Imperatriz, e outra mais larga, no centro, em volta da qual tomam logar o chefe da leitura (*Dokushi*) que é o Sr. Marquez de Nabéshima, alguns leitores officiaes, os *koshi*, e os recitadores ou *hassei*.

Os Principes Imperiaes sentam-se do lado do Imperador e as Princezas do lado da Imperatriz.

Na meza do centro as poesias classificadas (que serão, momentos depois, lidas em voz sonora) repousam gloriosamente sobre uma bandeja que dá pelo nome de *on-asasuzuri-fula*.

A's 10 horas da manhã, seguidos dos seos sequitos, fazem os Soberanos a sua radiosa apparição. Os cortezãos inclinam-se com o maximo respeito, e o Sr. Marquez de Nabéshima agradece em breves palavras a augusta presença de Suas Majestades.

Isto feito, começa a cerimonia.

Um dos *koshi* declara o nome, a posição social, a idade e a provincia do autor que vai lêr. Em seguida, um *hassei* repete essa leitura, mas desta vez dando-lhe uma certa *nuance* de sons. Um segundo *hassei* torna a recitar a poesia, cuja parte final é acompanhada de um côro de vozes formado por todos os *hassei* e *koshi* da cerimonia.

Lidas as poesias do povo cabe a vez ás dos Príncipes e Princezas as quaes são repetidas duas vezes pela forma acima indicada. Em seguida vem a da Imperatriz Primavera que é repetida tres vezes e por ultimo a do Imperador que é repetida cinco vezes.

Não vá a Leitora imaginar que o Congresso da Poesia dura doze horas como os espectaculos dos theatros. Os poemas são breves e em menos de 120 minutos a harmoniosa cerimonia entrega a alma ao deus Buddha. Retira-se a familia Imperial (depois de offerer ao Marquez de Nabéshima e aos membros do jury uma taça de venerando *saké*, servido na sala do almiscar) dissolve-se a reunião, e os poetas de todos os cantos do Imperio cujas poesias foram lidas nessa manhã, receberão mais tarde um aviso no qual se lhes

fará saber que os seus versos tiveram a grande honra de subir até aos ouvidos do Imperador e que serão publicados na gazeta official.

Todos os annos se realiza este torneio poetico, animado e dignificado com a collaboração do Soberano, que não obstante as suas graves preocupações de Chefe de Estado, os seus multiplos cuidados com o progresso do paiz, politicamente e militarmente falando, ainda acha alguns momentos livres para de tempos a tempos conversar em verso com as Musas do seu Olympo.

O thema do concurso deste anno foi *O pinheiro do Anno-Bom*.

Os Leitores não levarão a mal que eu lhes ponha debaixo da vista algumas das poesias que foram hontem recitadas no palacio imperial de Tokio.

Do Principe Herdeiro :

« E' com certeza para celebrar a gloria do Imperador que no dia do Anno-Bom o povo enfeita as portas das suas casas com ramos de pinheiro. »

Da Princeza Imperial :

« A verdura dos ramos de pinheiro, ás portas das casas, é como a limpidez da manhã, e toda a poeira é sacudida pela primeira brisa do anno. »

Do Principe Arisugawa :

« Como é brilhante, á entrada do anno, a côr dos floridos pinheiros, novos e velhos ! »

Da Princeza Arisugawa :

« *No Anno-Novo até o velho pinheiro que está á beira do fosso imperial de Sakurada, se torna verde outra vez !* »

Como se vê, o pinheiro desempenha um papel importantissimo na epoca do Anno-Bom.

Não só os poetas, mas tambem os que vivem menos em contacto com as Musas, amam o pinheiro e lhe dedicam o melhor dos seus sorrisos.

A epoca do Anno-Bom é pittorescamente original neste paiz. E' a mais popular de todas as festas, a que revela a alma japôa em toda a sua supersticiosa feição, e a que deixa nos olhos dos *barbaros* uma saudade mais caracteristica.

No Anno-Bom as ruas abarrotam-se de creanças. Nunca vi tantos *bébés* na minha vida. Dirieis que nascem aos batalhões, de todos os cantos, de todas as barraquinhas que enchem a cidade, enfileiradas umas ás outras numa monotonia de arripiar.

Toda a gente se enfronha em vestidos novos pela epoca do Anno-Bom; as creanças ostentam alegremente *kimonos* de inumeraveis côres, alegres, prazenteiros, os mais lindos com que os velhos papás toparam nos alfayates. Mas as *gueishas* é que dão a nota elegante das ruas. Porfiam em vestir o que de melhor e mais caro se pode fabricar nas lojas da capital.

E' um revoletear de sedas fluctuantes : rôxas, amarellas, azues, escarlates... Parece o Carnaval da Europa e, entretanto, é o Anno-Bom da terra Japôa !

Como a minha casa é japoneza (um templo...

extincto que o philosopho Chiba me aconselhou a alugar) entenderam os meos criados dever enfeitá-la segundo manda o ritual da epoca.

Por isso tenho á porta da rua dois esguios ramos de pinheiro enlaçados com ternura e uma rubicunda lagosta colgada no centro. Junto ao pinheiro, um caule de bambú cortado pelo meio seduz a minha curiosidade. Em todas as casas de Tokio observo a mesma ornamentação: dois ramos de pinheiro e um caule de bambú... Como ignorasse o significado deste symbolo, consultei humildemente o meo oraculo o qual me ensinou o seguinte: no dia 1 de Janeiro de 1572 achava-se Ieyásu, tambem chamado Matsudaira, no seo castello de Hamamatsu sitiado pelo Senhor Takeda e em vespervas de capitular. Quasi seguro do seo triumpho (e apeteendo-lhe a cabeça do inimigo) mandou Takeda a Matsudaira, como presente de Anno-Bom, um ramo secco de pinheiro (*matsu*) e um outro, todo viçoso, de bambú (*take*) acompanhados da seguinte poesia: *Matsu karete, Take, taguhii naki, ashita*, isto é: *Amanhã o pinheiro estará secco e o bambú não terá rival*. Achou Matsudaira o gracejo de máo gosto e resolveo responder no mesmo estylo... Ora, notou elle que mudando os accentos ás lettras da poesia de Takeda, esta se lia do seguinte modo: *Matsu karede, Takeda, kubi naki ashita*, isto é: *Amanhã o pinheiro não estará secco e Takeda perderá a cabeça*. E a nova poesia, acompanhada por sua vez de um florescente ramo de pinheiro e de um caule de bambú cortado na parte superior, foi immediatamente remettida ao inimigo.

Afinal, Matsudaira derrotou Takeda e é desde essa data que os habitantes de Tokio penduram todos os

annos ás portas das suas casas um ramo verde de pinheiro e um caule de bambú decepado.

Mas o pinheiro, sem o bambú, já tinha, antes de 1572, inspirado o bonzo Ikkyu, que viveo no seculo xv, o qual, sahindo uma manhã de Anno-Bom do seo velho convento, percorria as ruas de Yeddo cantarolando :

*Ah ! pinheiro do Anno Bom !
Tu provocas a alegria
Mas tambem provocas a tristeza !*

* * *

No Anno-Bom limpam-se as casas escrupulosamente, lavam-se as madeiras que se tornam mais polidas e brilhantes e sacodem-se os *latamis* com um cuidado supersticioso. Esta cerimonia effectua-se na vespera do dia 1; no proprio dia nem se sacode a poeira nem se varrem as esteiras porque os Japonezes affirmam que o Anno-Bom traz comsigo a felicidade e seria forte tolice enxotá-la com o espannejador.

O amigo que visita uma familia é servido com toda a cortezia, e entre goles de adocicado *tosô*, que passa por ser um elixir de longa vida, mette o dente numa lagosta que lhe offerecem, e que lhe diz, no silencio do seo symbolo : *Possas tu viver tantos annos até que o teu corpo se vergue como o meo e as tuas barbas cresçam como os meos longos bigodes !*

Se a lagosta é encantadora a laranja nada lhe fica a dever : porque a laranja suspira : *Possa a tua familia prosperar de geração em geração e a fortuna que herdaste cahir nas mãos dos teos filhos ainda mais avullada e mais segura.*

Ha dezenas de objectos symbolicos para o dia do Anno-Bom e todos elles têm uma origem, uma lenda, uma explicação mais ou menos pittoresca. Eu vos falaria delles todos se me achasse de animo alegre para escrever, mas a verdade é que tenho o espirito estarrecido como se todas as Musas do Olympto me houvessem expulsado, indignadas, da sua harmoniosa confraria.

Roguei ao philosopho Chiba e a outros philosophos meos conhecidos a explicação dos versos imperiaes, no ultimo Congresso da Poesia, mas todos esses sabios se declararam insufficientes para satisfazer a minha curiosidade, porque nem sempre os mortaes são dignos dos obsequios dos deuses!

Para me fazer, pois, perdoar de tão imperdoavel silencio, terei a honra de apresentar ás minhas Leitoras alguns poetas do velho Japão e os Leitores a uma poetisa celebre pela sua belleza e pelos seus muitos infortunios, Ono-no-komachi, sem embargo do que diz o philosopho Nakae Chomin no seu livro *Zoku-ichi-nen-yu-han*, para demonstrar que os sabios da terra não passam de uma bicha de ignorantes: « *Aos olhos da sciencia o sangue, o pús e os excrementos são tão nobres como o oiro, as perolas e os brocados, e não existe differença alguma entre a bella Ono-no-Komachi e o mais vil dos macacos!* »

A ideia que se tem deste povo risonho e impassivel recebe um certo choque de assombro quando se folheia os seus poetas de todas as epocas.

Então o curioso observará que a alma japoneza, ainda que obedeça aos preceitos do *bushido*, o qual aconselha a não mostrar aos outros os infortunios proprios, essa risonha alma japoneza é tambem capaz

de soffrer trabalhos, exilios e miserias, e de carpir os passageiros sonhos da existencia terrestre

Oigamos o poeta Okura, que viveo no seculo 8.º, chorando a morte do filho :

« Eu não quero saber dos thesouros do mundo! Um só podia encantar a minha vista e esse era o meo filho, o meo filho! O meo adorado garoto que começava, com o sol, a rir de alegria! Sempre ao meo lado, sempre travesso e de bom-humor, ainda que eu não quizesse, obrigava-me a acompanhá-lo nas suas brincadeiras. De noite dizia-me, apertando-me as mãos : « Pai, eu tenho somno. Deixa-me descansar a cabeça entre os teos joelhos e os de minha mãe, porque tenho medo de estar sosinho por causa da sombra! » E enquanto elle dormia eu velava, ainda com o seo gorgueio nos meos ouvidos... E punha-me a pensar no futuro... E via-o já crescido, já homem... O marinheiro tem confiança no seo navio; assim eu confiava na minha felicidade! Nenhum mal podia cahir sobre o meo filho!... E pensar que um golpe de vento metteo a pique o meo navio e o meo filhinho! Desesperado, entrei de gritar : Vós, ó grandes deuses do Céu e da Terra, vós unicamente podeis escutar os gritos de um pobre pai ajoelhado!... Mas inuteis orações! A creança definhava, apagava-se todos os dias... Já a sua tagarellice não fazia ruido... Restava-me, de tudo quanto eu amava, apenas o seo triste sorriso... Louco! louco! bato no peito, levanto-me, agito-me, caio de novo soluçando... Eis a vida... O meo filho, o meo filho querido escapou-se-me dos braços e nunca mais o tornarei a ver! »

As lendas japonezas onde ha mortes e paixões são quasi sempre celebradas pelos poetas.

Aqui temos o trovador Sakimaro em frente do tumulto da noiva de Unahi :

« Este tumulto falará aos homens que ainda não nasceram e que hão-de-amá-la também ! »

A donzella de Unahi sem poder decidir-se entre dois amantes que a requestam ao mesmo tempo resolve acabar com a vida. A sua sombra, porém, apparece uma noite a um delles, que arrasta para o outro mundo, enquanto o rival, sabedor do facto, practica immediatamente um honroso *hara-kiri*. Todos repou-sam na mesma sepultura e todas as noites, fóra da lousa, os dois amantes batem-se á espada porque o mesmo amor os illumina...

Oiçamos o poeta Nibi :

« Vocês conhecem as gaivotas? Vocês nunca as viram beijocando-se, á noitinha, ou voando aos pares sobre as ondas brancas, de madrugada? Dizem que no inverno as pobres aves se aconchegam umas ás outras para se repararem do frio e do medo !... Mas eu... Como a fonte que desce da montanha ; como o vento que sopra sem deixar signal ; assim os pobres mortaes passam pela vida e nada fica delles !... Que conservei eu daquella que tanto amei ? Este kimono tecido por suas mãos... Com elle me cubro e atiro comigo para um canto da minha alcova deserta ! E choro. Nunca mais a verei e ella nunca mais me verá ! »

Hitomáro, Akahito e Yakamóchi são tres grandes poetas quasi contemporaneos que os Japonezes admiram com fervor.

De Hitomáro (*), o maior de todos, a proposito da morte de uma mulher amada :

« Como o Sol quando baixa no horizonte, como a Lua atraz das nuvens, assim ella passou, o meo amor, folha de outomno cahida antes de tempo! Quando recebi a fatal noticia fiquei assombrado, assombrado... Mas quem ficaria impassivel em circunstancias identicas? Quero caminhar, quero pisar a terra que ella pisava. Aqui estão as ruas de Kara, aqui está a porta da sua casa! Ai de mim! no meio da multidão já não oiço a sua voz nem enxergo o seo perfil! Caminho calado, escondendo a cara na manga do meo kimono e pronunciando baixinho o nome della! »

De Akahito (**), á sombra da sua amante :

« Todos os dias chamo por ella até á hora do crepusculo. Chamo por ella todas as noites até ao raiar da madrugada. Palavras perdidas! Ella não me escuta, ella nunca me escutará! »

De Yakamochi (***), poeta da Côrte :

« O meo rei manda-me governar as apartadas provincias do seo Imperio, os desertos de Koshi, brancos sempre com as neves do inverno... Sô acho consolo nos lyrios, nos cravos espalhados deante da minha porta e como eu banidos do paiz do verão! Vendo-os florir penso na minha mulher que é o meo lyrio, o meo cravo,

(*) 697-707.

(**) 736.

(***) 785.

pallida como o lyrio e meiga como o cravo ! Sem este sonho de amor eu não aguentaria o paiz do desterro ! »

A Poesia foi sempre a Grande Consoladora ! E' ella que transforma a monotona crueldade da vida nos sonhos ditosos da Illusão...

E' ella que desmoita os caminhos da amargura e nos revela as alegrias nupciaes do Paraizo...

E' ella que dá eloquencia ao perfume das corollas e eternidade aos juramentos dos amantes...

A Poesia é o Amor...

Onde, pois, terá melhor agasalho do que no divino coração de uma mulher?

Quem, melhor do que uma alma feminina, a poderá sentir e comprehender?

Não é na ardente sepultura dos olhos amados e na sombra voluptuosa das tranças desfeitas que jazem todos os thesouros da arte poetica?

Os versos de amor, tombando dos labios de uma mulher, não adquirem uma certa graça dolorosa, um enlevo apaixonado, uma fantasia exuberante?

Pois se a Mulher e a Poesia foram geradas nas mesmas entranhas do mysterio, não deve ser ella a mais fiel mensageira desses sorrisos e dessas queixas que vôam arribas dos homens como um bando tumultuoso de pombas e de corvos?

O' poetiza do Japão feudal ! ó espirito gentil dos *samuráis* de espada á cinta ! ó Ono-no-Komachi ! fecha a oração do prosador com um gorgueio da tua Musa melancolica !

Deixa que um verso da tua lyra venha vibrar no remate desta pagina, tal como na ponta de um caule

nú vem ás vezes despontar — isoladamente — uma
flôr de crysanthêmo !

E a tua memoria seja louvada !

« *Pobres rosas minhas como estaes pallidas !*

Eu esqueci-me de vós cuidando sô do meo amado ! »

« *O' sonhos meos, bemvidos sejaes ! Esta noite ador-
meci banhada em lagrimas, sem esperanças, mas vós
mostrastes-me, mensageiros do Céu, a figura do meo
amante ! »*

A ordem chronologica das poesias acima transcriptas deriva de um estudo sobre o *Hyakunin-Isshu (Cantos de Cem Poetas)* por Clay Mac Cauley (vol. XXVII, parte IV, *Transactions of the Asiatic Society of Japan*, Dezembro de 1899). Sendo o Sr. Mac Cauley autoridade no assumpto podem os Leitores ter fé na indicação das datas.

O DOUTOR BOSQUE-PEQUENO

Eu ainda não estava curado do susto que me rechacara todo o sangue para os calcanhares, quando um forte bater de tambor acommeteo iradamente os meos ouvidos.

Era decerto uma visita.

Essa visita penetrou no meo gabinete, sob a fórma, em carne e osso, do abalisado philosopho Chiba, meo oraculo de sempre e meo conselheiro inexgotavel.

Offereci-lhe a *ottomana* e escutei-o.

— Noto que teve Vossa Senhoria muito temor, — ponderou o sabio mirando-me por cima dos olhos.

— Fiquei sem pinga de sangue, Mestre! respondi, readquirindo coragem. O paiz de Vossa Mercê é lindo mas préga sustos de fazer tiritar as proprias estatuas...

O director do Gaikokugogakkai sorrio...

Para quê alvoroçar-se a gente com a morte?

A morte é uma coisa fatal, uma visita infallivel a todos os lares, desde a humilde choupana dos lavradores até aos pomposos castellos dos principes!

E se é fatal tanto monta que venha dissimulada na doença traiçoeira, na peste fulminante, nos naufragios e nos incendios, como nos sobressaltos da terra. De resto, todos nós seremos deuses além do tumulo,

saberemos da sorte dos nossos amigos e acompanharemos de longe os nossos parentes...

A morte para o sabio é apenas uma mudança de envolucro. Morre a crysalida por transformar-se em borboleta?

E a flôr morre por metamorphosear-se em fructo?

A alma do director do Gaikokugogakkai aneia por novas existencias, mais immaculadas e deleitosas... Já comprehendêra e analysara todos os problemas da vida, já descobrira os mysterios apparentemente enigmaticos, já enxergara o nascer do sol quasi cincoenta vezes seguidas, e por todas estas razões considerava-se com direito a um *talamí* no Cemiterio buddhista...

O director do Gaikokugogakkai queria morrer : o mundo não encerrava mais surpresas nem mais deslumbramentos para o seo espirito sagaz.

E como o director queria morrer suppunha que eu devia de acompanhá-lo nesse desejo luctuoso...

— Tremores de terra ! tremores de terra ! tanto monta que Vossa Senhoria acabe nas lingoas do incendio, continuava sinistramente amavel, como debaixo da cathedral russa de Tokio !

— Fiquei sem pinga de sangue, repeti num vagido. Tudo aqui tremia : era o Buddha, eram as cegonhas, eram os biombos, eram as lanternas...

O sabio olhava-me, boquiaberto. O seo espirito não acertava com o motivo do meo terror. Em bôa verdade, como podia aquilatar das minhas palavras elle que nascêra Japonez?

* * *

Ha no Japão 51 vulcões em actividade e 500 choques por anno ! Comprehendereis, por conseguinte, que

para um filho deste paiz os tremôres de terra são quasi uns companheiros de infancia; além disso, o Japonez dispõe de um sem numero de artificios para escapar aos seos perigos (*).

E' verdade que ás vezes a coisa resvala para o tragico. Ainda hoje se eriçam os cabellos dos Japões á evocação da tragedia de 1855, em que a terra, mãe

(*) « les précautions recommandées en cas de tremblement de terre. D'abord, on conseille de se réfugier dans un bois de bambous, dont les racines enchevêtrées rendent le sol plus compact, donc tranquillité sous les pieds, et, en même temps, aucun risque du côté de la tête.

Jishin no toki wa, take-yabu ni haire. (En cas de tremblement de terre, entre dans un bois de bambous.)

.....
Jishin no toki wa, nanlen no ki no shita ni yuke. (En cas de tremblement de terre, réfugie-toi sous un *nanlen*.)

.....
Jishin no toki « yo-naoshi! yo-naoshi! » to iu beshi : (En cas de tremblement de terre, il faut crier : « le monde se répare ! »)

.....
 D'après la légende traditionnelle, le bruit du tonnerre est produit par un démon battant du tambour au fond des nues, et, comme le susdit démon pousse parfois la distraction ou la méchanceté jusqu'à se laisser choir sur notre pauvre planète, on ne saurait prendre trop de précautions pour se préserver de ses fulgurants maléfices. Voici les expédients auxquels le vulgaire accorde le plus de confiance :

Kiremono wa rai-yoke ni naru. (Les instruments tranchants protègent contre la foudre.)

Raimi no toki, kuwa to bara mochi oreba, kega sezu.
 (En temps de tonnerre, si l'on tient à la main des branches de mûrier et de rosier, on n'a rien à craindre.)

.....
 Chacun sait que dans la nuit qui termine l'hiver et commence le printemps (*Selsuku*) l'usage est de répandre des pois dans la maison en criant : « *Dehors les démons, dedans le bonheur!* » Ce que l'on sait moins, c'est qu'il est très sage de recueillir ensuite ces pois, car ce sont les pilules les plus efficaces contre la foudre. »

(Excerptos de um estudo de Cesselin sobre os *Dictons populaires en usage parmi les paysans japonais*.)

de todos os homens, querendo imitar o pae de todos os deuses (o esfomeado Saturno que almoçava os proprios filhos) tragou nessa noite milhares e milhares de Japonezes! Se ás iras de Saturno escapou Jupiter dêmos alviçaras á cabra Amalthêa! A's unhas do cataclysmo de 1855 escapou o philosopho Chiba, mercê não sei de que cabra... E' um dos segredos que o director do Gaikokugogakkai jámais me quiz revelar.

Ora hontem, momentos antes do sabio bater no tambor da minha porta, um desses solavancos geologicos, — tão arduos de descrever como penosos de sentir — sacudio de alto a baixo a minha casa de papel (graças a Deus, a minha casa é de papel!) e no mesmo instante em que tudo rangia e a voz do peixe *namazu* (*) troava pelas subterraneas profundezas, eu evoquei, máo grado meo, a noite de 1855! E' certo que lá está o Fujiyama, que é a valvula por onde se escapariam as violentas raivas das entranhas terrestres, mas todos nós perguntamos que será de nós todos se um dia os deuses colericos volverem o claro vulcão impotente para as sanhas do peixe...

Os Japões, que tudo têm occidentalizado, ainda não cogitaram de arrancar as espinhas a este sinistro bacalhao occulto nas entranhas do Archipelago, e que é o ameaçador, o funereo papão capaz de demolir templos, Pagodes, montanhas e casas de chá com um simples movimento do seo esqueleto ou das suas barbatanas...

(*) O peixe *namazu* é o vertebrado sobre o qual está assente o Imperio Japonês. Estende-se do norte ao sul do archipelago, e como cada vez que se enfada encolhe o corpo e enfuna as guelras, o paiz inteiro estremece e tudo se desequilibra!

O douto personagem, sentado na minha frente, animava-me entre sorrisos :

— Pois eu venho buscar Vossa Mercê para distrahi-lo das suas tristuras. Iremos a casa do Sr. Bosque-Pequeno ver o arrançamento das flôres...

Como eu consultasse o relógio, o cuco respondeu-me da parede. Eram 2 horas da tarde. Havia tempo com fartura e por isso acceitei a galanteria do director do Gaikokugogakkai, já com o espirito meio dissipado das nuvens do meo susto. A *musumé*, entretanto, trouxe-nos um chá que o sabio tomou com visivel appetite.

— E' precioso ! exclamou.

— Vem de Uji, observei com certa jactancia de dono-de-casa, o berço, por excellencia, do chá do Japão, como Vossa Mercê não ignora !

Ora eu devo confessar que a existencia deste sabio tem para mim uma infinita importancia. E' elle quem me desmoita os caminhos, quem me desembrulha os mysterios, quem me interpreta os enygmas da vida do espirito.

A vida do philosopho é-me quasi tão necessaria como o pão para a bocca e a luz para os olhos, pois o director do Gaikokugogakkai symbolisa a minha fonte de Castalia plena de agoa miraculosa e crystallina...

Atravessámos ruas, viellas, beccos, encruzilhadas, até que arribámos a uma estreitissima porta de um metro de altura. Dobrado em dois, entrei no encalço do philosopho, achando-me em breve no centro de um jardim povoado de estatuas e lanternas de pedra.

Cruzámos o jardim e topámos com outra porta

ainda mais estreita e mais baixa. O meo eruditissimo companheiro deu um signal combinado e a mysteriosa entrada abrio-se como por encanto.

No meio de uma sala crepuscular, um gordo personagem sentado no chão esperava a nossa visita. Apenas assomámos, o habitador daquella mystica sala inclinou-se muito, inclinou-se extraordinariamente, até que o seo illustre nariz roçou no macio das esteiras. Nós devolvemos-lhe a cortezia e foi com o nariz tambem collado ao chão que agradecemos a nobreza da sua hospitalidade. (Creio inutil declarar que os meos sapatos ficaram á entrada, ao lado dos nobres sapatos do director do Gaikokugogakkai...)

— O Sr. Bosque-Pequeno, pronunciou este, apresentando-nos...

Accomodámo-nos na esteira, o sabio, o Sr. Bosque-Pequeno e eu, a certa distancia uns dos outros.

A alcova não tinha moveis nem *bibelots*. Apenas um vaso de bronze, com um dragão enrolado no bojo, um *hibashi* repleto de brazas e um velho *kakemono* com inscripções chinezas.

— O Sr. Bosque-Pequeno, indaguei do Philosopho, é professor naturalmente...

— Sim, confirmou o Mestre, é doutor!

— Em quê, Vossa Mercê?

— Em flôres! O Sr. Bosque-Pequeno conhece todos os segredos, todas as lendas, todos os feitiços e todas as virtudes das flôres... E' doutor em flôres!

Eu inclinei-me, maravilhado! Aquelle homem era doutor em flôres!...

Dispunha talvez de maiores cabedaes de erudição do que o sapientissimo philosopho Chiba!

Esta suspeita deslumbrava-me completamente! O meu destino, entre os Japões, fazia-me, por conseguinte, conhecer prophetas de todos os matizes e de todos os feitios!...

Tive vergonha da minha humildade!

O doutor Bosque-Pequeno começou a falar...

Vinte seculos havia que aos deuses se consagravam flôres mensageiras de virtudes : mas em todo este vasto periodo ainda os homens não tinham descoberto o verdadeiro entendimento das corollas... E' que para entendê-las é necessario amá-las, é necessario adorá-las como se adoram os idolos ! Elle, por vocação, fizera-se sacerdote das flôres !

O perfil de uma petala ou a silhueta de um fragil arbusto afastavam-no instantaneamente da vida terrestre, dos amigos, dos parentes, do proprio lar que era o seu enlevo ! Disse-me que as flôres não têm peccados. Nós, os homens, é que os temos ! Mas ellas, as delicadas creaturas, são purissimas como as estrellas e como as pedras !

— Ha muito tempo que Vossa Mercê adora as flôres? indaguei.

O doutor Bosque-Pequeno respondeo-me que já eram idos mais de quarenta e sete annos !

— Passei semanas inteiras á roda da mesma árvore, murmurou...

— Semanas inteiras? balbuciei quasi desmaiando.

— Sem comer e sem beber, confirmou o professor. Ai ! as flôres ! Aprendi a falar-lhes, a dispô-las nos vasos sem as offender ! Na Europa, martyrisa-se a alma das pobres creaturas ! O mesmo ramo dá aga-

salho a rosas silvestres, a cravos de quintalejo e a lyrios bravios...

Não via eu um attentado á harmonia dos caracteres?

— Convide para a mesma meza, continuava para se justificar, um habitante da ilha Shikokû, um pastor de carneiros e um missionario protestante, e conte-me depois o resultado ! Decerto : é preciso entender as flôres, estudar-lhes o espirito e o *bushido* multicolor...

— O doutor Bosque-Pequeno prima sobretudo na philosophia com que dispõe os ramos, — observou o director do Gaikokugogakkai.

— Ah !

— No *Ike-bana*...

— O meo systema é o *Enshuriu*, elucidou o bruxo, o qual tem mais de 400 annos e encerra as duas feições, subjectiva e objectiva...

— O doutor Bosque-Pequeno vai compôr um ramo, interrompeo o sabio.

A um toque de tambor entrou uma *musumé* carregada de flôres.

Eram as ameixeiras de suavissimas corollas brancas, orgulho e gloria da flora do Japão... Eram os ramos de pinheiros com que se fazem jardins microscopicos para quebrar a monotonia dos *tatamis*. Eram os bambús flexiveis, longos, elegantes, com que se fabricam sofás e bengalas... Os tres amigos (*) do inverno vinham nos braços da creadita do doutor.

As ameixeiras crescem por centenas nos parques de Sugita, e são antigas como o Imperio, sabedoras de

(*) O pinheiro, a ameixeira e o bambú. Chamam-lhes os Japões o *Saikan-no-san-yu*.

todas as suas historias e de todas as suas lendas... Enrugam-se os troncos de velhice mas brotam delles flôres sempre juvenis. Ahi está, para os Japões, o maior preço destas arvores. E se as ha gigantescas a attrahir o povo dos arredores o qual cheio de respeito vai beatamente contemplá-las, tambem as ha de tres palmos de altura, graciosas e louçãs...

Elewa-se o tronco em linha recta para o céu, como os foguetes de vistas; e como os foguetes de vistas que a certa altura se desfazem em chuva de luz, este tronco de que vos falo se desfaz em chuva de neve! Vai a dois palmos no ar e logo se desdobra em oito ou dez ramos que tombam para a terra. Em cada ramo brotam corollas alvas, que é um gosto contemplá-las, e de cada corolla nasce uma fragrancia tão immaterialmente suave que não ha essencia na terra que em delicadeza se lhe avanteje. Nos velhos troncos das grandes ameixieiras costumam os Japonezes gravar inscripções. Quantos Romeus de *kimono* não terão cinzelado nesses troncos datas de aventuras e de amôres! Quiçá varios delles saibam da ecloga do poeta (*):

*Certum est... tenerisque meos incidere amores
Arboribus : crescent illae, pariter crescetis amores.*

Entrou a *musumé* atulhada de flôres que depositou religiosamente ao lado do doutor Bosque-Pequeno.

Fez tres cortezias e desapareceu...

Tomou o doutor um ramo entre os philosophicos

(*) Virgilio (Ecloga X, 53).

dedos, com ternura, com desvêlo, com uma solicitude que a minha penna não consegue descrever.

Os seos olhos não dormiam, antes brilhavam como animados por um lume secreto. A sua bocca tomava a forma de um sorriso ineffavel, sorriso de sacerdote imbuido de fé e de amor. Toda a sua alma desaparecia no diaphano firmamento da meditação...

— Está longe de nós, explicou num sussurro apagadissimo o director do Gaikokugogakkai. Nestes instantes cumpre esquecer completamente o mundo... O doutor Bosque-Pequeno já não pertence á terra : todo elle se dissolve na philosophia das ameixeiras !

— E vai ficar muitas horas assim?

Mas o doutor despertára. Com o mesmo sorriso immaterial tomou um segundo ramo que juntou ao primeiro; deo-lhe umas poucas de voltas aformoseando-lhe a curvatura dos ramusculos com gentileza e primor; variou-lhe a forma do tronco analysando-o por todos os lados com uma minuciosidade e uma paciencia de fatigarem o proprio Job; e o ruido da saliva na sua respeitavel bocca traduzia o respeito que Sua Mercê consagrava á operação, aliás facil de comprehender desde que se saiba que o doutor Bosque-Pequeno compunha um ramo que devia de ser a imagem fidelissima do seo espirito...

O eminente mestre deixava-me de bocca aberta !

Era a primeira vez que eu sabia de coisas semelhantes !

Na esteira da alcova accumulavam-se mais de vinte maços de ameixeiras, pinheiros e bambús.

Após algumas horas, o doutor Bosque-Pequeno collocou o ramo, cuja semelhança com o seo espirito

afinal descobrira, no velho vaso de bronze, e escolheu, dentre os outros, o mais flexível e guapo.

— Estas plantas são as minhas filhas ! disse. Preciso educá-las...

E outro trabalho de abstracção, outro despêgo da vida terrestre, envolveram a sua extraordinária pessoa...

— Quanto tempo gastará Sua Senhoria no arranjo desta ameixeira? perguntei respeitosamente ao director do Gaikokugogakkai.

— Entre uma semana e um mez, affirmou este. Tudo depende do character da planta !

— Por Deus ! Digne-se Vossa Mercê desculpar-me mas eu sou obrigado a sahir porque ainda não jantei...

— Jantar?... atalhou impetuosamente o mesmo director... Pois Vossa Senhoria fala em jantar nesta alcova sagrada? Vossa Senhoria não se arreceia de cahir no desagrado dos deuses por tamanha culpa haver sahido da sua bocca?... Vossa Senhoria não sabe que é preciso esquecer todas as coisas da terra, desde os parentes até ao dinheiro, incluindo os amigos e as refeições?

Eu hesitei...

Ficar naquella sala, de cócoras na esteira, uma semana ou um mez, sem jantar e sem dormir, — á espera que o doutor Bosque-Pequeno encontrasse a « harmonia objectiva correspondente á harmonia subjectiva », — era exaggerado sacrificio para a minha devoção religiosa.

Tomei um folego de energia e resisti aos protestos do Mestre.

Seria, com certeza, uma injuria aos deuses, ás ameixeiras e aos dois philosophos, mas a falta de costume de tão longos jejuns obrigava-me a insistir pela partida.

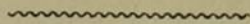
Levantei-me implacavelmente...

O doutor Bosque-Pequeno acceitou os meos motivos com pia resignação e até se inclinou muito reconhecido pela minha visita. Prometteo mandar-me o ramo da ameixeira depois de philosophicamente arranjado, e assegurou-me haver descoberto no meo espirito symptômas infalliveis de uma grande virtude philosophica...

Quando cheguei a casa entrei de reflectir em tudo o que vira, de meditar em todas as peripecias daquelle dia, e, num nervoso afan de desvendar a verdade, exclamei em voz alta, dirigindo-me ao Buddha de louça que jaz sobre a minha estante de bambú :

— Divindade! o doutor Bosque-Pequeno não estará completamente doido?

Mas o Buddha sorrio-me sem responder...



OS TEMPLOS DE NIKKO

A minha casa em Nikko, destaca-se, como uma ilha de papel, no centro de um oceano de vegetaes cuja solidade é apenas interrompida pelas vozes das fecundas cachoeiras. Milhares de troncos verdejantes, de uma belleza sobrenatural, fazem-me acenos com os seus ramos e consolam-me com o seu aspecto: são as indigenas cryptomerias da cidade dos Templos, velhas arvores de duzentos annos que se alinham como os vassallos da Côrte formando avenidas que se perdem na distancia!

Eu dediquei o meu dia de hoje á visita dos Templos, e agora, escrevendo estas linhas que para tão longe vão, — isolado do mundo moderno — sinto-me japo-nezmente feliz, creio-me na graça dos deuses que me sorriram dos altares e da suavissima deusa Kwanon, a quem pedi misericordia e saude.

O dever, que me impuz, de transmittir ao meu publico as impressões do dia de hoje é devéras acabrunhador.

Ainda me perco na vertigem das multiplas coisas que admirei: ainda não me sinto calmo para falar das esculpturas, dos paineis, dos *kakemonos*, das comicas e divinas faces das estatuas, do exquisito e do vertiginoso destes complicados edificios...

Não padece duvida que tudo isto surprehende a retina; mas em presença de tantas choças de madeira e charão confesso que morro de saudades pelas doces igrejas de que os nossos avós já nos realçavam a vetustez — os Jeronymos de Lisbôa, a Notre-Dame, de Pariz, a Santa Gúdula, de Bruxellas, a Candelaria, do Rio, e a velha Cathedral de Puebla, no Mexico — aonde os bispos têm um Panthéon todo feito de marmore verde!

No Japão ha tres fórmulas religiosas (*) : o Buddhismo,

(*) O Sr. Ono Tokusan, em uma longa conferencia reproduzida pela revista *Jidai Shukyo* (nº 8), considera que ha quatro grandes religiões no Imperio : o Shintoismo, o Confucianismo, o Christianismo e o Buddhismo.

Parece-me interessante pôr os leitores ao corrente do que disse o Sr. Tokusan e dou a palavra ao Sr. Lemoine, commentador da conferencia do illustre Japonez.

Le Shintoïsme. L'orateur annonce qu'il s'étendra davantage sur le Shintoïsme parce qu'il est généralement mal connu, et qu'il l'étudiera surtout dans ses rapports avec le caractère national. « Les peuples sont divers, nous dit-il; mais leur diversité vient moins des conditions géographiques où ils se sont trouvés que des éléments qui ont constitué le pays. De la connaissance de ces éléments et du soin qu'on apporte à en conserver les traditions dépendent et le développement de la conscience nationale, et le progrès ultérieur de la nation. Ceux qui furent les ancêtres de la nation japonaise étaient une race de guerriers aventureux que l'on dit descendus du ciel. Du fait même de leur caractère, parmi leurs traits distinctifs il faut compter l'audace, le mépris de la mort et, par suite, le désintéressement qui engendre la droiture. Du plus, la participation aux mêmes dangers et aux sacrifices communs devait produire entre ces guerriers une sympathie mutuelle et une fraternité profonde. Ainsi donc, dans l'armée qui posa les bases de la nation japonaise, exista dès l'origine une liaison étroite entre le chef et les soldats. L'amour que portait le général à ses hommes, la fidélité des soldats à leur général constituèrent dès le principe, l'esprit même de la nation. La Maison impériale a perpétué à travers les siècles, la famille des premiers chefs, et les descendants des premiers conquérants ont gardé vis-à-vis de leur souverain leurs relations vieilles de milliers d'années, relations qui n'ayant jamais été brisées, et n'ayant subi

importado da China, o Christianismo, compreendendo Catholicos e Protestantes, e o Shintoismo, que é o culto dos antepassados, e, por assim dizer, a religião official do Estado. Não fica, todavia, só nisto a expressão desta seita. « Shinto » significa honra, coragem, amor filial, amor do dever, vontade sempre disposta a perder a vida por um principio, cortezia, lealdade. Está na doçura da criança como na gentileza moral da mulher. E' uma religião transformada em um impulso hereditario para o bem, em um instincto puro; é a vida de toda uma raça, é a alma da terra nipponica.

Assim nascem as crianças : as lições da escola e a educação familiar apenas imprimem character ao que é nellas innato; e, sem necessidade de novos germens, desenvolvem no espirito infantil o sentimento herdado dos avós. (Hearn.)

aucune modification, se sont affermies, au contraire, avec les âges et font actuellement la force du pays.

L'esprit de la nation japonaise, avec les qualités qui lui sont propres, s'explique ainsi par l'histoire de ses origines. On trouve dans cet esprit l'innocence de pensée dont parle la poésie, l'humanité dont parle Confucius, ou encore cette mesure qui fait que, même en suivant les désirs de son cœur, on ne franchit jamais les bornes de la loi, ce grand cœur dont parle Mencius, cette grande voie du néant dont parle Lao-tseu; ou, pour emprunter le langage du Bouddhisme, le grand moi dépouillé de l'illusion du moi, la réalisation vivante du Bouddha, le monde lumineux, ou encore la vie de l'âme, comme parle le Christianisme.

Le culte que par le Shintoïsme nous rendons aux ancêtres est à la fois moral et religieux. En tant que culte des héros, il présente à l'esprit l'idéal absolu vers lequel nous devons tendre, et nous fait communier avec cet idéal. Aussi le Shintoïsme, considéré au point de vue de son influence sur le cœur humain, de l'éducation de la personnalité aussi bien que comme source d'énergie et d'activité, a une haute valeur morale. Il répond aussi merveilleusement au sentiment humain. C'est pourquoi le culte des héros se retrouve sous diverses formes dans l'humanité, dans le monde littéraire, militaire et politique, aussi bien que dans le monde religieux. Tant que

A devoção pela morte, a simplicidade no sacrificio proprio, eis o que é o Shintoismo. « *As almas dos mortos viverão no mundo invisível que nos rodeia e todos se tornarão deuses, com diferentes caracteres e diferentes graus de influencia. Uns residirão nos templos em sua honra levantados, outros em cima dos proprios tumulos, mas todos continuarão a servir o seu Principe, os seus parentes, as suas mulheres e os seus filhos.* » Assim prega Hirata no Tamano-mihashira.

Ao contrario do que se passava nos tempos do feudalismo goza o Japonez de hoje de inteira liberdade de fé.

Pode escolher a religião que lhe aprouver sem que ninguém lhe tolha por isso os desejos.

O art. 28º da Constituição reza dest'arte :

« *O subdito japonéz é livre nas suas crenças desde que não altere a ordem publica e não falte aos seus deveres civis.* »

ce culte subsiste au sein d'une nation, l'énergie native y demeure; s'il s'éteint, c'est pour un peuple la régression et la décadence.

Le culte de la nature, qui produit sur l'âme humaine, par je ne sais quelle influence mystérieuse, une impression de force et de lumière morale analogue à celle qu'exerce le culte des ancêtres et des héros, est arrivé à se confondre avec ce dernier. C'est qu'en effet les deux cultes, poussés jusqu'à leur terme suprême et absolu, aboutissent au grand principe de l'univers. C'est ainsi que la grande divinité Amaterasu est à la fois l'ancêtre de la Maison impériale et du peuple japonais, un personnage supérieur, type de haute sagesse et d'éminente vertu, le soleil qui éclaire la terre, et la manifestation de la grande âme de l'univers. Cette transformation d'une individualité dans l'absolu n'est pas particulière au Shintoïsme, on la retrouve également dans le Bouddhisme et le Christianisme... Une individualité manifeste-t-elle l'idéal d'une manière relativement parfaite, sa transformation en un être supérieur à l'humanité, ou mieux, le fait de voir à travers son individualité la manifestation de l'absolu, est un fait psychologique universel, dirons plus, c'est un besoin nécessaire de la conscience religieuse.

Ainsi donc les divinités du ciel sont des personnalités humaines

A contar da quédia do feudalismo não se conhece no Japão caso algum de perseguição religiosa. Os Templos, as Igrejas, ou qualquer casa para fins religiosos, gosam do amparo da lei. Quem insultar os altares e os templos pagará multa; quem interromper um sermão ou, propositalmente, prejudicar a adoração de outrem, pagará multa; quem estragar ou destruir as pedras tumulares, as imagens de Buddha ou os altares shintoístas, pagará multa.

A liberdade de que todo o Japonez é senhor permite-lhe a propaganda de qualquer religião nova, observadas, todavia, as condições estabelecidas pela lei. Diz esta :

« Quem quizer fazer propaganda de alguma religião nova terá de o notificar ao governador do districto em que residir, informando-o, ao mesmo tempo, do nome dessa religião e do methodo para a sua propaganda. »

« Quem iniciar a propaganda de uma religião antes de preencher a anterior formalidade, será preso e pagará multa. »

transformées dans l'absolu et devenues par là supérieures à l'humanité; et la conformité à cette loi de la transformation dans l'absolu est la « voie des dieux » ou le Shintoïsme. En nous dépouillant de notre moi, en nous conformant à la grande loi de la nature, nous communions d'une manière mystérieuse à l'absolu, et c'est là ce qu'on appelle *ishin* ou la volonté des dieux. La voie de l'*ishin* ou encore, comme on l'appelle, du *kannagara*, consiste pratiquement à découvrir en soi la vie de la grande âme de l'univers, à prendre conscience de cette vie et à agir d'après cette conscience. C'est là le centre même de la religion et la source profonde de la morale. Aussi le Shintoïsme, en même temps qu'il est une religion de race, une religion nationale, est aussi une religion universelle, la religion de l'humanité.

Le Confucianisme. Supposant le Confucianisme suffisamment connu de ses auditeurs, l'orateur annonce qu'il traitera ce sujet d'une façon succincte. Il ne discute pas la question de savoir si, oui ou non, le Confucianisme est une religion; la question lui semble oiseuse, car

Para todos os actos relativos á religião a lei prevenio e elaborou condições. Assim, é certo que todo o Japonez tem o direito de erigir templos ou altares, mas em ambos os casos precisa obter a licença do governador do districto em que residir, inteirando-o dos motivos que o levam a esse acto, do tempo que tomará a respectiva edificação, do nome desta, do sitio que vai occupar, da seita a que vai pertencer, dos meios de que dispõe para a conservação do templo ou do altar e da qualificação dos respectivos missionarios.

Como se vê, o Estado tem ultimamente curado um pouco de assumptos religiosos, movimento este que acarretará beneficios para os templos de Nikko, necessitados desde a revolução de 1867 de uma ajuda effica z. Antes desta data havia em Nikko um total de 100 templos. Hoje apenas existem 17, entre grandes e pequenos.

« d'une part, la morale est inutile si elle n'est pas religieuse, et d'autre part, une religion cesse d'en être une si elle se sépare de la morale. »

Dans le Confucianisme, on trouve d'ailleurs la crainte révérentielle pour les ordres du ciel, la vénération à l'égard du Ciel Suprême; et ainsi le Confucianisme renferme le sens profond de la grande Réalité et de l'Absolu. Il enseigne d'abord à bien gouverner son cœur, à bien administrer sa maison, et enfin à bien gouverner le pays. En gouvernant son cœur, on arrive à cet état de paix profonde, exempt de trouble et de chagrins, à ce désintéressement et à cette modération suprême qui font qu'inconsciemment on obéit à l'ordre souverain, et que même en suivant les mouvements de son cœur, on ne dépasse jamais les bornes de la loi. En d'autres termes, on parvient à l'état bienheureux du grand moi dépouillé de toute attache, à la grande activité inconsciente, au bien absolu qui dépasse les distinctions de bien et de mal, de pur et d'impur. Il faut pousser jusqu'à cette limite, si l'on veut avoir le sens complet du Confucianisme. A ce terme, il se rencontre avec l'essence même de la religion.

Le Bouddisme. Quant au Bouddisme, dont les livres sacrés comprennent plus de 8.000 volumes, et dont les sectes principales, au nombre de treize, se divisent en plus de cinquante branches, on peut

Ponha-se a gosto, benigna Leitora, e escute uma historia.

* * *

Era uma vez uma mulher que morava na cidade de Idzûru, provincia de Shimotsuké, a quem os dias corriam tristes, as noites pareciam interminaveis, e a existencia equivalia a uma longa via-crucis de desesperos. A bôa da creatura só um ideal afagava e esse não o conseguia : era ter um filho. Debalde o coração lhe palpitava de amor e debalde se lhe pregavam os olhos na nocturna abobada do céu. O céu porfiava em não ouvir as suas orações e os anjinhos de Buddha continuavam inflexiveis aos seos queixumes.

Lembrou-se um dia a fervorosa mulher de implorar a clemencia de Kwanon, divindade que tem nada menos de mil braços, e esta deusa não quedou surda aos rogos da mulher : inspirou-lhe um sonho no qual

dire que les doctrines qu'elles prêchent offrent entre elles une opposition complète. Pourtant, si l'on considère le dernier terme auquel elles aboutissent, on y trouve également l'unité. Ce terme, c'est le *muga*, ou l'anéantissement, le dépouillement du moi. A l'heure actuelle, où les théories sur l'affirmation du moi, sur le développement parfait de l'individu sont à l'ordre du jour, il semblerait que l'on doive rejeter la théorie du *muga* comme diamétralement opposée aux tendances modernes. Mais cette opposition n'est qu'apparente et n'existe que dans l'esprit de ceux qui n'ont pas bien saisi le vrai sens du *muga*. Notre moi, notre individu, notre personnalité, qu'est-ce donc, en définitive? Ce n'est qu'une partie de l'absolu, un phénomène de la grande réalité. L'absolu est emprisonné sous les formes ou espèces individuelles; en rejetant la pensée de ce moi individuel, nous nous unissons à l'absolu; et ce dépouillement du moi, s'il paraît au point de vue étroit de l'individu, une sorte d'annihilation, à un point de vue plus élevé, il est la réalisation positive du vrai Moi.

Quand on parle de l'affirmation du moi et du développement individuel, on sait fort bien, par exemple, que l'individu, pour se développer d'une manière parfaite, doit nécessairement renoncer à son petit moi, c'est-à-dire, en définitive, se dépouiller du moi. Donc

uma branca serpente lhe offerecia, dentro de um vaso de oiro, uma pedra preciosa e uma planta trepadeira.

Parece que este sonho — cujo symbolo só os deuses lograrão descortinar — occultava virtudes prolificas : pois o que é certo é que tempos depois nascia á luz do sol de Shimotsuké um lindo e afortunado menino. Deu-lhe a mãe o nome de Fuji-ito. O nascimento deste menino, fadado para sublimes façanhas, foi comprehendido por todo o Universo. Ribombou o trovão; uma branca e translucida nuvem adejou, qual fluido docel, sobre a casa feliz; choveram flôres do firmamento e espalhou-se pelos ares um perfume suavissimo.

Cresceu Fuji-ito, e já aos sete annos se entretinha a construir pequenos monumentos de pedra e a dedical-os a Buddha.

Foi nessa idade que lhe appareceo um anjo, e lhe disse :

le *muga*, le développement individuel ou l'affirmation du moi, la réalisation du grand Moi, ne sont au fond qu'une seule et même chose. En résumé, le *muga*, c'est, philosophiquement parlant, l'union du fini à l'infini, du relatif à l'absolu; et, psychologiquement parlant, c'est l'exemption des troubles et des peines du cœur. Tel est le terme dernier auquel aboutissent toutes les sectes bouddhiques; et leurs différences ne viennent que de l'organisation diverse des esprits, et des différences de temps et de lieux...

Le Christianisme. Le conférencier, pressé par le temps (il est minuit sonné), annonce qu'il abrégera. Il dit d'abord que le monothéisme, le polythéisme et le panthéisme ne sont au fond que les trois faces d'une même réalité. Citant le mot de Jésus-Christ : « Bienheureux les pauvres d'esprit », il fait remarquer que cette parole contient en substance la doctrine du *muga*. Il interprète cette autre parole du Maître : « Le royaume de Dieu est au milieu de vous », dans ce sens que la paix intérieure est un véritable paradis, et que cette seule parole renferme la moelle même de la religion. Il explique que le Christ est à la fois homme et Fils de Dieu, par les relations du fini et de l'infini, de l'âme individuelle avec l'âme absolue dont l'humanité supérieure du Christ a pris conscience, en même temps qu'elle

— Eu venho de Miojo e sou filho da Estrella sagrada ! Dedica a tua vida á propaganda da doutrina de Buddha e tão sabio serás que nada haverá na terra que não saibas !

Aos vinte annos encerrou-se Fuji-ito na gruta da deusa Kwanon e ahi passou trinta e seis mezes em rezas e penitencias. Mas os anjos acompanhavam-no sempre. Um dia foi o santo advertido de que no cume de certa montanha, ao norte de Idzuru, o esperava a symbolica espada de tres pés de comprimento. Metteo-se a caminho vencendo os nevoeiros e as encostas e ao cabo de algumas semanas colheo o objecto annunciado. Então quedou-se na montanha, aonde um personagem invisivel lhe levava fructas excellentes para se alimentar.

Algo de divino devêra de fulgir na alma de Fuji-ito...

Viveu seguidamente tres annos em Dai-kenno-miné e findos estes dirigio-se para o templo de Yaku-shi-ji, no districto de Oyama, travando conhecimento com o padre chinez Keiun-risshi e com mais outros com-

puisait dans son contact avec l'absolu une force immense de persuasion et d'influence.

Le conférencier ajoute un mot sur la religion de l'avenir ; il donne d'abord l'exposé sommaire des diverses opinions émises sur le sujet par ses compatriotes. Les uns, trouvant qu'il y a trop de religions, demandent qu'on les fonde toutes en une seule, par exemple, dans le Bouddhisme. D'autres pensent qu'aucune des religions actuelles ne peut être acceptée telle quelle : il faut les démolir toutes, et, parmi leurs matériaux, choisir les meilleurs éléments pour en construire une religion nouvelle. Il en est qui demandent qu'on substitue à la religion la morale ; certains veulent garder pourtant, comme couronnement de l'édifice moral, soit Dieu, soit Bouddha. Suivant d'autres, on devrait se borner à combler les lacunes des religions existantes. Certains préconisent des réformes purement extérieures, d'autres une réforme doctrinale.

L'opinion de M. Ono est qu'il faut se garder de porter une main

panheiros. Fez-se padre, rapou a cabeça e adoptou o nome de Shodo, que significa « alcançar o verdadeiro caminho ».

De regresso a Dai-kenno-miné subio ao cume das serras e como notasse ao Norte, voando tranquillamente numa atmosphera azul, quatro nuvens de côres diversas, para lá dirigio os passos. Na base desses montes está hoje a cidade de Nikko. Reza a lenda que ao chegar a esse sitio topou com um rio caudaloso que tentou em vão atravessar.

Para obter a ajuda divina cahio devotamente de joelhos e rezou. Dois minutos não eram passados eis que surge, na margem opposta do abysmo, um emissario de Buddha trazendo um par de serpentes na mão direita. Os ophidios, decerto submissos á vontade divina, arquearam-se por cima das agoas, á guiza de ponte, que o Padre poude facilmente atravessar. Buddha tinha no fanatico um profundo Ministro. A fé tornava-o forte e os milagres volviam-no sobrenatural. Outro anjo, mais tarde, lhe revelou a montanha dos quatro deuses, habitada pelo Dragão Azul, pela Ave Encarnada, pelo Tigre Branco e pelo Guerreiro Sombrio.

téméraire sur des institutions traditionnelles sorties des aspirations religieuses de l'humanité, et qui sont toutes éminentes par quelque côté. Les diverses religions n'ont qu'à développer leurs éléments de valeur; et tout en remplissant leur mission qui est de procurer aux individus la paix de l'âme, elles se rencontreront à leur terme final.

L'orateur, à la fin de son discours, appelle de ses vœux l'apparition d'hommes supérieurs. Ce qu'il entend simplement par là, ce sont des hommes de forte conviction et de caractère, dont les actes et la vie entière soient pénétrés par leur principes. Il déplore la rareté de ces hommes-là parmi les éducateurs et les ministres de religion. « Sans ces qualités profondes, dit-il, les plus beaux talents et la plus émouvante éloquence n'obtiendront pas un résultat sensiblement supérieur à celui de nos conteurs publics. »

Quiz o padre ver os habitantes annunciados pelo Espirito e galgou as serras ferindo-se nas pedras e nas urzes dos atalhos. A certa ultura, as quatro nuvens quasi lhe envolveram o busto. Deteve o padre a marcha e levantou um templo á deusa Kwanon. Duas semanas descansou, outras tantas rezou, e ao cabo dellas poz-se de novo a caminho.

Assim attingio o lago de Chuzenji que ainda hoje tem aguas sagradas. Como fosse mui denso o nevoeiro dessas paragens, volveo a Nikko aonde se demorou quinze annos em penitencia para abrandar as iras dos deuses.

Finalmente, após sobrehumanos esforços, attingio e ambicionado cume da montanha, no anno de 782, aonde levantou um templo buddhista a que chamou Chuzenji, e no qual collocou uma imagem da deusa das Mil-Mãos.

Annos depois falleceu e foi sepultado atrás do templo de Kaisan-do onde jazem tambem alguns dos seus muitos discipulos.

* * *

Convidei o Philosopho Chiba para uma visita a um templo Buddhista (*).

Não sei de nada mais imponente do que os silenciosos caminhos por onde se vai para os templos japonezes. São largas avenidas ladeadas de enormes cryptomerias as quaes vos cercam de uma sombra copiosa e consoladora !

Basta penetrar num desses caminhos para que logo vos invada um grande sentimento religioso.

(*) O primeiro templo buddhista data do anno 522.

O homem sente-se anão

« *E tem pena de si como de um grão de areia* »,

parodiando o Grande Poeta, entre essas velhas arvores que sabem das mais antigas historias da Patria, que assistiram a milhares de procissões, que viram, olhando para baixo (pois só as gigantes cryptomerias gozam de tamanha honraria) os onnipotentes deuses de madeira e lacca passar nos hombros dos fieis durante as épocas festivas !

As cryptomerias parecem a Guarda Imperial das Igrejas : entre a ramagem, eternamente verde, descortinareis ao longe os doirados tectos dos Templos ou a espiralada silhueta dos Pagodes.

Eu galguei uma das avenidas topando de quando em quando com personagens muito graves, muito serios, mettidos em *kimonos* cinzentos. Eram os adoradores dos deuses que voltavam do fervoroso acto. O que rompe, ás vezes, a severidade dessas paragens são os ranchos infantis que saltam, gorgeiam e correm por todos os lados, curvando-se até ao chão, entre sorrisos, ao encontro dos Europêos.

O parque do Sambutsu-Do, velho templo de lacca vermelha, é habitado por cerejeiras de 400 annos de idade, pinheiros, crysanthêmos e cryptomerias.

No adro da entrada está uma cisterna cheia de agua onde os fieis lavam a bocca e as mãos antes de penetrarem no sagrado recinto. (*A réclame* já invadio as praticas religiosas. Vereis as toalhas, colgadas ao lado da cisterna, cobertas de annuncios, em caracteres japonezes, de importantes casas commerciaes

de Tokio, Osaka, Yokohama e Nikko.) Nesse mesmo adro, a um dos lados da fachada principal do Templo, está a Torre do Sino, cujo som é ouvido a quatro milhas de distancia e cuja capacidade é respeitavel.

A primeira sala, destinada á practica dos serviços religiosos, chama-se o Haiden.

Quando cheguei, justamente um padre Buddhista accendia as velas. Alguns fieis, sentados no chão, offereciam moedas aos deuses. A' sahida, o dinheiro fica na esteira e os fieis adquirem o direito futuro de entrar no Paraizo.

A' porta do Haiden topei com uma figura de páo-tosco, muito velha, a cabeça coberta de barretes encarnados e o corpo de aventaes da mesma côr. Perguntei quem era aquelle estranho personagem e disseram-me chamar-se Binzurú e ser possuidor da virtude de curar molestias quando é tocado pelas mãos dos enfermos.

Sahindo do Haiden, vê-se, na sala contigua, tres enormes estatuas de lacca dourada sentadas sobre folhas de lotus.

E' o Kwanon-Cabeça-de-Cavallo, que tem tres cabeças e oitenta dedos; é o Amida-Nyorai e é a deusa da Misericordia com as suas Mil-Mãos misericordiosas. Em um quarto adjacente está uma estatua de Shodo-Shonin, fundador de Nikko, e no quarto opposto, um maravilhoso *kakemono* de seda, pintado, ha duzentos annos, pelo celebre Riyo-tan. Na galeria da parte posterior, olhando para o norte, jazem as dezesete estatuas symbolicas : o Ijanaten, o Bishamon e o Suiten, com as caras verdes e azues, que são os deuses da Primavera; o Bonden, o Niten, o Gwatten, o Emmaten, o Giten, o Futen e o Kwaten, com as caras

brancas, que são os deuses do Inverno; o Rasetsuten, com a cara vermelha, deus do Verão; o Tei-Shakuten, com a cara dourada, deus do Outomno, e cinco maiores, azues, excepto as boccas que são brancas e o cabello que é encarnado, representando os deuses do Fogo. Em frente de cada uma das 17 estatuas jaz o infallivel vaso onde viceja um ramo de lotus.

O lotus é a flôr dos Espiritos de Buddha. E' o emblema da pureza e floresce no Paraíso. Bem aventurados os que forem para lá porque esses se sentarão sobre corollas de lotus !

Se dois amantes fartos dos prazeres terrestres decidem suicidar-se, todos sabem que pela época das florescencias paradisiacas do lotus elles se encontrarão outra vez. *Hasuno hana no ue ni oile matan.*

Em quasi todos os lagos da terra Japôa fluctúa a religiosa planta. Ha em Tokio, perto de Uyeno, o lago de Shinobazu, para as margens do qual vão casaes de namorados, todas as manhãs, assistir ao despertar das flôres, que abrem as corollas com um ruidosinho breve, como para dar os bons dias. As folhas dos lotus, quasi sempre incrustadas de perolas de orvalho, são largas e tão polidas e brilhantes que reflectem cada phase do céu mudando constantemente de brilho á passagem das nuvens.

Atrás do Sambutsu-do ergue-se um pequeno templo tambem buddhista chamado o Shingu. Ahi, á entrada, um velho padre muito risonho vendeu-me um Buddha de madeira com mil promessas de que eu seria feliz.

Adjacente ao Sambutsu-do eleva-se a columna Sorinto, toda de cobre, de 42 pés de altura, a um terço da

qual, em destaque dourado, quatro medalhões-escudos ostentam as insignias dos Tokugawa (*).

Percorri tudo com interesse, e, ao cabo de algumas horas, aprobei a uma especie de bosque de cryptomerias. O ar crystallino da manhã enchia-me os pulmões de saude e a tagarellice das cigarras japonezas dava á sombra das folhas uma alegria juvenil. Era finda a minha peregrinação buddhista.

Mas como o Philosopho porfiasse em revelar-me as maravilhas da outra seita do seo Imperio, decidi-me a ir ver o templo de Yeyasu, grande *daimio* de Yeddo, a cuja endeusada memoria deve ser a terra Japôa illimitadamente reverente.

E, aproveitando o vôo da minha devoção, enfro-nhei-me por outra avenida de cryptomerias.

Os sagrados terrenos onde se elevam as construções pertencentes ao templo de Yeyasu occupam uma vastissima area dividida em diversos lotes. A Leitora pode acompanhar-me sem, por emquanto, descalçar os sapatos.

O primeiro edificio que fica á sua direita, o Kariden, é o tumulo provisorio de Yeyasu.

Nestas ilhas os deuses mudam muitas vezes de casa, e para taes occasiões necessitam de capellas ou de altares onde repousem. Pelo que respeita ao templo de Yeyasu, é elle concertado todos os dez annos, e emquanto isso se realiza, afim dos marceneiros, carpinteiros e pintores não molestarem os divinos ouvidos, é o deus removido para o Kariden numa pomposa romaria.

(*) Xoguns do Japão. O ultimo Xogun desta familia vive em Tokio e conta 80 annos de idade. Foi vencido pelo actual Imperador.

Este templo pertenceu, na sua infancia, á seita budhista e só depois da Restauração, quando o Shintoismo se arvorou em credo official e o Imperador veio a estas paragens em peregrinação, é que mudou de *kimono*.

Em frente do Kariden, como em frente de todos os templos, vê-se um portico de bronze a que os Japões chamam *torii* e em cuja viga transversal se destacam as armas dos Tokugawa.

Os *torii* são em geral acompanhados de lanternas de pedra que parecem vigiar os sagrados monumentos.

Agora suba alguns degraus, pia Leitora, atravesse a porta Nio-O-Mon e olhe para o lado esquerdo : ahi tem o sagrado cavallo Riu-si-shika. Montado pelo General Shira Kawamiya, na guerra da China, foram elles os primeiros a entrar em Porto-Arthur conquistado. O General morreu mas o cavallo salvou-se, e a familia do General offereceu-o, ha treze annos, ao templo shintoista. Na pequena cocheira, com a cabeça voltada para o publico, Riu-si-shika apenas avista gente põe-se a acenar com a pata esquerda.

Obedeci ao convite e aproximei-me. Uma velha Japôa sentada ao lado do rossinante recebe dinheiro e dá em troca algumas mancheias de feijão branco. Quiz prestar tambem a minha homenagem ao antigo companheiro do general vencedor, e como a mulher me enchesse as mãos de feijões, eu respeitosamente os passei para a sagrada boca do quadrupede.

Disseram-me que Riu-si-shika frue uma vida de repouso porque para isso conquistou titulos na guerra; mas ao vê-lo, quiz-me parecer que o santo cavallo preferiria uma saudavel galopada pelos selvosos campos japonicos a esse monotono retiro de dez horas

diarias, vigiado por uma ama secca de setenta e oito annos !

Continuemos o passeio, pia Leitora que tendes a paciencia de me acompanhar, e olhemos para estes edificios de lacca vermelha que encerram todos os thesouros dos templos.

Aquella esculptura, um elephante branco ao lado de um elephante negro, é obra do artista-maneta Jingoro, que só tinha o braço esquerdo.

Nesta capella, á guisa de templo, uma velha sacerdotiza vestida de branco e encarnado, com uma touca de irmã de caridade, está sentada no chão, alto de quatro pés e todo forrado de esteiras.

Quem puzer uma moeda no lugar conveniente, isto é, numa especie de cofre collocado sobre um dos degraos da escada, logo verá como movida por uma mola levantar-se a sacerdotiza, fazer medidas até ao chão, dar passos para a direita e para a esquerda e andar á roda, tocando campainhas e agitando lentamente um grande leque de côres.

Na parede do mesmo templo destaca-se um grupo de tres macacos de madeira. Um tapa os ouvidos com as mãos, o outro tapa os olhos e o terceiro tapa a boca.

Isto, neste paiz de symbolos, não podia deixar de ser symbolico.

— Se queres viver feliz, livre de desgostos e preocupações, — ó tu que passas ! — não escutes o que não devas, não vejas o que não se possa vêr e não fales sem reflectir...

Assim prêga a moral da esculptura.

Se a Leitora não está cansada venha vêr o sumptuoso Yomei-mon. E' uma construcção de tres estylos,

coreano, chinês e japonês, que se estende á direita e á esquerda ostentando as mais exquisitas e velhas esculpturas. Nas paredes, em variegadas côres, que transportam a gente a mundos desconhecidos, võem os terríveis dragões, as nocturnas corujas, as esbeltas cegonhas, os cysnes, os pombos, os patos, as phoenix de ouro e os pavões de plumas de arco-iris...

Vicejam crysanthêmos de todos os tons, florescem camelias de petalas suaves, entrelaçam-se bambús, nervosos e finos, abrem-se ao sol as enamoradas corollas dos lotus...

E' um mundo que embriaga as pupillas, é a Epoca da fabula e da lenda que nos arrasta, no evidente poder das suas azas, para um paraíso complicado. O tecto do Yomei-mon dirieis uma palpação de dragões que lutam dilatando as orbitas e estrebucham de violenta raiva! Foi Kano-Motonobu, celebre e divino, quem lavrou estes extranhos ornatos.

Desta vez, pia Leitora, descalce os sapatos e penetremos juntos no Haiden shintoista. Aqui estão o espelho de metal e os dourados *gohei* de papel que só se encontram nos templos de Shinto; e aqui estão os 36 retratos dos 36 mais famosos poetas de ha 600 annos atrás.

Passe ás antecamaras adjacentes onde ha phoenix e aguias esculpidas, cujos olhos são cabeças de pregos dourados e observe no tecto da antecamara esquerda um baixo relevo que representa uma mulher. A primeira vez que a vi, como me advertissem que era Benten, deusa do Amor, cahi de joelhos na esteira, sinceramente devoto : mas a deusa, no tecto sagrado, voava rapidamente e zombeteiramente...

Fugia de mim, consolando-me apenas com o seo apartado sorriso : e a alma se me entristecia á vista

da doce visão que evitava os meus olhos supplicantes !

Para atalhar o damno invoquei o Buddha de bambú que o velho Padre me vendera; mas o grande deus parecia não se occupar da minha magua. E' que eu estava num templo shintoista e o Buddha, por uma questão de amor-proprio, clamava contra a minha idolatria. Em breve, porém, espairesi: tudo era talvez uma simples allucinação e a linda Benten, fugindo no tecto, quiçá não me advertia desgraças...

O que é viver em um paiz de symbolos... Ao cabo, tudo vos parece symbolico: a tartaruga que vêdes no lago, e estrella que em sonhos vos apparece, o peixe que físgastes no anzol, tudo se vos antolha significativo e expressivo, porque morais na terra Japôa e na terra Japôa o Symbolo é que governa.

No tecto da outra antecâmara está o anjo Tenjin cercado de crysanthêmos.

Atravessemos o Oishi-No-Ma, o Honden, o Nai-Jin, o Jinyo-Do, o Kagura-Do, o Goma-Do, porque como a tarde vai baixando os Padres querem fechar as portas, e vamos visitar o tumulo de Ieyásu que fica no alto da collina sagrada.

O caminho para a solemne mansão compõe-se de uma serie de 150 degraos ladeados de enormes cryptomerias.

Reina um silencio mortal...

A propria cigarra entende que não deve interromper tão digna majestade com o seo agudo rechinar...

De quando em quando, arribas das arvores, destaca-se o perfil obscuro dos corvos...

E nada mais. O somno do *daimio* de Yeddo não é molestado por creatura alguma da terra! Bem o me-

rece o grande espirito que illuminou o Japão do seculo XVII !

Todos sabem dos seus esforços para abrir os portos do Imperio ao commercio do mundo; é conhecida a sua correspondencia com os governadores de Luzón no intuito de entrar em negociações com a Nova Hespanha e as Philippinas. Por esse tempo aconselhava-se o *daimio* de Yeddo com o Padre Jeronymo de Jesus, da Ordem de S. Francisco, sobre os meios proprios para decidir as náos hespanholas, na sua rota das Philippinas e Nova Hespanha, a tocarem em portos japonicos, « afim de se abrigarem das frequentes tempestades dessa travessia ».

Era decerto outro o proposito de Ieyásu : não tanto a protecção contra as iras dos ventos senão o desejo de traficar com os Hespanhoes o levava a cuidar do assumpto: mas fosse como fosse, já no seculo XVII o potentado japonez se esforçava por sacudir o Imperio do torpôr em que vivia, enfronhando-o nas tramas do commercio internacional.

Assim, data do 8º mez do 7º anno de Keicho (*) (setembro de 1602) a epistola de Minamoto Ieyásu a Sua Senhoria Dom Pedro Bravo de Acuña, Governador de Luzón, pela qual lhe manifestava o ardente desejo de ver encetadas as relações entre o seu paiz e a Nova Hespanha, facto que acarretaria proveito para Hespanhoes e Japonezes.

« Muitos dos vossos têm-me realçado as vantagens de um porto no Kwanto, onde se abriguem as náos por occasião das tempestades; e igualmente me hão manifestado com que prazer veriam as náos japonezas fazer a

(*) A era de Keicho comprehende os annos de 1596 a 1614.

travessia do Japão á Nova Hespanha. Com grande impaciencia fico esperando a vossa resposta. »

Os desejos do *daimio* repetem-se frequentemente, até que, desvanecidos os temores dos Hespanhoes, oito annos depois, quedou estabelecido o trafico ambicionado pelo Xogun.

Foi, todavia, ephemera essa troca de relações. Interrompidas e reatadas varias vezes, em 1637 afinal o Xogun Yematsu prohibio a todos os barcos de alto bordo a sahida do paiz, sob pena de duros castigos em caso de desobediencia. As ilhas Japôas volveram a fechar-se para o mundo encerrando-se a sete chaves dentro das suas margens impenetraveis...

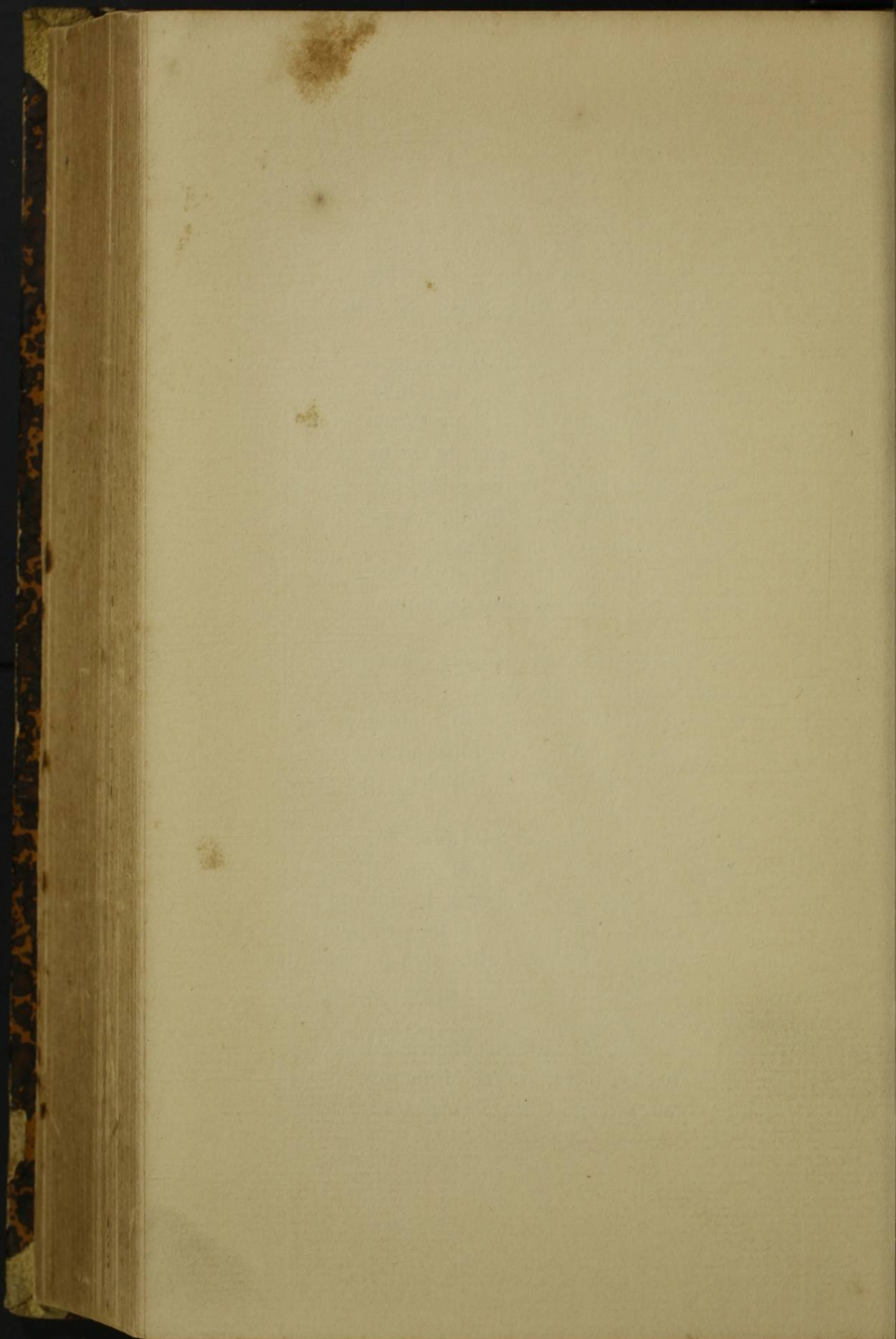
Os esforços do clarividente Ieyásu haviam cahido sobre terreno sáfaro não logrando germinar...

O tumulo Shintoista é uma singela construcção de bronze, de dez a doze pés de altura.

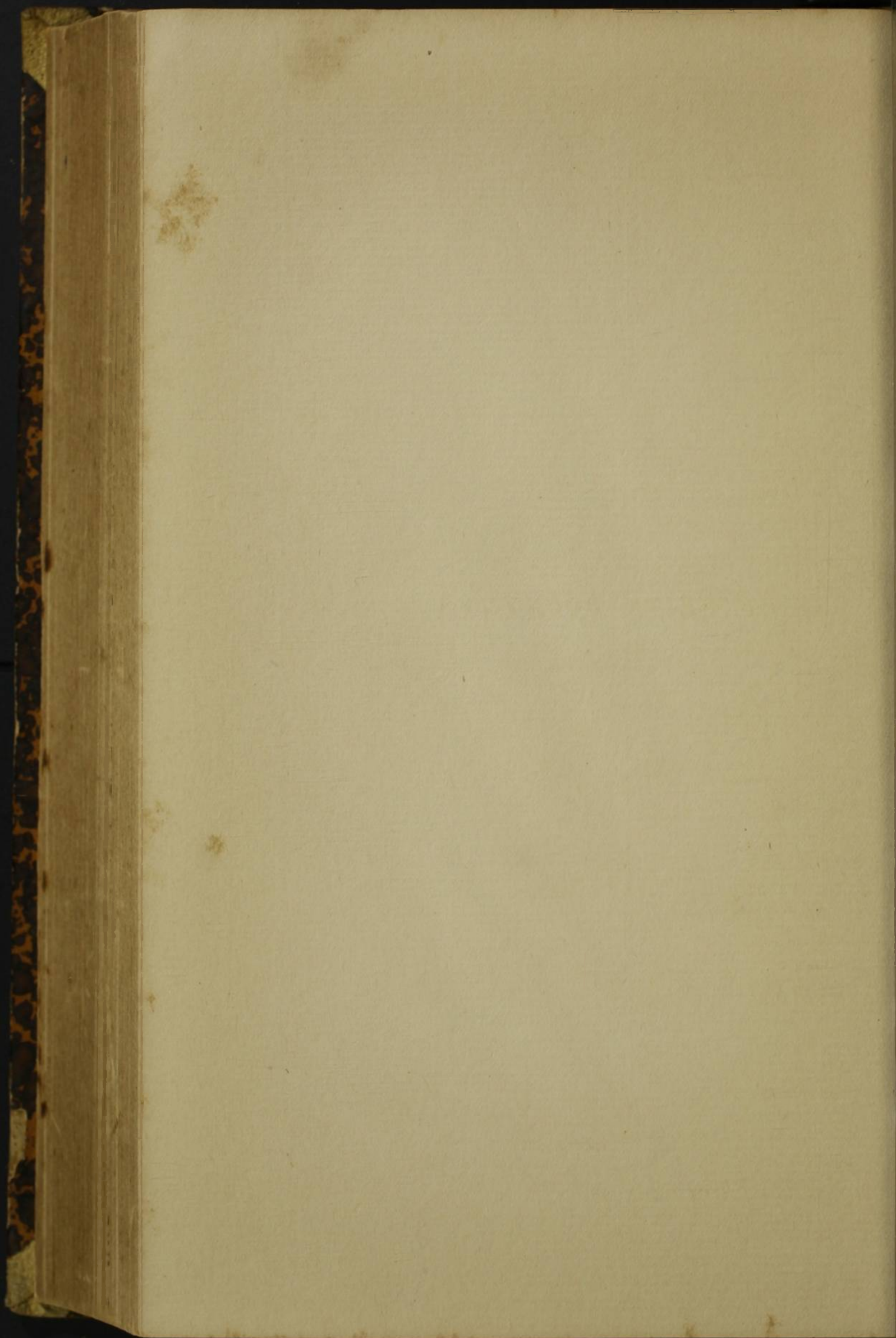
Quando me aproximei do modesto maosoléo « descobri-me » respeitosaente. Não quizera eu esquivar-me a essa homenagem ante a sepultura do maior Japonez do seculo xvii.

O gesto agradou ao Philosopho Chiba cujos labios desabotoaram em sorrisos de gratidão. E' que o Mestre bem sabia que se o Imperio do Sol marcára passo durante tantos annos não fôra disso responsavel o defunto estadista endeusado. Elle dera o signal de alerta : os outros Xoguns é que não quizeram segui-lo na sua orbita faiscante...

Descança em paz, á sombra misericordiosa das velhas cryptomerias, ó veneravel Minamoto Ieyásu do Japão, primeiro Xogún dos Tokugawa !

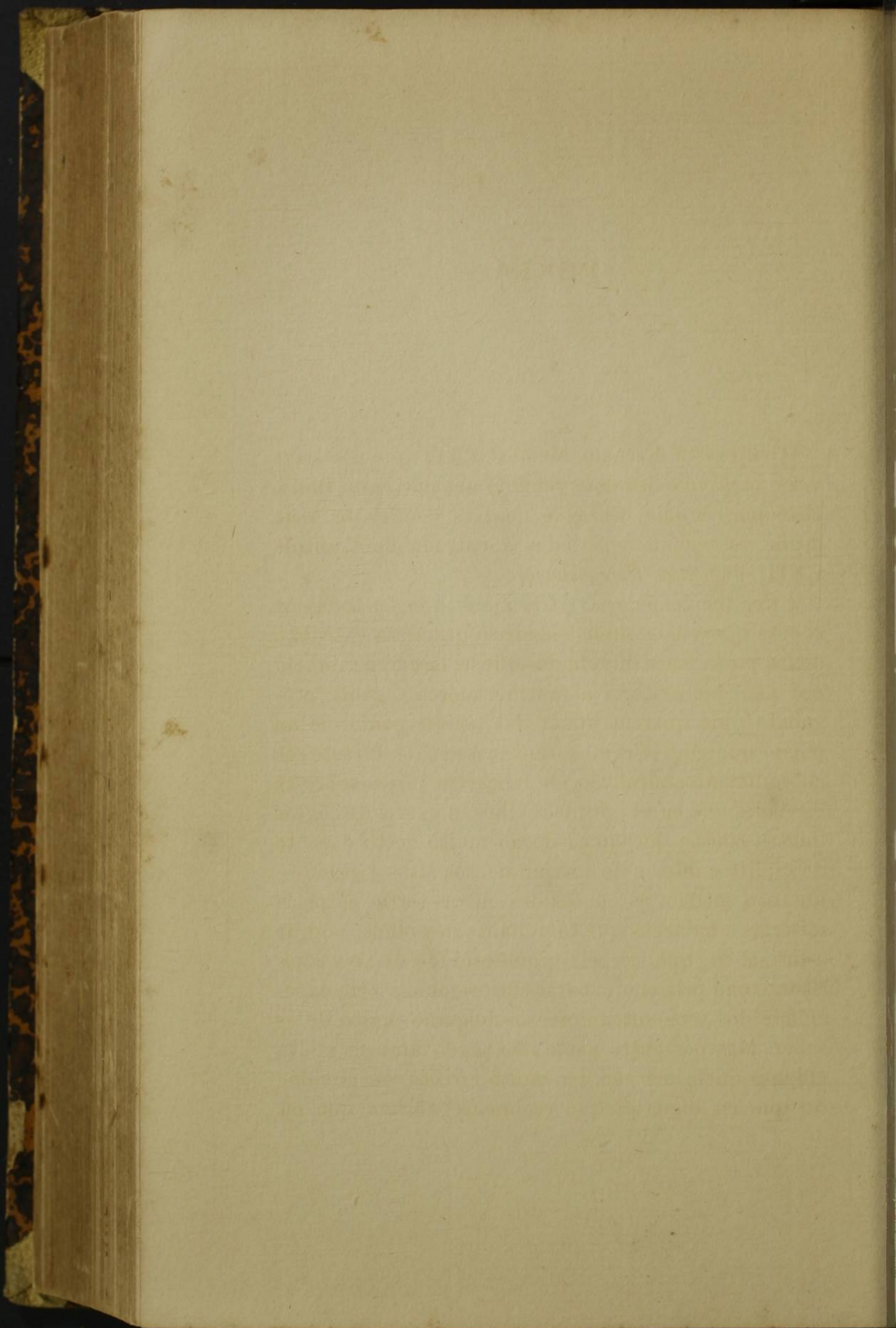


PARTE II



A

FELIX BOCAIUVA



PEKIM

I

O chronista Fernam Mendes Pinto que foi treze vezes captivo e dezesete vendido nas partes da India, Ethiopia, Arabia, China e noutros confins da Asia, desfia os seguintes periodos á entrada do Capitulo CXIII das suas *Peregrinações* :

« Por me temer que particularizando eu todas as cousas que vimos nesta cidade, a grandeza extranha dellas possa fazer duvida aos que as lerem, e tambem por não dar materia a murmuradores e gente praguenta, que querem julgar das cousas conforme ao pouco que elles viram, e que seos curtos e rasteiros entendimentos alcanção, de lançarem juizos sobre as verdades que eu vi por meos olhos, deixarei de contar muitas cousas que quiçá darão muito gosto a gente de espiritos altos e de entendimentos altos e grandes, que não medem as cousas das outras terras só pelas miserias e baixeiras que têm diante dos olhos, porque estas sei eu, que asi pela grandiosidade de seos espiritos, como pela sua natural curiosidade, e pela capacidade dos seos entendimentos folgarão muito de as saber. Mas por outra parte não porei tambem muita culpa a quem me não der muito credito, ou duvidar do que eu digo, porque realmente affirmo que eu

mesmo que vi tudo por meos olhos, fico muitas vezes confuso quando imagino nas grandezas desta cidade de Pekim, no admiravel estado com que se serve este Rey Gentio, no terror e espanto que em todos causam os seos ministros, na sumptuosidade das casas e templos dos seos idolos, e de tudo o mais que ha nella. Porque somente na cidade de Minapáo, que está situada dentro da cerca dos paços d'El-Rey, ha cem mil capados e trinta mil mulheres, e doze mil homens de guarda. E as mulheres são muito alvas e castas, e inclinadas a todo o trabalho mais que os homens. Parece que não ha entendimento que possa comprehender quanto mais palavras que possam declarar o nome de tantas e tão varias cousas quantas Deus quiz dar a este povo infiel e inimigo seo, e tão ingrato a todas estas mercês que recebe d'elle que tem para si que só pelos merecimentos do seo Rey produz a terra toda esta abastança e não pela divina providencia e pelo amor daquelle Senhor que tudo pode. Desta sua cegueira e incredulidade lhe nascem os grandes desatinos e a grande confusão de superstições que tem entre si e em que têm muitos abusos. »

* * *

Quem lêr tanta abundancia de louvôres entoados por tão claro entendimento ha-de soffrer uma profunda decepção ao pisar hoje esta terra de Pekim.

É' verdade que o companheiro de Francisco de Xavier vendo tudo por seos olhos, apreciava o que via pelo prisma do seculo xvi. Marco Polo, cem annos antes, tambem encarece as immensas cidades

deste imperio, a sua riqueza, as suas boas maneiras, os seus habitos; sendo que a narração de tantas obras pareceo incrível aos Europeus (nessa epoca pouco numerosos e pobres, observa Reclus) exactamente como o Chim de hoje põe em duvida o que se lhe conta das maravilhas da Europa.

Mas se Pekim respondia á descripção dos chronistas como Fernam Mendes, muitos e varios solavancos ha-de ter soffrido de então para cá, pois que de riqueza de vida, sumptuosidade de edificios, resplendores de cortejos e abastança de todas as cousas necessarias, está, na verdade, assaz carecida.

A cidade de Minapáo, dentro da cerca dos paços d'El-Rey, deve ser a residencia imperial dos dias presentes. Com effeito, ainda com o ultimo Imperador empregavam-se nella cerca de sete mil pessoas, entre eunuchos, mandarins, mulheres e damas da côrte, satellites girando em torno do grande sol que é como é considerado o soberano da China. E' provavel que o nosso chronista, no alvoroço com que descreve as cousas da cidade, se haja deixado levar pelas declarações dos Chins, dentre os quaes muitos ha que são honrados e serios e muitissimos sempre houve para os quaes a verdade é uma palavra vazia!

Foi naturalmente um destes que disse a Fernam Mendes haver em Pekim mil e oitocentas pontes muito ricas « assim no feitio como em tudo o mais que se vê »; cento e sessenta casas de açougues ordinarios cada uma das quaes com « cem talhos de todas as carnes quantas se criam na terra »; porque (affirmou o tal Chimíao chronista) esta gente come de tudo : vitella, carneiro, porco, bode, cavallo, buffalo, tigre, leão, cão, mulato, burro, zebra, anta, lontra,

texugo, e finalmente « todo o animal a que se pode pôr este nome ».

Affirmaram ainda os Chins a Fernam Mendes que afóra estes açougues não ha rua em que não haja muitas tavernas « em que se dá tudo guizado com muita limpeza e perfeição », e que esta cidade é fechada com duas cercas de muros muito fortes e de muito bôa cantaria « onde tem trezentas e sessenta portas, a cada uma das quaes está um castello de duas torres muito altas ».

Se por favor divino o autor das *Peregrinações* voltasse hoje á cidade de Pekim veria com grandissimo espanto que a metropole dos trinta e dois reinos desceo muito da sua grandeza !

Mas Pekim é realmente uma serie de cidades todas differentes umas das outras.

Ao sul fica a parte chineza, com a forma de um trapezio geometrico, a mais animada de todas, graças á exuberancia do seo commercio e ao formigueiro humano que a povoa.

Esta cidade, cercada por um muro construido no seculo xvi, dá aos olhos do viajante um espectaculo indescritivel.

Carros, carroças, peões, gentes montadas em burros, caravanas de camelos de chocalho ao pescoco, *rikkshas* de varios tamanhos puxados por Chins tuberculosos, vendedores ambulantes, mulheres mandchús com os seos mirabolantes toucados, mandarins de todas as ordens, philosophos de passeio com as suas calhandras, mendigos comendo piolhos ás portas das casas, toda uma população cosmopolita de Thibetianos, Mongóes, Mandchús, Cantonezes e Pequinezes,

se acotovella nessa feira cujo espantoso movimento não é possível por palavras encarecer.

E' ahi que estão as lojas onde se apregôam as reliquias da China : os frasquinhos de crystal pintado, por meio dos quaes os Chins sorvem rapé; os leques de sandalo com as varetas cinzeladas; as fivellas de ouro e jade representando focinhos de tigre, dragões de azas abertas, e outros monstros que fazem tremer as carnes quando se olha para elles; as alcofas de setim bordadas a matiz para agasalhar as moedas de maior valia; as adagas de punho de ágatha; as roupas de mandarins carregadas de ornatos preciosos; as alfombras de pelle de camello; os sapatinhos de mulher que parecem saccos de *bonbons*; os ganchos e os pingentes fabricados com as plumas de um passaro caçador de peixes; os cofres de bronze, pesados e vetustos; as sinetas de jade branco, as pulseiras de jade verde, os collares de todas as côres e de todas as substancias : estes de turqueza, aquelles de ambar amarello transparentes como gotas de mel, est'outros de caroço de pecego lavrados á mão; as porcelanas côr de sangue de boi, os bules de bico muito comprido rivalisando em grandeza com os bicos das cegonhas; as estampas de pintores celebres, sobre papel de arroz; os Buddhas de barrigas enfunadas como as velas das antigas náus; os buffalos, os elephants, os veados, as chimeras, os camelos, — todos de muito bom bronze e de muito peso — e ainda muita copia de objectos, de que me não atrevo a dar relação, atulham as lojas da cidade chinesa ordenando-se umas ao lado das outras, todas com as suas frontarias de ouro amarello e os seos tectos cosidos em telhas sobrepostas.

Aqui vem a proposito advertir que nenhuma construcção pode ter mais de cem metros de alto, seja uma torre, uma columna, um Pagode, um templo, um castello ou um edificio particular, e isto porque têm os Chins para si que as almas dos defuntos vôm obra de cem metros acima da terra, de sorte que seria um estorvo para ellas o haverem os edificios uma altura passante dessa.

A cidade chinesa (como atraz ficou dito) é cercada por um muro de dezeseis mil metros de circuito, em forma de parallelogramo, com um dos lados adjacentes á cidade tartara com a qual está em communição por meio de tres portas, sustentando cada uma um castello roqueiro de varios sobrados.

Esta cidade, ou feira, ou antro, ou como lhe queiram pôr o nome, e aonde Fernam Mendes vio por seos olhos muitas tavernas em que se dá tudo guizado com muita limpeza, é hoje o sitio mais peçonhento de que se pode ter ideia. Durante as chuvas as ruas transformam-se em ribeiras de lodo, os intervallos das pedras em pôços de agua pestifera, as vizinhanças das portas em verdadeiras lagôas nas quaes facilmente se morre afogado. Durante a estação das séccas é a poeira que entra pelos olhos, que se encafúa pela boca, que penetra no vestuario, que inunda os lençóes, que se infiltra nas escovas do cabello, que estropia as alfombras, que amarellece o firmamento, e que desaba sobre toda a terra de Pekim como se os Céos de subito assanhados resolvessem matar pela asphyxia os innumerados peccadores da humanidade!

Durante todas as Luas chinezas, desde a primeira até á ultima do anno, o quinto elemento da China

fórma uma segunda atmospherá dentro da qual não ha narizes que não tremam nem olhos que não padeçam. As ruas regam-se com as agoas dos esgotos e quem passear todos os dias pelo mercado dos legumes assistirá de vez em quando ás execuções da justiça do Imperio...

Pois é, com effeito, á vista dos transeuntes que se ajustam as contas em nome do Imperador.

Ajoelha-se o condemnado aos pés do carrasco; um ajudante deste lhe segura na trança para conservar a cabeça na posição que é mister; ha um gesto certo, um brilho de foice ao sol, um estremecimento de agonia, e a cabeça vae rolar nas pedras sem a menor perturbação para os mercadores de pepinos, de laranjas e de alperces... oh! os bellos alperces da China, de pelle setinosa e rosea como a das alvas e bem assombradas moças que cruzam os caminhos em palanquins de bambú...

II

A cidade tartara, cercada por um muro de 23,720 metros de circuito com 14 de alto e 20 de largo e nove gigantescos portões cavados no seo massiço, não tem a exuberancia da cidade chinesa.

Ao longo do muro elevam-se de espaço a espaço torres, bastiões de varios sobrados e castellos com os telhados amarellos, formando um espectaculo unico no mundo, rival das muralhas de Babylonia que tamanho assombro causaram á antiguidade.

E pensa-se, em presença destas sinistras paredes, nos tempos em que os exercitos chins, de atalaya ao longo dellas, esperavam o assalto dos invasores ao som marcial das trombetas e dos pifaros e commandados por generaes vestidos de ouro ! Não obstante a muralha, a velha Pekim foi tomada e invadida, assim como sem embargo da fronteira de pedra que separa a China da Tartaria e do milhão de soldados que alguns imperadores distribuiram em toda a sua extensão, os Mandchús penetraram na China e della se assenhorearam a partir do seculo xv. A verdade é que duzentos mil Tartaros governam hoje trezentos milhões de Chins, estes Chins que já dois seculos antes de Christo despachavam Armadas ás ilhas do Sul para a colheita da flôr da immortalidade...

Dentro da cidade tartara palpita a cidade imperial e dentro desta a cidade prohibida, onde reside o Filho do Céu com o seu acompanhamento de eunuchos, principes, mulheres e parentes.

Um muro com quatro portas põe-na em communição com a cidade tartara e outros muros ameiados, de uma altura de seis metros, separam-na da cidade prohibida, a qual se avista de qualquer altitude de Pekim mercê dos seus innumeraveis pavilhões de curuchéos cozidos de telhas de porcellana dourada e de feitios muito nobres e elegantes.

E' na cidade imperial que estão os tres lagos artificiaes do Imperador com 3,725 metros de comprido; a montanha de carvão, o pagode Ouan-chan-tien e a magestosa ponte dos dez arcos, toda de muito bom marmore e tão inclinada sobre as agoas, que parece, vista de longe, o dorso convexo de um esqueleto de baleia...

Ainda que na cidade chinesa se note mais commercio do que templos, dois ha, o do Céu e o da Agricultura, que são celebres pelos ritos e cerimoniaes a que dão agasalho.

Do primeiro já dei relação em outro capitulo, e por não me estender com descripções de edificios que por via de regra enfadavam aquelles que as lêem, e tambem por não apartar-me do meu proposito que é o de cuidar de preferencia dos costumes deste povo Chim, tratarei somente agora da cerimonia levada a cabo pelo imperador no dia 23 da 3ª Lua de cada anno, no mui sacro templo da Agricultura.

A Gazeta de Pekim de 1767 publicava o seguinte programma na vespera da referida festa :

« O Imperador assistirá em pessoa á cerimonia de lavrar a terra. Os mandarins do ministerio das rendas publicas prepararão os instrumentos agricolas e as caixas das sementes entregando-os ao governador da capital.

Depois de cobrir as caixas e os instrumentos com pannos de seda o governador mandará tudo para o campo sagrado. Por meio de taboas vermelhas se indicará as porções de terra que os principes e os altos dignitarios terão de lavrar, e ao lado do pavilhão imperial se ordenarão os instrumentos agricolas. No dia marcado, os mandarins da casa do Imperador, o mestre de ceremonias e os outros officiaes do seo tribunal achar-se-hão desde o romper da manhã do lado de fóra do palacio imperial. Terminado o sacrificio os dez grandes officiaes da primeira guarda rodearão o Filho do Céu e o acompanharão ao palacio para que Sua Majestade se repouse e mude de roupa. Os principes e dignitarios que tiverem de lavrar a terra mudarão tambem de roupa. Entretanto, a charrúa, o chicote e as caixas das sementes previamente preparadas para o Imperador, assim como as destinadas aos principes e dignitarios, serão tiradas dos respectivos estojos e postas por ordem sobre o campo sagrado. Ao meio dia, o mestre de ceremonias, os mandarins da casa imperial e os demais funcionarios, se reunirão todos no campo. Os quatro velhos, os quatorze cantores, os trinta e seis tocadores de instrumentos, os vinte camponezes (que usarão chapéos de palha e trarão consigo as charrúas, as vassouras, as enxadas e os sachos) se collocarão em duas linhas parallelas, á direita e á esquerda do campo sagrado, assim como os cincoenta porta-bandeiras, os trinta

e quatro velhos de Pekim e os trinta lavradores das tres ordens. A' hora da lavra, o primeiro mandarim da agricultura entrará no palacio e previnirá o Filho do Céu. O mestre de cerimoniaes dará um signal agitando uma bandeira. Os tres principes e os nove dignitarios que tiverem de lavrar dirigir-se-hão para os logares que lhes forem marcados. Os dez grandes officiaes da primeira guarda rodearão o imperador e conduzirão Sua Majestade ao campo sagrado aonde Sua Majestade entrará com a cara voltada para o sul. O presidente do tribunal dos cultos dirá, nesse momento, em alta voz : « Venha a charrúa ! » Immediatamente o ministro das rendas publicas, com a cara voltada para o norte, pondo-se de joelhos, entregará ao Filho do Céu o cabo da charrúa que Sua Majestade tomará com a mão direita. O presidente do tribunal dos cultos dirá em voz alta : « Venha o chicote ! » Immediatamente o governador de Pekim, com a cara voltada para o norte, pondo-se de joelhos, entregará ao Filho do Céu o cabo do chicote que Sua Majestade tomará com a mão esquerda. Dois velhos guiarão os bois e dois lavradores sustentarão a charrúa, precedidos pelo presidente do tribunal dos cultos e pelo primeiro mandarim da agricultura. Ao primeiro movimento de Sua Majestade os cincoenta porta-bandeiras agitarão as bandeiras; os cantores entoarão canticos ao som de todos os instrumentos; o governador de Pekim se occupará da caixa das sementes e o ministro das rendas publicas seguirá atraz delle. O Imperador lavrará a terra cavando tres sulcos. Logo depois, o presidente do tribunal dos cultos dirá em voz alta : « Receba a charrúa ! » O ministro das rendas publicas, pondo-se de joelhos, receberá a charrúa. O presi-

dente do tribunal dos cultos dirá em voz alta : « Reciba o chicote ! » O governador de Pekim, pondo-se de joelhos, receberá o chicote. Envolver-se-ha a charrúa em pannos de seda, e o mesmo se fará com a caixa das sementes e com o chicote. A musica deixará de tocar e o presidente do tribunal dos cultos convidará o Filho do Céu a recolher-se ao pavilhão imperial. O mesmo presidente e o primeiro mandarim da agricultura conduzirão Sua Majestade pela escada do centro. Sua Majestade se sentará com a cara voltada para o sul. Todos os principes, dignitarios e mandarins que não tiverem trabalho marcado para o resto da cerimonia se ordenarão de ambos os lados do Imperador e ficarão em pé. Então os tres principes lavrarão a terra cavando cinco sulcos, indo com cada um um velho que se encarregará dos bois, dois lavradores da charrúa e dois mandarins das sementes. Quando os tres principes tiverem acabado de lavar a terra os nove primeiros dignitarios do Imperio começarão por seo turno a lavrá-la, cavando nove sulcos e indo com cada um um velho que se encarregará dos bois, dois lavradores da charrúa e dois mandarins das sementes.

Findo este trabalho, retomarão os postos que lhes tiverem sido marcados e ficarão em pé. Os mandarins inferiores de Pekim embrulharão em pannos especiaes os instrumentos agricolas e as caixas das sementes. O presidente do tribunal dos cultos conduzirá á beira do pavilhão imperial, do lado oeste, todos os mandarins da cidade, os velhos e os lavradores, levando cada qual um instrumento de agricultura. Todos ao mesmo tempo, com a cara voltada para o norte, se porão tres vezes de joelhos, batendo nove vezes com a cabeça

no chão, em signal de graças ao Filho do Céu.

Depois desta cerimonia os velhos e os lavradores irão terminar a lavoura do campo sagrado. Então o presidente do tribunal dos cultos previnirá Sua Majestade de que todas as ceremonias estão acabadas. O imperador descera do pavilhão pela escada de leste e sahirá pela porta de Siennang, escoltado pelos córos de musica ».

A cerimonia que fica descripta, convém advertir, é toda previamente regulada e quasi dirigida pelos bruxos. Sendo a China a nação mais supersticiosa do descoberto é de suppôr que bruxos, adivinhos e astrologos tenham neste paiz uma posição privilegiada. Os astrologos, sobretudo, alinham-se entre os directores da felicidade do povo. A cada momento as suas luzes são requeridas e mesmo a Côrte não se desquita delles. Foram os astrologos que fixaram o dia em que o ultimo imperador Kouang-Hsu devia de ser enterrado (*). E a Côrte submetteu-se ao alvitre, porque ninguem, em todo o imperio Chim, seria capaz de agir contra o alvitre de um astrologo. Um mandarim da ordem do coral (ha nove ordens de mandarim, a saber : do rubi, do coral, da saphyra, do lapis-lazuli, do crystal, do vidro opaco e tres do metal dourado). Acima do mandarinato ha a penna de pavão e o casaco amarello, o qual dá direito a penetrar de palanquim na cidade interdita. Nenhum Chim pode alcançar semelhante honra senão autorizado por um decreto imperial. Hontem, a *Gazeta de Pekim* publicava os decretos seguintes :

(*) 1.º de Maio de 1909.

« O conselheiro do imperio, Na Tong, esteve muito doente e ainda não está completamente restabelecido. Por esse motivo é o mesmo conselheiro autorisado a entrar de palanquim na cidade interdicta, carregado por dois homens. »

« O conselheiro Na Tong pedio-Nos licença para observar um luto de tres annos em virtude do fallecimento de sua respeitavel mãe. Este pedido revela os optimos sentimentos filiaes de Na Tong : mas como Na Tong é conselheiro do imperio e a situação politica do paiz necessita constantemente dos seus serviços, o Throno resolve declarar a Na Tong que continue a prestar os mesmos serviços e não insista mais no seu luto. »

Um mandarim da ordem do coral, dizia eu, cahio de cama com um terrivel ataque de rheumatismo. Chamou-se alvoroçadamente o mais afamado astrologo do districto, o qual, depois de consultar as estrellas, declarou que o damno do Snr. Li provinha do predio fronteiro !

Na impossibilidade de deitar abaixo a casa do vizinho restava ao illustre padecente um unico recurso : modificar a architectura do seu. Isto se o Snr. Li tinha apego á vida. Taes foram as palavras do astrologo.

Ora ao cabo de dois mezes o portão da entrada, as janellas e as chaminés do palacete do Snr. Li tinham effectivamente outro feitio e outra situação. As obras custaram uma grande copia de taéis ao rheumatico mandarim, mas a verdade é que apenas os operarios deram a tarefa por acabada o Snr. Li desatou a correr pelos corredores rivalizando em velocidade com o seu proprio gato !

Citam-se innumeros casos a proposito da sabedoria dos adivinhos. Os periodicos divulgando-os entre o povo contribuem, naturalmente, para afferrar-lhe na indole a superstição já de si enorme.

Os periodicos chinezes, em geral, são de uma indiscrição a toda a prova. Fica-se quasi sempre embasbacado com a leitura das suas noticias.

Eis uma *varia* do *Tchoung Wai Che Pao* :

« Sua Majestade a Imperatriz notando que o cozinheiro do palacio imperial abusava nas contas, acaba de nomear um alto dignitario da Côrte para vigiar o cozinheiro. »

Parece que esse Vatel de Pekim depennou em um só dia trezentas gallinhas e duzentos e cincoenta patos... para cinco pessoas !

Outra do *Ta Koung Po* :

« Convencido de que a maioria dos seos Ministros são corruptos e mal comportados, o Regente decidio installar em cada Ministerio dois censores de confiança com o objecto de vigiar o comportamento dos referidos estadistas. »

E esta do *Tsin-Je-Je* :

« Sua Excellencia Touann, vice-rei dos dois Kiang, dirigio um requerimento ao Governo no sentido de serem mandadas á Europa aperfeiçoar os seos estudos algumas donzellas chinezas, as quaes, de regresso ao paiz, serão optimas professoras de meninas. Mas

Sua Excellencia Tchang-Tche-Tong, grande Conselheiro Imperial, indeferio o citado requerimento por temer que essas donzellas indo á Europa adquiriram máos costumes (*). »

(*) A mulher mais perfeita para um Chim é aquella que viveo sempre escondida da vista do mundo, que nunca levantou as pestanas para um homem e que dispõe de menos dotes intellectuaes ! Só as *demi-mondaines* podem, por via de regra, receber alguma educação. Em geral todas ellas fazem versos (assevera-me o meo amigo Pen-Pen-Chú) e discutem mesmo com bastante desinvoltura os assumptos mais encantadores... A uma Chinezsa de bôa familia, pelo contrario, tolera-se, unicamente, o saber lêr e escrever...

Parece, por consequencia, muito primitiva a condição social da mulher no Celeste Imperio não obstante as tentativas do governo que funda collegios em todas as grandes cidades e dos louvaveis esforços de algumas damas da nobreza a favor da educação feminina.

A senhora Siu-Peng-Sie, filha de um tao-t'-ai muito rico, logo que por morte deste millionario recebeu a sua fortuna, distribuio-a da seguinte maneira : 200 mil taeis foram para o estabelecimento de um grande collegio em Tchen-Tcheou, sua provincia natal; 100 mil para a fundação de um jornal de educação e 50 mil para uma segunda escola na aldeia que a vio nascer. Isto feito, abalou a Snra Siu-Peng-Sie par Nagasaki e por lá se deixou ficar estudando os methodos do ensinamento feminino...

Sem embargo das tentativas que faz, o governo esbarra sempre com uma enorme difficuldade : a falta de professoras.

Professores ha-os aos centos (a China é um paiz de lettrados) mas a inabalavel Tradição oppõe-se a que as mulheres sejam ensinadas pelos homens !

UMA VISITA AO JEN-TSEN-TANG

I

No dia 14 de agosto de 1900 entravam as tropas internacionaes em Pekim com o objecto de soccorrer as Legações e a Missão Catholica sitiadas pelos Boxers desde Junho do mesmo anno.

Ainda está na memoria de todos essa longa epoca de terror! ainda hoje se visitam os logares celebrisados por uma batalha, por um incendio ou por uma explosão! Onze annos não alcançaram apagar da memoria dos Europeus (os « diabos estrangeiros » que entre outros maleficios possuem o de impedir que as chuvas caiam sobre a terra da China) a longa serie de crimes, de traicções, de supplicios e de desesperos com que lutaram por espaço de oito semanas algumas centenas de brancos bloqueados por uma população avida de carne christã...

Os estabelecimentos catholicos do Peitang, onde residem os padres Lazaristas e as Irmãs de Caridade, foram o alvo mais importante da vingança dos Chins.

Situado a cinco kilometros do bairro das Legações, á beira mesmo do palacio do Imperador, o Peitang, tal uma galera perdida na vastidão de um oceano,

dois mezes pelejou contra as ondas desse mar enfrentando as emboscadas dos seos sinistros navegantes...

Hontem, por volta das cinco horas da tarde, fazia-me eu annunciar á Irmã Superiora do convento do Jen-Tsen-Tang. A veneranda senhora recebeo-me com grandes mostras de alegria.

De passagem pela China levava-me a curiosidade, como era de suppôr, a um dos campos de batalha de 1900. Vinha, pois, pedir-lhe algumas informações sobre o bloqueio.

— Todas as Irmãs assistiram a elle, atalhou a Superiora.

E com um « *pardon, Monsieur* » desapareceo por alguns instantes, voltando sem demora acompanhada de quatro velhas senhoras, todas muito alvas e mirradinhas. Eram Soror Martha, Soror Maria, Soror Angela e Soror Thereza.

O meo caderno de notas encheo-se rapidamente de informações preciosas; as Irmãs, bloqueadas desta vez por mim, resistiam á fuzilaria das minhas perguntas com menos terror do que em 1900 á mortifera fuzilaria dos Boxers...

— Porque os Boxers, dizia-me depois Soror Thereza, faziam chover balas sobre o convento, dia e noite, dia e noite, sem nos dar tempo de respirar... Parece-me que os estou vendo...

Infinitas lagrimas corriam pelo rosto da Religiosa...

Subito, o silencioso corredor do convento affigurou se-me inundado de luz... Um vulto esbelto aproximava-se de nós. Suavemente, gravemente, acercou-se como uma sombra...

— É Soror Magdalena, murmurou simplesmente a Irmã Superiora.

Era Soror Magdalena ou era um quadro de Raphael?... creatura da terra ou producto de Deus? Quem poderá fazer o retrato da linda prisioneira deste convento de Pekim?

Ah! o seo semblante pallido como a cera!

Os seus olhos escuros como petalas de violeta!

As suas pestanas, longas e copiosas, deitando uma sombra semelhante a um luto!

As suas mãos feitas ao torno, de uma pureza classica de linhas! Mãos nascidas para desfiar collares de rubis, mãos diaphanas, mãos piedosas, mãos para absolver, mãos que dirieis talhadas num marfim palpitante que por milagre de Deus houvesse adquirido vida como a carne humana!

Mas Soror Magdalena não sorria...

No jardim do convento ha roseiras carregadas de flôres: e como são roseiras do convento as borboletas que em torno dellas esvoaçam não se atrevem a pousar nas rosas...

Assim os sorrisos não ousam pousar nos labios de Soror Magdalena...

Que penas de amor a teriam levado ali, áquelle convento do cabo do mundo, no coração de um povo de Chins?

Se eu lograsse, no campo santo da sua alma, colher os segredos do seo exilio! Ai de mim! a alma de Magdalena parecia impenetravel como uma pedra preciosa...

Mas de repente vi-a num salão de baile, longe,

muito longe da China... Soror Magdalena era feliz como as donzellas da sua idade. A sua elegancia tinha uma languidez voluptuosa, os seus braços nús eram perturbadores como as lianas... Enxerguei-a, perdida de enlevo, escutando as cousas que os deuses ensinam aos homens para que elles as repitam ás mulheres... Vi-a radiante pelo braço do Eleito... Vi-a noiva a caminho do altar...

Assisti depois ao segundo acto do idyllio... Um funeral, uma pá de terra sobre um esquife de ébano... Um homem de vinte annos estendido no caixão... A reza dos mortos... Magdalena, virgem e viuva, no tombadilho de um navio em derrota para a Asia... A entrada no convento... Os lindos cabellos de ouro cahindo ás madeixas sob a thesoura... A touca de Irmã de Caridade... A graça do corpo sumida nas vestes da serva de Deus... O jubilo nupcial de outr'ora sepultado no silencio de uma egreja... O isolamento, os suspiros, a saudade...

A voz da Superiora, num murmurio de brisa, arrancou-me de repente ao desvario da hallucinação :

— Deixo-lhe Soror Thereza, disse ella. A nossa Irmã lhe mostrará os vestigios do bloqueio.

Uma a uma esgueiraram-se as Religiosas, alvas e taciturnas, pelos corredores desertos...

Soror Magdalena foi a ultima a sahir...

Mas afinal desapareceu tambem, gravemente, suavemente, sem um sorriso...

Ainda lhe enxerguei o vulto durante o espaço de alguns instantes... Por fim, as suas vestes confundiram-se completamente com a sombra...

Na escuridão quasi nocturna do corredor apenas uma touca de Irmã de Caridade indicava ainda, num realce pallido, a passagem pela terra da linda Soror Magdalena...

E ao balanço rythmico do seo andar as enormes abas dessa touca moviam-se agitadamente como as azas de uma grande pomba assustada...

Se algum dia a Feiticeira do Destino levar á tua cella estas paginas dolorosas, absolve com os teos dedos de marfim, ó ignorada filha de Jesus, o peccador que sentio, numa vertigem, o fulgurante encanto da tua inutil formosura !

* * *

Em companhia de Soror Thereza percorri então as dependencias do convento.

— Aqui tem o retrato do tenente Paul Henry, elucidava-me a Irmã, indicando-me a photographia de um official de vinte annos. Pobre Henry ! morreo nesta varanda onde estamos, atravessado por uma bala dos Boxers... Tenho-o sempre diante dos olhos... Ainda o oigo, quando corria para as barricadas, gritando-me á passagem : « Soror Thereza ! Soror Thereza ! ahi estão os seos amigos ! » Era a alma da defeza do Peitang...

— E quem defendia o convento ? Perguntei.

— O tenente italiano Angelo Olivieri com dez marinheiros ; mas esse não morreo. Venha por aqui... Vou-lhe mostrar o quarto de dormir de Olivieri.

Entrámos numa alcova de paredes brancas, onde

se colgavam os retratos de Pio X e de Monsenhor Favier, vigário apostólico de Pekim.

— Era aqui, elucidou a Irmã de Caridade; aqui estava a cama na madrugada da explosão... Imagine o Snr! Olivieri dormia quando se deo o desastre... Todas nós acudimos... O tecto desabára e só se enxergava um montão de ruínas... « Onde está Olivieri? onde está Olivieri? » gritávamos com desespero... Mas ninguém o tinha visto... Ninguém nos dava notícias delle! Resolvemos então procurá-lo nos escombros do proprio quarto. Deus ajudou-nos... A Providencia foi sempre a nossa salvação! Ao cabo de vinte minutos conseguimos descobrir o nosso bravo defensor... Estava todo ferido, o pobresinho, mas vivia... Graças ás grades do mosquiteiro que se vergaram juntando-se umas ás outras e formando um tecto de ferro é que as vigas e as pedras não esmagaram Olivieri... Mas cinco marinheiros italianos morreram nessa ocasião a alguns passos do seo commandante... Os Chins haviam cavado uma mina desde a rua até quasi debaixo da nossa capella... Um horror! um horror!

E Soror Thereza levou-me ao pateo externo do convento para que eu visse o tunnel, sempre aberto, da mina.

— Imagine que um dia, do lado de fóra daquelle muro, enxergámos uma grande somma de caixões abandonados propositalmente pelos Boxers... Pensavam elles que os nossos descarregariam sobre os caixões! era não conhecer os sentimentos christãos!

— Mas os Chins têm um culto notavel pelos mortos, observei com surpresa.

— Dentro dos caixões não havia mortos, atalhou a Religiosa : havia polvora ! uma descarga nelles era o convento pelos ares ! foi o bom Deus que inspirou os marinheiros !

Do logar onde estavamos distinguíamos a olho nu o parque do palacio imperial.

— Vê aquelle Pagode, dizia-me a Irmã, indicando um monumento sobre uma collina toda fechada de espesso arvoredor. Era dali que a Imperatriz e os mandarins assistiam ao bombardeio da nossa Casa ! Uma vez o tenente Henry quiz presenteá-los com uma salva de balas... Foi Monsenhor Favier quem o impedio, receioso de augmentar a colera da Côrte contra os brancos (*).

(*) O Peitang, que é o nome da Missão Catholica de Pekim, comprehende effectivamente dois estabelecimentos : o Peitang propriamente dito e o Jen-Tsen-Tang. O primeiro compõe-se da Cathedral, do museo, bibliothecas, habitações de missionarios, parques e jardins cercados por um muro de quatro metros de altura. O tenente Paul Henry, da Marinha de França, á frente de trinta marinheiros, foi encarregado da defeza do Peitang. O Jen-Tsen-Tang é a Casa das Irmãs de Caridade e comprehende as creches, a capella, os pateos, a lavanderia, as habitações das recolhidas e outras dependencias igualmente rodeadas de muros. Ao tenente da Marinha Italiana, Angelo Olivieri, foi entregue a defeza do Jen-Tsen-Tang.

Uma rua estreita (que era publica ao tempo da revolução) separa os dois grandes estabelecimentos. A parede sul do convento está pois parallelá á parede norte do Peitang : duas portas fronteiras poêm-nos em directá communicação. O primeiro cuidado dos defensores consistio em levantar fortes barricadas nos extremos da rua tornando-a inaccessivel aos assaltantes. Por essa fórma o Peitang e o Jen-Tsen-Tang ficaram transformados em uma unica fortaleza completamente separada do exterior.

Nos momentos de maior perigo Paul Henry, que tinha trinta marinheiros, corria em socorro de Olivieri o qual apenas dispunha de dez. Assim se explica a presença do corajoso official francez, tantas vezes, no convento. A população sitiada compunha-se de 3.279 pessoas, a saber :

* * *

Os Boxers, no momento do assalto, vinhão precedidos pelos Bonzos. Estes, de joelhos nas pedras, invocavam os espiritos. Detrás delles os soldados chinezes, com as carabinas aperradas, esperavam. Taes preparativos eram acompanhados sempre de uma grande grita, especie de urros, que se ouvia a uma legua.

Os Boxers diziam-se invulneraveis ás balas dos « diabos estrangeiros » e os seus adeptos criam nessa virtude. Mas ao primeiro assalto contra o Peitang tiveram a prova do contrario. Dahi talvez o pavor que os Chinezes sempre mostraram, até ao fim da guerra, em enfrentar as armas europeas.

O Peitang tirou proveito dessa fracassada superstição.

— E a respeito de viveres, minha Irmã?

— Tudo era medido e pesado : a nossa Superiora, Soror Helena de Jaurias, guardava a melhor fatia, com razão, para os marinheiros... Nós e os nossos internos passámos muita fome ! nos ultimos tempos comemos os cavallos, as mulas, os burros e as folhas

3.201 chins christãos (2.250 mulheres e creanças, 51 bebés e 900 homens).

78 Europeus (14 missionarios, 22 Irmãs de Caridade, 40 marinheiros e 2 officiaes).

A população sitiante compunha-se de Boxers, soldados, maltrapilhos sem eira nem beira, miseraveis attrahidos pelo engodo da pilhagem, fanaticos sequiosos de sangue e mendigos formando um total de 15.000 homens. Dispunham de fuis Mauser, lanças, bombas, facas, punhaes e uma duzia de canhões Krupp. Os defensores do Peitang, — 40 marinheiros commandados por dois officiaes de vinte annos, — com um armamento de 48 fuis e 500 lanças, conseguiram resistir durante dois mezes aos ataques desses 15.000 inimigos !

das arvores... Mas as creanças morriam ás dezenas por dia... As mães já não tinham leite !

O semblante de Soror Thereza, muito pallido na moldura da sua touca de Irmã de Caridade, torcia-se todo á evocação do cardapio do cerco...

— A mula ainda era supportavel... Mas o burro ! ah ! que nauseas me dava ! Os Chins christãos subiam ás arvores para colher as folhas... Mas muitas vezes eram caçados pelos Boxers, como passaros...

Perguntei a Soror Thereza se esses Chins se tinham conservado sempre fieis, não obstante a fome que dizimava os habitantes do Peitang.

— Foram sempre admiraveis, exclamou a Religiosa. Quantas vezes não tentaram os Boxers negociar com elles o preço do Peitang ! « Entregai-nos o convento, propunham os maldictos, e tereis a liberdade... De contrario, vós, as vossas mulheres e os vossos filhos sereis todos cortados em pedaços. » Não somente fieis, acrescentou Soror Thereza, como se sacrificaram sempre por nós... Eram elles os portadores dos recados ao ministro de França. Monsenhor Favier não queria, mas os pobres porfiavam... Ah ! Snr ! quantos morreram ! Escapavam-se de noite, com os bilhetes escondidos nas meias e raramente regressavam ! Os Boxers degolavam-nos e arremessavam as cabeças ainda quentes, escorrendo sangue, por cima do nosso muro para que as vissemos bem...

— É verdade que os Boxers suppliciavam os prisioneiros ?

— Mais vale não falar nisso, acudio a veneranda Irmã.

E com muitas lagrimas e suspiros, á lembrança, talvez, de alguma parenta crucificada, Soror Thereza não respondeo á minha pergunta...

Mas eu colhi depois as seguintes tragicas noticias : O chanceller da Legação Japoneza preso pelos soldados do general M. a vinte metros do bairro das Legações; o peito aberto em dois, o coração arrancado pelas costas e offerecido ao general na ponta de uma lança ! Trezentas mulheres de missionarios lynchadas sobre os muros de Pekim ! Monsenhor Garrigues crucificado á porta da sua egreja ! Os christãos chinezes retalhados em pedaços no meio da rua !

Tão espantosas execuções alvoroçavam os Europeus da capital... Morrer, emfim, é o destino de todos: mas morrer nos supplicios da morte lenta parecia superior á coragem dos sitiados... E para escapar a esses martyrios dispunha o Peitang de 40 marinheiros !

Nas Legações o terror não era menor. Em um dos dias mais afflictivos do cerco reuniram os diplomatas suas esposas e filhas e communicaram-lhes que haviam tomado a decisão de as matar suicidando-se em seguida. O horizonte tornava-se cada vez mais lugubre ! A côrte protegia a revolta... A morte era certa... O unico allivio em taes circumstancias era pois não cair vivo nas garras dos revolucionarios...

Soror Thereza retomou o fio da sua narração :

— Ninguem dormia nesta Casa ! tres vezes durante a missa estalaram bombas dentro da capella matando-nos os pupillos... Cortava a alma ouvir os *bébés* gritar de medo e de fome !

Enterrámos 170 no jardim, durante o cerco... Ao cabo de dois mezes já não tínhamos figuras de gente : eramos espectros lividos e resignados a tudo ! Além disso, o cholera, a peste e a variola provocados pelos cadaveres que pullulavam em torno do convento, ceifavam-nos todos os dias dezenas de pessoas...

— E quarenta marinheiros conseguiram defender o Peitang e os seus tres mil habitantes das hordas inimigas? exclamei maravilhado.

— O bom Deus assim o quiz, fez a religiosa.

— E das Legações não lhes mandavam soccorros?

— Estavamos incommunicaveis desde o principio do cerco, meo Snr ! Sabiamos que a columna do almirante Seymour partira de Tientsin para a capital no dia 10 de junho com a promessa de chegar aqui na manhã seguinte... Mas passavam-se semanas sem termos noticias della... Tientsin tambem estava sitiado, o almirante, provavelmente, fôra obrigado a recuar...

Eram os commentarios que nós faziamos... A estrada de ferro tinha sido destruida e as tropas imperiaes occupavam toda a linha ! Ouviamos violentos tiroteios do lado das Legações o que nos dava a certeza de que a resistencia continuava.

Monsenhor Favier, com sobrada razão, não expedia mais recados ao Ministro : teria sido sacrificar os mensageiros. Os incendios illuminavam o céu todas as noites : o bairro chinês das bandas de Tsien-Men (*) foi varrido pelas chammass na noite de 16 de junho !

(*) Castello de tres andares posto sobre a porta do mesmo nome. Todas as portas da muralha da cidade Tartara são guarnecidas de castellos semelhantes. O Tsien-Men foi reedificado pelos Chinezes

Duas mil casas pertencentes a christãos chinezes desappareceram pelo fogo! Os edificios desabavam com ruidos espantosos aos quaes se associavam os urros dos Boxers, mais sinistros que os dos animaes selvagens!

.

Durante o espaço de uma hora a voz de Soror Thereza retragou-me, com um relevo nitido, os tragicos episodios de 1900.

Com a Irmã percorri os pateos do convento, os corredores e as varandas; vi o muro, hoje mais solido e mais alto; vi as balas dos Boxers, mudas e humildes, servindo de ornamento (oh! ironia do destino!) ás fontes dos jardins; penetrei na capella, aonde á beira do grande altar da Immaculada Conceição cahiram mortas de terror tantas pobres de Christo; avistei as immensas planicies aonde o inimigo acampava; distingi os remendos das paredes feridas pelas bombas; enxerguei as rugas dos tectos, vi as arvores ainda convalescentes...

E em face desse Peitang coberto de cicatrizes, não tive palavras para celebrar o heroismo dos seus defensores, nem a coragem evangelica das Irmãs, nem o milagre da sua longa resistencia...

— Foi Deus, foi o bom Deus! repetia-me continuamente Soror Thereza...

depois de assignada a paz. É o motivo por que as côres do tecto e das paredes estão tão bem conservadas, ao passo que a mil metros de distancia o Hata-Men, castello analogo, apparece todo sujo e desbotado.

II

A's seis horas despedi-me das Irmãs e atravessando o magnifico parque annexo ao convento, fui bater á porta dos aposentos de Monsenhor Jarlin, actual vigario apostolico de Pekim.

Levantou-se o prelado do « môcho » em que meditava e com um sorriso paternal estendeo-me os braços tremulos. Em um relance comprehendi a satisfação que a minha visita lhe causava : pois sempre que algum catholico se lembra do Peitang rejubila feliz a soledade do vigario !

— Uma raridade, affirmou-me Monsenhor; os ocios dos viajantes são curtos e bispos ha-os em todos os paizes ! Sem embargo, o nosso Peitang é digno de uma visita, não lhe parece?

Concordei, naturalmente, com Monsenhor, e afiei a ponta do lapis no proposito de colher noticias... de 1900. Mal imaginava o velho cura que na minha apparente cortezia se occultava o agudo interesse de um pescador de chronicas !

Mas Monsenhor entrou de practicar sobre assumptos muito diversos : — Grande paiz o seo ! exclamou; grande paiz ! Porque não estabelecem os senhores uma corrente de immigração chinesa? Os Chins são bons colonos, trabalhadores, humildes... Estou em que seria de grande proveito para o Brazil. Olhe que eu

conheço os Chins como os meos dedos! desde 1880 que me arrasto por estas bandas. São trabalhadores, sim senhor, e faceis de levar...

Por meos peccados, o bispo não parecia de animo a abreviar o assumpto : pelo espaço de uma hora o santo zelo de Monsenhor me teve suspenso da sua barba branca, a ouvir-lhe copiosos conselhos sobre o melhor geito de lavrar os campos, conselhos que cuidarei de repetir aos fazendeiros meos amigos...

Esperei debalde uma aberta, uma nesga de silencio naquella eloquencia episcopal, ancioso por enveredar pela materia que me havia attrahido a tão apartado retiro; mas o favor celeste, desta feita, não me amparou : e durante todo o resto da tarde foi um desfilar de charrúas, enxadas, picaretas, foices e juntas de bois pelo quarto do vigario, o qual me deixou como pasmado de tamanha sabedoria...

Sentado em frente desse velhinho que discorria em uma lingoagem muito selecta e muito culta, eu evocava com admiração um feito de armas de 1900, em que Monsenhor, pelejando pela sua fé, tomou tão arriscada parte.

Haviam os Boxers collocado defronte da Cathedral uma peça de artilharia pelo que viviam os missionarios em constante alvoroço. Na noite de 22 de junho resolve o tenente Paul Henry apoderar-se da peça. Seis marinheiros e vinte e cinco christãos offerecem-se immediatamente para essa perigosa aventura e Monsenhor está com elles. Henry commanda os marinheiros, Monsenhor dirige os christãos, e a pequena tropa avança corajosamente debaixo de um diluvio de balas, disposta ao que possa acontecer. E acontece o seguinte : os Chins, agachados por detraz das casas

vizinhas, augmentam o tiroteio á medida que os brancos se aproximam; dois christãos cahem atravessados pelas balas; os marinheiros de Henry protegem os restantes e o grupo do Peitang continúa a avançar. Um terceiro christão recebe um tiro na cabeça : os marinheiros respondem, Henry enthusiasma-os com o seu exemplo, o velho prelado vae á frente dos seus homens... Sem embargo do fogo do inimigo a metralhadora cahe em poder dos brancos... A retirada effectua-se na mesma ordem e o sinistro canhão de bronze entra como um trophéo de guerra nos jardins do Peitang. Cinco minutos depois os Boxers recebiam noticias do novo hospede sob a forma de uma abundante descarga...

Eu reconstruia esta aventura enquanto Monsenhor me preleccionava sobre lavoura e sobre as vantagens da emigração chinesa para as fazendas do Brazil.

Decididamente o vigario não parecia disposto a variar de thema !

Descoroçoado, mas sem rancor, entendi que mais valia despedir-me do Reverendo.

— Volte ao Peitang, disse-me elle... Incommodo nenhum !... A qualquer hora !... Por quem é !...

E devolvendo-me o cumprimento :

— Olhe que fariam optimos colonos, insistio, conheço-os como os meus dedos...

Ao tomar o meu *rikksha* um empregado do convento que tinha ares de espiar a minha sahida dos penates do bispo, poz-se de cócoras no chão e estendendo-me um rolo de papeis :

— A Irmã Thereza manda-lhe isto, disse-me quasi em confidencia.

— Soror Magdalena?

— Soror Thereza ! repetio o Chim.

E com segundo acocoramento :

— Vá Vossa Senhoria com Deus ! arrematou.

Deitei um ultimo olhar á cathedral do Peitang — lindo oasis catholico no meio daquelle deserto de Buddha — e ao trote curto dos meos homens regressei para a cidade de Pekim.

No silencio do meo quarto abri o embrulho de Soror Thereza e soltei um grito de alegria ! A bondosa Irmã havia-me mandado as Memorias de Helena de Jaurias, Superiora do convento durante o cerco de 1900 e o « jornal » de Monsenhor Favier, vigario apostolico na mesma epoca.

Helena de Jaurias e Monsenhor Favier iam fornecer-me uma longa serie de preciosas informações...

Folheêmos as Memorias da Superiora :

« A cada momento o numero de hospedes augmenta no Peitang, escreve ella a principios de Junho. São christãos fugindo aos ataques dos Boxers que lhes arrazam os campos e as fazendas. Todos elles choram por pessoas de familia. Uma pobre mulher vio o marido cortado em quatro pedaços por não haver querido prosternar-se em frente de uma estatua de Buddha. »

A 15 de Junho os Boxers cercam o Peitang, dispostos a um assalto. Soror Helena recolhe as mulheres e as creanças na cathedral e confia em Deus. Os Boxers, com as suas faixas vermelhas enroladas á cintura, em-

punhando lanças, facas e espingardas, avançam aos urros como um bando de tigres fugidos das jaulas...

« A nossa linda igreja está atulhada de sacco de arroz, de viveres, de munições, de objectos de todo o genero. Os *bebés* dormem no chão, nós velamos e pedimos a protecção de Deus. »

Não está nas Memorias mas affirmou-me Soror The-reza, que mesmo as calças das meninas recolhidas eram atulhadas de areia e pedras e colgadas ao muro para protegê-lo contra as descargas dos Boxers !

O assalto annunciado realiza-se com effeito; mas a bravura dos marinheiros francezes e italianos sob a direcção de Paul Henry e Angelo Olivieri inflige ao inimigo uma derrota consideravel.

« Um dos nossos christãos, escreve Monsenhor Favier, offerece-se para levar um recado ao Ministro de França de quem não temos noticias desde o principio do cerco. Pobre rapaz ! Os Boxers apanham-no, arrancam-lhe a pelle, cortam-lhe a cabeça. E expõem a pelle e a cabeça a alguns metros do convento para nos serem agradaveis ! »

Tementes de enfrentar as armas europeas resolvem os Boxers deitar fogo ao Peitang. O incendio já lambe as casas vizinhas e o vento que sopra para o lado do convento faz prever uma terrivel catastrophe.

« Mas o bom Deus, annota Monsenhor Favier, veio em nosso socorro mudando a direcção do vento. »

Entretanto, as Legações estrangeiras soffrem um bombardeio em regra, a cinco kilometros de distancia. A Belgica, a Italia, a Austria e a França estão arrazadas e incendiadas.

O Ministro da Allemanha é assassinado a tiros no caminho do Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

O Corpo Diplomatico, refugiado na Legação de Inglaterra (contra a qual os Boxers descarregam dia e noite, encarrapitados na muralha vizinha que rodeia a cidade imperial), julga chegado o seo ultimo momento. Desde que a inviolabilidade dos Ministros é desrespeitada que esperança pode restar aos 527 Europeos perdidos na China, á mercê de milhões de fanaticos dos quaes o escopo unico e apregoado aos urros é o massacre dos brancos?

« É preciso que a columna do almirante Seymour tenha topado com obstaculos insuperaveis, considera Helena de Jaurias, para não estar em Pekim oito dias depois de annunciada! Se tarda ainda uma semana seremos todos massacrados! Que a Providencia nos proteja! »

« Quatorze canhões Krupp, escreve Monsenhor Favier, maltratam muito a nossa cathedral... Mas felizmente a cruz de marmore continúa incolume. »

No dia 20 de junho recebe o Peitang 530 descargas !

« Dizem os nossos marinheiros que durante nove horas soffremos um bombardeio capaz de arrazar uma cidade inteira ! Entretanto os edificios da Missão existem ainda... É a Providencia que os defende ! »

« Se se soubesse a vida que levamos ! ao primeiro alarme é preciso correr para fugir ao perigo ! as creanças e as mulheres precipitam-se aos gritos sem que seja possível contê-las. Nestes momentos, sim, precisamos de coragem e de sangue frio ! »

Nos dias 22, 23 e 24 de junho o bombardeio augmenta furiosamente. A cruz da cathedral, attingida por uma granada, cæe das alturas e desfaz-se em pedaços sobre as pedras...

« Hontem, escreve Helena de Jaurias, foi um dia de angustia para nós ! A nossa capella soffreo muito. As balas causaram avarias nos dormitorios e nos quartos do lado do norte. Se o bombardeio recomeça o Peitang vai por terra a menos que um milagre nos salve ! A's 2 horas os Boxers tentaram entrar no convento... Os missionarios e os marinheiros acudiram a tempo e fizeram prodigios de valor ! Elles mesmos dizem que o bom Deus os protege. Depois da victoria rezaram a *ave-maria* e gritaram : « Viva a Madonna ! viva a Italia ! viva a França ! »

Os missionarios de que fala Soror Helena são voluntarios chinezes que ainda não receberam ordens.

« Os Chins atacam-nos de longe. Parece que têm medo de se aproximar. O bom Deus vela por nós. Mas as Irmãs estão exaustas porque já não é possível dormir ! Faz um calor suffocante, as creanças morrem ás dezenas. O parque do Peitang está transformado num cemiterio. Pekim coberto de cadaveres. Tenho muito medo que se declare a peste ! »

No dia 27 de junho :

« Durante toda a santa noite os Boxers deram-nos que fazer. A's 4 horas commungámos e ouvimos missa. A's 6 horas um ataque formidavel. Até á noite choveram descargas sem conta sobre os nossos edificios. Uma mulher foi ferida na cabeça, uma noviça quebrou o joelho direito, duas creanças morreram. Jouannic, o official abaixo de Henry, com uma bala no hombro está num estado assustador ! E' a primeira ferida séria que attinge os defensores do Peitang. »

« A's onze da noite, diz Monsenhor Favier, observamos um grupo de Boxers que lança bombas e settas inflammadas contra a nossa grande porta, a qual previamente haviam regado com petroleo por meio de tubos de incendio. Ao mesmo tempo os soldados chins descarregam os seos Mauser ! Felizmente os nossos resistem bem. A grande porta está salva e só registramos uma baixa. Os nossos marinheiros são verdadeiramente admiraveis ! Todos elles têm um crucifixo ao pescoço e sentem-se protegidos por Deus ! »

« Noite sinistra, queixa-se Helena. A' roda de nós incendios, tiros de peça, urros que fazem tremer as carnes ! Uma das nossas mulheres e um pobre velho que atravessavam o pateo do convento foram mortos a tiros ! Até de madrugada recebemos milhares de projecteis ! Continuamos sem poder dormir ! Se o bom Deus não nos acode como será possivel resistir ao cansaço e ás privações ? »

No dia 31 de junho a capella serve de alvo a 98 descargas do inimigo ! Uma granada rebenta á beira do pavilhão de Nossa Senhora de Lourdes, uma bala entra silvando pela janella do dormitorio e vai alojarse na parede. A's duas horas da tarde « um silencio impressionante e sinistro succede, de repente, ao fragor da batalha. »

« Perguntamos uns aos outros que significa isto, observa Monsenhor Favier, quando avistamos sobre a montanha da Torre Branca, situada no centro dos lagos do palacio imperial, a 1.200 metros de nós, um grupo de vinte pessoas magnificamente vestidas. E' a Imperatriz, é o principe Tuang, chefe dos Boxers, e outros altos dignitarios que assistem á nossa agonia como se assiste a uma festa ! Os marinheiros pensam em dedicar ao grupo uma salva de balas... Sou eu que os retenho, temente de avolumar o odio contra os brancos. »

Nos principios de julho a Fome installa-se no Peitang.

E' um hospede novo que vae dar trabalho ás desesperadas Irmãs.

Espremidas as provisões do convento (eram tres mil pessoas a comer !) resolvem os sitiados sacrificar os burros e as mulas.

Soror Helena, a 5 de julho, escreve :

« Hoje tivemos no *menú* um velho burro pouco

suculento; não tardará o dia em que seremos obrigadas a devorar os arreios e as carroças! »

Mas a este respeito Soror Thereza e Soror Martha differem de opinião. Para esta a carne da mula é que é intragavel. A do burro supporta-se... Parece-me ainda ouvi-las no parlatorio do convento :

— Não, minha Irmã, insistia Soror Thereza. A carne do burro dá nauseas!

— Está a minha Irmã muito enganada, replicava a outra, é a da mula que se não pode mastigar!

Achei prudente intervir para acalmar o animo das duas santas creaturas :

— No fim de contas, minhas Irmãs, ponderei suavemente, tudo isto é uma questão de paladar...

— Tem razão, convieram ellas; nem vale mesmo a pena discutir!

A 7 de julho escreve Helena de Jaurias :

« Dia de terror! o bombardeio augmenta a cada minuto! As Irmãs, as creanças e os christãos amontãoam-se nos logares menos expostos aos tiros... Um artilheiro cae morto ao pé do muro. Uma mulher é cortada ao meio por uma bala. De todos os lados nos chegam bombas incendiarias. Os tectos estão furados, os telhados esburacados, os vidros vôm em estilhaços! Vêmos a morte a dois passos de nós! »

No dia 8 :

« Corta o coração olhar para as ruinas em que vivemos! O bombardeio continúa. As nossas asyladas

foram para o Peitang, onde me parecem mais protegidas, graças á cathedral. Os nossos viveres diminuem rapidamente. Só o bom Deus poderá agora salvar-nos ! » (*)

(*) Como se vê, a propria Superiora do Jen-Tsen-Tang confessa que as refugiadas estão mais seguras na casa dos missionarios do que no convento. Eu vi por meos olhos, e esclarecido por Soror The-reza, a extensão dos muros do Jen-Tsen-Tang defronte dos quaes se estendem terrenos descobertos, onde acampavam os Boxers, e a muralha da cidade interdita. A defeza de toda esta parte da Casa das Irmãs tinha sido entregue, como se sabe, ao Tenente da Armada Italiana Angelo Olivieri e aos seus dez marinheiros. A Casa ficou arrazada, as minas fizeram grande copia de victimas (o proprio Olivieri esteve vinte minutos sepultado vivo nos escombros do seu quarto e cinco dos seus homens pereceram) mas os Boxers não entraram no recinto defendido. O padre Mazeau, escrevendo a respeito do cerco, declara que os verdadeiros defensores do Peitang foram « depois de Deus, Paul Henry e a Irmã de Jaurias ».

Em conversa com uma das Religiosas fiz-lhe vêr quanto se me affigurava extranho o esquecimento do nome de Olivieri naquelles louvores do padre Mazeau. A boa senhora encolheu os hombros e disse-me simplesmente :

— Veja o que Olivieri tinha que defender !

E indicou-me um longo espaço de muro, os jardins, os pateos, uma area immensa.

O padre Mazeau, de nacionalidade franceza, com o objecto de render uma justa homenagem a dois compatriotas mortos durante o cerco, — Helena de Jaurias e o tenente Paul Henry — (Helena falleceu cinco dias depois da chegada das tropas internacionaes, mas victimada pelos padecimentos por que passou) o padre Mazeau, custa-me confessá-lo, manifesta-se desagradecido aos serviços de um estrangeiro que tantas vezes arriscou a vida no rigoroso cumprimento do dever militar e na defeza de um convento francez. Ora cumpre ao chronista imparcial não deixar em silencio a bravura do commandante italiano e a coragem dos seus marinheiros, reconhecendo, sem distincções, bravura igual e igual coragem ao commandante e aos marinheiros francezes nessa peleja de 40 contra 15.000, a qual se pode sem receio comparar ás mais celebradas guerras de todas as Historias, sendo que em muitos capitulos a qualquer dellas se sobrepõe.

Assim julgam, de resto, as habitantes do Peitang com as quaes conversei, e assim é que aos muros do parlatorio do convento vi colgada a photographia de Paul Henry bem como a de Angelo Olivieri.

« 9 de julho. As bombas cahem sobre a nossa Casa com intervallos de dez minutos. Mas de tarde, ás *ave-marias*, o canhoneio é espantoso ! Projecteis, vindos de todos os lados, desabam sobre a capella. As nossas quinhentas creanças gritam cortadas de medo ! Os marinheiros e os missionarios trabalham sem descanso. Estamos todos exhaustos ! O calor abraza, as Irmãs parecem sombras de gente ! Permitta Deus que ainda possamos resistir ! E Seymour, onde andaré Seymour ? Emfim, que seja feita a santa vontade de Deus ! »

« Defeito de autores ! » ponderou Monsenhor Jarlin quando lhe falei no assumpto.

Porque não escreveu o padre Mazeau que os verdadeiros salvadores do Peitang e seos annexos fôram, além de Deus, Helena de Jaurias, Paul Henry e Angelo Olivieri ?

III

No dia seguinte, Monsenhor Jarlin, a esse tempo coadjutor de Pekim, recebe uma bala na cabeça. Momentos depois uma formidável explosão faz tremer de alto a baixo os edificios já meio arruinados.

« Os Chins, escreve Helena de Jaurias, fizeram um enorme buraco á beira do nosso muro, encheram-no de pólvora e deitaram-lhe fogo. A terra e as pedras saltaram a trinta metros de altura ! Julgámo-nos todos perdidos ! Desabaram os tectos, racharam-se as paredes, os estragos não se contam ! Confrange o coração ver o estado da nossa Casa ! Um dos nossos morreu, um outro foi ferido, tres mulheres e tres creanças ficaram inutilisadas ! Estes miseraveis têm invenções diabolicas ! »

Eram as Irmãs na capella com as suas creanças quando uma granada entrando pela porta penetrou no sacro recinto. Disse-me Soror Thereza que por graça de Deus ninguém foi attingido, mas que a balburdia, o panico e o terror (que de todos se apoderou na fuga precipitada) causaram entre os catholicos grande numero de victimas !

« 12 de julho. Se chegassem as tropas estaríamos salvos ! Ha cinco semanas que partiram de Tientsin !

E pensar que o almirante Seymour prometteo estar aqui no dia seguinte ! que teria acontecido ? pobres soldados !. Os Boxers passeiam á roda do nosso muro uivando como feras : á morte ! á morte ! »

« *14 de julho.* Continuamos nesta lida de mudar de lugar com as nossas pobres creanças, conforme o tiro dos canhões, ora ao norte, ora ao sul, ora a leste, ora a oeste ! Todos os esforços são poucos para escapar ás balas que chovem sem tregua sobre o Peitang e o Jen-Tsen-Tang ! As nossas casas estão ainda de pé ! Parece um milagre ! Ao meio-dia um dos marinheiros, um italiano, morre cortado por uma granada ! Dez segundos depois dois dos nossos Chins têm a mesma sorte ! »

Emquanto a Irmã de Jaurias passa o dia a correr de um lado para o outro fugindo ás balas dos Boxers, sobre as ruínas do palacio do Ministro de França ondula insolentemente a bandeira chinesa !

E é o dia 14 de julho !

Nessa data o general Yung-Lo convida o Corpo Diplomático a retirar-se para Tientsin sob a protecção das tropas imperiaes em vista da situação desesperadora em que se acham as Legações. Mas os diplomatas, farejando uma emboscada nas malhas do convite, recusam terminantemente sahir de Pekim. « Morrer por morrer mais vale que seja no nosso posto », concordam os Ministros.

« *16 de julho.* Balas, obuzes e settas de fogo desabam sobre nós, escreve Helena de Jaurias. Trabalhamos a noite inteira para abafar os começos de incen-

dio! O altar da nossa cathedral está feito pedaços! A nossa situação peiora a cada instante. Os gritos de « á morte! » ensurdecem o Peitang! Já não temos provisões : o arroz diminue consideravelmente... »

« *17 de julho.* Durante a noite os nossos descobrem uma mina prestes a explodir! Mercê de Deus, têm tempo de cortar os fios electricos que a deviam fazer estalar. Uma bala silva rente do nosso bispo sem o attingir, mas aloja-se no coração de uma mulher que reza a alguns passos de Monsenhor. »

No dia 18 de julho metade do convento salta pelos ares. Uma galeria subterranea preparada pelos Chins, toda cheia de muito boa polvora, rebenta ás cinco horas da tarde e sacode os edificios do Peitang com um estampido que parece obra do inferno! O pateo do convento assemelha-se a um campo de batalha: são pernas, braços e cabeças, nadando, soltas dos corpos, em um ardente lago de sangue! Ninguem se entende no meio dos gritos e dos gemidos! o panico é de endoidecer! A brecha aberta no muro do convento pela explosão da mina tem varios metros de largura. Os Boxers vão desta vez penetrar na casa das Irmãs... E com elles os terriveis supplicios da morte lenta : o crucifixo, as unhas arrancadas, os olhos vasados, o coração extrahido pelas costas...

Mas Olivieri não perde o sangue frio... E Paul Henry acode, rapido, decidido... Em um abrir e fechar de olhos a enorme bocca do tunnel enche-se de marinheiros: quatro Francezes e tres Italianos para deter o impeto de mais de seis mil inimigos. Todos comprehendem que a Morte vai afinal passar por

aquelle sinistro arco de triumpho... A sorte do convento depende de sete espingardas...

— Fogo !

— Fogo !

— Fogo !

As Irmãs nada mais enxergam porque abraçadas aos seus infantes imploram o socorro de Deus por meio de lagrimas infinitas... Mas os olhos dos officiaes parecem extasiados pela visão de um milagre : é que todo o exercito dos Boxers recua uivando de pavor... Toda a massa dos fanaticos foge, presa de panico, defronte desses sete marinheiros... O espectro da Morte afasta-se dos muros do Peitang... A esperanza rebrilha, como um raio de sol, nas orações e nos soluços das Irmãs...

Nesse mesmo dia o Corpo Diplomatico recebe um aviso urgente em que o Governo declara que por sentir-se impotente para dominar os Boxers « cujo objecto é massacrar todos os estrangeiros residentes em Pekim » convida os Ministros e suas familias a recolherem-se a Tientsin protegidos pelas forças imperiaes.

Mas pela segunda vez o Corpo Diplomatico recusa o convite.

No dia 20 os Ministros são apresentados pela Imperatriz. A velha soberana sabedora da fome que tortura os habitantes das Legações remette-lhes generosamente alguns cabazes de pepinos !

Na noite desse mesmo dia Soror Helena de Jaurias distingue ruidos subterraneos.

« Os Boxers cavam outra mina, Deus tenha piedade de nós ! »

« 23 de julho. Chove a cantaros. Os nossos telhados cahem aos pedaços, as nossas cellas estão inhabitaveis ! A's 4 horas milhares de Boxers assaltam o convento. Mas os nossos resistem admiravelmente. Duzentos inimigos morrem á nossa vista ! é uma carnificina espantosa ! Deus protege-nos sempre : duas vezes os Boxers tentam saltar o muro e duas vezes são repellidos ! A ajuda de Deus é visivel ! »

Mas no dia 30 Helena descrê da Providencia :

« O bom Deus parece abandonar-nos no momento mais angustioso... Seja feita a sua vontade ! »

O dia 30 é o mais tragico na historia do cerco do Peitang. Os Boxers decidem apoderar-se do convento custe o que custar. Effectivamente, ás 6 horas da manhã uma multidão tumultuosa, empunhando lanças, facas e revolvers, arremette contra o muro norte do Jen-Tsen-Tang. Olivieri reúne os seus homens mas os marinheiros italianos carecem de munições. Henry acode como sempre. Desta vez vêm com elle doze homens bem armados. Os Chins collocam a cem metros do muro uma metralhadora que produz grandes avarias na casa das Irmãs. A convite de Henry doze Francezes e cinco Italianos estão promptos a tomar de assalto o funesto canhão do inimigo. Subito, um dos noviços, livido de terror, annuncia que a grande porta do Peitang está sendo regada de petroleo e que os Boxers se precipitam contra ella. O assalto, portanto, é simultaneo : o Peitang e o Jen-Tsen-Tang ouvem á roda dos seus muros o sinistro ullular de uma multidão de fanaticos !

Henry (seguido de dois marinheiros, Delmas e Cal-

lão) já está no lugar do perigo... O marinheiro Delmas atira sobre os Boxers sem falhar um tiro. Paul Henry conta os que caem sob a pontaria do artilheiro, animando-o com o seu entusiasmo :

— Bravo, Delmas ! Bravo ! Bravo !

Palavras não eram dictas, eis que uma flecha desgarrada attinge o braço direito de Delmas. O fusil tomba-lhe das mãos; Callac, rapido como o raio, substitue o companheiro e Paul Henry debruçado atraz de Callac manda descarregar sobre um grupo que avança a descoberto.

E' tarde ! uma bala bem visada atravessa o hombro de Callac e penetra no pescoço de Paul Henry... O commandante cambaleia... Dá ainda alguns passos... Uma nova bala apanha-o em pleno coração... Henry comprehende que é chegada a sua vez... Todo o convento acode em socorro do ferido... No meio da fusilaria do inimigo os soluços das Irmãs de Caridade fazem um contraste doloroso... Os christãos choram em altas vozes... Ninguem pensa em defender as muralhas... O combate cessa por alguns instantes... Paul Henry afasta-se do mundo ! a alma de Paul Henry eleva-se no espaço, inaccessible desta vez ás granadas dos Boxers...

Com a morte de Paul Henry o tenente Olivieri fica o defensor unico da Missão Catholica do Peitang. O perimetro a defender era de 1.360 metros. Os marinheiros validos eram 28. As munições escasseavam. Os christãos chinezes, debilitados pela fome, gemiam estendidos no chão, resignados a morrer.

Aqui a parcialidade do padre Mazeau manifesta-se de novo :

« O commando geral recahia de direito no tenente Olivieri, escreve o distincto chronista; mas Monsenhor Favier e Monsenhor Jarlin foram dali por diante os verdadeiros directores da defeza. »

Ora segundo me affirmaram as Irmãs, Monsenhor Favier, velho e cansado, não sahia do seo quarto aonde passava os dias e as noites a desfiar o rosario; e Monsenhor Jarlin, ainda que destemido e sempre prompto para a peleja, não podia, como é de suppôr, immiscuir-se nas attribuições de um official combatente. O commandante Olivieri foi de facto o unico responsavel pelos successos militares que tiveram por arena o vasto recinto do Peitang e seos annexos até ao dia da chegada das tropas de soccorro.

Paul Henry morreo no dia 30. No dia 31 as settas que cahiam sobre o convento traziam atadas ás pontas os seguintes avisos dos Boxers :

« Vós, christãos encerrados no Peitang, reduzidos a comer as folhas das arvores, porque resistis á nossa justiça? As nossas minas acabarão por despedaçar-vos todos! Os diabos da Europa enganam-vos! Voltae á religião do Fou! Entregai-nos Monsenhor Favier e as Irmãs, e tereis em troca a liberdade garantida e o pão assegurado! De contrario, tanto vós como as vossas mulheres e os vossos filhos sereis cortados em pedaços! »

Sem embargo das ameaças e da desesperança que reinava no Peitang, no ultimo extremo das suas forças, os christãos chinezes permaneceram surdos aos rogos dos assaltantes.

Olivieri velava por todos... E as Irmãs de Caridade com zelo santo e devoção profunda, consolavam o desespero dos que morriam murmurando-lhes como uma offerta de musicas o nome de Jesus...

O que se passava em torno de Olivieri era na verdade desolador. As creanças e as mulheres arrojavam-se-lhe aos pés implorando-lhe uma fatia de pão!

« Os homens, magros e exhaustos, escreve Monsenhor Favier, saltam o muro do convento á cata de cães para comer! Os Boxers, no dia 1 de agosto, apanham tres desses infelizes e cortam-nos aos pedaços. »

Em presença de tamanha angustia Angelo Olivieri decide queimar o ultimo cartuxo. Trata-se de tomar de assalto uma barraca de provisões apartada quinhentos metros do Peitang. Olivieri reúne os vinte marinheiros que lhe restam (entre francezes e italianos) e communica-lhes o seo intento. Todos elles estão promptos. As Irmãs soluçam defronte de tanta dedicação. Mas Monsenhor Favier prevê o desenlace da aventura e persuade Olivieri a desistir della. Vinte homens contra 15.000 numa lucta peito a peito! Bastava o peso dessa enorme massa para esmagar a expedição! Qual seria, além disso, a sorte do convento durante a ausencia dos seus vinte unicos defensores?

Monsenhor tinha razão, e Olivieri que sempre acatava os alvitres do prelado reconhece o erro da sua cegueira assim como a inutilidade da sua bravura! E resigna-se a continuar a ouvir as lamentações dos esfomeados...

« Mais de trezentas creanças, escreve o vigario do

Peitang, supplicam um pedaço de pão! Parece-me estar ouvindo um rebanho de cordeirinhos destinados ao sacrificio! Já enterrámos 170! »

« No dia 12 de Agosto, ás 5 horas da madrugada, diz Helena de Jaurias, uma explosão mais formidavel do que as outras transforma em um monte de ruinas toda a parte leste do convento. Felizmente a maioria das creanças estava recolhida na capella. Foi Deus que as salvou! uma cova de sete metros de profundidade indica o sitio da explosão. Cinco marinheiros italianos desapareceram, trinta christãos e cincoenta *bebés* das creches ficaram para sempre enterrados nesse cahos espantoso! Não obstante a chuva das balas todas nós acudimos em socorro dos feridos. Até ao cahir da noite trabalha-se sem repouso no desenterramento das victimas. Olivieri está muito ferido mas Deus ha-de salvá-lo! Que seria de nós se tambem este nos viesse a faltar? A brecha aberta no muro pela explosão da mina tem 80 metros de largura! Chegámos á ultima extremidade! »

Ora nesse dia as tropas internacionaes aproximavam-se da capital. Um canhoneio violento fazia tremer os ares do lado das Legações e os revolucionarios chinezes que guarneciam as muralhas da cidade tartara batiam em retirada com suas armas e bandeiras.

No dia 13 Helena de Jaurias, cuja saude não resiste ao terror das explosões, é victima de um ataque de apoplexia do qual vem a fallecer no dia 21 do mesmo mez.

No dia 14 um tiroteio terrivel indica que a ultima

batalha se trava entre as tropas internacionaes e os revolucionarios. Finalmente, ás tres horas da tarde as Legações consideram-se salvas. A cidade pertence definitivamente aos Europeos. Boxers e soldados escapam-se como lebres em todas as direcções. As metralhadoras dos brancos juncam as immensas ruas da capital de cadaveres inimigos. E' o começo do ajuste de contas...

Quando as tropas entraram no Peitang os edificios da Missão Catholica franceza na China eram um simples ajuntamento de ruinas. Trinta e oito christãos tinham sido mortos em combate; cento e vinte creanças haviam succumbido á fome; oitenta mulheres ao terror e ás doenças; cinco marinheiros francezes, com o seo commandante, e seis marinheiros italianos aos obuzes e ás explosões das minas. Os estropiados não tinham conta e a miseria batia as azas dentro das cellas das asyladas...

Mas todas seccaram as lagrimas no feliz alvoroço da salvação. Todas tiveram um sorriso de graças pelo socorro enviado por Deus... Só duas foram vistas fugir sorrateiramente atravez das brechas dos muros : mas eram duas que não tinham direito ao agasalho das Irmãs; duas intrusas, duas hospedas lugubres, duas figuras sinistras : a Morte e a Fome...

A CIDADE DE KIU-KIANG

Entre os passageiros do *steamer* « Nganking » que faz periodicamente a travessia da cidade de Shanghai ao porto de Hankau pelo Rio Azul acima, havia dois que muito me interessavam : Max, um *bull dog* de bôa raça, curto de pernas e meigo de maneiras, e a sua divina proprietaria conhecida pelo scintillante nome de *miss Opala*.

Miss Opala era a alvura, a viveza e a elegancia reunidas numa só pessoa verdadeira. O seo espirito fulgurava como uma pedra preciosa, a joia, talvez, do seo nome...

Os seos olhos tinham a côr saudavel das folhas do trigo, mas em torno delles ou dentro delles (quem pode explicar tal mysterio além de Deus que sabe tudo?) nadava uma sombra ardente, uma sombra luminosa, uma sombra quasi devoradora...

Olhos verdes que pareciam negros ao mesmo tempo...

O mar e a noite reunidos...

A sensação que essas pupillas me produziam quando *miss Opala* me fitava era, por meos peccados, uma sensação quasi phisica de queimadura...

O seo corpo tinha a gentileza de um lirio das serras... A curva do seo jovem busto de deusa britannica faria a felicidade de um esculptor, tão per-

feita e voluptuosa era... E como os hombros lhe cahiam numa elegancia languida, eu não podia olhar para *miss* Opala sem evocar as cegonhas do poeta Li-Tai-Pé quando encolhem as azas ondulantes...

Para que falar das suas mãos e dos luzidos braceletes que se lhe enroscavam pelos braços como cobras amorosas? para que enaltecer o seo cabelo dourado como as escamas de certos peixes de Pekim? para que render louvores á sua calida e abundante voz que parecia o murmurio liquido de uma fonte dos tropicos?

Basta que se saiba que *miss* Opala era divina...

Conhecia o mundo como eu conheço os meos dedos.

Velejára pelos cinco continentes esquadrinhando quasi todos os paizes... Assim me entretinha com as suas narrações das paysagens do Egypto como me surprehendia descrevendo-me o manto do Rei Kamehameha, de Hawai, que está no museu de Berenice em Honolulu e é tecido com as plumas amarellas do passaro *Drepânis*... *Miss* Opala estivera em Ceylão para escolher saphyras e cruzára a India sobre o lombo sagrado de um elephante branco... As descrições das suas viagens tinham sempre um sabor incomparavel : para ella Shanghai era verde, Singapura côr de rosa, Aden azul-escuro, e o Yang-Tsé-Kiang amarello como um coração de mulher alvorçado de ciúmes...

Ao cabo de dois dias de navegação appareceo-nos a bombordo a velha cidade de Nankim « situada em um teso de bôa altura por onde fica a cavalleiro das campinas que estão em torno della ». Como a sineta

de bordo tangesse as tres horas da madrugada, deixei-me ficar no camarote cochilando inocentemente á sombra da antiga capital dos Chins (foi o Imperador Iong-Lo quem a transferio para Pekim no anno de 1409) e vendo-a pelos olhos de Fernam Mendes que assegura que ella tem oito leguas de cerca por todas as partes e uma de comprido por cada parte; a casaria commum de um só até dois sobrados, porém as casas dos mandarins todas terreas e cercadas de muro e cava, em que ha pontes de boa cantaria que dão serventia para as portas, as quaes todas têm arcos de muito custo e riqueza, com muitas diversidades de invenções nos curuchéos dos telhados, o qual edificio visto todo por junto representa aos olhos uma grande magestade!

Affirmaram os Chins ao mesmo Fernam que tem esta cidade oitocentos mil vizinhos, vinte e quatro mil casas de mandarins, sessenta e duas praças muito grandes, cento e trinta casas de açougues de oitenta mil talhos cada uma e oito mil ruas de que as seiscentas que são as mais nobres têm todas ao comprido, de uma banda e da outra, grades de latão muito grossas feitas ao torno.

Affirmaram-lhe mais que tem duas mil e trezentas casas de seos pagodes, de que as mil são mosteiros de gente professa e são edificios muito ricos, com torres de sessenta e setenta sinos, de metal e de ferro coado muito grandes, que é cousa horrenda ouvi-los tanger. Que tem trinta prisões muito grandes e fortes, em cada uma das quaes ha dois e tres mil presos, e a cada uma destas prisões responde uma casa como de misericordia e onde se fazem grandes esmolas. Todas as ruas nobres têm arcos nas entradas, com suas portas

que se fecham de noite, e as mais dellas têm chafarizes de agoa muito boa e são em si muito ricas e de muito bom trato. A cidade em si é cercada de muro muito forte e de bôa cantaria onde tem cento e trinta portas para a serventia da gente, as quaes todas têm pontes por cima das casas. Tem doze fortalezas roqueiras com baluartes e torres muito altas, mas não tem artilharia nenhuma.

E Fernam Mendes, após grande somma de referencias aos paços reaes, ás alfandegas e ás prisões da cidade de Nankim, declara que está arreçado de contar o mais que nella vio « não porque isto possa parecer extranho a quem vio as outras grandezas deste reino da China » senão porque teme que « os que quizerem medir o muito que ha pelas terras que elles não viram com o pouco que veem nas terras em que se criaram, queiram pôr duvida ou porventura negar de todo o credito a aquellas cousas que se não conformam com seo entendimento e com a sua pouca experiencia. »

Talvez que a Nankim de hoje responda ás aprimoradas bellezas que ficam descriptas, mas disso não sou sabedor porque só lhe enxerguei o perfil obscuro no estrellado vellarium do céu... Os louvores tecidos á velha cidade deram-me fortes desejos de conhecer outras terras na mesma vizinhança; tanto que apenas no dia seguinte o *steamer* ancorou a duas braças de Kiukiang, saltei para dentro de uma lorcha a som de sino tangido e fiz-me desembarcar sobre o caiz que borda a frontaria do rio.

Fernam Mendes!... porque me abandonaste, defunto Fernam Mendes?... porque me não acudiste

com o teu santo zelo para que eu me ficasse na tolda da minha náu ?

Porque me não disseste que á beira dessa soberba Nankim que por junto representa uma grande majestade havia esta peçonhenta Kiukiang que representa por junto um grandissimo xiqueiro? Será possível que desde que por aqui velejaste houvessem perdido os Chins toda a grandeza em que recreavas a vista? Porque se a Nankim que tu viste por teos olhos era um notavel ajuntamento de castellos com curuchéos de muitas diversidades de invenções, a Kiukiang que eu vi pelos meos é um monte de estrume e excrementos que até me dá medo de contá-lo...

Nas ruas estreitas e tortas não passam dois palanquins a par... Os habitantes vão atascados de lama até aos peitos e os cães felpudos chafurdam famintos á volta dos ossos e do lixo... As gallinhas apodrecem ao sol, remordidas por batalhões de varejas... E ás portas de todas as habitações são barricas e barricas sem tampa, de cujo conteúdo (que não é permittido a gente limpa mencionar) se utilisam os Chins para assarem a comida com que se alimentam... Os cinco mil vizinhos que povôam esta cidade mastigam uma atmosphaera onde bailam á redea solta todos os microbios do descoberto! As mulheres são mirradas e enfesadinhas que é de metter dó... Os barbeiros, ao ar livre, escanhôam sem sabão a cabeça dos padecentes, apurando-lhes as tranças com refinados geitos...

Os escrevinhadores publicos garatujam epistolas aos analphabetos mediante uma sapeca furada no meio... E ao comprido das ruas, das duas bandas dellas, alinham-se os pestiferos casebres dentro dos

quaes pullulam centenas de Chins numa tamanha grita, que se ha cousa na terra « que se possa parecer com o inferno não deve ser outra senão esta. »

De vez em quando passa um mandarim agasalhado na sua liteira a qual quatro pobres escravos carregam ás costas. A criadagem, em poneys mongóes, ladeia o vehiculo (onde estão, ó Fernam Mendes, as trombetas, os atabáes e os pifaros?) e dois lacaios sujos até aos narizes, vão correndo adiante com o encargo de arredar os maltrapilhos... Mas os arreios dos poneys são cordas desfiadas, as cabaia dos *mafús* trapos sem côr e brilhantes de sebo, os varaes da liteira gastos e esburacados pelas injurias do tempo, de sorte que o effeito que semelhante cortejo produz é o de uma verdadeira mascarada de ferros-velhos...

A cidade de Kiukiang á margem do formoso Rio Azul parece um insulto lançado pelos homens á divina Natureza !

Suffocado pela peçonha e pelas muitas diversidades de cheiros que infestam a povoação, o meo unico desejo é regressar para bordo : e por que me não succeda o que a João Rodrigues Bravo succedeo, — o qual nestas mesmas paragens « morreo comido de piolhos sem que os amigos lhe pudessem valer », arregão as calças, refreio as nauseas e evocando o perfil de *miss* Opala (que, mercê de Deus, se deixou ficar na tolda do *Ngankim*) esgueiro-me azinha por um becco salvador...

O espanto cria-me azas nos pés... Avisto o rio ao longe, amarello como um topazio... Rogo a Nosso Senhor Jesus Christo que me não abandone no derra-

deiro esforço de que me sinto capaz... E corro, corro... Mas o esterco sobrepõe-se á minha bravura... A vertigem e o desanimo apoderam-se de mim... Sinto toldar-se-me a vista e tenho a sensação de haver cahido dentro de um cano de esgoto !

Corro... Corro... No meo encalço um cortejo de mendigos, passante de trinta, vêm com infinitos gemidos implorando a minha caridade... Lanço-lhes umas poucas de sapecas e fujo, cortado de medo, da immundicie humana que me assalta. Os padecentes atiram-se ao dinheiro, acotovelando-se em tão rija batalha que fazem até arrepender o gesto da esmola. Algumas velhas cahem de narizes, empurradas pelos homens. Os mais fortes recolhem as sapecas mas os outros já de novo me alcançam : e até ao caes, aonde me espera o meo junco tripulado por um Tartaro de magras carnes, sou perseguido por uma procissão de creaturas estropiadas e lugubres, que só de falar nellas me tomba a penna dos dedos e me fallece o animo para arrematar convenientemente este capitulo...

O RIO AZUL

Parece que as louçanias da Natureza vieram aglomerar-se aqui, no Rio Azul que atravessa pelo meio da China e lhe vai banhando as planícies, as montanhas, as ilhas e as cidades, durante um percurso de mais de mil legoas.

As agoas do Yang-Tsé-Kiang (assim se chama, na linguagem dos Chins, o rio do qual eu quizera poder celebrar as maravilhas) são, desde o berço até á foz, de uma côr amarella que em certas regiões lhes prejudica a transparencia; e como o amarello foi sempre a côr significativa dos desesperos humanos, fica-se a pensar em alvoroços de coração quando se mergulha a vista no seio do Rio Azul...

Porque este lindo Rio Azul é caprichoso como uma mulher...

Já o defunto Rodenbach descobrira, apregoando as virtudes do mar :

Ce cœur de l'eau plus compliqué qu'un cœur de femme...

Caprichoso nas voltas que dá, no semblante com que nos sorri ou nos desdenha, no matiz das suas ideias, dos seus mysterios e das suas ameaças...

Eil-o, entre dois renques de valles carregados de

arrozaes e prazenteiro como uma donzella que houvesse recebido pela primeira vez a sua carta de amor... Alegre e feliz vae saltando pelas encostas, desenhando caracoas, contornando o sopé das ilhas esparsas, espreguiçando-se aos beijos do dia, numa sorte de voluptuosidade nupcial...

Em certas regiões adelgaça-se tanto, o lindo Rio Azul, que do parapeito de bordo quasi se pode tocar nos chifres dos buffalos que pastam em manadas ao comprido da costa...

No espelho das suas agoas, onde não ha rugas nem ondas, remiram-se os pagodes que de espaço a espaço apparecem nos altos das collinas, e as espigas de milho e os tufos dos arbustos que brotam nas planicies... E de noite, como o silencio é quasi mortal, quando a prôa do navio retalha as agoas, eu oiço vagamente, pelo postigo entreaberto da *cabine*, um ruido de lymphas magoadas que se assemelha ao pranto de quem padece penas de amor...

Mas, subito, o Rio Azul avoluma-se como um oceano! as verdes margens onde os buffalos pastam dirieis arremessadas ao longe, a muitas milhas de distancia; os campos de trigos, os arvoredos e as cercas perdem o relevo e a nitidez; os bosques bastos de pinheiros somem-se nas varzeas; e do *sleamer* apenas resulta uma nodoa escura sobre a lisa superficie do encantado oceano...

Parece que o rio se abre á maneira de um leque chinez...

Os Pagodes ainda se avistam, mas reduzidos a tão

mingoadas proporções que são como charutos espetados nas montanhas !

Uma alfombra clara fluctúa nas agoas : mas essa alfombra estremece, agita-se, rompe-se numa palpitação de plumas, e um bando de patos selvagens alça-se para o céu de turqueza num vôo assustado e veloz...

Oh ! Rio Azul ! torrente fresca de agoa doce que os defuntos poetas do seculo VIII celebravam em poemas lucidos como o jade ! Oh ! Rio Azul ! porque te escapas agora para a dextra e logo para a sinistra ? porque te despenhas por meandros e labirintos difficeis de navegar ? porque se desabotôam as tuas margens em sorrisos de donzella, e luzem as tuas searas, e ondulam á brisa os trigaes dos teos valles, para acolá — numa subita metamorphose — mostrares um semblante sulcado de saudades como o semblante de uma viuva ?

Quaes serão os segredos da tua alma buddhista, oh ! sinuoso Rio Azul de margens de esmeralda, em cujas orlas eu diviso de quando em quando — debaixo de enormes guarda-sóes abertos — as mirradas silhuetas dos mandarins ?

A GRANDE MURALHA

« Leese no quinto livro da situação de todos os logares notaveis deste Imperio, ou monarchia, ou como lhe quiserem pôr o nome (porque na verdade tudo o que fôr grande lhe cabe) que um Rey por nome Crisnagoldacotay, que segundo parece pela conta do livro por onde esta gente costuma fazer a conta das suas eras, reynou no anno do Senhor de quinhentos e vinte e oito, vindo a ter guerras com o Tartaro por differenças que teve com elle sobre o estado de Xenxinapáu, que pelo sertão confina cõ reyno dos Lauhós, o desbaratou e ficou senhor do campo, porém o Tartaro refazendo-se logo de outro mayor poder que ajuntou por meio de uma liga e confederação que fez com outros Reys seus amigos, tornou sobre o Chim dahy a oito annos, e se affirma que lhe tomou trinta e dous logares notaveis, dos quaes foi um a grande cidade de Ponquilor. E temendo o Chim que não se lhe pudesse defender, veio com elle em concerto de paz, com algumas condições em que o Chim desistio do direito sobre que era o litigio e lhe deo mais dous mil picos de prata para paga da gente forasteira que trazia comsigo, e com isto ficou o negocio pacifico e quieto por espaço de cinquenta e dous annos, porque assim o diz a mesma historia.

Porém o Rey que então reynava na China, receandose doutro poder e confederação semelhante á passada, a que elle não pudesse resistir, determinou de fechar com muro toda a raya dambos estes imperios. E chamando os povos todos a côrtes, lhes deo conta desta sua determinação, a qual a todos pareceo muyto bem e muyto necessaria, e para ajuda desta obra tão importante, lhe deram dez mil picos de prata, que por nossa conta são quinze contos douro, á rezão de mil e quinhentos cruzados cada pico, e a fóra isto se diz que lhe derão mais duzentos e cinquenta mil homens para trabalharem nesta obra emquanto ella durasse, de que os trinta mil dizem que erão officiaes examinados e os mais gente de serviço. E depois de se ajuntar tudo o que era necessario para esta tão insigne obra, se começou a pôr a mão nella, e diz a historia que em vinte e sete annos se fechou todo o extremo destes dous Imperios de ponta a ponta, que segundo se affirma na mesma chronica, he distancia de setenta jãos, que por nossa conta, á rezão de quatro leguas e meia por jão, são ao todo trezentas e quinze leguas, na qual obra dizem que trabalharão continuos setecentos e cinquenta mil homens, de quem o povo, como já disse, deu a terça parte, e o Sacerdocio e ilhas de Ainão outra terça parte, e el Rey cos principes e senhores, e Chães e Anchays do governo a outra terça parte. » (*)

* * *

A's cinco horas da manhã ia um alvoroço desusado na estalagem chinesa do burgo de Nankáu, aonde os

(*) *Peregrinações*. FERNAM MENDES PINTO. Cap. XCV. -

meus companheiros e eu havíamos dormido a noite por sobre leitos que nos puzeram os ossos num feixe. O dia estava de uma belleza sobrenatural.

Cavалlos, burros e *mafús* — que é o nome que esta gente costuma pôr aos cavallariços — esperavam que acabassemos de sorver o cheiroso chá que havíamos trazido na nossa alcofa de provisões, para comnosco se fazerem á vela pelas ribanceiras e penedias do caminho.

Devo confessar, sem temor que me desmintam e ainda que sei que algumas pessoas põem em duvida o que se lhes conta de terras que nunca viram, que parecia regalo do Senhor assim a manhã cheia de luz e de frescura como a companhia de que me havia enriquecido para tão grandiosa jornada.

Na verdade os meos companheiros eram dois.

Chamava-se o primeiro Fernam Mendes Pinto, peregrino portuguez do seculo xvi que observou com seos olhos cousas muito extranhas e ricas, desde os reinos das Indias e de Malacca até aos vastos imperios que ficam para estas bandas do Oriente.

Chamava-se o segundo Martinho de Brederode, poeta e fidalgo, que acrescentou uma lyra de suaves cordas ao luzente brazão dos seos avós compondo poemas que se assemelham, pela melodia com que são cuidados, a ribeiras frescas de agoa doce serpenteando por entre declives de montanhas azúes...

Fernam Mendes Pinto acompanhava-me em espirito explicando-me cada rincão da paysagem com aquella sua fala tão saborosa aos ouvidos de quem se deleita na lingoagem de primor. Martinho de Brederode esclarecia as minhas interrogações enaltecendo em verso o que de mais substancia havia que dizer

ao longo das rochas e da penedia com que é fabricado quasi todo o caminho desde Nankáu até ás faldas da Grande Muralha, a um tiro de peça da aldeia de Kiou-Yong-Kouan.

Os *mafús* ou cavallariços seguiam no couce do cortejo : em dois poneys mongóes cavalgávamos Brederode e eu, cada qual no seo poney; em varios burros muito vivos e espertos — como sóem ser todos os burros que pastam por estas montanhas — iam os guias, os lacaios, os criados e o marmitão, afóra um pagem de oito annos o qual levava por especial encargo curar dos cabazes das fructas.

Toda esta procissão se poz a caminho por volta das cinco horas da manhã, provida de abundantes garrafas de agoa pura, tementes como eramos de que as fontes das serras, por via do calor, estivessem seccas ou cheias de peçonha.

E este temor, que me assaltava principalmente a mim, era encarecido pela Musa de Brederode :

Mais debeis do que um tisico por dias,
Correm as magras, despreziveis ondas,
Entre as calvas polidas, luzidias,
Das pedras brancas, lisas e redondas...

Eram, na verdade, calvas e polidas as pedras que as nossas cavalgaduras pisavam. A aldeia de Nankáu (não me atrevo a pôr-lhe o nome de cidade porque della só vi uma rua que é a unica de que se compõe) é uma aglomeração de calhãos desconjunctados bailando sob as patas dos burros, vendo-se nas suas duas bandas dois renques de casebres muito pobres e nojentos. Esta unica rua serve de transito ao commercio que os Chins entretêm com a Mongolia, e por ella

passam constantemente recovas de camelos, caravanas de machos, rebanhos de cabras, e mercadores peões que levam elles mesmos a fazenda ás costas por lhes não sobrarem dinheiro com que aluguem mulas de carga.

Cada recova de camelos se forma com dezoito ou vinte destes placidos animaes que caminham mezes sem conta por estradas e desertos, sem mostrarem a menor prova de cansaço. Os camelos marcham uns por detraz dos outros e vão atados por meio de cordas que se enfiam nos narizes de um e se ligam á cauda do que vae adiante delle. Todos levam um chocalho ao pescoço, e este vae erguido no ar, no geito de um S, e é arrematado por uma cabeça pequena, de queixos agudos e olhos matreiros.

Os dignos animaes andam a passo de minuete e vão carregados, das duas bandas da corcunda, com fazendas de varias qualidades destinadas a serem vendidas nos ultimos confins do Thibét. Estas caravanas levam por guia um Mongol de tez escura o qual tem pelo Chim um grande desprezo, e gastam muitas semanas na sua derrota.

Conta-se que a rainha Bolgana, mulher do Schah da Persia, estando prestes a fallecer declarára no leito da morte que quem a devia substituir no coração e no thrôno do seo real marido devia de ser uma donzella mongolica. O viuvo, que se chamava Arghum, deu-se pressa em executar os desejos da rainha e immediatamente forão dadas ordens para uma embaixada extraordinaria descobrir aquella que respondesse ás condições determinadas pela defunta.

Foi a princeza Cochachín quem os embaixadores escolheram, visto que esta princeza possuía os attri-

butos exigidos, que vinhão a ser o sangue real, o nascimento mongolico e o estado de donzella.

Esta Cochachín, a qual segundo assevera Sir John de Mandville, era « *moult bele dame et avenante* » abalou de Pekim, quando tinha dezeseite annos de idade, em cima de um camêlo coberto de sedas e pedras preciosas, em derrota para Teheran, e era seguida por uma luzente cavalgada de gentishomens, alabardeiros, trombeteiros, musicos de varios instrumentos, afóra os embaixadores do Shah. Rezam as chronicas que só doze annos mais tarde (1298) foi que a princeza Cochachín enxergou os primeiros telhados de Teheran, e mais que teve a grande afflicção de saber que o Shah seo noivo era fallecido e que um sobrinho deste se sentava no thrôno da Persia. A infeliz donzella entrava a considerar na inutilidade da sua longa jornada quando o novo Shah, que a esse tempo vinha buscando uma mulher para sua legitima rainha, se apresentou á linda Cochachin e com muitas cortezias e mostras de amor lhe rogou que o recebesse por marido. A donzella, naturalmente, não respondeo negando com a cabeça, não só porque era uma grande honra, até ali nunca vista, uma princeza da Mongolia coroada com o diadema do Pavão — (este animal sendo o symbolo dos soberanos da Persia) como principalmente por evitar o regresso a Pekim nas bossas do mesmo camêlo, o qual, segundo todas as probabilidades, levaria na viagem outros tantos doze annos...

Cruzada a unica rua da aldeia de Nankáu, onde lobriguei grande somma de raparigas chinezas, todas « muyto alvas e fermosas », emboccámos pelo cami-

nho por onde se alcança a Grande Muralha, no Pa-Ta-Ling.

Aqui me ocorre que devo dizer o que se me affigurar de justiça sobre as mulheres deste Imperio.

Como toda a gente já está enfadada de ouvir, tem a Chinezinha por via de regra os pés deformados, e esta espantosa moda, a qual vai diminuindo todos os dias mórmente nas provincias do Norte, causa um certo damno á belleza com que Deus geralmente as dotou. Porém como se nota grande copia dellas com os pés do tamanho natural, muito miudos e gentís, destas particularmente tratarei aqui, deixando as outras para um segundo capitulo. Tem a Chinezinha uma doce ternura de traços, os olhos muito vivos, os dentes alvos como amendoas descascadas, os braços feitos ao tórno, as mãos nobres e finas, o collo gracioso e cheio, os quadris de uma perfeita pureza de curvas.

A lyra de Brederode, — nos logares onde as moças surgiam, — vibrava com um regosijo nupcial :

A Primavera dá-lhes força ao busto !
A Primavera dá-lhes sangue ao rosto !
Dá-lhes o viço fresco do arbusto
E o tom quente dos pecegos de Agosto !

Logo a seguir, segredava-me Fernam Mendes no seo estylo de sorrisos :

« ... e a pessoa de Antonio de Faria foi servida com oito moças, muyto alvas e gentis mulheres, filhas de mercadores honrados, as quaes todas vinhão vestidas como sereias. »

As com que topávamos pela serra acima não vinham vestidas ricamente ao modo dos mandarins nem tampouco ao das sereias, porque eram todas de nascimento

obscurο e humilde; mas alvas eram algumas e outras eram morenas e todas de mui suaves maneiras e nada tementes aos nossos trajos e aspeito.

A meio da serra, nas visinhanças de um logarejo atulhado de seixos, despegou-se-me a ferradura do poney, ao que logo acudio o *mafú* que nos enfronhou a todos por um carreiro de cabras, no cabo do qual branquejava a choça de um ferrador. Em frente á porta descavalguei e assim lhe passei o cavallo para que curasse delle. Brederode descavalgou comigo e qual não foi o nosso espanto ao vermos sahir, dos concavos da choça, uma sadia rapariga que ao parecer seria de idade de quinze annos, aprazivel de figura, e que, como vinha quasi despida, pudemos nós contemplar convenientemente. Não nos fugio nem nos temeo, antes nos olhou com bom semblante, assim alheia ao desalinho da sua roupa como á formosura de que era dotada. A pelle dos hombros tinha-a da côr morena das avelãs e os flexiveis quadris sustentavam-lhe um busto de maviosas redondezas. A Musa de Brederode poz-se, como por encanto, a vibrar :

« Estatua grega de gracioso peito ! »

« Os flexiveis quadris toda rebola
Aquell' outra morena como a noz. »

Apertou-se-me o coração de constrangimento, quando o ferrador devolvendo-me o cavallo assegurou que podiamos continuar a nossa jornada. Dando-lhe umas poucas de sapecas deitei um relance de olhos á formosa moça que ali se ficava escondida da vista do mundo, com as urzes e os penedos das

cercanias, e ao trote curto dos poneys seguimos nosso caminho em direcção á Grande Muralha que estávamos alvorogados para ver.

A paisagem na qual iamós recreando a vista era como para render graças a Deus de no'-la haver concedido. Ora corriamos por sobre valles de seixos roliços que davam grandes tormentos aos burros que nelles iam escorregando continuamente; ora nos mettiámos por uma sorte de garganta de serras ou por um corredor de paredes perpendiculares, no qual não penetrava a claridade nem a quentura do sol; ora desembocávamos numa planicie vastissima, raza, sem um monte, apenas mosqueada pelas sombras dos faisões esvoaçando a algumas braças arriba da terra...

Ao cabo de tres quartos de hora chegámos á aldeia de Kiu-Yong-Kouan, que é um povoado de poucos vizinhos cingido de muralhas de boa cantaria, ameidadas á feição das da parte Tartara em Pekim, e logo no principio delle vimos uma enorme porta octogonal, que foi por onde penetrámos pasmados de tamanha majestade! A referida porta é como um grande tunnel e é esculpida, por fóra e por dentro, com ornatos e figuras de deuses e monstros fabulosos que tremem as carnes só de olhar para elles. Na frontaria da arcada (pois antes pôr-lhe o nome de arcada do que a alcunha de porta) cabriólam diversos diabos de dentes arreganhados e luzem frisos e cercaduras de côres em relevo. Na parede interior, do lado esquerdo quando se entra, estão duas inscripções do seculo xiv feitas em seis lingoas differentes, que por serem o sanskrito e outras tão arrevesadas como esta, não curámos de comprehender.

Transposta a soberba arcaria de que venho falando, continuámos a galgar os ingremes penedos e os montes de pedras, algumas rachadas de ponta a ponta, outras despenhadas pelas encostas, outras como querendo saltar ás guelas abertas dos precipicios.

Finalmente, por volta das nove horas e vinte e cinco minutos enxergámos os primeiros troços da Grande Muralha; e como a lyra de Brederode murmurasse :

« Surde por vezes uma torre ao longe,
Ao longe, muito ao longe, no horizonte... »

appareceram-me a Leste, alcandorados na rocha selvagem, dois esbeltos Pagodes ali erguidos em louvor dos deuses da guerra...

Meia hora depois tinha eu diante dos olhos essa extraordinaria parede que mede cincoenta pés de altura e vinte de largura, toda de muito bom granito na base e de tijolos ao comprido do parapeito, á qual nenhuma outra obra no mundo leva vantagem nem em majestade, nem em magnificencia, nem em velhice. (*)

Porque tudo o que se vê por esse mundo afóra deve de ser humilde e modesto comparado com esta muralha guarneçada de baluartes, castellos, torres, bastiões e columnas, correndo sobre a crista das montanhas como um dragão de tentaculos immensos, subindo com ellas, despenhando-se com ellas nos

(*) Segundo varios autores foi o imperador Tsin-Che (214 A.C.) quem mandou construir a Grande Muralha. Mas Fernam Mendes Pinto cita como o autor desta obra o rei que reinava na China cincoenta e dois annos depois do rei Crisnagoldacotay (?), o qual, segundo a conta do mesmo illustre Fernam, reinou em 528 do anno do Senhor.

precipícios, galgando com ellas os céus, sumindo-se com ellas nos horizontes, ramificando-se com ellas por mil labyrinthos, sempre continua, sempre agarrada á terra, como se da sua propria substancia houvesse por favor divino nascido !

Durante um espaço de setecentas legoas, tal um reptil sem principio nem fim pegado ao dorso das collinas (que parece que vão numa correria louca para o extremo do mundo), a Grande Muralha destaca-se, monotona e sinistra, a uma altura por vezes visinha das nuvens ! E quando as agrestes penedias, crespas e rochosas, se entrelaçam, se enroscam e se baralham, em apertões de amor, o rastejante monstro de pedra entrelaça-se tambem, enrosca-se tambem e tambem se baralha sem por um instante se despegar do mundo !

Fica a gente a meditar como foi possivel subir por esses desfiladeiros escavados que parecem inaccessiveis e construir, nos sitios mais altos, tanta somma de torres, castellos e póstos de guarda !

Sem embargo de não serem os Chins « muyto homens de guerra, porque além de serem pouco practicos nella são fracos de animo e algum tanto carecidos de armas » devia de ter a alma fadada para as pelejas o grande Imperador Tsin-Che que ideou a Grande Muralha unida e ininterrupta.

Tres seculos antes d'elle já varios reis da China (que era então composta por diversos reinos todos em guerra uns com os outros) havião edificado muros, á guisa de fronteiras, por que se conservassem apartados os seus dominios. Todavia, foi Tsin-Che-Houang-Ti quem arrazou o feudalismo (214 A. C.) unificou os

estados e curou de reunir os diferentes troços de muros já existentes, de modo que por uma parede contínua e sem intervallos o seo imperio ficasse defendido do imperio dos Tartaros.

Este mesmo Imperador mandou deitar fogo a todos os livros historicos que havia, declarou-se o Primeiro Divus Augustus e determinou que os seus successores fossem denominados o Segundo, o Terceiro, o Quarto, o Quinto, e assim por diante até á 10.000^a geração. Mas uma coisa é os homens determinarem, ainda que sejam imperadores, e outra é o que assenta Deus do alto do seo poder. Assim foi que a soberba e o desconcerto das ambições do primeiro Augustus produziram o seguinte resultado : seo filho, que lhe succedeo no thrôno no anno de 209 antes de Nosso Senhor Jesus Christo, houve a morte das mãos de um eunucho dois annos depois de proclamado rei, e seo neto, sendo ainda infante muito tenro, rendeo-se ao fundador da dynastia dos Han, o qual se chamava Liu-Pang, levando-lhe os sellos do Estado que eram de jade mui precioso, sendo assassinado pouco tempo depois.

Bem se vê o espanto que tinham os Chins dos invasores do Norte. A muralha de nada lhes valeo : um dia os Tartaros entraram na China, assenhorearam-se dos seus thesouros, impuzeram aos habitantes o uso do rabicho em signal de submissão (foi o Imperador K'ang-Hsi, que reinou em 1662, o inventor desta prova de vassalagem) e até hoje sustentam nas mãos o sceptro do governo.

Se os Tartaros conquistaram a China por meio das armas, a China absorveo-os com a sua civilisação e os seus costumes; tanto que os Tartaros Mandchús,

que haviam imposto o uso do rabicho aos Chins desbaratados (com ameaças de degolar os que ao cabo de quatro annos se apresentassem sem elle, e grande copia de rebeldes houve que perderam suas cabeças) começaram tambem a deixar crescer a trança, a tal ponto que hoje todos os habitantes deste vastissimo imperio se penteiam do mesmo feitio.

Que os Tartaros Mongóes eram homens de guerra não padece a menor duvida : nos seculos XIII e XIV destruíram elles o reino de Tangut; alcançaram o Turkestão e a Persia; devastaram a Russia e a Hungria e ameaçaram a vida da Europa Occidental. Em 1368 foram expulsos da China e nesse mesmo anno um bonzo, por nome Chu-Yuan-Chang, fundou a dynastia dos Ming, a qual occupou o thrôno até 1628. Os Mongóes de hoje são todavia mui pacíficos povos, graças á influencia religiosa dos La-Mas.

Depois de Tsin-Che-Houang-Ti outros varios imperadores ordenaram a fabrica de ramificações da Grande Muralha ao modo de affluentes do tronco primitivo, as quaes se dilatam por sobre as montanhas visinhas tal qual os affluentes de um rio, com grande abastança de agoas, quando penetram no massiço das terras. Entre estes soberanos cita a chronica o Imperador Yang que em dez dias seguidos fez levantar um muro em tudo semelhante aos outros, empregando com esta obra um milhão de degradados, dos quaes vieram a morrer perto de seiscentos mil.

* * *

Ora eu quasi posso dizer, como Fernam Mendes Pinto, que este muro « vy eu algumas vezes e o medi ».

Na verdade, estive dentro das suas guaritas de pedra assim como nos intervallos das suas ameias de tijolo. Enxerguei-o, sumindo-se no horizonte, entestado nos agros das serras que « vão todas chanfradas ao picão ». Encostei-me ás suas paredes e deitei-me ao comprido na argamassa do terrapleno que lhe corre na parte de baixo. Emfim, com o objecto de conservar uma lembrança substanciosa desta peregrinação (que com a ajuda de Deus logrei levar a cabo) me provi de uma vetusta pedra do seo parapeito, a qual, ainda que fabricada para amortecer as investidas dos invasores, me servirá de hoje por diante como um mui valioso pesa-papeis...

OS JAZIGOS DOS MING

Tinha deveras uma grande imaginação de poetá o Imperador Iong-Lo que escolheu o sitio onde está erigida a sua mui nobre e apparatusa sepultura.

Não lhe bastou um Pantheon como os dos reis da Europa nem um poço de marmore como esse onde dorme Napoleão, consumido por tantas glorias...

Iong-Lo quiz mais e muito mais...

Se as nuvens pudessem agasalhar esquifes de reis era decerto no seio dellas que o Iriel dos Ming teria fabricado as lousas da sua dynastia...

Mas o poder do Filho do Céu não se estende além dos altos das montanhas... E' verdade que o Dragão vôa, que as phoenix ruflam as azas pelas abobadas celestes e que as almas dos mortos pairam muito acima do mundo, omniscientes e invisiveis... Mas Iong-Lo, em carne e osso, não abarcava senão o seo imperio, e foi pois na terra do seo imperio que os tumulos se abriram para lhe darem agasalho até ao extremo dos tempos...

* * *

Imagine-se uma planicie raza, semeada de calhãos descommunaes, amontoados a esmo, uma planicie completamente agreste como se fosse ali o principio

do mundo... Um semi-circulo de montanhas abrange a banda do Norte dessa immensa area : no sopé das serras, a um tiro de falcão uns dos outros, avultam treze jazigos, cada qual dentro de um bosque fechado de verdura, onde as arvores de tronco de marfim (os *Cupressus Napoleonica*), de muito custo e majestade, se destacam na sombra escura da folhagem como taciturnos gigantes envoltos nos seos sudarios...

Tudo é grandioso ao redor das sepulturas... De espaço a espaço tanger os *gongs* como uma offerta de musicas suaves aos defuntos reis da China... Nos mezes do estio as vozes das trovoadas penetram nas abobadas dos templos, com um estrondo terrivel e espantoso. Mas os imperadores burlam-se dellas; os imperadores deixam-se ficar mudos ao desafio que essas vozes parecem significar... Porque em montanhas artificiaes, construidas á sombra das montanhas da Natureza, os illustres Filhos do Céu não cuidam mais dos acontecimentos da terra...

* * *

Deixando de particularisar miudamente os treze tumulos da dynastia ali enterrada, porque todos elles apresentam o mesmo aspecto, somente darei relação do que vi naquelle que me pareceo o de mais nobreza, que é o jazigo do imperador Iong-Lo, o qual no se-

(*) Nos treze templos estão enterrados os treze seguintes imperadores : Iong-Lo (1424), Hong-hi (1425), Suen-ten (1435), Tcheng-t'ong (1449), Tcheng-houa (1487), Hong-Tche (1505), Tcheng-to (1521), Kia-tsing (1566), Long-K'ing (1572), Wang-li (1619), T'ait'chang (1620), T'ien-Ki (1627) e Tchong Tchen (1644). Os tres restantes imperadores desta dynastia estão enterrados : Hong-wou, nas visinhanças de Nankim; Kien-wen, morto na prisão, não teve sepultura real; e King T'ai num templo buddhista ao Oeste de Pekim.

culo xv transferio para Pekim a capital do reino da China.

Nelle se entra por meio de um arco de pedraria, com tres portas damnificadas pelo tempo, revestido de telhas amarellas postas sobre uma cercadura de tijolos, e que dá accesso para um pateo fechado todo em roda de cercas muito fortes... Na outra banda do pateo vê-se um edificio com tres entradas, servido por uma escadaria de marmore com os poyaes muito bem lavrados, representando monstros, dragões, phœnix e tamanha quantidade de idolos que não me atrevo a pôr-lhe numero. Desse edificio se passa para um segundo pateo, em tudo semelhante ao primeiro, e ao fundo delle está um templo muito nobre e grandioso, que segundo me affirmáram os Chins, se chama o Templo dos Sacrificios ou o Palacio dos Manes Imperiaes. Tem este templo duas escadarias de dezoito degrãos cada uma, e o tecto, forrado de paineis de diversas côres, está assente sobre quarenta columnas de « *persea nanmu* » que são troncos de arvore com treze metros de altura e quatro de circumferencia, trazidos do Sião ha quinhentos annos, conforme me pareceo ouvi-lo da bocca do Chim que me acompanhou quando ali estive.

A porta do fundo do Templo dos Sacrificios desembocca, por meio de outra escadaria de dezoito degrãos, em um bosque de grande arvoredado, no qual os arbustos e as plantas se entrelaçam e se amam numa orgia desenfreada. Alguns monumentos de marmore assistem com indifferença cadaverica a esse lubrico festim das arvores: são os perfumadores destinados ás offrendas do culto, as lampadas de granito e os diversos porticos de pedra cinzelada.

Ao fundo do bosque surge a garganta negra de um tunnel, o qual sóbe em direcção ao céu pelo dorso da collina artificial de que atraz tratei, bifurcando-se no alto em dois outros tunneis que vão aboccar no terraço de uma torre fechada por um muro com ameias.

E' atraz dessa velha torre que está enterrado o Imperador... Nenhum pilar nem espigão indicam o sitio onde jaz o esquife real... O Imperador está sepultado na montanha!... Está ali, todos sabem que está ali, naquelle terreiro de rochas e vegetação!... A montanha fecunda, tufada, selvagem, onde os pinheiros deitam uma sombra que se assemelha á morte e os cedros asiaticos parecem vestir o luto da China com os seus troncos e os seus ramos caiados (*), constitue — numa silvestre magnificencia — o jazigo do muito perfeito imperador Long-Lo...

Durante os primeiros reinados dos Ming era costume enterrar vivas, com grande apparato e ao mesmo tempo que o esquife imperial, as mulheres ás quaes o soberano havia dado mais mostras de amor.

Em 1449, o imperador Tchen t'ong' supprimio tão desatinada barbaridade, ordenando que dali em diante as amantes dos reis da China esperassem a morte natural, antes de serem postas á sombra das sepulturas...

Cada jazigo, conforme ficou descripto, é um ajuntamento de templos, columnas e bosques formando um conjunto de grandissima majestade. Os treze imperadores que ali dormem o somno da morte levam

(*) O *Cupressus Napoleonica* tem na verdade o tronco absolutamente branco, dando a illusão de uma pintura artificial.

vantagem a todos os outros reis do universo pelo custo e riqueza dos seus tumulos, pois até as paredes das cercas são guarnecidas por fóra de relevos de alabastro, e os tectos ou curuchéos das capellas mostram muitas diversidades de pinturas, assim como frisos e ornatos de muitas invenções.

Mas ainda que certos Pantheons da Europa se possam comparar a estes jazigos de que venho tratando, o que não ha no mundo, de tão extranha e descompassada grandeza, é um caminho para se chegar a elles igual á avenida das estatuas de marmore mandada construir por Suen-ten na 4^a Lua do 14^o anno do seo reinado.

Quem, partindo de Nankáo, subir a montanha em direcção aos tumulos reais, topará a certa altura, no meio de uma planicie pedregosa, com um enorme arco de triumpho com cinco portas, de frisos muito bem lavrados, e coberto de telhas de ouro amarello ao modo das dos templos e kiosques da cidade interdicta de Pekim.

Cruzado este primeiro arco vê-se uma ponte recurva, semelhante ao crescente da Lua, toda formada de lageas muito grandes e grossas, por meio da qual se alcança o portico que tem por nome o Ta-Hong-Men.

A cem metros de distancia levanta-se um segundo portico, ao redor do qual estão postas quatro columnas de marmore por onde se enrosca uma grande somma de dragões fabulosos, e no interior d'elle (que é construido á feição de um templo) enxerga-se uma lapide com inscripções chinezas assente sobre a couraça de uma tartaruga de granito.

O portico seguinte (puzeram-lhe os Chins o nome de Ling-Fong-Men) indica o principio da avenida dos

animaes, a qual, como tudo quanto a China fabricava nos seculos idos, é, como já disse, uma obra de causar a todos infinita admiração...

Imagine-se duas filas de animaes de pedra, feitos de um só bloco, ordenando-se parallelamente pelo espaço de uma grande legoa sobre a planicie escabrosa e arida, a trinta milhas de Pekim... Imagine-se (porque a mim me faltam palavras para encarecê-lo) o esforço que foi necessario para arrastar por meio dos relevos rochosos do terreno esses phantasticos monolithos !

Vinte e quatro monumentos, apartados uns dos outros por distancias iguaes, representam quatro leões, quatro hippopotamos, quatro camelos, quatro elephantes, quatro chimeras e quatro cavallos, alternadamente deitados e em pé, alguns delles tres vezes maiores do que o tamanho natural, afóra seis mandarins de espada á cinta, quatro mandarins civis e quatro homens de justiça.

O imperador que ordenou esta edificação de tão soberbo apparato perdeu nella grandissima copia de homens, dos quaes, segundo me affirmaram os Chins, foram os degradados que em pena dos seus delictos forneceram o maior numero.

* * *

Apoiando-me a um dos elephantes de marmore, no meio da planicie deserta e agra, eu evoquei a China dos seculos decorridos que era (no dizer de uma testemunha) superior a todas as outras terras do universo « na grandeza, na policia, na abastança, na

riqueza, e em tudo o mais quanto se pode dizer ou cuidar. »

Mas destas insignes virtudes andam os Chins de hoje na verdade tão alheios e distrahidos, que se o imperador Iong-Lo, por favor divino, tornase a este mundo, era com infinitas lagrimas e suspiros que veria o extremo de humildade a que chegou o seo imperio, outr'ora de tão descompassada grandeza...



O PALACIO DO VERÃO

Eu não havia assistido á agonia de um gigante antes de enxergar Pekim, porque Pekim é como um gigante que estrebucha nos arrancos derradeiros...

O conde de Beauvoir tinha sobrada razão quando já em 1867 declarava que não vêr Pekim é não se ter ideia do que seja a decadencia : Thebas, Carthago, Memphis e Roma encerram ruinas « *qui rappellent la secousse* », mas Pekim devora-se a si mesmo tal um cadaver a desfazer-se em poeira...

Effectivamente, a par destas intactas muralhas velhas de quasi dez seculos, destes heraldicos Pagodes e destes bastiões de cinco andares que o engenho marcial dos Antigos construiu sobre o parapeito das montanhas, eis as ruas chinezas desniveladas e esburacadas, eis as vetustas portas do Templo do Céu (onde á sombra de grandes cedros de troncos de marfim os zimbórios azues das capellas buddhistas parecem blocos de saphyra) desabando aos poucos sob a sanha demolidora do caruncho... Eis os jardins viuvos de flôres, onde as debeis arvores que ainda não morreram se abraçam umas ás outras quiçá para resistir melhor á velhice que as vai minando... Eis os lagos artificiaes do Palacio do Inverno cujas opacas ondas, sujas e pantanosas, já não servem de espelho

nem aos patos selvagens que sobre ellas esvoaçam e galhofam...

Eis o Palacio do Verão, — verdadeiro recinto de deuses com templos e castellos formados de arcos, frisos e capiteis em volta de um mar nascido ao aceno de uma Imperatriz — (a qual, rodeada de eunuchos, dormia a sesta numa galera de marmore construida á beira da margem) — eis esse Palacio do Verão repleto de inuteis quinquilharias de todo o genero e de uma poeira que torna quasi solida a atmosphaera das alcovas...

Quemquer que visite o Palacio do Verão permanecerá deslumbrado em presença do esforço que tal Obra representa !

Nos seos lagos artificiaes poderiam navegar as grandes náus dos nossos avós e pelas suas escadarias de pedra, infindaveis e descommunaes, em cujos para-peitos se enroscam dragões e outros monstros mythologicos, passariam sem se acotovelarem os regimentos de uma nação !

A penna reconhece a sua humildade e o homem sente-se mesquinho como um grão de areia perante esta abundancia de palacios de marmore, que o capricho de uma imperatriz levantou sobre as montanhas de Pekim...

O espectaculo deixa na retina uma grandiosa visão de conto das Mil e Uma Noites !

Mas é preciso não descer aos detalhes ! não penetrar nos templos ! não inquirir por que motivo á beira de uma piscina de porphyro jaz um relógio suíço a dar horas numa atmosphaera de môfo ! não

tentar descobrir qual foi o Genio que presidio á disposição dos objectos : leques de plumas de pavão ao lado de gaiolas de bambú; collares de jade, braceletes de amethystas e diademas de perolas, correndo parejas com miniaturas de navios de guerra agasalhados em redomas de vidro e com passaros mecanicos oriundos de Paris; valiosas sedas da dynastia dos Ming, pinturas da epoca do imperador Che-Hoang, telas de Lie-y, no mesmo rincão poeirento com sofás britannicos e biombos nipponicos ! E na sala do thrôno de ouro sobre o qual paira o Dragão imperial, gordo de poderío e de magnificencia, um isolado, inutil e precioso theodolito do seculo XIX !

* * *

Eu cerro os olhos e evoco esses palacios de ha mil annos atraz !

Evoco esses lagos e vejo-os lucidos e diaphanos !

Enxergo as galeras dos imperadores velejando sobre as agoas, sem ruido...

Oigo os poetas da Côrte a celebrarem a transparencia da corrente...

Descubro a Ilha de Jade mais verdejante e mais mysteriosa...

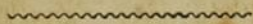
E encho-me de amor pela China desaparecida na poeira dos seculos !...

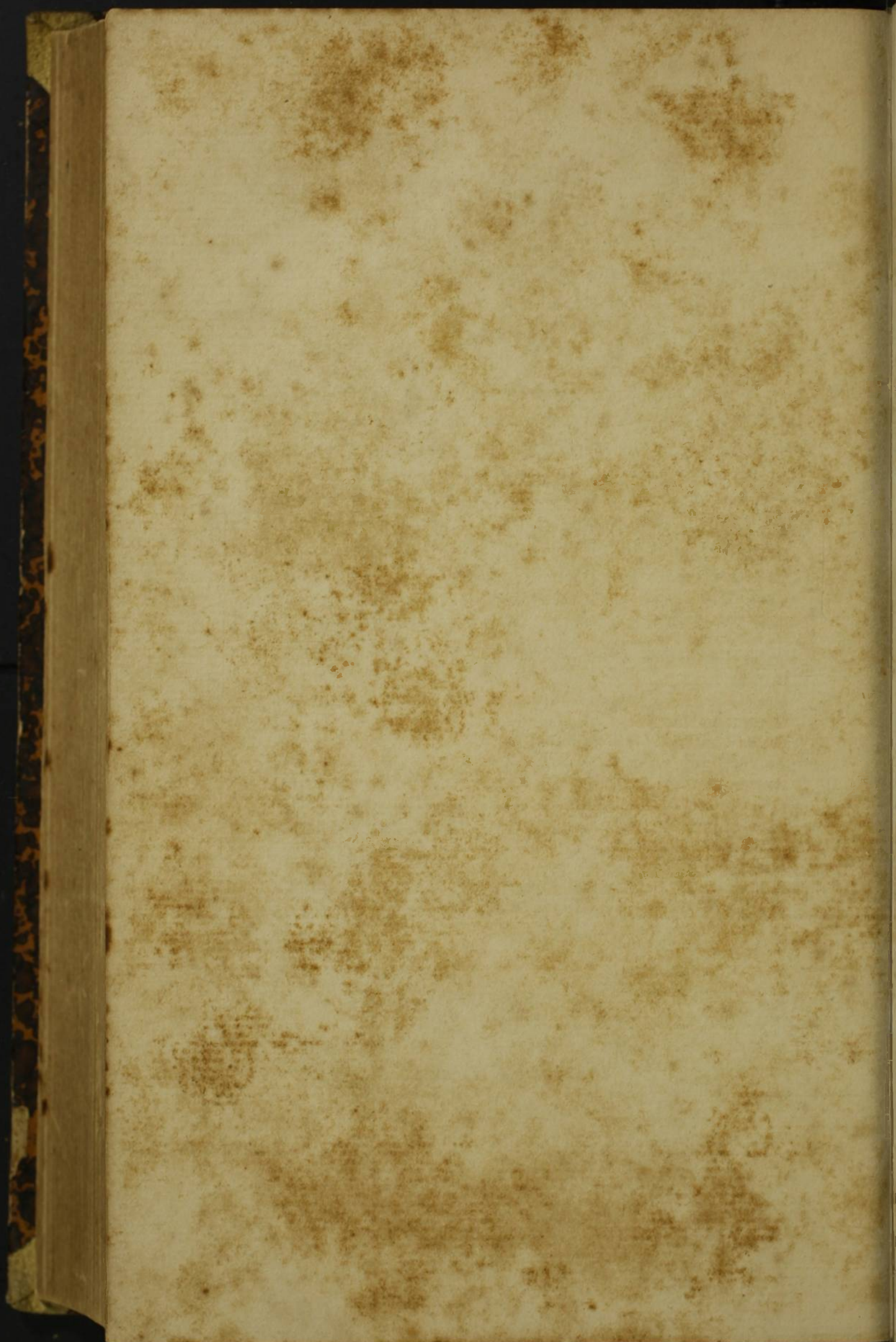
Ai de mim ! os incontaveis relogios do Palacio do Verão jazem mudos e quedos na obscuridade das salas, mas burlando-se delles o Tempo corre, corre, corre...

NOTA

O Autor aproveita a oportunidade para agradecer ao *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, o agasalho concedido em tempo a muitos dos capitulos do presente livro, os quaes tiveram a honra de haver sido publicados nas suas columnas com o titulo de *Cartas Japonezas*.

Reunindo-os hoje aos *Samuráis e Mandarins* teve o Autor sómente por objecto prolongar-lhes um pouco a existencia, — depois de havê-los escoimado de muitas distracções que lhe escaparam á primeira vista e persuadido, como está, da grande indulgencia do seo Publico.





INDICE

PRIMEIRA PARTE

	Pags.
Sayonára.	9
Echos da guerra	11
Os 47 Ronins.	24
Uma visita do philosopho Chiba.	38
A gueisha.	48
Os momiji.	60
Os crysanthêmos	63
O chá.	74
Um passeio em companhia da Senhora Neve.	82
O reinado das flôres.	95
Outra visita do philosopho Chiba.	102
As cerejeiras	111
Nas montanhas de Chuzenji.	116
O Daibutsu de Kamakura.	126
A cerimonia do chá.	136
A Senhora Bambú.	148
O almirante Togo.	159
A historia do Senhor Tai-Kong.	170
O theatro japonéz e a Senora Sadda Yacco.	181
O Hanashiká.	193
O Kuruma-yá	204
Poetas japonezes	210
O dr. Bosque-Pequeno.	225
Os templos de Nikko.	237

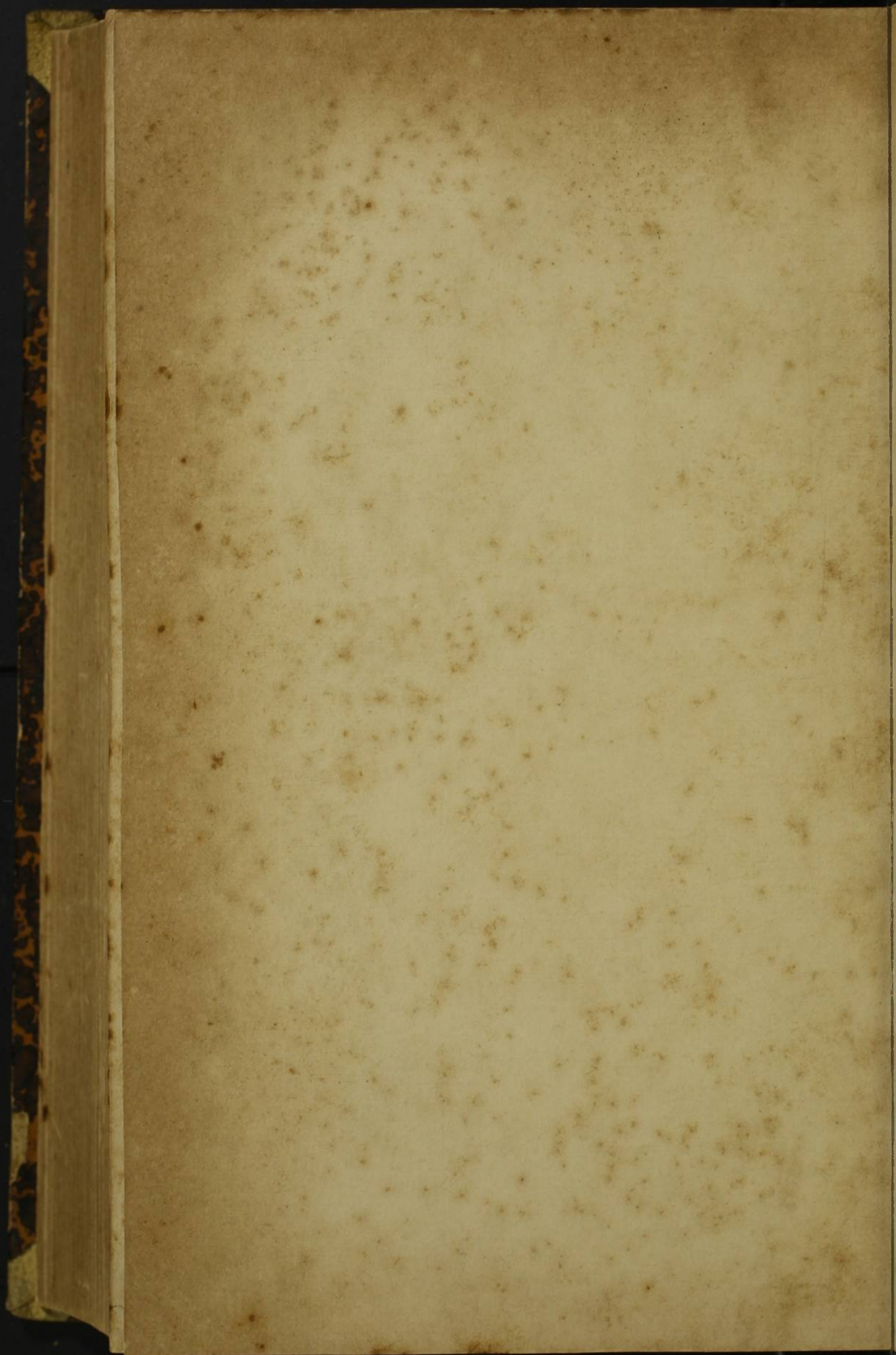
SEGUNDA PARTE

Pekim :	
I.	263
II.	270

Uma visita ao Jen-Tsen-Tang :

I.	279
II.	291
III.	303
A cidade de Kiu-Kiang	313
O Rio Azul.	320
A Grande Muralha.	323
Os jazigos dos Ming.	337
O palacio do Verão.	344
Nota.	347

PARIS. — TYP. AILLAUD, ALVES & C^{ie}.



19338

80, —





